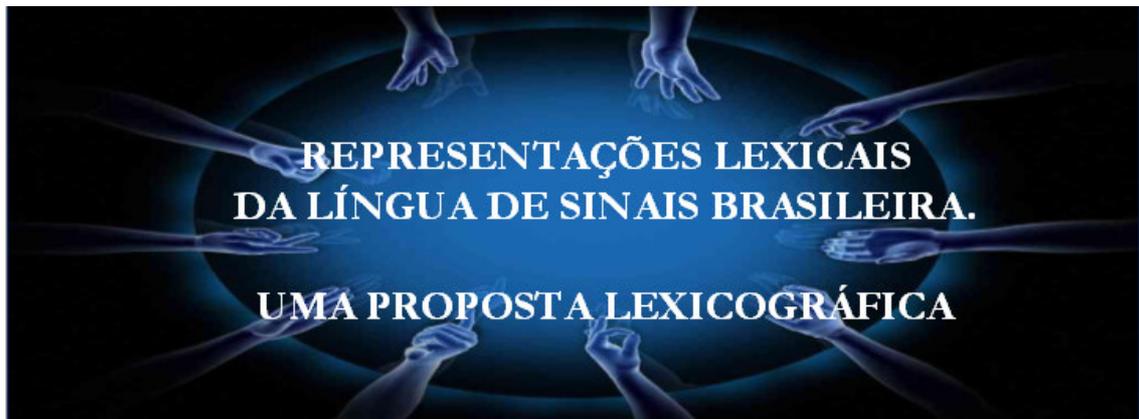




UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

Brasília, 28 de maio de 2009.





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

## **REPRESENTAÇÕES LEXICAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA**

Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Enilde Faulstich

Brasília, 28 de maio de 2009.





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

## REPRESENTAÇÕES LEXICAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA

Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

### Banca Examinadora do Doutorado:

*Enilde Faulstich*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Enilde Faulstich (LIP/UnB)  
Presidente

*Ana Mineiro*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Mineiro (ICS/UCP)

*Ronice M. de Quadros*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ronice Müller Quadros (CCE/UFSC)  
Membro Efetivo

*Marianne Stumpf*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marianne Stumpf (CCE/UFSC)  
Membro Efetivo

*Danielle Grannier*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Danielle Marcelle Grannier (LIP/ UnB)  
Membro Efetivo

*Orlene Lúcia Carvalho*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Orlene Lúcia Carvalho (LIP/UnB)  
Membro Efetivo

*Heloisa Moreira Salles*

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Heloisa Moreira Salles (LIP/UnB)  
Suplente

Brasília, 28 de maio de 2009





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

## **REPRESENTAÇÕES LEXICAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA**

Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

### **Banca Examinadora da *Qualificação*:**

Profa. Dra. Enilde Faulstich (LIP/UnB)  
Presidente

Profa. Dra. Sabrina Pereira de Abreu (PPGLET/UFRGS)  
Membro Efetivo

Profa. Dra. Orlene Lúcia Carvalho (LIP/UnB)  
Membro Efetivo

Prof. Dr. René Gottlieb Strehler (LET/UnB)  
Suplente

(Brasília, 18 de abril de 2008)

## FICHA CATALOGRÁFICA

---

Faria-do-Nascimento, Sandra Patrícia de

Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica / Sandra Patrícia de Faria do Nascimento. – Brasília: UnB / Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP, 2009.

290 f. s/anexos.

Orientadora: Enilde Faulstich e co-orientadora: Ana Mineiro

Tese (doutorado) – UnB / Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Programa de pós-graduação em Lingüística

2009.

Referências bibliográficas: f. 241-258

1. Língua de Sinais Brasileira. 2. Libras. 3. Surdos. 4. Categorização. 5. Protótipos. 6. Morfologia. 7. Fundo Lexical. 8. Classificadores. 9. Neologismos. 10. Lexicografia. 11. Terminografia. 12. Dicionários - Tese. I. Faulstich, Enilde. II. Mineiro, Ana. III. Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP. IV. Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicográfica.

## OBSERVAÇÃO

---

Desde o dia 1 de janeiro de 2009, entraram em vigor no Brasil as novas regras ortográficas da língua portuguesa, resultado do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, celebrado entre os oito países que falam português (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Timor Leste), no dia 16 de Dezembro de 1990<sup>1</sup>. Como grande parte desta pesquisa foi escrita no momento de transição da entrada em vigor do Acordo, optou-se por conservar, nesta versão final, as regras definidas pela Convenção Ortográfica de 1943, aprovada pela Lei nº 5.765, de 18 de dezembro de 1971, ainda aceita no Brasil, ao lado das mudanças determinadas pelo novo Acordo.

---

<sup>1</sup> *Ir:* <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=acordo> Acesso em 26/04/2009.



Dedico esta tese a meu esposo, Carlos Antônio, a meus filhos Tábata Carolina e João Marcelo e a meus pais, Marcelo (*in memoriam*) e Maria Zélia.

Dedico esta tese, também, a todos os falantes de LS: àqueles que nasceram Surdos, àqueles que ficaram Surdos, àqueles que têm parentes Surdos, àqueles que são a voz dos Surdos, àqueles simpatizantes dos Surdos e da LSB.



## AGRADECIMENTOS

---

Li uma vez uma poesia que dizia que pessoas são presentes. Eu sei que não mereço tanto, mas Deus me ofereceu muitos presentes durante todo o percurso que fiz para concluir esta pesquisa. Portanto, o primeiro agradecimento é a Ele pelos presentes que me deu. Aqueles que me foram especiais faço questão de mencioná-los, pois esta tese não teria sido a mesma sem cada um deles. Se por um lapso eu tiver me esquecido de mencionar algum dos presentes que contribuiu para a conclusão desta pesquisa, peço antecipadas desculpas e, desde agora, deixo minha gratidão.

### Enfim, essa tese não seria a mesma se:

- Se **Deus**, na sua infinita bondade não tivesse ignorado meus defeitos e me coberto de bênçãos para concluí-la.
- Se **Maria Santíssima** não estivesse ao meu lado, cobrindo-me de graças e cochichando ao meu ouvido, para me dizer o quê fazer, quando fazer e como fazer.
- Se meus pais, **Marcelo e Maria Zélia**, não tivessem me criado com equilíbrio e raízes fortes para superar as dificuldades e lutar por meus sonhos, com persistência.
- Se o **Carlos Antônio**, meu esposo, não tivesse compreendido o tanto que significava para mim concluir este trabalho; se ele não tivesse respeitado o meu momento de dedicação exclusiva à tese e não tivesse assumido sozinho o comando das funções domésticas e paternas para me desobrigar dessas funções enquanto meu olhar se voltava a uma atividade que exigiu muito do meu tempo.
- Se **Tábata Carolina e João Marcelo** não tivessem um alto grau de compreensão para entender que eu passei por momentos difíceis em que tive de cuidar de algo que vale pouco para mim em vista do tanto que eles são importantes na minha vida. Eles tiveram paciência e tolerância nas horas em que, concentrada, não podia parar para dar-lhes atenção, nas horas em que, estressada, soltava faísca quando se aproximavam. Além disso, ajudaram-me muito cortando fichas para a pesquisa, organizando imagens, gravando os CDs e os DVDs da tese. A Tábata preocupava-se sempre em me perguntar como andava meu trabalho. Os dois discutiram o meu trabalho comigo e o João chegou a propor a ordenação lexicográfica prototípica para os dicionários com LSB.
- Se, na **Comunidade Surda**, eu não contasse com o apoio e o carinho de muitos surdos que souberam me compreender e me ajudaram.
- Se **Messias Ramos Costa** não tivesse participado do experimento aplicado à pesquisa, da proposta de ordenação das configurações de mão; se não tivesse aceitado ser o modelo fotográfico e de imagens em vídeo da minha tese; se não tivesse trocado idéias comigo; se não tivesse se empenhado na tarefa de produtor do vídeo proposto como modelo de glossário visual com CLASSIFICADORES. Se, enfim, ele não fosse um grande amigo.
- Se a **Cinthia** e a **Elisangela** não tivessem participado da aplicação do experimento inserido na pesquisa.
- Se **Fábio Sellani** não tivesse aceitado desenhar as ilustrações que precisei acrescentar na minha proposta.
- Se o **Amarildo Espíndola** não tivesse apoiado a pesquisa e contribuído nas discussões do trabalho com o Messias e o Fábio, mesmo que de forma indireta.

- Se **Adriana, Arislan, Daniela, Ernane, Fabrícia, Falk, Fátima, Francileide, Francisca Vanete, Francisco Gentil, Gilvan, Gricélia, Gláucio, Lincoln, Márcia, Messias, Renata, Roberta, Rodrigo, Rogério, Saulo e Selma** não tivessem participado do experimento de ordenação das configurações de mão da LSB.

- Se a **Professora Enilde Faulstich** não tivesse sido a minha orientadora para a conclusão desta tese de doutorado. Com sua sabedoria soube orientar-me com propriedade: cortou arestas e estimulou avanços na medida certa.

- Se eu não tivesse participado do curso de verão ministrado pela **Professora Margarita Correia**, em 2008, na Universidade de Brasília. O seu carisma encantou-me! Aprendi muito com ela. Ela abriu-me as portas para o estágio que fiz em Portugal, orientou-me e apresentou-me aquela que veio a ser minha querida co-orientadora: Ana Mineiro.

- Se eu não tivesse conhecido a maravilhosa **Professora Ana Mineiro!**... Ela partilhou o seu conhecimento comigo, discutiu questões da tese, ampliou meu acervo bibliográfico; co-orientou minha tese com competência e sobriedade. Ana, gentilmente, abriu-me as portas de sua casa e permitiu-me fazer parte de sua vida e de sua linda família! Permitiu-me conhecer pessoas maravilhosas: Antônio, Francisco, Matilde e Rodrigo. Além de co-orientadora, ganhei uma grande amiga! Ana, ainda, abriu-me as portas no Instituto de Ciências e Saúde da Universidade Católica Portuguesa, com o apoio do **Professor Alexandre Castro Caldas**, pessoa, também, muito querida! Fui muito bem acolhida na UCP! Lá, conheci outras pessoas maravilhosas! A **Maria João**, a **Débora**, a **Ana Maria Abreu**, a **Rita**, a **Vânia**, a **Clara**, a **Joana**, o **Amílcar Moraes**, o **Paulo Carvalho**, o **Pedro**, a **Mônica**, a **Felipa** e aquela que ficou mais próxima a mim, a **Liliana Duarte**, com quem já havia trocado alguns emails antes mesmo de imaginar que nos encontraríamos, pessoalmente! Trocamos tantas experiências, idéias e referências bibliográficas.

- Se o **Amílcar Moraes** não tivesse me ensinado alguns sinais de LGP.

- Se a **Ana Maria Abreu**, doutoranda da UCP, não tivesse feito a gentileza de traduzir para mim, o resumo da tese.

- Se o **Professor Carles Tebé** não tivesse, gentilmente, me enviado sua dissertação de mestrado sobre a qual aprofundei minhas reflexões a respeito da organização de conceitos.

- Se a **Professora Stella Maris Bortoni** não tivesse feito parte desta história. Ela ensinou-me as primícias de um trabalho acadêmico quando fui sua aluna e orientada durante o Mestrado. Acolheu-me e me ofereceu as bases para que meu trabalho tivesse continuidade.

- Se a **Professora Daniele Marcelle** não tivesse me introduzido ao entendimento adequado do que vem a ser, realmente, o ensino de uma segunda língua.

- Se a **Professora Ronice Quadros**, além de conselheira e amiga, não tivesse me ensinado a entender melhor quem é o Surdo em nosso primeiro contato em 1996 quando ela veio a Brasília ministrar um curso na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, à época, Fundação Educacional. Também, se não tivesse me convidado para participar da equipe de revisão e elaboração dos DVDs do Letras-Libras, fato que fez uma grande diferença no desenrolar da pesquisa.

- Se a Professora **Marianne Stumpf** não tivesse autorizado a divulgação dos slides que elaborou com orientações sobre o *signwriting* e, principalmente, se não tivesse me ensinado as primeiras lições de *signwriting* e nem tivesse me feito acreditar nesse sistema como uma verdadeira forma de escrita para as línguas de sinais.

- Se a **Professora Evani Viotti** não tivesse orientado minha discussão teórica a respeito dos protótipos em LS com a sugestão do trabalho de Klima & Bellugi e a cessão do livro dos autores para aprofundar minhas reflexões no texto.
- Se o **Professor Leland McLeary**, em nossos diálogos nos intervalos dos congressos e encontros em que participamos juntos não tivesse se preocupado em discutir temas e tópicos de minha pesquisa e em dar-me conselhos profícuos ao meu trabalho.
- Se os **Professores do LIP**, de uma maneira geral, e em especial, as Professoras Maria Luisa Coroa e Ana Adelina Lopo Ramos não tivessem me estimulado a aprofundar meus estudos.
- Se a **Professora Sabrina Pereira de Abreu**, a **Professora Orlene Lúcia Carvalho** e o **Professor René Gottlieb Strehler** não tivessem participado de minha banca de qualificação e não tivessem trazido sua análise acurada, perspicaz e competente dos aspectos formais e teóricos envolvidos no texto entregue à qualificação e que me foram extremamente relevantes para a conclusão da pesquisa.
- Se a **Professora Heloisa Salles** não tivesse me incluído no programa de “capacitação de professores de surdos” ocorrido em diferentes estados brasileiros e no projeto de “Iniciação Científica para Surdos” os quais representaram para mim o amadurecimento teórico e prático de questões envolvidas no ensino de português como segunda língua para surdos e a oportunidade de participar de congressos que foram essenciais a minha formação.
- Se a **Professora Marlene Gotti**, doutora, de fato, em educação especial, profissional de grande competência política, administrativa e pedagógica, quem alavancou todo o programa de apoio e desenvolvimento da educação de surdos no Brasil, não tivesse me incentivado a fazer o mestrado e o doutorado.
- Se a Secretaria de Educação do Distrito Federal na pessoa da **Professora Wandercy Antonia de Camargos**, à época, secretária de educação do DF, não tivesse reconhecido a importância da minha pesquisa à educação de surdos e não tivesse assinado a concessão de meu afastamento para dedicar-me exclusivamente à tese.
- Se minhas amigas **Gisele Morisson Feltrini**, **Mônica Maria Resende** e **Maria do Socorro Silva** não tivessem me convidado para espárecer um pouco, arrancando-me do *stress* nos poucos, mas valiosíssimos encontros de final de tarde para um cafezinho entre amigas, trazendo-me a mansidão e o equilíbrio necessário para os meus momentos difíceis em que, atarantada, não tinha paciência e, muitas vezes, não conseguia produzir bem. Tenho certeza de que o trio estava sempre torcendo por mim, irradiando energia positiva para a concretização do meu trabalho.
- Se a **Gisele Morisson Feltrini** também não tivesse me auxiliado na formatação das referências e em observações pontuais na revisão do primeiro capítulo da pesquisa.
- Se **Cássia Sofiato** de Campinas, se **André Xavier** da USP, se **Mariângela Estelita** de Goiânia, não tivessem me enviado suas teses. Se **Neiva Aquino**, do Instituto Santa Terezinha, não tivesse, gentilmente, me enviado o material didático que ela elaborou para suas aulas de literatura.
- Se a **Patrícia Vieira**, com quem aprendi muito no curso sobre Dicionários que ministrou no CESPE e em outros momentos, não tivesse, também, me ensinado e me repassado sua tese de doutorado para leitura.
- Se os meus **alunos das Faculdades Integradas da União Certo (UniCerto)**, no primeiro semestre de 2006 não tivessem colaborado com a seleção do *corpus* de parte da pesquisa.
- Se **Alexandre Guedes**, do INES, não tivesse, gentilmente, providenciado e me enviado a digitalização do Iconographia dos Signaes, volume da Biblioteca do INES.

- Também não teria sido a mesma se a **Tanya Felipe** não tivesse, carinhosamente, me enviado, por correio, cópia do Iconographia dos Signaes, em tamanho ampliado.
- Se **Janaina Cláudio** e **Luís Fernando** do CAS do RS não tivessem feito a grande gentileza de me enviarem o Kit Libras é legal em tempo para eu incluir na tese referências ao mini-dicionário visual que faz parte do Kit, o qual considero um recurso muito bem elaborado.
- Se a **Keka** não tivesse me cedido um dos programas de edição de vídeo usado para a gravação do modelo que apresento na pesquisa.
- Se o **Professor Elso Hissashi Nitto**, com toda a sua presteza, não tivesse cedido outro programa de edição de vídeo e nem ajudado a mim e ao Messias a aprender a usá-lo.
- Se o **Milton Shintaku** não tivesse me orientado com informações preciosas a respeito do japonês escrito e dos dicionários de japonês.
- Se, no começo do curso, a **Adriana Chan** não tivesse, com seu olhar ético de pesquisadora do tema, discutido comigo, ajudando-me a amadurecer minhas discussões lingüísticas a respeito da língua de sinais.
- Se a **Cristiane Batista do Nascimento** e o **Edimilson Barbosa do Nascimento** não tivessem assumido o Letras-Libras com tanta garra a partir do momento em que tive de me afastar, em princípio, esporadicamente, e depois totalmente dos encontros presenciais do curso.
- Se a **Edeilce Buzar** não tivesse me dado força em alguns momentos bastante difíceis ...
- Se o **Virgílio Soares** não tivesse contribuído com sugestões de leituras a respeito da multi-representação de dados.
- Se a **Helenita Mattos** não tivesse partilhado de minhas idéias e contribuído com reflexões a respeito da representação da língua de sinais em um plano virtual sob uma perspectiva matemática.
- Se o **Tarcísio Leite** não tivesse me orientado a salvar o arquivo da tese no acrobat 3D e nem tivesse preparado um tutorial com orientações para anexar à tese hiperlinks com os anexos.

Ainda, essa tese não seria a mesma se muitos outros, entre amigos, alunos e colegas, não tivessem torcido pelo sucesso da pesquisa.

Não me esquecerei de nenhuma das pessoas citadas acima! E o que tenho a dizer a cada uma?

MEU ETERNO E CARINHOSO MUITO OBRIGADA!

DEUS ILUMINE SEUS PASSOS!

**Direta ou Indiretamente, Elas e Eles fizeram parte de minha formação**

**Enilde Faulstich**



**Daniele Grannier**



**Stella Maris Bortoni**



**Ana Mineiro**



**Orlene Carvalho**



**Ronice Quadros**





**Alunos do Letras-Libras – Pólo-UnB**



**Fabiano Souto**

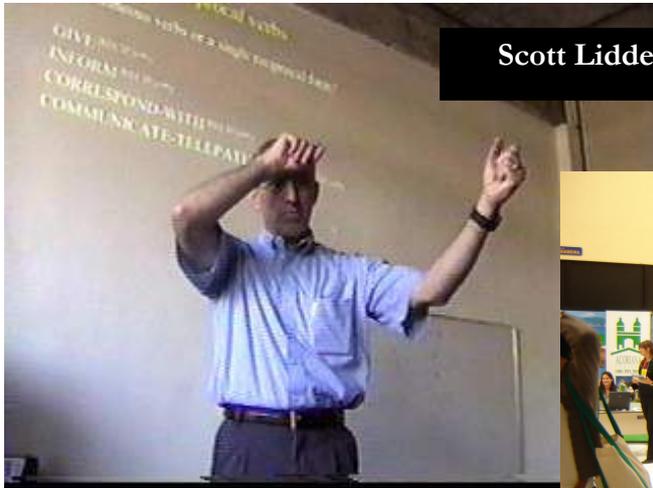
**Marianne Stumpf**

**Mariana Campos**



**Amílcar Morais**

**Deborah Chen Pichler**



**Scott Liddell**



**Ted Supalla**



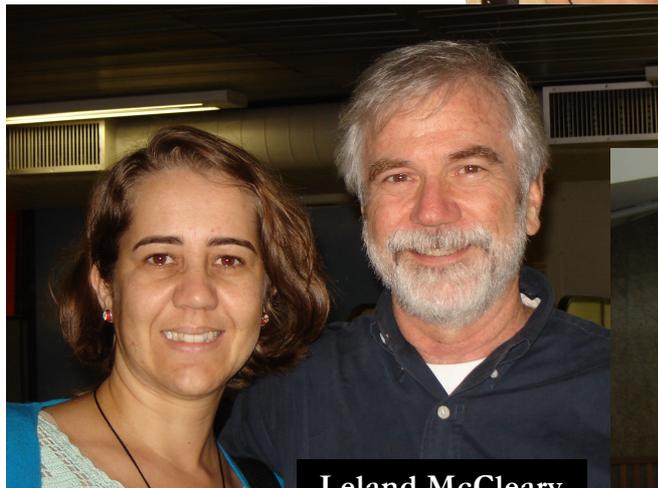
**Robert Johnson**



**Gary Morgan**



Lodenir Karnopp



Leland McCleary



Maria de Jesus Evangelista



Margarita Correia



Maria Helena Mira Mateus



**Maria Luisa Ortiz**



**Lucília Garcez**



**Denize Elena**

**Ingedore Koch**



**Jacob Mey**



**Aryon Rodrigues**



*“Creating a new theory is not like destroying an old barn and erecting a skyscraper in its place. It is rather like climbing a mountain, gaining new and wider views, discovering unexpected connections between our starting point and its rich environment. But the point from which we started out still exists and can be seen, although it appears smaller and forms a tiny part of our broad view gained by the mastery of the obstacles on our adventurous way up”.  
(Einstein, 1938)<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> "Criar uma nova teoria não é como destruir um velho obstáculo e erguer um arranha-céu em seu lugar. É como escalar uma montanha e visualizar paisagens novas e mais amplas; é descobrir conexões inesperadas entre nosso ponto de partida e o rico contexto em que ele está inserido. Entretanto, o nosso ponto de partida ainda existe e pode ser visto, apesar de parecer, agora, bem menor e faça uma minúscula parte da ampla visão adquirida ao superar os obstáculos encontrados nessa aventura." (cf. EINSTEIN, A.; INFELD, L. *A evolução da Física*. RJ: Zahar, 1938. Título original: *The evolution of physics*. In: <http://www.websophia.com/faces/einstein.html>)



## RESUMO

---

A expansão lexical e terminológica da LSB se dá de forma ordenada, a partir da combinação de entidades morfológicas que compõem o *lexicón* dessa língua, sistematizado nesta pesquisa. Compõem esse *lexicón*: (a) os parâmetros, constituintes de unidades lexicais simples da LSB, a saber, Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (Mov.) e os parâmetros complementares: Orientação da Palma da Mão (OP) e Expressões Não-Manuais (ENM) que englobam as expressões faciais e as expressões corporais; (b) os classificadores; (c) os morfemas-base; (d) as unidades lexicais emprestadas de outras línguas de sinais; (e) os elementos prototípicos, especialmente aqueles em posições mais centrais de categorias; (f) as metonímias e os conceitos metafóricos que envolvem metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais; (g) os ícones lingüísticos e (h) os empréstimos de letras da LP ‘transliteradas’ para CMs específicas na LSB, que podem acontecer com todas as letras da palavra, por uma parte delas ou pela inicial. Com o objetivo de compreender essa expansão, os processos de denominação de categorias e de construção dos classificadores da LSB para organizar entradas, nos repertórios lexicográficos da LSB, esta pesquisa se fundamenta nos preceitos de duas disciplinas: (i) na *lexicologia*, representada pela análise teórica da categorização em LSB, dos processos de constituição e da construção do léxico da LSB, da teoria semântica dos protótipos, da análise dos classificadores e (ii) na *lexicografia*, representada por uma parte teórica associada à análise de dicionários existentes, a partir dos pressupostos teóricos da lexicografia, e à análise da representação iconográfica do léxico da LSB. A proposta lexicográfica, apresentada nesta pesquisa, contempla a organização semasiológica de repertórios lexicográficos, com base numa proposta de ordenação dos parâmetros constituintes da LSB e de princípios regidos por *continua* que acarretam uma organização dos parâmetros da LSB, alicerçados em princípios que vão: (a) do *mais visível* para o *menos visível*; (b) do *mais próximo* para o *mais distante*; (c) do *mais alto* para o *mais baixo*; (d) do *menor* para o *maior*; (e) do *mais simples* para o *mais complexo*; (f) do *mais comum* para o *menos comum*; (g) do *mais fechado* para o *mais aberto*; (h) do *sem-movimento* para o *com-movimento*; (i) do *menos especializado* para o *mais especializado*; (j) do *mais primitivo* para o *mais derivado*; (k) do *mais prototípico* para o *menos prototípico*. A organização onomasiológica foi proposta com base numa ordenação prototípica. Dois modelos práticos de repertórios são apresentados para contextos bilíngües adequados à interface da LSB com a LP: um “GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CLASSIFICADORES EM LSB” (em formato de DVD), que se encontra sob uma

organização onomasiológica, e um modelo de GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DE LINGÜÍSTICA EM LSB, sem definições e com equivalentes, organizado de modo semasiológico com ordenação paramétrica. Pretende-se, com esta proposta, oferecer caminhos para a elaboração de multimeios e para a confecção de dicionários, entre outros materiais didáticos. Esta tese, enfim, nas duas facetas de representação que a compõem, pode servir de base para o próximo passo: confeccionar repertórios lexicográficos completos que sirvam de suporte à educação de surdos. De acordo com o caminho percorrido, esta pesquisa busca defender a tese de que os *léxicon*-constituintes da Língua de Sinais Brasileira (LSB) são entidades morfológicas que atuam na construção do léxico, como princípio ordenado de expansão lexical e terminológica. Dois postulados sustentam a tese: i) o de que as entidades morfológicas são mecanismos lingüísticos, que, associados, compõem, derivam e adaptam palavras emprestadas de línguas orais e de outras línguas de sinais para a LSB; e ii) a aplicação dos mecanismos morfológicos de construção lexical é condição necessária para a organização de entradas lexicográficas em dicionários da LSB, monolíngües e bilíngües, tanto de natureza semasiológica quanto onomasiológica. Uma das motivações para nossa pesquisa foi o ingresso de Surdos brasileiros em cursos de nível superior de ensino, o que lhes permite não só o acesso ao conhecimento científico, mas também promove a necessidade de—expansão terminológica da língua de sinais brasileira (LSB) para melhor compreensão desse conhecimento. Os repertórios terminográficos podem ser vistos como portais para o acesso dos surdos à informação científica e técnica, além de serem recursos eficientes e imprescindíveis para a aquisição da competência lingüística, comunicativa e sócio-cultural dos surdos.

**Palavras-Chave:** 1. Língua de Sinais. 2. Libras. 3. Surdo. 4. Categorização. 5. Protótipo. 6. Morfologia. 7. Fundo Lexical. 8. Classificador. 9. Neologismo. 10. Lexicografia. 11. Terminografia. 12. Dicionário.

## ABSTRACT

---

The lexical and terminological expansion of Brazilian Sign Language (LSB) is commanded by the combination of morphological entities that compose the mental lexicon of this language. These are systemized in this research. The LSB mental lexicon is composed of: (a) parameters, constituents of simple lexical units such as handshape, location, movement, and complementary parameters such as, palm orientation, and non-manual expressions that involve facial and corporal expressions; (b) classifiers; (c) base-morphemes; (d) lexical units of other sign languages accepted in LSB as loans; (e) prototypical elements, especially those in more central position in categories; (f) metaphors, metonymies and concepts that involve ontological, structural and orientational metaphors; (g) linguistic icons and (h) Portuguese letter loans of transliterated to specific LSB handshapes, that can occur with all the letters of a word, with a part of these letters or with the initial letter. This research aims to understand this lexical expansion, the processes that denominate categories and the processes that construct LSB classifiers to organize LSB lexicographical repertoire entrances. This research is based on the principles of two disciplines: (i) in lexicology, which is represented on the theoretical analysis of the categorization in LSB, the lexicon constitution processes and the lexicon construction of LSB, the semantic theory of prototypes, the analysis of classifiers and (ii) in lexicography, represented by a theoretical part associated with the analysis of existing dictionaries, based on theoretical lexicographical assumptions, and the analysis of the iconographic representation of the LSB lexicon. The lexicographical proposal, presented in this research, contemplates the semasiological organization of lexicographical repertoires. This proposal is based on a given ordinance of the constituent parameters of LSB and on principles subtending a *continua* which implicates an organization of LSB parameters, based on these principles: (a) from the most visible to the less visible; (b) from the nearest to the most distant; (c) from the highest to the lowest; (d) from the smallest to the greatest; (e) from the simplest to the most complex; (f) from the most common to the less common; (g) from the most closed to the most opened; (h) from non-movement to movement; (i) from the most specialized to the less specialized; (j) from the most primitive to the most derivative; (k) from the most prototypical to the least prototypical. An onomasiological organization was proposed on the basis of a prototypical ordinance. Two models of repertoires for bilingual contexts adequate for LSB-Portuguese interface, are presented here: a “VISUAL DIDACTIC GLOSSARY OF CLASSIFIERS IN LSB” (in DVD format), that is under onomasiological

organization, and a model TERMINOLOGICAL GLOSSARY of LINGUISTICS IN LSB, without definitions but with equivalents, organized in a semasiological way with parametric ordinance. With this offer, we submit ways for the elaboration of didactic materials and the confection of dictionaries. This thesis is thus divided into two representation facets, serving as a base for the next step: the complete confection of lexicographical repertoires to support deaf education. Accordingly, this research defends the thesis that the mental lexicon of the LSB is composed by morphologic entities that act in the construction of the lexicon, as an orderly principle of lexical and terminological expansion. Two postulates support this thesis: i) morphological entities are linguistic mechanisms that associate, compose, derive and adapt words loaned from oral languages and other sign languages for LSB; and ii) the application of morphologic mechanisms of lexical construction is a necessary condition for the organization of lexicographical entrances in LSB monolingual and bilingual dictionaries, of onomasiological as much as of semasiological nature. One of the motivations for our research was the admission of Brazilian Deaf people in higher education courses. Such admissions will not only allow deaf access to scientific knowledge, but also promote the terminological expansion of LSB for the better understanding of this knowledge. The terminographical repertoires can be seen as doors that allow access of the deaf to scientific and technical information. Moreover, these repertoires constitute efficient and essential resources for the acquisition of linguistic, communicative and socio-cultural competences of the deaf.

**Keywords:** 1. Sign Language. 2. Libras. 3. Deaf. 4. Categorization. 5. Prototype. 6. Morphology. 7. lexicón. 8. Classifier. 9. Neologism. 10. Lexicography. 11. Terminography. 12. Dictionary.

## SUMÁRIO

---

Lista de Figuras .....	s/n <sup>3</sup>	
Lista de Quadros .....	s/n	
Lista de Anexos .....	s/n	
Lista de Abreviaturas e Siglas .....	s/n	
Introdução .....	01	
<b>Capítulo 1</b>	<b>Pressupostos Teóricos – A construção do léxico</b>	
1.1.	Introdução .....	13
1.2.	A categorização .....	14
1.2.1.	A categorização por meio das CNS .....	18
1.2.2.	A categorização cognitiva .....	19
1.2.3.	A categorização na ASL .....	23
1.2.4.	A categorização na LSB: um estudo exploratório .....	27
1.2.4.1.	Experimento I: apresentação e análise dos dados .....	31
1.2.4.2.	Experimento II: apresentação e análise dos dados .....	38
1.2.4.3.	Análise geral do estudo exploratório .....	40
1.2.5.	Análise comparativa entre os dados de Klima & Bellugi (1979) e os dados desta pesquisa .....	54
1.2.6.	A representação prototípica da categoria em repertórios lexicográficos bilíngües .....	56
1.3.	Expansão terminológica em LSB .....	58
1.3.1.	Os empréstimos lingüísticos para a LSB .....	59
1.3.2.	O Modelo Sílex .....	70
1.3.2.1.	Os processos de construção de palavras .....	73
1.3.2.2.	A pesquisa - Análise dos Dados .....	74
1.3.2.2.1.	Análise dos Termos emprestados e híbridos .....	76
1.3.2.2.2.	Análise dos termos construídos .....	82
1.3.2.3.	Sistematização dos processos encontrados no <i>corpus</i> analisado .....	90
1.3.3.	Sistematização dos construtos e ampliação da análise dos processos de construção terminológica em LSB.....	92
1.3.4.	Processos de construção de denominações de categorias x processos de construção de terminologia em LSB .....	108
1.3.5.	O <i>lexicón</i> da LSB .....	110
1.3.6.	Uma proposta para ordenação de entradas em LSB.....	112
1.4.	Os Classificadores em LSB - Uma proposta taxionômica para os Classificadores da LSB .....	115
1.4.1.	Classificadores Nominais .....	118
1.4.2.	Classificadores Verbais .....	122
1.4.3.	Classificadores Homônimos .....	127
<b>Capítulo 2</b>	<b>Pressupostos Teóricos – A representação do léxico</b>	
2.1.	Introdução .....	128
2.2.	Os repertórios lexicográficos em Línguas Orais .....	128
2.3.	A lexicografia em LSB .....	129
2.3.1.	Panorama da representação lexicográfica das LS em meio impresso .....	130
2.3.1.1.	O sistema de Notação de Stokoe .....	136

---

<sup>3</sup> s/n equivale a: sem número.

2.3.1.2.	O sistema de escrita HamNoSys .....	138
2.3.1.3.	O sistema signwriting .....	139
2.3.1.4.	O sistema de escrita – ELiS .....	140
2.3.1.5.	O Sistema de BuscaSigno .....	144
2.3.2.	Análise da representação iconográfica e lexicográfica das línguas de sinais – A proposta de Sofiato .....	149
2.3.3.	Uma coletânea de repertórios lexicográficos com Língua de Sinais .....	152
2.3.4.	Formulário para análise de repertórios léxico-terminográficos .....	154
2.4.	Princípios para organização paramétrica (semasiológica) de repertórios com entradas em LSB .....	155
2.4.1.	A organização dos parâmetros em diferentes propostas .....	164
2.4.1.1.	Proposta para ordenação do parâmetro – Configuração de Mão (CM)...	164
2.4.1.1.1.	Consulta à Comunidade Surda – Ordenação das CMs.....	184
2.4.1.1.2.	Uma síntese sobre a ordenação do parâmetro CM.....	188
2.4.1.2.	Proposta para ordenação do parâmetro – Ponto de Articulação (PA)....	189
2.4.1.3.	Proposta para ordenação do parâmetro – Orientação da Palma (OP)....	197
2.4.1.4.	Proposta para ordenação do parâmetro – Movimento (Mov.).....	199
2.4.1.5.	Proposta para ordenação do parâmetro – Expressão Facial (EF) .....	204
2.4.1.6.	Proposta para ordenação do parâmetro – Expressão Corporal (EC) .....	208
<b>Capítulo 3</b>	<b>Proposta</b>	
3.1.	Introdução .....	210
3.2.	O instrumento genérico .....	211
3.3.	Reflexões e sugestões em torno da representação iconográfica da LSB..	214
3.4.	Primeiro Plano: proposta geral para repertórios impressos e digitais .....	218
3.4.1.	Repertórios Lexicográficos Impressos .....	219
3.4.2.	Repertórios Lexicográficos Digitais .....	220
3.4.3.	Representação paramétrica da LSB: reflexões e sugestões .....	224
3.4.3.1.	Para organização de repertório sob critério puramente semasiológico....	228
3.4.3.2.	Organização de repertório sob critério onomasiológico e semasiológico	228
3.4.3.3.	Organização de repertório sob critério onomasiológico: ordem prototípica .....	231
3.5.	Segundo Plano: propostas para fins educacionais .....	231
3.5.1.	O protótipo de “Glossário Didático Visual de CLs em LSB .....	233
3.5.2.	O protótipo do Glossário Terminológico na área da Lingüística .....	235
3.6.	Outras Considerações .....	235
<b>Considerações Finais .....</b>		<b>237</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>		<b>241</b>
<b>Apêndices</b>		
Apêndice I – Protótipo do ‘Glossário Terminológico da área da Lingüística, em LSB’....		259
Apêndice II – Estrutura do ‘Glossário Didático Visual com CLs da LSB’ .....		285
Apêndice III – Protótipo do ‘Glossário Didático Visual de Classificadores em LSB’.....		289

## LISTA DE FIGURAS

---

### Figuras do capítulo 1

Figura 01	Categorização Aristotélica por Givón .....	18
Figura 02	Categorização wittgensteiniana por Givón .....	19
Figura 03	Categorização dos ANIMAIS em LSB .....	41
Figura 04	Categorização dos felinos (pela pesquisadora) .....	42
Figura 05	Fenômenos presentes no processo de nominalização em LSB .....	43
Figura 06	Primícias de uma organização de verbete em LSB (por campo semântico) .....	57
Figura 07	Significado x Significante .....	87
Figura 08	Árvore (significado x significante) .....	87
Figura 09	Pensamento (árvore) .....	87

### Figuras do capítulo 2

Figura 10	Alfabeto proposto por Bonet .....	131
Figura 11	Luva de Dalgarno .....	131
Figura 12	L'Eppè ensinando .....	132
Figura 13	Espaço de Sinalização em 'Chironomia' - plate 9 .....	133
Figura 14	Mimografia .....	134
Figura 15	Espaço de sinalização por Bacon .....	135
Figura 16	Notações de Stokoe .....	137
Figura 17	Notações do HamNoSys .....	138
Figura 18	Texto escrito pelo Sistema <i>SignWriting</i> por Stumpf .....	139
Figura 19	Tabela de Configurações dos Dedos (CD) do ELiS .....	140
Figura 20	Tabela de Orientações da Palma (OP) do ELiS .....	141
Figura 21	Tabela de Pontos de Articulação (PA) do ELiS .....	141
Figura 22	Tabela de Movimentos (Mov.) do ELiS .....	142
Figura 23	Modelo de texto escrito em ELiS .....	143
Figura 24	Diferentes escritas de um mesmo referente .....	143
Figura 25	Verbetes: Amazonas .....	145
Figura 26	Aba: Sinais - Verbetes ÍNDIO .....	146
Figura 27	Aba: Mãos .....	147
Figura 28	Aba: Movimento .....	147
Figura 29	Aba: local .....	147
Figura 30	Aba: Sinais .....	147
Figura 31	Verbetes: Mundo .....	147
Figura 32	Espaço de sinalização da LSB (proposta desta pesquisa) .....	158
Figura 33	Silabário japonês hiragana e katakana .....	161
Figura 34	Quadro de Configurações de Mão por Klima & Bellugi .....	165
Figura 35	Quadro de Configurações de Mão por Ferreira Brito .....	165
Figura 36	Quadro de Configurações de Mão por Pimenta .....	166
Figura 37	Quadro de Configurações de Mão por Felipe & Lira .....	167
Figura 38	Ordem das CMs do sistema <i>signwriting</i> .....	168
Figura 39	Configurações de Mão do Gestuário de LGP .....	169
Figura 40	Configurações de Mão de Amaral <i>et al.</i> .....	170
Figura 41	Configurações de Mão por Alisedo .....	171
Figura 42	Configurações de Mão por Tennant & Brown .....	172
Figura 43	Ordem para a quantidade de mãos (proposta desta tese) .....	176

Figura 44	Locações por Stokoe .....	189
Figura 45	Pontos de Articulação por Klima & Bellugi .....	190
Figura 46	‘Espaço de sinalização’ da ASL .....	190
Figura 47	Pontos de Articulação por Liddell & Johnson .....	190
Figura 48	Pontos de Articulação por Amaral <i>et al.</i> .....	191
Figura 49	Espaço de sinalização da LS por Rodda & Grove .....	192
Figura 50	Pontos de Articulação por Alisedo .....	192
Figura 51	PAs do dicionário eletrônico de Língua Italiana de Sinais .....	193
Figura 52	Seqüência numérica dos Pontos de Articulação (proposta desta pesquisa) .....	195
Figura 53	Ordem para a relação entre os dedos, pulso e mãos .....	196
Figura 54	Ordem para os Pontos de Articulação (proposta desta pesquisa).....	196
Figura 55	Orientação da palma da Mão por Marentette .....	197
Figura 56	Orientação da Palma da Mão – Sistema HamNoSys .....	197
Figura 57	Representação das Orientações da Palma da Mão .....	198
Figura 58	Slides de <i>power point</i> (elaborados por Stumpf: Disciplina Escrita III - 2006 e 2008) .....	201
Figura 59	Ordem para o Movimento (proposta desta pesquisa) .....	203
Figura 60	EFs: slides preparados por Stumpf .....	205
Figura 61	Expressões faciais esboçadas por Andrew Loomis .....	206
Figura 62	Ordem para as Expressões Faciais (proposta desta pesquisa) .....	207
Figura 63	ECs: slides preparados por Stumpf .....	208
Figura 64	Ordem para as Expressões Corporais (proposta desta pesquisa) .....	209
<b>Figuras do capítulo 3</b>		
Figura 65	Representações do Movimento – Sistema de Escrita <i>Signwriting</i> .....	217
Figura 66	Imagens de videogame do Naruto .....	221
Figura 67	Quantidade de mãos associada à semelhança e diferença de CMs.....	226
Figura 68	Formulário para segmentação paramétrica de ULs e UTs.....	226
Figura 69	Esquema para elaboração do glossário de CL .....	233
Figura 70	Termos selecionados para o Glossário .....	235

## LISTA DE QUADROS

---

### Quadros do Capítulo 1

Quadro 01	Os três níveis de categorização .....	21
Quadro 02	Síntese dos processos construcionais – Experimento I .....	45
Quadro 03	Esquema taxionômico dos empréstimos em LSB .....	70
Quadro 04	Quadro comparativo entre LSB, ASL e LGP.....	78
Quadro 05	Processos comuns na expansão terminológica da LSB .....	91
Quadro 06	Esquema de formação do neologismo terminológico .....	92
Quadro 07	Construtos terminológicos – Processos derivacionais em LSB.....	96
Quadro 08	BASE-PRODUTO: Palavra/Morfema .....	98
Quadro 09	BASE-PRODUTO: Tela .....	99
Quadro 10	BASE-PRODUTO: Letra .....	99
Quadro 11	BASE-PRODUTO: Impresso .....	101
Quadro 12	BASE-PRODUTO: Língua de Sinais .....	101
Quadro 13	BASE-PRODUTO: Cor .....	102
Quadro 14	BASE-PRODUTO: Divisão Territorial .....	102
Quadro 15	Classificadores Nominais Descritivos (tipos de atributos) .....	119
Quadro 16	Classificadores Nominais Descritivos (exemplos com atributos) .	120
Quadro 17	Classificadores Nominais Especificadores .....	121
Quadro 18	Classificadores Verbais (sujeito e verbo) .....	123
Quadro 19	Classificadores Verbais (verbo e objeto) .....	123
Quadro 20	Classificadores Verbais (verbo e instrumento) .....	124
Quadro 21	Classificadores Verbais (verbo, objeto e instrumento) .....	124
Quadro 22	Classificadores Verbais (verbo e locativo) .....	124
Quadro 23	Classificadores Verbais (sujeito, verbo e locativo) .....	125
Quadro 24	Classificadores Verbais (verbo, instrumento e locativo) .....	125
Quadro 25	Classificadores Verbais (verbo, objeto e locativo) .....	125
Quadro 26	Classificadores Verbais (sujeito, verbo e modo) .....	125
Quadro 27	Classificadores Verbais (sujeito, verbo, modo e locativo).....	126
Quadro 28	Classificadores Verbais (sujeito, verbo, objeto, modo, locativo) ...	126
Quadro 29	Classificadores Verbais (sujeito, verbo, modo, aspecto) .....	126
Quadro 30	Classificadores Verbais (sujeito, verbo, modo, aspecto e locativo)	127
Quadro 31	Classificadores Homônimos .....	127

### Quadros do Capítulo 2

Quadro 32	Equivalência entre princípios dos <i>continua</i> e uma ordenação paramétrica .....	163-4
Quadro 33	Grupo 1 de Configurações das Mãos .....	177
Quadro 34	Grupo 2 de Configurações das Mãos .....	178
Quadro 35	Grupo 3 de Configurações das Mãos .....	179
Quadro 36	Grupo 4 de Configurações das Mãos .....	180
Quadro 37	Grupo 5 de Configurações das Mãos .....	180
Quadro 38	Grupo 6 de Configurações das Mãos .....	181
Quadro 39	Grupo 7 de Configurações das Mãos .....	181
Quadro 40	Grupo 8 de Configurações das Mãos .....	182
Quadro 41	Grupo 9 de Configurações das Mãos .....	183
Quadro 42	Grupo 10 de Configurações das Mãos .....	183

## LISTA DE ANEXOS – CD

---

<b>Anexos do Capítulo 1</b>		
Anexo I	Instrumento ‘A’ (experimento I) .....	i
Anexo II	Instrumento ‘B’ (experimento II) .....	ii
Anexo III	Experimento I ( <u>corpus</u> ) .....	iii
Anexo IV	Experimento II (corpus) .....	xvi
Anexo V	Verbetes dos repertórios selecionados .....	xix
Anexo VI	Construção Terminológica (corpus) .....	xxxI
<b>Anexos do Capítulo 2</b>		
Anexo VII	Coletânea de repertórios e análise .....	xxxvii
Anexo VIII	Formulário de análise geral de repertórios .....	cxxxv
Anexo IX	Instrumento genérico para delimitação de repertórios .....	cxxxvii
Anexo X	Primícias de um Trabalho de Campo .....	clxii
Anexo XI.I	Glossary of terms used in Terminology .....	119a156 <sup>4</sup>
Anexo XI.II	Terminologia Lingüística para os Ensinos Básico e Secundário, Portugal – Portaria: 1488/2004 .....	clxxxviii
Anexo XII.I	Slides sobre o signwriting (Marianne Stumpf) .....	cxcvi
Anexo XII.II	Lições em signwriting .....	210f. <sup>5</sup>
Anexo XIII	PowerPoint: CMs – Grupo 01 .....	s/n
Anexo XIV	PowerPoint: CMs – Grupo 02 .....	s/n
Anexo XV	PowerPoint: CMs – Grupo 03 .....	s/n
Anexo XVI	PowerPoint: CMs – Grupo 04 .....	s/n
Anexo XVII	PowerPoint: CMs – Grupo 05 .....	s/n
Anexo XVIII	PowerPoint: CMs – Grupo 06 .....	s/n
Anexo XIX	PowerPoint: CMs – Grupo 07 .....	s/n
Anexo XX	PowerPoint: CMs – Grupo 08 .....	s/n
Anexo XXI	PowerPoint: CMs – Grupo 09 .....	s/n
Anexo XXII	PowerPoint: CMs – Grupo 10 .....	s/n
Anexo XXIII	Experimento para ordenação das CMs .....	cxcix
Anexo XXIV	Ordem para os Pontos de Articulação .....	ccxi
Anexo XXV	Formulário para análise paramétrica de ULs e UTs .....	ccxiii
<b>Anexos do Capítulo 3</b>		
Anexo XXVI	Roteiro do DVD de Classificadores .....	ccxiv
Anexo XXVII	Banco de Imagens para o Glossário de Classificadores .....	43 slides.
Anexo XXVIII	Sistema de Notação em Palavras – Simplificado .....	ccxxv

**Obs.:** Todos os anexos relacionados neste sumário estão no CD que acompanha a tese. Acompanha, também, a tese, como apêndice, um DVD<sup>6</sup> no qual consta o GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CLASSIFICADORES EM LSB, proposto pela pesquisa.

---

<sup>4</sup> Numeração original do glossário.

<sup>5</sup> Número de folhas do manual. Não segue a seqüência dos demais anexos.

<sup>6</sup>A imagem utilizada como fundo para o adesivo do DVD de CLs foi divulgada por Shirley Vilhalva que cedeu para Marinélia que cedeu para mim. Foi extraída de Crystal (s/d).

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

---

**ASL- LÍNGUA DE SINAIS AMERICANA**  
**BSL – LÍNGUA DE SINAIS BRITÂNICA**  
**CL - CLASSIFICADOR**  
**CLs - CLASSIFICADORES**  
**CM - CONFIGURAÇÃO DE MÃO**  
**CMs - CONFIGURAÇÕES DE MÃO**  
**EC – EXPRESSÃO CORPORAL**  
**EF – EXPRESSÃO FACIAL**  
**KSL – LÍNGUA DE SINAIS KWAITIANA**  
**L1 – PRIMEIRA LÍNGUA**  
**L2 – SEGUNDA LÍNGUA**  
**LGP – LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**  
**LO – LÍNGUA ORAL**  
**LOs – LÍNGUAS ORAIS**  
**LP - LÍNGUA PORTUGUESA**  
**LS - LÍNGUA DE SINAIS**  
**LSB – LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**  
**LSC – LÍNGUA DE SINAIS COLOMBIANA**  
**LSK – LÍNGUA DE SINAIS DA ARÁBIA SAUDITA**  
**LIS – LÍNGUA DE SINAIS ITALIANA**  
**LSA – LÍNGUA DE SINAIS ARGENTINA**  
**LSU – LÍNGUA DE SINAIS URUGUAIA**  
**Mov. – MOVIMENTO**  
**Movs - MOVIMENTOS**  
**OP – ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO**  
**OPs – ORIENTAÇÕES DA PALMA DA MÃO**  
**PA – PONTO DE ARTICULAÇÃO**  
**PAs – PONTOS DE ARTICULAÇÃO**  
**PSLS – PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**  
**SW – SIGNWRITING**  
**UL – UNIDADE LEXICAL**  
**UT – UNIDADE TERMINOLÓGICA**

## INTRODUÇÃO

---

Esta pesquisa se fundamenta nos preceitos de duas disciplinas: (i) na *lexicologia*, representada pela análise apresentada na fundamentação teórica da pesquisa a partir do estudo da categorização em LSB, dos processos de constituição e da construção do léxico da LSB, da teoria semântica dos protótipos, da análise dos classificadores e (ii) na *lexicografia*, representada por uma parte teórica associada à análise de dicionários existentes a partir dos pressupostos teóricos da lexicografia e à análise da representação iconográfica do léxico da LSB.

Cabe esclarecer, primeiramente, a escolha do título que nomeia esta tese: “REPRESENTAÇÕES LEXICAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA”. Esse título reflete, de certa forma, o enquadramento teórico da pesquisa.

O título apresenta uma ambigüidade semântica, pois, grosso modo, a pesquisa se fundamenta em dois conceitos de REPRESENTAÇÃO. O primeiro diz respeito às representações abstratas do léxico; o segundo representa as iconografias presentes nos repertórios lexicográficos, entendidos como compilações com unidades lexicais em uma língua com o fim de registrar e divulgar o léxico dessa língua. No caso deste estudo, os repertórios selecionados, registram línguas de sinais, mais especificamente, a LSB.

Na apresentação dos itens lexicais da LSB, a pesquisa perpassa a análise e a sistematização de aspectos morfológicos inerentes ao léxico da LSB. Essas representações refletem, obrigatoriamente, a fundamentação teórica da pesquisa. Na apresentação do léxico da LSB, no entanto, propõem-se modelos lexicográficos que refletem a dimensão prática da pesquisa.

Esses dois caminhos delineiam a pesquisa e abrigam alguns pontos oriundos de diferentes linhas teóricas, cuidadosamente compatibilizadas entre si, pois os aspectos controversos que possam ter as teorias abordadas, não comprometem, em nenhum momento, a coerência dos princípios por ela defendidos. É predominante, contudo, o pensamento cognitivista sobre o qual se busca uma aplicação imbuída da abordagem funcionalista. Esse cenário, portanto, concede à pesquisa um caráter híbrido.

A respeito do contexto social da pesquisa, cabe lembrar que, com o advento da sociedade pós-moderna, na qual o conhecimento gira numa velocidade imensa e se renova continuamente, mais pessoas, no mundo todo, aprendem ou, pelo menos descobrem um pouco mais sobre as línguas de sinais. Elas vêm adentrando diferentes espaços nunca antes ocupados nas sociedades humanas, e a Comunidade Surda, composta por seus principais falantes, adquire visibilidade. Por meio de sua aceitação, valorização, reconhecimento e respeito, os discursos da inclusão têm contribuído para que, no cenário atual, as línguas de sinais se tornem línguas não mais faladas somente entre os Surdos, mas, também, entre Ouvintes, normalmente falantes exclusivos de línguas orais. Ouvintes passam a aceitar e a aprender a LS de forma a se tornarem mediadores entre os que são fluentes nela e os que não são.

Os efeitos dessa conjuntura, no Brasil, se fazem presentes nas políticas da educação especial do Ministério da Educação (MEC), que vem defendendo a educação bilíngüe para Surdos e no âmbito do reconhecimento da LSB, por meio da Lei Federal nº 4326 que dispõe sobre a “Libras” e dá outras providências (BRASIL, 2002), do Decreto de nº 5626 de sua regulamentação (BRASIL, 2005), bem como do Decreto que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade<sup>7</sup> (BRASIL, 2004). A soberania lingüística da língua portuguesa cede espaço para uma língua antes marginalizada.

Também contribui para esse estado a ampliação dos cursos de pós-graduação nas universidades públicas brasileiras, fator que contribuiu para o ingresso de educadores de Surdos nos níveis de mestrado e doutorado; a interface da academia com a extensão; o programa de capacitação de professores, bem como o “Interiorizando Libras”, pelo MEC/UnB; o ingresso de alunos Surdos no nível superior força um pensar sobre sua iniciação científica; e o curso de Licenciatura em Letras-Libras, modalidade de ensino a distância pela Universidade Federal de Santa (UFSC), com pólo na Universidade de Brasília (UnB). Esse contexto, entre outros fatores, justifica o aprofundamento das pesquisas na

---

<sup>7</sup> A lei e seu respectivo decreto prevêm a garantia da inclusão a partir da oferta de escolas bilíngües ou comuns – da rede regular de ensino –, abertas a alunos surdos e ouvintes, desde a educação infantil (até a educação profissional), em salas de aula e sala de recursos (para surdos) – em turno contrário ao da escolarização. Prevêm, nesses espaços, como línguas de instrução e ensino, a Libras e a modalidade escrita da LP – como L2, numa perspectiva dialógica, funcional – e a modalidade oral da LP, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade. Para garantirem o seu cumprimento, prevêm, ainda, formação inicial e continuada de professores acerca da singularidade lingüística dos alunos surdos, além de tradutores e intérpretes de Libras – LP (BRASIL, 2005, capítulo IV, artigo 14, incisos I a IV; capítulo IV, artigos 15 e 16; capítulo VI, artigo 22 e 23).

área do léxico e do termo. Diante do acesso ao conhecimento novo, numa língua que antes não demandava terminologia científica, cresce a necessidade de se cunhar e sistematizar terminologia, em LSB, para as novas áreas de pesquisa às quais os Surdos passam a ter acesso - não com o objetivo de unificar, pois esse estudo concebe a variação lingüística como parte integrante desse processo, mas com o objetivo de difundir essa terminologia emergente.

Em decorrência do aumento considerável do ingresso de jovens Surdos no ensino médio e superior, um grande número de falantes de língua de sinais tem, hoje, acesso ao conhecimento científico das mais distintas áreas do conhecimento, ao mesmo tempo em que lhes é permitido o acesso a novos e diferentes espaços sociais.

Sabe-se que a terminologia é essencial ao processo de aquisição do conhecimento científico por qualquer aprendiz. Assim, o conhecimento científico, arraigado de terminologia, pede abrigo à LSB, língua materna e língua de instrução de grande parte da comunidade surda, em franco processo de construção. O discurso científico bate à porta da LSB com significados carentes de denominação. Todo o aparato terminológico pronto para atender essa demanda terminológica parte da terminologia já sistematizada na Língua Portuguesa, segunda língua da maioria dos surdos e língua de interação deles com a sociedade ouvinte.

Apesar de muitas lacunas terminológicas já estarem preenchidas na língua de sinais, não estão sistematizadas. Modestamente, a expansão terminológica nas diferentes áreas do conhecimento científico desponta, na LSB, com alguns termos bem construídos ao lado de outros provisórios e inconsistentes e outros, ainda, sem nenhuma perspectiva de “terminologização”<sup>8</sup>.

Fato é que os termos emergentes estão, ainda, restritos a pequenos grupos e carecem de sistematização e socialização entre os surdos brasileiros a fim de se estabelecerem, consolidando seu *status* lingüístico ou de desaparecerem, perdendo *status* lingüístico, uma vez rejeitados pelos falantes da língua. Trata-se de uma terminologia ainda inacessível a muitos surdos e a muitos intérpretes de línguas de sinais. Estes, responsáveis imediatos pela translação da língua fonte do conhecimento científico para a LSB, língua dominada pelo alunado.

---

<sup>8</sup> O termo “terminologização” está empregado como paralelismo do termo lexicalização. Esse, entendido grosso modo como o processo pelo qual um sintagma se lexicaliza, transforma-se em unidade lexical autônoma e aquele, entendido como processo pelo qual um vocábulo se terminologiza, passa a pertencer a uma área do conhecimento.

Para contribuir com a geração e sistematização dessa nova terminologia, urge a elaboração de materiais didáticos que ofereçam subsídios à educação de surdos, especialmente, no que diz respeito à organização de repertórios terminológicos bilíngües LSB-LP / LP-LSB, nas diversas áreas do conhecimento. Assim, os repertórios terminográficos podem ser vistos como portais para o acesso dos surdos à informação técnico-científica, além de serem recursos eficientes e imprescindíveis aos surdos para a aquisição da competência lingüística, comunicativa e sócio-cultural.

Neste estado da arte, os estudos lingüísticos dão visibilidade à LSB nas discussões acadêmicas. Pesquisadores Surdos, proficientes em LSB, legitimam essas propostas, aliados a pesquisadores Ouvintes, proficientes e não-proficientes em LSB, mas interessados na concretização de propostas lexicográficas que envolvem a LSB. Em favor de pesquisas nessa área, o Decreto de nº5626 (BRASIL, 2005: capítulo IV, artigo 14, §1º, alínea VIII) prevê que as instituições federais de ensino devem “disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos Surdos ou com deficiência auditiva”.

Apesar da possibilidade de se reunir um acervo moderado de materiais, com registro do léxico da LSB, e de se reconhecer a importância que os mesmos representam para a Comunidade Surda, são materiais, em sua maioria, sem preocupação científica. Uma diferença começa a ser percebida nos repertórios publicados por Felipe & Lira (2003 e 2005) e Capovilla (2001), pois estes apresentam um caráter mais científico que os demais<sup>9</sup>, considerando-se que foram elaborados a partir do consenso de pesquisadores guiados pelos estudos lingüísticos encontrados nos compêndios que tratam das línguas de sinais estudadas no mundo, e, especialmente, da LSB. Guiam-se, também, pelas reflexões a respeito da elaboração de modelos lexicográficos e seguem uma metodologia de trabalho mais sistemática para a organização do *corpus* a fazer parte da pesquisa. Urge a elaboração de repertórios lexicográficos monolíngües e bilíngües com LSB que possam ser aplicados como recursos didáticos na educação de alunos Surdos – tanto na instrução em Língua de Sinais como na instrução na LP como L2. Destacam-se aqueles dedicados à terminologia científica.

Para atender o objetivo de auxiliar a sistematização da terminologia bilíngüe LSB-LP / LP-LSB, nas diferentes áreas do conhecimento e de elaborar modelos para materiais didáticos

---

<sup>9</sup> O caráter científico se opõe ao caráter técnico, ao caráter didático e à natureza prática.

que ofereçam subsídios educacionais à educação de Surdos para acesso a consulentes Surdos, intérpretes de LSB e demais interessados na aquisição da LSB, esse estudo elaborou um instrumento “genérico” para seleção e delimitação de repertório terminográfico.

Entre as medidas educacionais que favorecem a acessibilidade educacional de alunos Surdos está o ensino da língua portuguesa com metodologia adequada para segunda língua. Para suprir parte das necessidades compreendidas nesse contexto, o presente estudo comporta uma proposta que se aloca no ensino do português como segunda língua para Surdos, mediante os pressupostos teóricos da lexicografia e da terminografia, com vistas a propor modelos que visem à elaboração de materiais didáticos voltados para a educação de Surdos, especialmente repertórios lexicográficos e terminográficos.

Em outras palavras, trata-se de um projeto lexicográfico que inclui a terminografia, com o intuito de definir modelos de repertórios adequados à interface da LSB com a LP, em contextos bilíngües. Pretende-se que as propostas apresentadas propiciem caminhos que facilitem a elaboração de multimeios e a confecção de dicionários, bem como outros materiais didáticos. De certa forma, essas propostas conduzem a uma tese quase que epistemológica do universo estudado.

Essas propostas, que se encontram no capítulo 3 deste trabalho, destinam-se a um público bastante abrangente, pois os materiais lexicográficos elaborados, em princípio, para Surdos – falantes de língua de sinais – podem, em grande maneira, atender, também: (a) os profissionais envolvidos na educação de Surdos, professores e intérpretes educacionais; (b) aqueles envolvidos na interação dos Surdos com a sociedade – intérpretes de língua de sinais de uma maneira geral; além de (c) os familiares e amigos de Surdos.

O caminho contrário não é verdadeiro, pois a maioria dos recursos didáticos elaborados para ouvintes não atende as necessidades específicas dos consulentes Surdos. Entretanto, é esse o tipo de material mais amplamente disponível.

A pesquisa e avaliação dos procedimentos seguidos por instituições nacionais e internacionais que tenham discutido e/ou elaborado pelo menos um dos tipos de repertório propostos, com língua de sinais, serve a esse trabalho tanto como referência aos benefícios e avanços, quanto à busca de soluções para os problemas detectados nos mesmos. Pouco se tem registrado a respeito da Lexicografia internacional, voltada para as

línguas de sinais. Diante do pouco acesso ou ausência de registros formais a respeito desses procedimentos tomados por diferentes iniciativas, optou-se por extraí-los, em sua grande maioria, da análise de vários repertórios lexicográficos das mais diversas naturezas, cujo critério de seleção principal era conter língua de sinais, dentre os quais se destacam obras produzidas no Brasil, Portugal, Espanha, Estados Unidos, França, Uruguai etc. Acompanha esse estudo a análise de várias dessas obras com LS, publicadas nesses países, a fim de identificar as diferentes formas de sistematização e registro da LS em repertórios com LS para, com base nas reflexões desenvolvidas a partir dos dados encontrados, propor modelos para repertório lexicográfico, especialmente para fins educacionais, sem esquecer que as dimensões alcançadas por esta proposta extrapolam o ambiente educacional.

A pesquisa apresentada constitui-se, enfim, da apresentação de propostas de modelos de repertório lexicográfico e terminográfico, sob a justificativa de que esse objeto de estudo enfatiza a importância da Lexicografia para as Línguas de Sinais, em especial, para a LSB. Reconhece os repertórios lexicográficos e terminográficos como recursos eficientes e imprescindíveis ao desenvolvimento: (i) de habilidades lingüísticas e comunicativas, em LP, L2 para Surdos falantes da LSB; (ii) de habilidade sociocultural; e (iii) de habilidade técnica e científica.

Esta pesquisa defende a tese de que os *lexicon*-constituintes da Língua de Sinais Brasileira (LSB) são entidades morfológicas que atuam na construção do léxico, como princípio ordenado de expansão lexical e terminológica. Dois postulados sustentam a tese: i) o de que as entidades morfológicas são mecanismos lingüísticos, que, associados, compõem, derivam e adaptam palavras emprestadas da forma visual das línguas orais (escrita e configuração dos lábios) e de outras línguas de sinais para a LSB; e ii) a aplicação dos mecanismos morfológicos de construção lexical é condição necessária para a organização de entradas lexicográficas em dicionários da LSB, monolíngües e bilíngües, tanto de natureza semasiológica quanto onomasiológica.

Para desenvolver essa pesquisa, consultou-se a Comunidade Surda sempre que necessário esclarecer, identificar ou analisar algum segmento da LSB, objeto de estudo da pesquisa. Por isso, muitas questões abordadas e pontuadas por essa comunidades foram consideradas para a definição da proposta e dos modelos de repertório lexicográfico e terminográfico sugeridos.

A pesquisa envolveu, ainda, um olhar ético sobre a comunidade surda e sua língua, porque a pesquisadora vem de uma cultura diferente da pesquisada. Ao mesmo tempo, envolveu o olhar êmico da pesquisadora, porque, de certa forma, ela desfruta do contato com a comunidade pesquisada desde 1989 e explora, para suas análises, sua experiência no ‘contexto surdo’ e o seu conhecimento da língua de sinais e do grupo pesquisado. Nesse sentido, a pesquisadora partilha das duas línguas envolvidas no contexto de ensino da elaboração lexicográfica, embora a LSB a pesquisadora a tenha como segunda língua e a LP como primeira língua.

Para que os olhares (ético e êmico) sobre a pesquisa não distorcessem os resultados, estranhou-se o familiar e familiarizou-se com o estranho, conforme propõe Erickson (1990). Seguiu-se uma análise que pretende ter repercussões no macrocosmo da educação de surdos, inserida no sistema educacional de ensino. Para tal, associou-se à análise baseada nos modelos teóricos estudados, uma análise dedutiva, interpretativa e exploratória dos dados.

Diante do caráter híbrido apontado nesta pesquisa, ela abarca um viés multifacetado: uma *faceta experimental* na aplicação e análise dos experimentos aplicados; uma *faceta “construcionista”* nos estudos da constituição dos novos itens lexicais e terminológicos da LSB; uma *faceta subjetiva* no reconhecimento da intuição do falante nativo da LSB a respeito da expansão lexical de sua L1; uma *faceta contrastiva* presente em dois ângulos: de um lado, como resultado de contrastes entre as modalidades das línguas envolvidas, a LSB e a LP, e, de outro, o contraste entre os modelos de repertórios lexicográficos e terminográficos existentes em materiais destinados a línguas orais e em materiais destinados a línguas de sinais. Há, também, uma *faceta analítica e interpretativa* que, subjetivamente, elegeu termos e tópicos para constarem nos repertórios apresentados. Por fim, uma *faceta comparativa*, que identifica variação lexical e terminológica no léxico e nos termos que despontam, na LSB, em diferentes grupos em que a língua é falada, bem como compara-se com algumas UTs da ASL e da LGP.

A abordagem das diferentes facetas exigiu a aplicação de diferentes micropesquisas ao longo do delineamento da trajetória lexicológica e lexicográfica que abrange a pesquisa. Por isso, em vez de se apresentar um capítulo com toda a metodologia da pesquisa, optou-se por diluir as micropesquisas com seus respectivos procedimentos metodológicos ao longo da apresentação de cada faceta no corpo do trabalho.

Focalizam-se, a seguir, os capítulos com os respectivos temas abordados e os instrumentos de registro aplicados em cada micropesquisa e que contribuíram para a delimitação das propostas lexicográficas apresentadas. Apesar dos vários instrumentos de registro, cada um servindo a uma função diferenciada, a aplicação de todos eles contribuiu para a triangulação dos dados diluída nas propostas apresentadas neste estudo de forma a garantir a coesão desta pesquisa. Os capítulos 1 e 2 apresentam os pressupostos teóricos da pesquisa, voltados à representação lexicológica da língua de sinais brasileira. Nesses capítulos são apresentados o enquadramento teórico da pesquisa, dados e análises essenciais para o delineamento da deste estudo.

O **capítulo 1**, dedicado à apresentação de alguns aspectos do estudo do léxico da LSB, discute como se processa o preenchimento de lacunas lexicais e terminológicas na LSB por meio: (i) dos estudos da categorização; (ii) da sistematização dos empréstimos e dos processos de construção de palavras, em LSB, à luz do Modelo Sílex e da análise de BASE e PRODUTO; (iii) de um enfoque especial a uma coletânea de termos construídos a partir de morfemas-base formativos de terminologia de campo semântico semelhante; (iv) da delimitação do *lexicón* da LSB; e, por fim, (v) do estudo da organização dos classificadores em LSB, construídos de forma bastante semelhante à de uma unidade lexical simples em LSB, mas cujo conteúdo é constituído de estrutura semântica complexa. Esse estudo, em primeiro lugar, contribuiu para sistematizar processos de construção de unidades lexicais e terminológicas na LSB e entender melhor como a LSB se expande. Em segundo lugar, levou a reflexões a respeito da organização das entradas de unidades lexicais e terminológicas, em repertórios lexicográficos e terminográficos. Além disso, esse estudo possibilitou a organização de um trabalho de campo para a seleção de termos para a futura confecção de repertórios lexicográficos e terminográficos completos.

O estudo exploratório apresentado neste capítulo traz os dados nos anexos e as análises no corpo do texto; a aplicação do Modelo Sílex também remete aos dados no anexo e insere, no corpo do capítulo, as análises referentes à aplicação do modelo; o estudo apresentado a respeito da expansão terminológica com base em morfemas-base, apresentados sob a estrutura base-produto, traz o *corpus*, acompanhado de análise, no corpo do capítulo; o estudo dos CLs seguiu a mesma estratégia. A proposta taxionômica para os CLs está associada aos exemplos em LP; parte das representações dos CLs encontra-se no CD com o ‘Glossário Didático Visual de CL em LSB’ e assim por diante.

Entre os instrumentos de registro citados e analisados nesse capítulo e remetidos aos anexos encontram-se: (a) os instrumentos aplicados nos experimentos I e II; (b) a coletânea de ULs extraídas de repertórios variados para contrastar com os dados encontrados nos experimentos I e II; e (c) a coletânea de ULs que foram submetidas a análise sob os pressupostos do Modelo Silex.

O **capítulo 2** trata da representação lexicográfica do léxico da LSB. Apresenta um panorama da representação lexicográfica com Línguas de Sinais em meios impressos, com o intuito de identificar estratégias mais adequadas à representação lexicográfica em língua de sinais, a partir dos problemas e das dificuldades encontradas na confecção de repertórios lexicográficos bilíngües: LSB-LP e LP-LSB, disponíveis. Remete a uma coletânea de repertórios com línguas de sinais, alguns dos quais foram avaliados. O capítulo conclui com alguns estudos a respeito da representação de cada um dos parâmetros da LSB acompanhados de propostas de ordenação paramétrica com vistas à elaboração de repertórios lexicográficos e terminográficos semasiológicos, com entradas em LSB.

Coube a esse capítulo apresentar a coletânea de repertórios lexicográficos acompanhada dos três instrumentos que serviram para análise dos vinte (20) repertórios analisados. Essa etapa da pesquisa contemplou, também, a aplicação de um experimento aos alunos do curso de Licenciatura em Letras-Libras para eles defenderem uma proposta de ordenação das CMs a fim de identificar a viabilidade da proposição de uma ordem paramétrica para a organização semasiológica de repertórios com LSB. No anexo XXIII encontra-se o instrumento aplicado aos vinte e dois (22) surdos que contribuíram com reflexões a respeito da ordenação paramétrica das CMs.

Entre os instrumentos de registro citados nesse capítulo e remetidos aos anexos encontram-se: (a) uma coletânea com fragmentos de quarenta e nove (49) repertórios lexicográficos com LSB, vinte (20) dos quais foram analisados; (b) um formulário específico para análise de repertórios lexicográficos e terminográficos, elaborado para contemplar a análise de questões pontuais para o desenvolvimento das propostas defendidas por esta pesquisa; (c) um ‘instrumento genérico’ elaborado para servir como eixo para delimitação da macro e da microestrutura de repertórios completos que venham a ser elaborados com LSB.

Para contemplar a etapa de seleção do léxico e dos termos passíveis de inserção nos glossários terminográficos e no dicionário visual, foi elaborado um “Plano para Trabalho

de Campo”. Assim, este plano sustentou-se na necessidade de selecionar, coletar e sistematizar o *corpus* para subsidiar a elaboração de verbetes que contemplariam os modelos propostos nesta pesquisa.

O trabalho de campo foi inserido no anexo X como instrumento de apoio para a elaboração do repertório completo, próximo passo após esta pesquisa. A terminologia a ser elicitada já foi delimitada pelo trabalho de campo. Essa coleta começou em 2006. A proposta inicial previa selecionar a terminologia a constar nos repertórios, elicitar o *corpus* com o apoio de alguns surdos e, posteriormente, validá-la com a comunidade surda. Entretanto, logo que começou o curso de licenciatura em Letras-Libras, a terminologia lingüística começou a despontar. Por isso, em vez de elicitar os dados terminológicos como previsto, aproveitou-se a terminologia emergente no Curso de licenciatura para analisar e estudar os termos.

Oliveira<sup>10</sup> (2006) apresenta seis módulos a partir dos quais segue etapas para o desenvolvimento de um glossário. Esses módulos e etapas contribuem para a seleção de termos e elaboração do glossário que se pretende. Eles compreendem: (i) compilação automática do *corpus* (*bootstrapping*); (ii) extração manual; (iii) análise e avaliação do corpus; (iv) extração automática dos candidatos aos termos a partir do *corpus* compilado; (v) edição dos mapas conceituais (arranjo hierárquico ou organização do conhecimento por meio de ferramenta de edição de mapas conceituais / ontologias: *folioviems*); (vi) categorização e validação dos termos no mapa conceitual. Cria-se a estrutura e inserem-se os termos nessa estrutura. Elabora-se uma ficha terminológica, incrementa-se essa base definicional e gerencia-se a base de dados terminológicos: todos os campos para informação do produto; excertos definicionais; edição dos verbetes; intercâmbio e difusão dos produtos terminológicos.

Ao refletir sobre um método para seleção, recolha/elicitación lexical e terminológica do *corpus* a ser incluído nos modelos propostos, não se perdeu tempo em fazer algo que ficaria restrito a essa proposta, pois a partir dos modelos propostos, pretende-se, em projeto futuro, elaborar obras lexicográficas completas que atendam à necessidade acadêmica de estudantes surdos. Por isso, a partir da proposta de planejamento de um trabalho de campo

---

<sup>10</sup> Leandro Henrique Mendonça de Oliveira (USP) apresentou esses módulos em comunicação oral, no Riterm, realizado, em 2006, na cidade de Montevideu, no Uruguay. Em sua apresentação, ele subdividiu a compilação em completa, aberta ou externa, com estatística.

organizada por Rector (RECTOR *et al.*, 1983) foi elaborado um trabalho de campo completo para atender a demanda mais abrangente.

A proposta de Rector et al. (1983) sugere delimitar a área temática, os termos escolhidos, o modo de transcrição, a localidade da coleta do *corpus*, os objetivos dos dicionários, o questionário para a coleta, os sujeitos/colaboradores, a validação dos dados, as fichas dos informantes/colaboradores, as fichas da coleta e o período da coleta.

A área terminológica escolhida para recolha do *corpus* terminológico para o trabalho de campo foi a Lingüística, Língua Portuguesa e Literatura. O trabalho de campo está praticamente completo, com o *corpus* terminológico selecionado, os modelos de fichas propostos para recolha e as demais especificações para o trabalho de campo, que atenderá a demanda do repertório completo que se pretende preparar.

Como esta tese não teve como propósito elaborar um dicionário terminológico completo, apresentou-se um modelo com a aplicação de um pequeno *corpus*. Como o Curso de Licenciatura em Letras-Libras trouxe consigo o despertar de muitos termos da área temática escolhida para a pesquisa, foi possível organizar o *corpus* para os modelos propostos a partir da terminologia emergente no curso, comparada com o *corpus* selecionado para o grande projeto.

Nesse sentido, a organização do trabalho de campo foi extremamente útil para a delimitação do *corpus* selecionado para o modelo terminológico proposto nesta tese, pois todos os termos selecionados para o modelo foram checados com o *corpus* selecionado para confirmar se faziam parte da seleção feita. As primícias para a delimitação do trabalho de campo necessário à elaboração de repertórios completos encontram-se no anexo X.

O **capítulo 3** apresenta a proposta de Modelos lexicográficos. Dois modelos foram eleitos para representarem protótipos de recursos didáticos que podem ser elaborados a partir das propostas defendidas nesta pesquisa, a saber, o GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CL EM LSB e o GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DA ÁREA DA LINGÜÍSTICA. O DVD anexo apresenta o protótipo do GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CL EM LSB. O roteiro elaborado para a organização do ‘Glossário Didático Visual com CLs em LSB’ encontra-se no anexo XXVI. O protótipo do GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO encontra-se no apêndice I.

Seguem esse capítulo, as **considerações finais**, a **bibliografia** e os **apêndices**. A bibliografia da pesquisa está organizada em quatro seções, respectivamente, a seção com referência a livros, artigos, dissertações e teses; a seção com as referências do acervo lexicográfico em língua portuguesa, espanhol e francês; a seção com as referências do acervo lexicográfico em língua de sinais e a última seção com referências de outros repertórios disponíveis na web.

Na versão impressa, por questões de praticidade, melhor visualização das imagens e comodidade para transportar a tese, optou-se pela supressão do volume impresso dos anexos. Em vez dele, anexo encontra-se um CD com toda a tese em formato pdf e os anexos, também, em formato pdf, acessados a partir de *links* criados na versão digital da tese. Os anexos são, assim, acessados a partir de um hiperlink. Encontra-se entre no apêndice I um arquivo extraído de um *powerpoint* com o protótipo do GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO cujas entradas estão ordenadas sob as regras definidas na tese para uma organização de unidades lexicais e terminológicas de repertórios com LSB. No Apêndice II encontra-se a estrutura do ‘GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL COM CLs DA LSB’ e no apêndice III encontra-se um DVD<sup>11</sup> com o modelo do ‘GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL COM CLs DA LSB’, protótipo lexicográfico desta tese.



Acima de tudo, cabe, ao concluir essa introdução, destacar que o estudo apresentado não teve como objetivo ser completo nem conclusivo. Entretanto, as análises apresentadas nas duas facetas de representação levam a outros estudos e a outras análises que, certamente, servem de base para o próximo passo: confeccionar repertórios lexicográficos completos que sirvam de suporte à consulta e à utilização, como recurso didático, na educação de surdos.

<sup>11</sup> O DVD com o protótipo do GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CL EM LSB é melhor visualizado em leitora de DVD de computadores. O capítulo 3 apresenta orientações de navegação nesse DVD.

## CAPÍTULO 1

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – A CONSTRUÇÃO DO LÉXICO

---

“[...] indica-se a profissão de alguém em frases relâmpagos, fazendo-se a ‘mímica<sup>12</sup>’ do verbo ou do substantivo que indica a profissão e, a seguir, fazendo-se a ‘mímica’ de ‘homem’ ou a ‘mímica’ de ‘mulher’. Assim ‘alfaiate’ faz-se a ‘mímica’ de ‘costurar’ e a ‘mímica’ de ‘homem’ que quer dizer: ‘homem costurar’ que significa alfaiate [...]”

(OATES, 1983/1992)

#### 1.1. Introdução

As unidades lexicais (ULs) e as unidades terminológicas (UTs) da LSB podem ser constituídas por unidades simples ou complexas com significado simples, emprestadas ou construídas, ou por unidades simples ou complexas com significado complexo (como os classificadores).

Os mecanismos lingüísticos empregados para a constituição dessas unidades são estudados neste capítulo com o intuito de entender como elas se constituem e como esses mecanismos intervêm na expansão lexical e terminológica da língua para, a partir desse ponto, entender de que forma esse processo pode interferir e contribuir para a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos.

Nesse sentido, este capítulo aponta questões teóricas que trazem à tona discussões lexicológicas a respeito dos processos de construção do léxico da LSB. Essas discussões foram fundamentais para a discussão metalexigráfica que se seguiu, com vistas à construção de modelos para repertórios lexicográficos e terminográficos apresentados no capítulo 3 desta pesquisa e que contemplam tanto repertórios monolíngües em LSB quanto repertórios bilíngües e semibilíngües<sup>13</sup> com LSB e LP. Para alcançar esses objetivos, as seções que se seguem discutem como se dá o preenchimento das lacunas lexicais em LSB

---

<sup>12</sup> Oates chama a língua de sinais de linguagem e de mímica, dado o momento histórico em que se encontra. Por isso, a palavra mímica foi incluída entre aspas na epígrafe. Apesar dessa escolha lexical, ele categoriza e identifica uma série de elementos lingüísticos que atestam a natureza lingüística da LS. Ele fala, inclusive, a respeito de sinônimos e de regionalismos.

<sup>13</sup> Repertórios semibilíngües são aqueles que não trazem as mesmas informações nas duas línguas lexicografadas. A definição, por exemplo, aparece apenas em uma das línguas envolvidas. A outra língua pode apresentar somente equivalente(s) da entrada. Para mais detalhes vide nota 26 do instrumento genérico no anexo IX.

por meio da sistematização dos mecanismos morfológicos presentes no processo de construção de ULs, UTs e dos Classificadores.

## 1.2. A categorização

A pesquisa descrita adiante parte de estudos lingüísticos e psicológicos a respeito da forma como a língua reflete o modo como os falantes nativos de LSB categorizam o mundo. Mais especificamente, ela busca identificar a forma como os falantes nativos da LSB nomeiam essas categorias. Para alcançar o objetivo proposto, foram aplicadas as duas versões da Teoria dos Protótipos à LSB, em experimento que contou com a participação de surdos adultos proficientes nessa língua. Os dados encontrados foram comparados aos resultados encontrados por Klima & Bellugi (1979), na aplicação dos mesmos estudos à ASL. Por meio desta pesquisa, foi possível identificar, na LSB, algumas manifestações prototípicas presentes nesse sistema, o que, em princípio, parece favorecer a sistematização de propostas para a representação lexicográfica de categorias em dicionários bilíngües de LSB e língua portuguesa, especialmente no que se refere à organização dos verbetes.

Ao estudar o léxico de uma língua, um dos aspectos importantes a serem buscados inicialmente é o conhecimento dos elementos que constituem uma forma livre<sup>14</sup> dentro dela, uma UL. Para Zeshan (2002:154):

*“the word and the sign are situated at an equivalent level of linguistic organization comes from the way sign language users evidently perceive the signs of their sign language (...) they talk about signs in very much the same way that spoken language users talk about words.”*  
(ZESHAN, 2002:154)<sup>15</sup>

Para categorizar a LSB, com apoio de uma abordagem funcionalista<sup>16</sup> de análise do léxico, é preciso identificar e discriminar os componentes semânticos de cada UL e a função de cada um dentro dos diferentes contextos. No estudo das línguas de sinais, é preciso discutir alguns tópicos que servem de base para reflexão e elaboração de modelos lexicográficos,

<sup>14</sup> Uma forma livre, em LSB, refere-se ao que chamamos de palavra.

<sup>15</sup> Tradução livre da pesquisadora: “Os lingüistas, especialistas em línguas de sinais, usualmente não falam em ‘palavras’. Em vez disso, falam em ‘sinais’ que tomam lugar da unidade lexical nas línguas orais. (...) A palavra e o sinal são situados num nível equivalente de organização lingüística. (...) as línguas de sinais falam em sinais nos mesmos contextos em que as línguas orais falam em palavras” (ZESHAN, 2002:154).

<sup>16</sup> Uma abordagem funcionalista de uma língua natural sempre tem como objetivo verificar como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua, dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente (MODESTO, 2006:2).

como a arbitrariedade e a motivação do signo lingüístico. É preciso mencionar, ainda que de forma superficial, os conceitos de iconicidade, metonímia, metáfora, protótipo e estereótipo a fim de analisar a associação que fazem entre si e de compreender como o falante nativo de língua de sinais processa lingüisticamente o mundo que o circunda para, enfim, contribuir com a organização de propostas lexicográficas.

A arbitrariedade do signo lingüístico<sup>17</sup> é, grosso modo, entendida como a “ausência de qualquer conexão necessária entre a forma de uma palavra e seu significado” (TRASK, 2004:36). Essa arbitrariedade foi vista como irrefutável por muitos lingüistas. Entretanto, nem mesmo Saussure foi radical a respeito dessa arbitrariedade do signo lingüístico. Para ele:

*“Le principe fondamental de l'arbitraire du signe n'empêche pas de distinguer dans chaque langue ce qui est radicalement arbitraire, c'est-à-dire immotivé, de ce qui ne l'est que relativement. Une partie seulement des signes est absolument arbitraire; chez d'autres intervient un phénomène qui permet: le signe peut être relativement motivé.”* (SAUSSURE, 1978:180)<sup>18</sup>

Infelizmente, por conta de uma pseudo-arbitrariedade do signo lingüístico, a língua de sinais demorou a se estabelecer como língua até que se provasse que ela atende a todos os universais lingüísticos para ser uma língua (SALLES, *et al.*, 2002:85-94). Faria (2003:66) explica que “as LS têm uma motivação icônica que se perde ao longo do tempo, e, portanto, são tão abstratas como outras línguas nas quais os símbolos lingüísticos são essencialmente arbitrários; em outras palavras, as formas lingüísticas carregam uma pequena semelhança com a forma da referência, mas as propriedades icônicas da língua vão sendo obscurecidas”. Apesar de essa motivação icônica permear grande parte do léxico da LSB, não é possível afirmar que todas as ULs em LSB sejam iconicamente motivadas.

A iconicidade, segundo Neves (1997), é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem

---

<sup>17</sup> A proposta do signo lingüístico foi uma proposta de Hockett (1960) ao desenhar uma proposta que distinguiu a linguagem humana dos outros sistemas de comunicação animal. O fato de nos sistemas de comunicação animal existir uma relação entre o sinal emitido e o significado do mesmo e tal não acontecer, sistematicamente, na linguagem humana fez Hockett pensar que a arbitrariedade seria uma das treze características diferenciadoras da linguagem humana.

<sup>18</sup> “O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não impede distinguir em cada língua o que é radicalmente arbitrário, isto é, imotivado, do que o é apenas relativamente. Somente uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outros, intervém um fenômeno que permite reconhecer os graus da arbitrariedade sem suprimi-la: o signo pode ser relativamente motivado” (SAUSSURE, 1978:180, traduzido por Gomes (2000)).

humana; é relação natural entre o código lingüístico (expressão) e o seu *designatum* (conteúdo). Faulstich, à luz das teorias de Pierce, lembra que:

“[...] um ícone, do grego *eikón* (imagem, representação), é um signo que está numa relação de semelhança, similaridade ou analogia com o objeto designado. Desse princípio resulta, portanto, uma relação de motivação entre um ícone e o respectivo referente. Dito de outro modo, um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. Este signo criado é o que se chama de ‘interpretante’ do primeiro signo.” (FAULSTICH, 2007: 153)

Até que a língua de sinais conquistasse o seu *status* de língua, a questão da iconicidade foi bastante discutida pelos lingüistas que se dedicam a seu estudo. Felizmente, a análise histórica propiciou o entendimento de que as propriedades icônicas dos sinais das LS mudam ou diminuem. Alguns sinais tornam-se mais opacos com o passar do tempo, enquanto outros são completamente arbitrários. Klima & Bellugi (1979:30) salientam que a iconicidade continua presente nos novos sinais, freqüentemente baseados na representação mimética da forma, da ação ou do movimento. Ao mesmo tempo, começa-se a falar em convenção dos sinais em vez de arbitrariedade, uma vez que, se um referente lingüístico pudesse ser icônico, significaria que esse referente poderia ser universal e qualquer um poderia entendê-lo. Entretanto, não é o que acontece nas línguas de sinais, pois são os falantes de dado grupo que convencionam qual traço “icônico” do referente real servirá de base para a construção da UL que designará esse referente.

As reflexões de Faulstich (2007:155 e 151) levam ao reconhecimento do ícone, nas línguas de sinais, como um fenômeno de cognição. Ao analisar a modalidade oral-auditiva das línguas orais *versus* a modalidade visuo-espacial das línguas de sinais, Faulstich esclarece que:

“[...] a iconicidade é um fenômeno que aparece ligado à forma, visto que o movimento que descreve a configuração das mãos é entendido como um indicativo para a realização do sinal e daí a relação entre forma e ícone. O que queremos postular é que a iconicidade em Libras é um fenômeno de cognição, posto que uma *palavra* em Libras [...] é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos.” (FAULSTICH, 2007: 155)

A metonímia, por sua vez, é conhecida como figura da “fala” na qual uma palavra ou frase é substituída por outra com a qual ela está proximamente associada. Grosso modo, pode-se dizer que uma UL é criada em língua de sinais a partir de uma metonímia do referente. Por

exemplo, o chifre é a parte do bovino escolhida, prototipicamente, por várias línguas de sinais para representar o referente bovino.

Ao lado da metonímia, senão sobre ela, está a metáfora, cujo conceito torna-se um pouco mais complexo diante das diferentes concepções que assume em diferentes épocas, em diferentes estudos. Destacam-se três concepções relevantes a respeito da metáfora: a concepção literária, a concepção tradicional e a concepção cognitiva. Serão comentadas somente as duas últimas: a *concepção tradicional* que analisa a metáfora como um símile sem a partícula “como” cuja enunciação expressa um significado figurativo em decorrência do significado literal do símile correspondente e a *concepção cognitiva* que situa a metáfora em um sistema conceptual que fornece o embasamento metafórico. Lakoff & Johnson (1980) retomam a concepção de Richards<sup>19</sup> (1936) e afirmam que “a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”. Nesse sentido, as metáforas têm base cognitiva e, por isso, não são assuntos da língua, mas, sim, do pensamento ou da ação.

O modelo proposto por Lakoff & Johnson (1980:59) estabelece: (a) *metáforas estruturais* – definidas como um conceito estruturado em termos de outro, por exemplo, PESSOAS SÃO ANIMAIS; (b) *metáforas espaciais ou orientacionais* – que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro a partir de várias bases físicas, sociais e culturais possíveis que estão enraizadas na experiência física e cultural e, por isso, não são construídas ao acaso. Nas línguas orais ocidentais, e também na LSB, para cima *vs* para baixo referem-se, respectivamente, a estar bem, a coisas positivas, ao que é bom *vs* estar mal, a coisas negativas, ao que é ruim; a noção de perto e longe referem-se à negação na LSB; o futuro é representado por um movimento para frente, enquanto o passado é representado por um movimento para trás. Assim, tem-se semana passada (movimento para trás), semana que vem (movimento para frente); denominações que se referem à visão são realizadas perto dos olhos; as que se referem à alimentação, perto da boca; as que se referem a sentimentos, perto do coração; as que se referem a raciocínio, perto da cabeça. Por fim, (c) *metáforas ontológicas* – formas de conceber eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias. Na metáfora ontológica, a mente é uma entidade. Objetos podem ser colocados dentro de um recipiente. A informação pode ser metaforicamente colocada em

---

<sup>19</sup> Para Richards (1936:100) “Quando usamos a metáfora, estamos perante dois pensamentos de coisas diferentes que se ativam em conjunto, suportados por uma única palavra ou frase cujo significado é o resultado da sua interação”. (traduzido por Mineiro, 2007:46).

um recipiente e manejada por meio de vários Classificadores (CLs) e Configurações de Mão (CMs) via o conduto metáfora. As pessoas usam idéias (objetos) criadas em mentes (recipientes) e colocam-nas em palavras (recipientes)

Levinson (1983) e Mey (2001), fundamentados em Grice (1968), por sua vez inspirado no trabalho da segunda fase de Wittgenstein (1967), defendem uma visão pragmática da metáfora. Para eles, as metáforas são um tipo de atividade que não tem origem no cérebro, nem está exclusivamente conectada a alguns domínios conceituais dos quais elas podem estabelecer relações com outros domínios ou combinação deles. Elas são vistas como atos pragmáticos que envolvem estreita relação com o que se diz – o ato de fala. Elas se originam na atividade humana cujas ferramentas são cognitivas – dependem, primeiramente, da atividade e não da cognição, que precede a ação. Nesse sentido, as referências são “cognitivamente” partilhadas entre os homens e estas são freqüentemente determinadas pelos princípios culturais e sociolinguísticos, uma vez que grupos culturais diferentes podem ver a mesma imagem de forma diferenciada. Por isso, caminhos diferentes da vida corresponderão a metáforas diferentes e a entendimentos diferentes.

### 1.2.1. *A categorização por meio das CNS*

Os *estudos clássicos da categorização* baseiam-se no modelo aristotélico. Nesse modelo, uma categoria se define a partir de uma série de condições necessárias e suficientes– CNS – que um elemento precisa ter para pertencer a uma categoria. Essas condições são impostas a todos os candidatos a membros de qualquer categoria. Givón (1986:78) ilustra a categorização aristotélica por meio do seguinte diagrama:

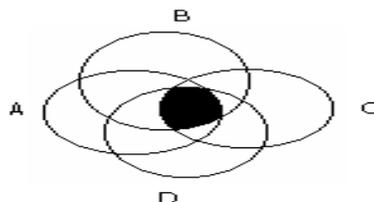


Figura 01 – Categorização Aristotélica por Givón (1986:78)

Em síntese, as CNS podem ser representadas por gavetas independentes uma da outra; enquanto a versão padrão da Teoria dos Protótipos, a ser estudada adiante, na categorização cognitiva, é representada por gaveta com furos ou com ondas na zona mais extrema.

### 1.2.2. *A categorização cognitiva*

Os estudos da categorização cognitiva, sustentados pela teoria dos protótipos, supõem uma ruptura radical com a concepção clássica de categorização (aristotélica). Grosso modo, teve suas proposições formuladas por Eleanor Rosch (1976), pesquisadora de formação na área da psicologia e por investigadores de seu grupo, com base no modelo wittgensteiniano da semelhança de família (cf. WITTGENSTEIN, 1991).

O modelo proposto por Wittgenstein (1991) defende que membros de uma categoria podem estar ligados uns aos outros sem que tenham uma propriedade em comum que defina a categoria. Ele define, então, as categorias a partir de feixes de traços e de relações de semelhança, ilustradas por Givón (1986:78) no seguinte diagrama:

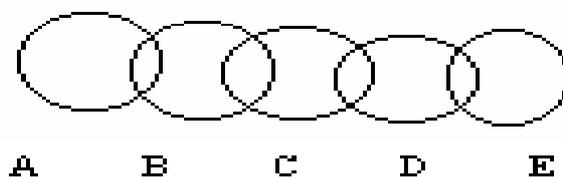


Figura 02 – Categorização wittgensteiniana por Givón (1986:78)

A Lingüística recebeu grande influência dessa concepção de protótipo como processo cognitivo de categorização e vem sendo estudada, nessa área, como uma teoria semântica dos protótipos. Sob essa ótica, toda categoria é composta por membros mais representativos – mais centrais ou prototípicos – e membros mais periféricos (cf. KLEIBER, 1990; 1995).

As proposições de Rosch foram discutidas nos trabalhos de Klima & Bellugi (1979), Lakoff (1987), Kleiber (1990; 1995), Cuenca (1999) e Wilcox (2000). Klima & Bellugi e Wilcox aplicaram a teoria à ASL e esse trabalho aplicou-a à LSB.

Essa teoria apresenta uma dupla concepção de categoria e categorização por meio de duas versões: a versão standard/padrão ou monossêmica e a versão ampliada ou polissêmica. Cada uma dessas versões está explicada a seguir.

A versão standard/padrão ou monossêmica possui duas dimensões: (a) a dimensão horizontal que marca a organização interna das categorias, na qual o protótipo é reconhecido pelos indivíduos como o exemplar mais idôneo, melhor representante ou caso central de uma categoria; em suma, o elemento mais representativo e mais freqüente da categoria na sua língua (KLEIBER, 1995:47); e a (b) dimensão vertical que estabelece a estruturação hierárquica intercategorial. Nessa dimensão, Rosch e seus colaboradores (1976) propõem uma teoria de nível básico que classifica essa dimensão em três níveis: (a) superordenado; (b) básico e (c) subordinado.

Os três níveis – superordenado, básico e subordinado – não são equiparáveis, posto que o básico é o mais importante cognitivamente, o mais rico e eficiente dos três (KLEIBER, 1990:84-7).

O *nível básico* é o mais geral e mais abstrato e compartilha atributos perceptuais e funcionais com todos, ou, pelo menos, com a maioria dos membros da categoria, apesar de ser distinto dos atributos de outros conceitos básicos dentro dessa hierarquia (KLIMA & BELLUGI, 1979:225). Esse nível é reconhecido por uma simples imagem mental que representa formas globais percebidas de maneira similar entre os membros das categorias e pode, por sua vez, representar toda a categoria – por isso é mais inclusivo. Também é o nível mais informativo, pois a maior parte de atributos da categoria se memoriza neste nível e pode ser identificado a partir das formas comuns dos membros da classe. Costuma corresponder a palavras mais curtas, as mais freqüentes em uso e se identifica com as primeiras palavras que as crianças entendem e utilizam (CUENCA, 1999:43).

O *nível superordenado* é relativamente ineficiente na hierarquia conceitual. Este nível apresenta o que se denomina categorização parasitária: seu atributo ou atributos definitórios são os comuns a todos os membros das categorias de nível básico (CUENCA, 1999:43). Klima & Bellugi (1979:225) acrescentam que as categorias superordenadas são internamente organizadas em volta de alguns membros prototípicos.

O *nível subordinado* é o nível mais concreto e se baseia em atributos diferenciais entre elementos do nível básico. Para exemplificar, segue um esquema dos três níveis de três categorias distintas:

<i>nível superordenado</i>	=	ANIMAL	FRUTA	MÓVEL
<i>nível básico</i>	=	cachorro	maçã	cadeira
				
<i>nível subordinado</i>	=	cão <i>boxer</i>	maçã <i>argentina</i>	cadeira <i>dobrável</i>

Quadro 01 – Os três níveis de categorização

A versão ampliada ou polissêmica tenta sanar alguns problemas apresentados na versão padrão. Nessa versão, toda categoria prototípica é entendida como sendo composta por membros mais representativos – mais centrais ou prototípicos – e membros mais periféricos – menos prototípicos. Grosso modo, ela possui as seguintes características (a) rompe com a noção central de protótipo; (b) admite que o protótipo pode variar de um indivíduo para outro; (c) estabelece graus de prototipicidade.

Lara (1999: 39-60) propõe o entendimento do protótipo como uma estrutura de objetivação das coisas experimentadas, com base físico/fisiológica, perceptiva e cognitiva, como características universais do ser humano, e o contrasta com as noções de estereótipo que se encaixam no eixo social e coletivo do conhecimento. Portanto, cultural, e de significado.

As pessoas admitem, como protótipos de uma categoria, elementos diferentes. O protótipo se relaciona muito com a questão da frequência. Ele pode ser identificado por um elemento ou por um conjunto, um grupo.

Para Lara (1999:46), o protótipo é um esquema abstrato que não equivale ao conceito tal como é entendido em filosofia e em terminologia. Ele pode ser o primeiro de um conjunto de instrumentos cognoscitivos do ser humano, cuja função é dupla: são instrumentos de objetivação e identificação da experiência do mundo.

Inicialmente, Lara defende que o signo lingüístico se constrói a partir de uma série de elementos de caráter biológico e social e levanta a hipótese de que a significação de um objeto ou de uma ação consiste de dois aspectos: (a) um aspecto perceptivo e cognoscitivo, de caráter universal – faculdades biológicas –, mas também individual enquanto dá lugar a uma ilimitada variedade de sinapses; e (b) um aspecto social, derivado do fato de que a significação se produz no diálogo concreto, não como parte de uma linguagem particular do indivíduo (LARA, 1999: 43-4).

Derivam-se desses aspectos quatro estratos do significado que nos permitem situar o caráter cultural e universal do termo especializado: (a) o estrato da formação de protótipos<sup>20</sup>; (b) o estrato da formação de estereótipos<sup>21</sup>; (c) o estrato da formação do significado verbal<sup>22</sup>; (d) o estrato da delimitação do significado especializado<sup>23</sup> (LARA, 1999:44).

Também com base nos estudos de Rosch, Lara afirma que as *gestalten*<sup>24</sup> formam protótipos de objetos que dirigem o reconhecimento de objetos semelhantes. O protótipo é um importante elemento dos processos cognoscitivos de objetivação das coisas. Os protótipos

---

<sup>20</sup> Exemplificando com a LSB: a escolha de protótipos para a categorização.

<sup>21</sup> Exemplificando com a LSB: a escolha de LEÃO como representante da categoria dos animais. Essa escolha, possivelmente, se deu a partir do estereótipo de que o leão é o “rei” dos animais. O traço de LEÃO como rei pode ter sido socialmente motivado por um traço negativo de um monarca que, na verdade não caça; apenas come, dorme e rugem.

<sup>22</sup> Exemplificando com a LSB: O estereótipo criado, entretanto, levou a uma alteração de sentido ao inserir a figura do leão como ‘rei’ e representante de uma categoria toda, pois passa a idéia de superioridade.

<sup>23</sup> Para o significado especializado, na língua portuguesa do Brasil, tem-se o LEÃO como órgão que arrecada o imposto de renda. Em Capovilla *et al.* (2001) a UL que denomina “imposto de renda” refere-se às iniciais dessa lexia em LP: ‘T’ e ‘R’ associadas a movimento de pagar, de encaminhar... No dialeto da LSB de Brasília, a representação é outra. Levanta-se a hipótese de que essa UL foi designada por semelhança à UL designada para ‘desconto’. As duas ULs são articuladas com as duas mãos. Cada mão com uma CM diferente. Para desconto, a mão-ativa passa pela mão-passiva como se desbastasse algo. Para ‘imposto de renda’, a mão-ativa com o dedo indicador curvo como uma ‘unha de felino’, metaforicamente, dá uma ‘unhada’ na mão-passiva que contém o significado, por exemplo, de bolso do constituinte.

<sup>24</sup> *Gestalten*, em português, seria forma ou configuração, que não é muito utilizado por não corresponder exatamente ao seu real significado em Psicologia.

são os que recebem nomes mais curtos em todas as línguas e os que primeiro são lembrados (LARA, 1999:46).

A noção contemporânea de estereótipo foi proposta pelo filósofo Hilary Putnam (1975:247 e seguintes). Para ele, um estereótipo é a compreensão geral que têm os membros de uma comunidade lingüística acerca dos objetos que lhes interessa. O protótipo e o estereótipo não são noções concorrentes do mesmo fenômeno, senão estratos distintos da formação do significado (LARA, 1999:49).

O significado dos vocábulos, que alcança uma precisão determinada na inteligibilidade social, começa a especializar-se para certos membros da sociedade, mas já não para todos (LARA, 1999:52).

### 1.2.3. *A categorização na ASL*<sup>25</sup>

Rosch & Boyes-Braem (ROSCH *et al.*, 1978), sob a hipótese de que o nível básico é o mais necessário para a linguagem, aplicaram um experimento a três surdos falantes nativos de ASL e um ouvinte fluente em ASL, com base em nove taxionomias. Nesse experimento, apresentado, eles concluíram que a ASL tem menos sinais fixados em todos os níveis dos objetos concretos que no inglês, e argumentam que, em situações em que o léxico<sup>26</sup> é limitado, será codificado o nível básico das categorias. Ainda, afirmaram que o inglês tem designação para níveis superordenados e subordinados e a ASL não os teria.

Klima & Bellugi (1979:225-7) e Wilcox (2000:1-3) interessaram-se por aplicar essa teoria à ASL. Wilcox, quando trata da metáfora na ASL, menciona os estudos de Klima & Bellugi. Eles reexaminaram seis dessas hierarquias taxionômicas. Concentraram-se nas não-biológicas, a saber, nas dos instrumentos musicais, frutas, ferramentas, roupas, móveis e veículos. Em seus estudos apresentam uma breve análise dos recursos lingüísticos, em ASL, para representar os três níveis de categorização descritos por Rosch. Confirmaram as descobertas de Rosch & Boyes-Braem de que ULs simples tendem a ocorrer a partir do nível básico da categorização – o que ocorre frequentemente representado por

<sup>25</sup> ASL é a sigla que nomeia a Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*).

<sup>26</sup> No texto original, os autores denominam o 'léxico' pelo termo *lexicón*. Como o termo *lexicón* está empregado nesta tese com outro sentido, o de 'léxico mental', optou-se por traduzir, nessa parte da pesquisa *lexicón* por léxico. O termo *lexicón*, para referir-se ao 'léxico mental', não foi traduzido em todo o texto.

características de atributos perceptuais e funcionais dos membros da categoria<sup>27</sup>. Todavia, refutaram o que havia sido concluído nos estudos de Rosch & Boyes-Braem a respeito da ausência de designações para os níveis superordenados e subordinados da ASL.

Klima & Bellugi (1979: 227-9 e 242) identificaram, em ASL, que: (a) termos do *nível básico* dos objetos são, geralmente, constituídos de ULs simples, ou seja, o nível básico, em ASL, é o nível em que ocorre a lexicalização de ULs simples. Estes itens lexicais preliminares do nível básico são, muito freqüentemente, componentes dos itens lexicais sobre os quais serão construídos os outros dois níveis; (b) termos do *nível superordenado* são, primeiramente, constituídos por sinais prototípicos dos objetos do nível básico, seqüenciados, ou seja, o nível superordenado é formado pela composição de ULs simples do nível básico; e (c) termos do *nível subordinado* empregam uma variedade de dispositivos lingüísticos, a saber, ULs complexas, sinais compostos, a partir de composições regulares de sinais simples da ASL; essas mesmas ULs compostas, associadas a especificadores de tamanho e forma; e ULs complexas acrescidas de dispositivos descritivos visuais – descrição mimética da forma dos objetos.

Esses dispositivos lingüísticos para expressar os três níveis da categorização são consistentemente distintos de outros, confirmam a saliência psicológica dos três níveis categoriais de Rosch e sugerem que os níveis de categorização conceptual independem da modalidade da língua.

Klima & Bellugi (1979:228) explicam, ainda, que há propriedades formais nos três níveis das categorias, na ASL e sugerem que os sinais dos níveis superordenados e subordinados são, geralmente, derivados dos sinais no nível básico, ou seja, eles contêm sinais dos níveis básicos em sua composição. Como exemplo de nível básico, eles apresentam CHAIR, TABLE (KLIMA & BELLUGI, 1979:228). Desses elementos de nível básico se derivam FOOD^CHAIR<sup>28</sup> e COOK^TABLE<sup>29</sup> (KLIMA & BELLUGI, 1979:237) no nível subordinado e CHAIR^TABLE^BED^ETC<sup>30</sup>. (KLIMA & BELLUGI, 1979:234) no nível superordenado.

---

<sup>27</sup> Não consideramos somente os atributos perceptivos e funcionais (inicialmente, denominamos esses atributos de ação), mas também, os próprios objetos.

<sup>28</sup> Tradução: cadeira de cozinha.

<sup>29</sup> Tradução: mesa da sala de jantar.

<sup>30</sup> *Chair, table e bed* são elementos em grau mais central de prototipicidade para a categoria 'mobiliário'.

Klima & Bellugi (1979:230-1 e 236), ao analisarem o nível superordenado na ASL, verificaram que há poucas ULs aceitas em ASL, para esse nível. Alguns falantes fluentes da ASL se referem a algumas categorias por meio de uma UL, mas seu uso não é difundido. Por exemplo, há um sinal para *vestido* que pode ser usado como um termo superordenado para roupa. Os informantes de Klima & Bellugi aceitaram a possibilidade de empréstimo da digitação da designação do termo em inglês para termos não-lexicalizados na ASL. Entretanto, identificaram um *tipo especial de composto coordenado* – como recurso sintático produtivo para a criação de níveis superordenados, em ASL – estruturado em torno da conjunção de três ou quatro membros prototípicos do nível básico.

Os componentes dos compostos superordenados são protótipos selecionados do nível básico e têm *propriedades rítmicas especiais*, a saber, cada UL composta no nível superordenado possui uma forma altamente reduzida. Em outras palavras, a transição de uma UL para outra, nessa composição, é mínima ou ausente, e o *movimento* de cada UL é reduzido. Essa redução é igual e drástica nos movimentos de cada um dos sinais componentes, tanto na extensão quanto na frequência. A seqüência é compactada, temporariamente, com duração equivalente à de uma única UL, uma vez que é, conceitualmente, um único termo superordenado (KLIMA & BELLUGI, 1979:231-4).

A dúvida a respeito de se tratar de uma lista de compostos ou de uma categoria de nível superordenado se desfaz a partir da análise de sentenças como a que se segue, na qual uma interpretação como lista tornaria a sentença bizarra. Por exemplo: HOUSE FIRE [+] LOSE ALL CHAIR^TABLE^BED ETC., BUT ONE LEFT, BED<sup>31</sup>. Exemplos como esse sustentam as evidências de que os compostos coordenados são termos do nível superordenado (KLIMA & BELLUGI, 1979:235).

A seleção dos elementos que compõem a designação do nível superordenado não é aleatória. Está restrita aos melhores exemplares da categoria, ou seja, parece que os melhores exemplares dos itens de nível básico são considerados apropriados para criar termos do nível superordenado.

No experimento de Klima & Bellugi (1979:235), a intuição dos informantes era de que somente um número limitado dos melhores exemplares do nível básico funcionaria como componentes do nível superordenado.

---

<sup>31</sup> Tradução: O incêndio na casa queimou tudo: "*cadeira, mesa, cama etc.*", mas à esquerda, sobrou uma *cama*.

Diferentemente das palavras compostas por justaposição, em ASL, esses compostos superordenados não têm a ordem do sinal fixada, mas não são meramente listas *ad hoc* de termos do nível básico. Sua formação é regular e limitada a algumas possibilidades.

Embora a ordem dos elementos dentro dos compostos coordenados não seja fixa, há ordens preferidas. Parece que a preferência primeiramente tem a ver com a cadência dos sinais. A seqüência RING<sup>^</sup>NECKLACE<sup>^</sup>BRACELET<sup>^</sup>EARINGS<sup>^</sup>ETC.<sup>32</sup> empregada para nomear a categoria bijuteria é inaceitável para os informantes porque requereria mover a mão do dedo para a garganta, dessa para o pulso, desse para as orelhas. Entretanto, qualquer uma das duas ordens que se seguem é aceitável RING<sup>^</sup>BRACELET<sup>^</sup>NECKLACE<sup>^</sup>EARINGS<sup>^</sup>ETC.<sup>33</sup> ou EARINGS<sup>^</sup>NECKLACE<sup>^</sup>BRACELET<sup>^</sup>RING<sup>^</sup>ETC.<sup>34</sup>, porque ambas minimizam as transições – uma move para cima: da mão para a orelha; a outra se move para baixo: da orelha para a mão – (KLIMA & BELLUGI, 1979:235-6).

A ASL vale-se de recursos sintáticos, também, para a nomeação de membros do nível subordinado. São três os dispositivos de ASL para formar itens do nível subordinado: (a) *compostos convencionais* (KLIMA & BELLUGI, 1979:237). Em ASL, como em inglês, a maioria dos termos subordinados é expressa por formas compostas, como no exemplo, citado anteriormente, FOOD<sup>^</sup>TABLE – dining room table<sup>35</sup>, em que o primeiro elemento é o especificador e o segundo é o nível básico; (b) *compostos de itens lexicais de nível básico com um especificador de tamanho e forma*. Em ASL, então, os níveis subordinados são representados freqüentemente pelo sinal para a categoria de nível básico (Ex.: PICTURE) conjuntamente com uma especificação relativamente detalhada da forma distintiva do subordinado ou uma especificação do tamanho e da forma (Ex. RECTANGULAR) para denominar, por exemplo, ‘fotografia’<sup>36</sup> (PICTURE<sup>^</sup>RECTANGULAR); (c) *orações coordenadas com sinais de nível básico com uma "descrição" mimética da forma*. Essa composição é completamente especial e pode provar ser uma das marcas peculiares desta língua em uma modalidade diferente. Quando não existe nenhum sinal convencional e nenhum especificador de tamanho e forma apropriado, os falantes de ASL produzem expressões constituídas de uma UL de nível básico, seguida por uma descrição mimética, que segue cuidadosamente a forma particular do nível subordinado, como é o caso de TOCAR PIANO DE-CAUDA,

<sup>32</sup> Tradução: ANEL, GARGANTILHA, PULSEIRA, BRINCO ETC.

<sup>33</sup> Tradução: ANEL<sup>^</sup>PULSEIRA<sup>^</sup>GARGANTILHA<sup>^</sup>BRINCO<sup>^</sup>ETC.

<sup>34</sup> Tradução: BRINCO<sup>^</sup>GARGANTILHA<sup>^</sup>PULSEIRA<sup>^</sup>ANEL<sup>^</sup>ETC.

<sup>35</sup> Tradução: mesa de sala de jantar.

<sup>36</sup> PICTURE<sup>^</sup>RECTANGULAR, em inglês, *photograph*.

articulado com a representação descritiva da cauda do piano e com a representação ‘mimética’ da ação de tocá-lo. (KLIMA & BELLUGI, 1979:236-7 e 240).

Segundo Klima & Bellugi (1979:240-2), enquanto os especificadores de tamanho e forma são convencionais e padronizados pelos falantes de ASL, as descrições miméticas da forma não são, pois elas diferem consideravelmente de um sinalizante para outro, dependendo de que características do referente ele escolher para representar. Cada sinalizante indicou a forma de um piano de cauda usando uma mão lisa para a superfície lateral ou um dedo do índice para a borda superior, descrevendo assim como poderia ser a forma da cauda do piano. A descrição não é padronizada na ASL, é um “jeito” comum de lidar com aberturas lexicais, mas, freqüentemente, toma o lugar de uma UL numa sentença.

Esse reconhecimento da categorização em ASL foi relevante para o entendimento de como a categorização acontece na LSB cujo estudo foi desenvolvido neste trabalho e encontra-se apresentado nas seções seguintes.

#### 1.2.4. *A categorização na LSB: um estudo exploratório*

Sob o alicerce dessa Teoria dos Protótipos e dos estudos de Klima & Bellugi (1979), para verificar a forma como indivíduos proficientes em LSB categorizam o mundo por meio da língua de sinais e como selecionam protótipos que se tornam ícones lingüísticos produtivos no processo de categorização da LSB, foi desenvolvido um estudo exploratório por meio de uma metodologia qualitativa aplicada em uma micropesquisa de campo<sup>37</sup> sistemática e participante, sob o método experimental e, também, bibliográfico, cujo intuito, além de verificar '*como os protótipos se manifestam na LSB*', suscitar reflexões que levem a definir caminhos que contribuam a uma melhor *representação das categorias, da LSB, em dicionários bilíngües: LSB-LP*. Para tal intento, foram aplicados dois experimentos, o experimento I e o experimento II, no dia 14 de novembro de 2005.

---

<sup>37</sup> Como o foco do estudo exploratório era qualitativo e o objetivo era confirmar ou refutar a hipótese inicial e triangulá-la com registros da denominação em LSB em dois repertórios com LSB, a saber, Capovilla *et al.* (2001) e Brasil (2001) e, ainda, verificar se os efeitos da categorização contribuiriam para a representação categorial em repertórios lexicográficos, não houve a preocupação em aplicar o estudo a um grupo maior. Apesar dos poucos participantes do estudo, os resultados, como é possível verificar na descrição e análise do estudo, apontam para uma possível forma de categorizar dos surdos diferenciada da forma como os ouvintes categorizam. Para saber se a forma diferenciada de os surdos categorizarem o mundo é um efeito cognitivo ou um efeito de escolarização, por exemplo, outras pesquisas devem ser desenvolvidas.

O experimento I consistiu na aplicação de uma atividade que foi designada por instrumento ‘A’. Esse instrumento foi composto por duas páginas impressas em papel A4. Em uma delas encontravam-se distribuídas, aleatoriamente, uma série de figuras extraídas da *web*<sup>38</sup>. Essas figuras foram recortadas e agrupadas pelos participantes da micropesquisa, a seus critérios. As imagens selecionadas representavam elementos das categorias: vestuário, animais (caninos, aves, felinos, insetos), brinquedos e alimentos (bebidas, frutas, doces etc.) como se pode verificar no anexo I.

Na outra página do instrumento ‘A’ havia apenas o cabeçalho para que os participantes inserissem um codinome, a idade e a data. Abaixo do cabeçalho, espaço para a colagem das figuras agrupadas, conforme o comando do experimento, transmitido aos participantes, em LSB, à medida que se desenvolvia cada passo da atividade.

A aplicação do instrumento deu-se em três etapas consecutivas. Na primeira etapa, distribuiu-se aos participantes a primeira página do instrumento ‘A’ acompanhada de uma tesoura. Foi dada a instrução para os participantes recortarem todas as figuras da página. Na segunda etapa, foi entregue a cada participante a segunda página do instrumento e um tubo de cola. Os participantes foram orientados a agrupar as ilustrações que recortaram e a colá-las na folha recebida e foram informados de que poderiam utilizar a frente e o verso da página para a montagem dos grupos. A terceira etapa foi desenvolvida com o acompanhamento da pesquisadora. Os participantes tiveram a incumbência de nomear, em LSB, cada grupo que havia agrupado. A pesquisadora registrou, sob o ‘Sistema de Notação em Palavras’<sup>39</sup>, a designação atribuída a cada grupo pelos participantes da pesquisa.

O experimento II constituiu-se da apresentação de subgrupos de ilustrações, formados *a priori*, para nomeação pelos participantes da pesquisa. O segundo instrumento, instrumento ‘B’ (anexo II), foi confeccionado com as mesmas ilustrações do instrumento ‘A’ (anexo I). A atividade foi desenvolvida mais rapidamente, pois as ilustrações já se encontravam agrupadas e os participantes tinham como tarefa apenas nomeá-los. O registro dos nomes dados às categorias seguiu o mesmo processo da atividade anterior, ou seja, a pesquisadora

---

<sup>38</sup> As figuras foram selecionadas pelo site ‘google’ na opção ‘google imagens’. Inseria-se o nome, em LP, de um elemento de qualquer categoria. As melhores reproduções do referente eram selecionadas, copiadas e coladas no formulário de atividade. Além dessa escolha, durante o processo de elaboração do experimento foi feito um teste, muito simples, com uma criança. Perguntou-se a ela o nome dos objetos representados pelas figuras para ver se poderiam ser válidas para a pesquisa.

<sup>39</sup> O ‘Sistema de Notação em Palavras’ é um dos recursos utilizados para a sistematização dos registros de LS em pesquisas desenvolvidas nessa área, no Brasil (vide anexo XXVIII).

fez o registro da informação dada pelos participantes, pelo ‘Sistema de Notação em Palavras’.

Os participantes dos experimentos foram três professores surdos proficientes em LSB, em exercício no magistério na capital brasileira e, à época da pesquisa, graduandos do penúltimo semestre do curso de pedagogia de uma instituição particular de Taguatinga - DF. Os critérios de escolha dos participantes foram, basicamente, o grau de instrução, a facilidade de contato com a pesquisadora, a disponibilidade e aceitação em participarem dos experimentos propostos. Os três escolheram os seguintes codinomes: Jesus (*homem*), Lílica (*mulher*) e Fofinha (*mulher*) e tinham, à época, respectivamente, 26, 31 e 30 anos.

A aplicação foi simultânea para os três participantes, mas cada um deles desenvolveu a atividade em um cômodo diferente do mesmo sítio. Houve o cuidado para que nenhum deles tivesse contato com o outro durante a realização dos experimentos. Após a aplicação dos experimentos, o desempenho de cada um, nas atividades propostas pelos experimentos, bem como as opções que cada um fez não foi motivo de comentário da pesquisadora com os colaboradores, pois a intenção da pesquisa, naquele momento, era a de, apenas, identificar, cognitivamente, como funciona a categorização para esses indivíduos falantes nativos de LSB.

Tendo em vista o número reduzido dos surdos colaboradores, o destaque de Kleiber (1995:49) a respeito do fato de os exemplos particulares não serem considerados protótipos e a importância da triangulação de dados na sustentabilidade da análise de uma pesquisa qualitativa, à luz da teoria dos protótipos, a análise tomou como referência, também, o conhecimento que a pesquisadora tem da LSB e registros de ULs e nominalizações de categorias, extraídos de dois dos repertórios lexicográficos disponíveis com LSB: Capovilla *et al.* (2001) e Brasil (2001).

A escolha de tais repertórios lexicográficos deu-se pelo fato de ambos serem materiais impressos, o que facilita a inserção de imagens dentro do texto de análise. Outro critério de escolha foi o da distribuição gratuita, pois são obras patrocinadas pelo governo. O primeiro deles possui ampla divulgação em escolas públicas do território nacional, pois faz parte do programa do MEC ‘Interiorizando Libras’. O segundo foi publicado e distribuído pela Secretaria de Estado de Educação do Paraná. O primeiro tem também versões temáticas, mas os verbetes analisados foram extraídos dos dois primeiros volumes, que não são temáticos. O segundo é temático, agrupado em categorias.

Para facilitar a visualização dos dados e o acompanhamento da análise, as atividades desenvolvidas pelos participantes foram reproduzidas e incluídas nos anexos (anexo III – respostas dos participantes ao instrumento ‘A’ e anexo IV – respostas dos participantes ao instrumento ‘B’) preservando-se a ordem e a disposição estética de cada elemento dentro de seu grupo<sup>40</sup>.

Segue listagem dos trinta e três verbetes das ULs prototípicas e uma figura de uma UL em LSB que será mencionada no decorrer da análise apresentada<sup>41</sup> (anexo V) extraídas dos repertórios selecionados e comparadas ao *corpus* gerado após a aplicação dos instrumentos ‘A’ e ‘B’ (anexos I e II, respectivamente). Esses encontram-se no anexo V, ordenados conforme apresentação :

A. COIS@<sup>42</sup> & VÁRI@: os primeiros termos em destaque foram: COIS@ e VÁRI@, extraídos de Capovilla *et al.* (2001) – (Figuras 1 e 2 – anexo V). A glosa apresenta as seguintes possibilidades para esses termos: DIVERS@ ou ETC.

B. ANIMAIS: dos repertórios lexicográficos analisados, foram selecionados para a categoria ‘animal’, as seguintes ULs, em LP: (i) animais – verbete extraído de Brasil (2001) – (Figura 3 – anexo V); (ii) animais – verbete extraído de Capovilla *et al.* (2001) – (Figura 4 – anexo V); felino (Figura 5 – anexo V); leão 1 (Figura 6 – anexo V); leão 2 (Figura 7 – anexo V); onça 1 (Figura 8 – anexo V); onça 2 (Figura 9 – anexo V); tigre 1 (Figura 10 – anexo V); tigre 2 (Figura 11 – anexo V); gato (Figura 12 – anexo V); veterinária (Figura 13 – anexo V); zoológico (Figura 14 – anexo V). A UL em LSB representada nesse último verbete (zoológico) é muito diferente da representação comumente encontrada no dialeto da LSB de Brasília: Z-O-O. Pantera foi uma UL pesquisada, mas não foi localizada em nenhum dos dois repertórios analisados.

C. INSETOS: estão apresentados: inseto (Figura 15 – anexo V); barata (Figura 16 – anexo V); formiga (Figura 17 – anexo V); mosca (Figura 18 – anexo V); abelha (Figura 19 – anexo V); bêbado (Figura 20 – anexo V). “Bêbado” não era uma UL que faria parte do *corpus, a priori*. Ele foi analisado em decorrência do protótipo metaforicamente apresentado ser idêntico ao sinal de barata.

---

<sup>40</sup> Os originais encontram-se à disposição para qualquer verificação que se fizer necessária.

<sup>41</sup> Trata-se do sinal de ‘e-mail’ que, apesar de recentemente incluído no léxico de LSB, já passou por variação.

<sup>42</sup> Registros com letras em caixa alta, sinalização com @ entre outras, tomam por base o sistema de notação por palavras registrado nos anexos da tese.

D. AVES: encontram-se: Ave (Figura 21 – anexo V) e pato (Figura 22 – anexo V).

E. OUTRAS CATEGORIAS: foram destacadas as seguintes categorias: brinquedos (Figura 23 – anexo V); alimentos (Figura 24 – anexo V); frutas (Figura 25 – anexo V); roupa (Figura 26 – anexo V). O dicionário do Capovilla *et al.* (2001) não representa vestuário, apenas designa “roupa”.

F. CATEGORIAS, EM PRINCÍPIO, SEM PROTÓTIPO: com o intuito de contrastar a nomeação de categorias na LSB a partir de um modelo com a nominalização das categorias que fogem a esse modelo, foram relacionados os verbetes que se seguem: datas comemorativas (Figura 27 – anexo V); cores<sup>43</sup> (Figura 31 e 32 – anexo V); país (Figura 28 – anexo V); planta (Figura 29 – anexo V); esporte (Figura 30 – anexo V).

Para a análise do *corpus* gerado pelos dois experimentos e sua triangulação com os dados encontrados nos repertórios selecionados, levou-se em conta uma abordagem dialética, cognitiva e funcional da língua. Essas abordagens são consideradas complementares na perspectiva de análise proposta para este trabalho, pois apresentam indícios de relações cognitivas partilhadas por um grupo que muda suas relações com o tempo e, conseqüentemente, altera sua língua, dinâmica por natureza como todas as demais línguas.

As seções seguintes apresentam as análises dos experimentos desenvolvidos. Os dados e a análise integrantes dessas seções seguem a seguinte ordem: (a) **experimento I**: apresentação e análise dos dados gerados a partir da aplicação do instrumento ‘A’; análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores nas categorias vestuário, animais, aves, insetos, bebidas, alimentos, frutas e em uma categoria que apresentou representações divergentes, a qual está denominada como ‘balaio de gato’; e (b) **experimento II**: apresentação e análise dos dados gerados a partir da aplicação do instrumento ‘B’, análise da nomeação das categorias e subcategorias, pelos surdos colaboradores.

#### 1.2.4.1. *Experimento I: apresentação e análise dos dados*

A primeira hipótese que se tinha era a de que as categorias em LSB se encaixariam na versão padrão da teoria dos protótipos. Por isso, a partir do instrumento ‘A’ (anexo I)

---

<sup>43</sup> À época da aplicação deste estudo exploratório ainda não havia sido desenvolvida a pesquisa que levou à análise diacrônica da categoria COR /CORES.

buscou-se identificar se haveria um único elemento do nível básico das categorias selecionadas para análise e a nominalização dada pelos participantes da pesquisa ao nível superordenado, com base no nível básico.

A hipótese foi confirmada na análise que se segue dos agrupamentos elaborados pelos participantes, organizados da seguinte forma: apresenta-se o nome da categoria analisada e remete-se aos agrupamentos construídos pelos colaboradores e incluídos nos anexos. Em seguida, apresentam-se os itens com a análise de cada agrupamento:

*a) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (brinquedo e vestuário)*

As categorias ‘brinquedos’ e ‘vestuário’ (itens “a” e b” anexo III) serão analisadas em conjunto, uma vez que manifestaram comportamento semelhante, apesar de o nível básico de ambas ter sido representado por elementos distintos: um pela função, outro por um nome.

O protótipo escolhido para representar o nível básico da categoria ‘brinquedo’ foi um verbo: ‘brincar’. Dessa forma, o nível básico não foi representado por um objeto-membro da categoria, mas por um protótipo que, de certa forma, representa mais amplamente a função que os membros da categoria desempenham no mundo real: servem para brincar. Se for tomado como referência o nome da categoria ‘brinquedo’, em língua portuguesa, pode-se perceber que, também, a função prevaleceu ao nomeá-la. Apesar de essa pesquisa não ter como objetivo elucidar a possibilidade de um empréstimo da língua portuguesa para a nomeação da categoria em língua de sinais, pode-se dizer que é provável que, como a categorização é um processo cognitivo, a seleção de ‘brincar’ para protótipo da categoria brinquedo não tenha sido motivada pela língua portuguesa. O mesmo ocorreu com outras categorias como será discutido em análises posteriores.

O protótipo escolhido para representar o nível básico da categoria ‘vestuário’ não foi um verbo que exprime a função da categoria, nem um membro específico da categoria em questão, mas um substantivo genérico ‘ROUPA’ que, de certa forma, é o nome de algo que se usa para ‘vestir’, ou seja, algo cuja função, *a priori*, seria a de cobrir o corpo. Representa, portanto, a função prototípica desenvolvida pelos objetos membros da categoria.

Tanto no agrupamento da categoria ‘brinquedos’ como no agrupamento da categoria ‘vestuário’ não houve nenhuma divergência nos dados gerados pela atividade desenvolvida pelos colaboradores. Esse fato demonstra que todos os elementos apresentados são aceitos

como membros da categoria e, portanto, estariam numa posição mais central da mesma, ou seja, em posição não-periférica. O fato de as categorias terem sido nomeadas, de certa forma, por sua função e não por um membro específico da mesma, pode ter contribuído para essa centralidade e, portanto, não há como se identificar nível superordenado nem subordinado em ambas.

Conforme a dimensão vertical da versão padrão da teoria dos protótipos tem-se o nível básico representado por um membro eleito prototipicamente entre os demais membros do grupo a ser categorizado. No caso das categorias ‘brinquedo’ e ‘vestuário’, esses elementos foram respectivamente BRINCAR e ROUPA. Percebe-se que se manifesta um processo de justaposição. O nível básico da categoria passa ao *status* de superordenado ao ser acompanhado por um ‘termo marcador de categorias em LS’<sup>44</sup>. No caso, ‘ETC.’. Em suma, na LS esse elemento em posição mais central, ou seja, o mais prototípico, o nível básico concorre para nomear a categoria.

*b) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (animais)*

O protótipo escolhido para representar o nível básico da categoria foi: ‘LEÃO’ (item “c” anexo III). Jesus classificou a macrocategoria dos animais, portanto, sem subcategorizá-la. Fofinha iniciou uma subcategorização. Felinos e cães pertenceram a esse grupo. Por que o porco não se encaixou nessa categoria? Lílica, por sua vez, subcategorizou os membros da categoria animal, incluindo em uma subcategoria, a categoria ‘felinos’, a categoria ‘caninos’ e não conseguiu subcategorizar ‘galinha’ e ‘porco’. Incluiu os dois itens numa categoria e denominou-a: ‘galinha’ e ‘porco’. É possível inferir, sem portanto ter-se a certeza, que a participante da pesquisa teve a intenção de subcategorizar e não conseguiu encontrar traços comuns para identificar um protótipo entre ‘galinha’ e ‘porco’ e entre esses dois animais e os demais apresentados. Esse fato gerou o que Lakoff (1987: 195-96) chamou de ‘gaveta de alfaiate’, aquela que abriga ‘o resto’, aquilo que não pertence a nenhuma categoria e que vai ser chamado, aqui, de ‘balaio de gato’. Os dois elementos ‘galinha’ e ‘porco’ não podem ser, no caso acima, considerados membros periféricos de alguma categoria de animais com relação às subcategorias representadas. Outro aspecto a ser tratado diz respeito ao fato de os insetos não terem sido enquadrados, de forma alguma, nessa categoria. Isso significa que não foram encontrados traços prototípicos de semelhança entre eles e os demais animais

---

<sup>44</sup> Esse termo pode ser chamado de: vocábulo para designação de categorias; vocábulo designador de categorias; termo para marcar categorias; termo nomeador de categorias ou outro. Ainda não se cunhou o termo mais adequado.

apresentados. O máximo que poderíamos dizer é que, em termos de graus de prototipicidade, os insetos partilhariam de traços mais periféricos da categoria.

*c) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (aves)*

O protótipo escolhido para representar o nível básico da categoria foi um verbo: VOAR (item “d” anexo III). Novamente, a categoria nomeada por sua função. Como na categoria ‘animais’, Lílca subcategorizou, também, a categoria ‘aves’ e não encaixou ‘coruja’ nem pingüim como membros dessa categoria. Novamente, esses elementos são enquadrados num ‘balaio de gato’. Não está claro se ela não os encaixa na categoria aves porque não pertencem a essa categoria ou se seriam os membros mais periféricos dessa categoria. Se a participante da pesquisa teve a oportunidade de encaixar ‘galinha’ nessa categoria que incluía a coruja e o pingüim e ter deixado o ‘porco’ sozinho, que seria uma possibilidade, parece que isso torna evidente que: coruja, pingüim, galinha e porco são elementos periféricos.

Manifestou-se para nomear essa categoria, também, o termo PIAR. Pode-se dizer que este, dentro do *continuum* de graus de prototipicidade, ocupa, também, uma posição mais central dentro da categoria, apesar de ser mais periférica que VOAR. Portanto, no surgimento de uma subcategorização, é um forte candidato a participar da nomeação de níveis subordinados dentro da categoria.

*d) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (insetos)*

A barata foi o inseto prototípico eleito como nível básico da categoria (item “e” anexo III) e não ‘asas’, atributo prototípico que já preencheu a lacuna lingüística da categoria ‘aves’. A antena é a representação metonímica de parte pelo todo do referente ‘barata’. Essa antena que, no mundo extralingüístico, é representada em ‘forma’ de duas hastes, passa metonímica e iconicamente a ser a representação lexical do referente ‘barata’, que, como sendo representante de nível básico da categoria ‘insetos’, por ser prototípica, foi escolhida para denominar a categoria.

Essa relação prototípica é tão marcada que amplia a função desse protótipo, tornando-o um classificador para representar traços de outros itens lexicais. Parece emergir do classificador citado, uma função morfêmica para constituir outros itens lexicais dentro de uma mesma categoria. Aparentemente, os membros dessa categoria, cujos itens lexicais estariam constituídos desse classificador morfêmico se situariam no *continuum* de relações

prototípicas, num lugar mais próximo ao nível básico. Outra relação que emerge também na exemplificação da categoria ‘insetos’ é a metaforização.

O ícone lingüístico (mental) que designa antena, na LSB, exerce diferentes funções: (i) é *UL* que nomeia um membro de uma categoria e, prototipicamente, a categoria a que esse membro representa; (ii) é *morfema* que compõe outros itens lexicais que estão em relação de semelhança com o protótipo da categoria e, ainda, (iii) exerce *função metafórica* quando amplia seu sentido para nomear aquele que anda como barata (tonta), aparentemente sem rumo, de um canto a outro, que é o caso de um indivíduo bêbado.

Ao analisar esses dados é possível verificar o surgimento de novos termos que podem substituir o ‘termo para nomear categoria em LSB’. O uso e a apresentação de modelos podem auxiliar na concorrência desses termos. Entretanto, comparando-os com as figuras 3, 4, 15, 23, 24 e 25 (anexo V), pode-se perceber que ainda impera como termo que nomeia categoria aquele apresentado nesse trabalho por ETC. Apesar disso, não é possível ignorar que, ao analisar a designação de algumas categorias, não é possível resgatar um protótipo para elas. Por esse motivo, o ‘termo para nomear categoria em LSB’ se torna desnecessário, como é o caso de datas comemorativas (Figura 17 – anexo V), cores (Figuras 31 e 32 – anexo V), país / países (Figura 28 – anexo V), esporte (Figura 30 – anexo V).

Um outro aspecto saliente na análise desses dados diz respeito ao acréscimo de PEQUENO e DENTRO na designação da categoria. ‘Pequeno’ poderia ser analisado como uma outra característica prototípica dos insetos e que ocupa posição mais central dentro da categoria. Com relação a ‘dentro’ pode ser associado ao fato de que alguns insetos como baratas e formigas e muriçocas convivem com o ser humano até mesmo dentro de suas casas. Os dois aspectos podem ser mais freqüentes caso haja a necessidade de especificar, em estudos mais detalhados, outras subcategorias dentro da categoria dos insetos.

*e) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (bebidas)*

Na posição prototípica para líquido não foi detectado um líquido especificamente prototípico como poderia ser a água, leite, suco, ou ainda outro (item “F” – anexo III). Flutuou na posição mais central do protótipo, além da função do líquido que é beber propriamente dito, o recipiente no qual se insere o líquido. Nesse sentido, além de ‘BEBER’, houve registro de: ‘BEBER DENTRO COPO’, o que poderia corresponder a

um concorrente do paradigma BEBER ETC., ou um concorrente a uma possível subcategoria diante de um evento em que fosse necessário separar os líquidos acondicionados em um recipiente dos líquidos que não estivessem delimitados. Os líquidos sem recipiente seriam mares, lagos, rios, poças?

Somente uma análise diacrônica, entretanto, pode auxiliar a análise e a compreensão da evolução do termo. Daí é que se poderá dizer, realmente, qual a forma mais produtiva, a que mais se fixou/fixará para a formação de nomes das categorias em língua de sinais.

*f) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (alimentos)*

O protótipo escolhido para representar o nível básico da categoria (item “g” – anexo III), por um lado, foi um verbo: COMER. Por outro lado, em representação de subcategorias emergiu, por exemplo, para ‘doces’ a forma AÇÚCAR – o ingrediente essencial para a fabricação de doces e que representa, por excelência, o paladar doce e, portanto, pode nomear a categoria pelo traço com alto grau de prototipicidade no grupo, percebido pelo paladar. É um traço sinestésico interveniente na categorização.

Pequenas alterações prototípicas também na categoria podem ser vistas e explicadas à luz da versão ampliada da teoria dos protótipos. A teoria de semelhança de família se faz bastante presente nesse nível, pois uma situação prototípica não ocorreu. Essa análise corrobora a idéia de que se deve falar em graus de prototipicidade, pois os itens destacados para o agrupamento não constituem exemplares idôneos da categoria anteriormente analisada.

Outra forma de caracterizar que surgiu durante o experimento, foi uma categoria com base na negação. Fofinha agrupou os alimentos em dois grupos: o grupo dos alimentos que têm açúcar (‘AÇÚCAR ETC.’) e o grupo dos alimentos que têm sal (‘SAL’) ou que não têm doce (‘AÇÚCAR SEM’). Essa denominação pela negação leva à suposição de que o ‘açúcar’ seria um traço prototípico dos alimentos e, por isso, existem os ‘alimentos com-açúcar’ vs. os alimentos ‘sem-açúcar’, esse último grupo como equivalente aos ‘alimentos salgados’.

*g) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (frutas)*

Para essa categorização (item “h” – anexo III), manifestaram-se dois protótipos: um objeto, a fruta prototípica, a maçã, e um verbo, como já apresentado em categorias anteriores, ‘COMER’.

Fofinha subcategorizou, anteriormente, os alimentos em grupo dos ‘doces’ e grupo dos ‘salgados’ ou dos alimentos ‘sem doce’. Ao denominar o grupo das frutas optou pelo nível superordenado que é hiperônimo da categoria frutas. Com essa opção, generalizou o grupo frutas, denominando-o por ‘COMER ETC.’, ação humana diante dos alimentos.

*b) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores (categorias divergentes)*

Nenhum desses agrupamentos foi resultado de consenso (item “i” – anexo III). Foi bem distinta a forma como os colaboradores agruparam alguns elementos. Por isso, a necessidade de se analisar esses grupos e seus respectivos elementos em categorias divergentes. A análise desse tipo de agrupamento leva a entender cada elemento como um exemplar periférico na categoria.

O termo MISTURAR pode ser analisado como exemplo de uma categoria da qual não seria possível representar um único elemento prototípico, dada à multiplicidade de elementos pertencentes a essa categoria, ao que teria sido chamado por Cuenca (1999) e Lakoff (1987) de ‘gaveta do alfaiate’ e que está sendo chamado nesta pesquisa de ‘balaio de gato’, como dito antes. A opção dos colaboradores foi formar grupos com esses elementos e nomeá-los por ‘MISTURA(R)’. Outra análise também pode ser feita, até mais pertinente que a primeira. Como tomate é um item prototípico de saladas, pode ser que tenha sido agrupado como membro de saladas, que tem como sinal o próprio verbo ‘MISTURAR’.

Fofinha novamente categoriza pela negação os elementos que não cabem no grupo dos animais que voam. Ela inseriu, também, pato, galinha, pingüim e porco numa mesma categoria. Como AINDA-NÃO / SEM VOAR ou ANDAR FICAR, pois ela categoriza pato e galinha como animais terrestres, apesar de terem asas. A opção da colaboradora deve estar associada à experiência que deve ter com porcos, pato e galinha criados em cercados, sem voar como os pássaros.

A nomeação de um grupo como ‘D-E-R-I-V-A-D-O’ procede. Afinal, todos os elementos agrupados pela colaboradora Lílca são derivados do leite. Leva-se em consideração que não é o pão do misto quente que é derivado. Possivelmente, o recheio do misto, o queijo.

A partir dessa análise, conclui-se que, por vezes, o protótipo pode ser determinado por um atributo do elemento da categoria, representado por uma ação ou função dos elementos pertencentes à dada categoria: aquilo que todos os membros do grupo fazem com frequência (voar, comer etc.) ou para que serve cada elemento da categoria (brincar, beber).

*i) Análise dos agrupamentos propostos pelos colaboradores ('balaio de gato')*

Esses são os elementos que, de certa maneira, sobraram no agrupamento dos colaboradores (item “j” – anexo III). Não há muito que dizer sobre eles. Somente confirma-se a hipótese de que membros mais periféricos são mais difíceis e difusos quando agrupados dessa ou daquela maneira. A figura do pato não apareceu em nenhum agrupamento de Lilica. Possivelmente, foi descartada com as tiras de papel cortadas da folha entregue para recorte no experimento I. Lilica também não reconheceu a ilustração do sorvete. Colou-a sozinha, de cabeça para baixo.

Não é possível afirmar o motivo que levou a participante da pesquisa a não incluir a abelha entre os insetos. Entretanto, a participante nomeia essa categoria por VOAR<sub>(CM em pinça)</sub> + PICAR. Essa designação ressalta, inclusive, um atributo da abelha. Essa opção poderia estar associada ao fato de que barata, mosca, pernilongo, muriçoca, formiga, entre outros insetos, não trazem nenhum benefício para o homem, pelo contrário, trazem prejuízos para o homem, enquanto a abelha é um ‘inseto’ não-nocivo que traz benefícios para o homem como o mel que produz? A opção estaria associada a sensações? Seria uma questão sinestésica? Não há indícios suficientes para confirmar a hipótese levantada, entretanto, aponta-se uma questão que pode ser pesquisada com mais profundidade em momento posterior.

*1.2.4.2. Experimento II: apresentação e análise dos dados*

Esse experimento tratou, mais especificamente, de identificar a designação de subcategorias, portanto, dos níveis subordinados. O *corpus* gerado a partir da aplicação do instrumento ‘B’ (anexo II) encontra-se no anexo IV.

Na análise da nomeação das subcategorias, pelos surdos colaboradores, não houve conflito na nomeação das categorias: frutas (MAÇÃ ETC.); vestuário (ROUPA ETC.); brinquedos (BRINCAR ETC.); insetos (ANTENA ETC.). Na categoria referente a líquidos ou bebidas, emergiu o protótipo de ‘água’ como elemento central na categoria das bebidas, o qual foi citado na análise dessa categoria no instrumento I desta etapa.

O termo VARIEDADE concorreu com ETC. como indicador de categoria/subcategoria na categorização dos caninos (por Fofinha), dos felinos (por Lilica) e das aves (novamente por Fofinha).

O hiperônimo 'LEÃO^ETC.' concorre com o hipônimo da categoria 'CACHORRO^ETC.', mas não no dialeto dos colaboradores com o estudo. Por isso, na atividade de Fofinha, a subcategoria 'caninos' é denominada por um elemento básico 'cachorro'.

Situação diferente ocorre com a subcategoria dos felinos, uma vez que o leão é o protótipo do nível superordenado e do nível subordinado. Ocorreu, portanto, o acréscimo de outro elemento em grau central de prototipicidade ou a substituição dele por esse elemento em posição mais central e que represente características da categoria, para preencher a lacuna de especialidade exigida pela categoria dos 'felinos'. Por isso ocorre 'LEÃO^BIGODE^ETC.' ou somente BIGODE^ETC. O mesmo comportamento da subcategoria dos felinos tem a categoria 'aves' na qual concorrem 'BICO', 'VOAR' e a digitação do nome da categoria em LP: A-V-E-S. Esta última está mais próxima de um empréstimo lingüístico do que de um protótipo propriamente dito.

Por fim, é necessário destacar o protesto de Jesus dirigido à pesquisadora. Ele chamou-lhe a atenção para o agrupamento dos felinos, argumentando que havia um grande equívoco. 'Se uma criança vir o desenho de um gato entre os felinos terá a impressão de que um gato pode virar leão', disse. A situação posta nesse contexto leva a algumas reflexões: os surdos categorizam o mundo como os ouvintes? A forma de categorizar o mundo por ouvintes e surdos tem relação cognitiva ou é fruto de estereótipos constituídos socialmente e difundidos em ambientes de ensino, em espaços de escolarização?<sup>45</sup> Fica a necessidade de aprofundar a questão. Entretanto, nada pode ser afirmado a partir do comentário do participante da pesquisa. Ao retomar as ilustrações do agrupamento dos felinos emerge o

---

<sup>45</sup> Os indícios apontados nessa pesquisa chamaram a atenção de neurologistas e neurolingüistas portugueses. Entre eles a Profa. Ana Mineiro, co-orientadora desta tese, e o Prof. Castro Caldas, ambos da Universidade Católica Portuguesa. Essa reflexão foi mote e referência para a candidatura de um projeto intitulado: "*Thinking, Learning and Talking in the Deaf Way*" ao Concurso da FCT /2008 sob a ref<sup>a</sup> PTDC/CLE-LIN/101816/2008, lacrada no dia 4/2/2009 às 21:33:45, pela Universidade Católica Portuguesa (UCP), sob a coordenação da Profa. Ana Mineiro. A pesquisa proposta por esse projeto pretende ampliar o número de participantes e contemplar 4 grupos: surdos brasileiros (falantes de LSB), surdos portugueses (falantes de LGP), ouvintes brasileiros e portugueses falantes de português. A idéia é neutralizar a língua e identificar os processos de categorização das duas comunidades a partir de uma base empírica e outra imagiológica. Caso este projeto seja aprovado, representará, antes de tudo, uma oportunidade de estreitar laços científicos entre Brasil e Portugal e, mais ainda, fornecerá dados quantitativos que apontarão caminhos para a pesquisa qualitativa bastante incipiente, pois teve como objetivo inicial apenas identificar processos de categorização de surdos a fim de identificar os motivos que os levam a nomear categorias por meio de protótipos. Representará, também, a possibilidade de elaboração de um repertório bilíngüe LGP-LSB.

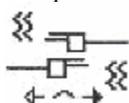
fato de a ilustração do gato, inserida no experimento, parecer-se muito com a de um “filhote de gato” e esse fato pode ter levado o colaborador a fazer a declaração que fez.

#### 1.2.4.3. *Análise geral do estudo exploratório*

Aplicados os experimentos, levou-se em conta, para a análise, três abordagens complementares de análise lingüística: dialética, cognitiva e funcional. Cotejados os dados gerados com as versões padrão e ampliada da teoria dos protótipos, concluiu-se que ambas se prestam produtivamente à nomeação de categorias da LSB. A versão padrão auxilia no entendimento do processo de formação de palavras da língua de sinais, bem como no processo de nomeação de uma categoria dessa língua – cumpre, nessa instância, um papel morfológico. A versão ampliada, sob a ótica do *continuum* dos graus de prototipicidade, auxilia na subcategorização, mais especificamente, no preenchimento de lacunas subcategoriais e explica a variação na escolha prototípica, com base na posição mais central ou mais periférica que o elemento ocupa dentro de dada categoria. O nível básico da categoria passa ao *status* de superordenado ao ser acompanhado por um ‘indicador de categorias em LSB’. Grosso modo, na LSB, esse elemento em posição mais central, ou seja, o mais prototípico, o nível básico concorre para nomear a categoria.

O experimento I sustentou a versão padrão da Teoria dos Protótipos. A versão padrão contribuiu com o estudo morfológico da LSB na medida em que permitiu o entendimento do processo de formação de palavras, bem como do processo de nomeação das categorias na LSB. A figura 03 apresenta a distribuição da categoria dos animais como organizada por um dos participantes da pesquisa a qual denominou: LEÃO ETC.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Representação do item ETC. em *signwriting*:



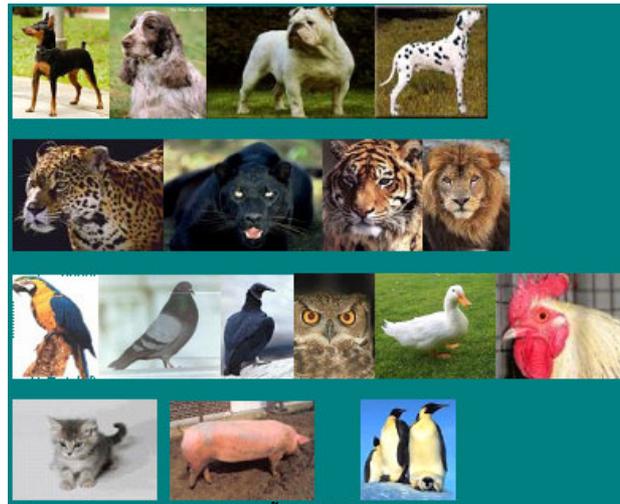


Figura 03 – Categorização dos ANIMAIS em LSB

Na dimensão horizontal, 'leão' aparece como protótipo da categoria 'animal'. Na dimensão vertical, 'leão' ocupa o nível básico da categoria 'animal'.

O experimento II confirma a existência de graus de prototipicidade, dispostos num *continuum*. Esses graus de prototipicidade aparecem na versão ampliada da Teoria dos Protótipos. Ao preencher lacunas de subcategorias, os colaboradores elegeram um outro protótipo que não é o mais central da categoria, porque o mais central já foi empregado na denominação da categoria. Sabe-se, porém, que esse candidato eleito para preencher a lacuna de subcategoria não é um elemento periférico, mas outro elemento que ocupa, também, uma posição mais centralizada no *continuum* da categoria. Como não há um único exemplar idôneo para representar a categoria, muitas vezes, os elementos em posição mais central contribuem para que a lacuna da subcategoria seja preenchida por mais de um elemento em coocorrência e, posterior, concorrência. A variação na escolha prototípica implica a variação denominativa da categoria.

Ao desenvolver experimento II, os participantes depararam-se, no nível subordinado, com a necessidade de nomear a subcategoria dos felinos. Tratava-se, aparentemente, de 'tipos de leão'. Portanto, LEÃO<sup>^</sup>PINTA (para designar onça), LEÃO<sup>^</sup>LISTRA (para designar tigre), LEÃO<sup>^</sup>NEGR@ (para designar pantera). A figura 04 mostra a categorização preparada pela pesquisadora para o experimento, a partir da qual os participantes da pesquisa tiveram de nomear a subcategoria dos felinos.



Figura 04 – Categorização dos felinos (pela pesquisadora)

Diante da necessidade de subcategorizar, em LSB, o grupo dos animais que mais se assemelha ao leão, caso do grupo dos felinos, surge um conflito que impõe a inserção de outro protótipo para designar a subcategoria. Por exemplo, o bigode ou a juba, a partir de outra representação, podem ser soluções para o conflito que surge para a comunidade de falantes para quem, inicialmente, bastava chamar animais de 'leão' e agora precisa nomear um subgrupo no qual o leão faz parte e, ainda, é um protótipo desse grupo. Faz-se necessário buscar outros protótipos em posições mais centrais para designar essa subcategoria. Na pesquisa em questão, ao nomear a subcategoria dos animais 'felinos', a composição eleita pelos pesquisados, para denominar a categoria foi LEÃO^BIGODE^ETC. (Articulado com as duas mãos em CM 10 puxando suavemente as bochechas e fechando-as na CM 09 (vide Quadro 33 de CMs do grupo 1, p.183). A partir dessa atitude do falante de LSB, é possível afirmar que não há um exemplar idôneo da categoria, mas protótipos em posições mais centrais que, dentro do *continuum* de prototipicidade, concorrem para constituintes de denominações de categorias em LSB.

Os surdos colaboradores empregaram o nível básico tanto para nomear a categoria do nível superordenado como para, em alguns casos, especificar, por meio de complemento prototípico, níveis subordinados da categoria. Percebe-se, portanto, que não há um único exemplar idôneo da categoria, mas elementos centrais que, dentro do *continuum* de prototipicidade, concorrem para serem eleitos como protótipos pela maioria dos falantes da LSB. Pode-se deduzir a existência de uma hierarquia nesses graus de prototipicidade: os elementos centrais não escolhidos para o nível básico são fortes candidatos a nomear subcategorias, em níveis subordinados de prototipicidade e, conseqüentemente, de categorização. Essa análise favorece reflexões que levam à lematização e organização de verbetes na representação lexicográfica de categorias em dicionários bilíngües: LSB e LP.

Em síntese, ao nomear um referente, um falante nativo de língua de sinais, por processo metonímico, elege, prototipicamente, para representá-lo, um atributo físico relacionado à forma ou à função exercida por esse referente. Esse atributo, prototipicamente motivado

pela cognição e pela cultura do falante, torna-se um ícone lingüístico<sup>47</sup> na língua de sinais, pois dissocia-se da forma que o motivou inicialmente. Em outras palavras, esse ícone lingüístico é cognitivo e perde sua afinidade com a forma que, inicialmente, o motivou. Os ícones lingüísticos prototípicos, mais centrais, são armazenados no *lexicón*<sup>48</sup> da LSB. Eles são potenciais constituintes tanto para a nomeação de categorias como de subcategorias da LSB. Esse protótipo ainda pode ser tomado metaforicamente, ampliando seu significado. Por exemplo, o protótipo – de nível básico para inseto – ‘barata’ nomeia a categoria “insetos” quando associado ao indicador de categoria e ainda pode ser, metaforicamente, expandido para nomear bêbado (aquele que anda como uma ‘barata tonta’).

Uma vez apresentada a distinção entre os fenômenos semânticos produtivos no léxico da LSB, é preciso analisá-los simultaneamente, para se ter uma visão ampla da UL na língua em questão.

Lakoff (1986) situa a metonímia na origem dos efeitos prototípicos. A conseqüência dessa proposta é converter em facultativos os dois elementos utilizados para realizar o protótipo da versão padrão: a identidade de critério sobre o protótipo e sobre o estatuto de subcategoria do exemplar prototípico. A partir dessa reflexão, de forma esquemática pode-se verificar como tais fenômenos inserem-se nos estudos da LSB:

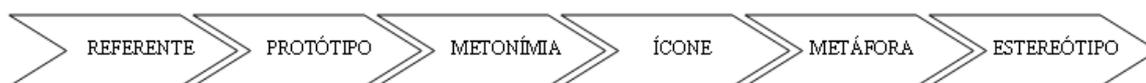


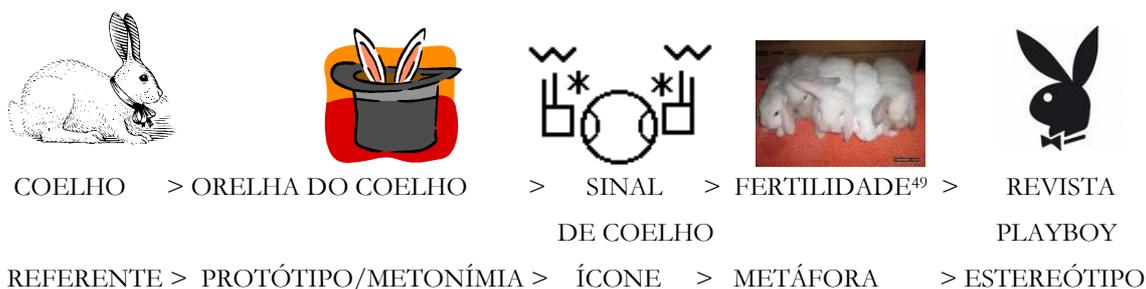
Figura 05 – Fenômenos presentes no processo de nominalização em LSB.

Assim, a orelha de um 'coelho' pode ser a metonímia eleita prototipicamente para representar um *coelho* (referente). O formato de uma mão, representando o que se parece com a orelha de um coelho, é um traço de iconicidade, altamente cognitivo, incorporado à língua. Quando esse ícone lingüístico amplia sua significação, passando a outros sentidos, tem-se a metáfora. No caso ilustrado, a partir do momento em que o coelho é associado ao símbolo da revista playboy, passa-se a uma representação metafórica do conceito de coelho (cf. FARIA, 2003). No caso de esse conceito metafórico ser tomado socialmente, ele passa a estereótipo.

<sup>47</sup> O conceito de iconicidade lingüística aplicado à pesquisa é o mesmo de iconicidade cognitiva.

<sup>48</sup> O termo *lexicón*, conforme empregado nesse estudo, não pode ser confundido com o termo 'léxico'. A seção '1.3.5.', desse capítulo, define e sistematiza o *lexicón* da LSB.

(1)



Outro exemplo, o tronco de uma 'árvore' é a representação metonímica da árvore eleita prototipicamente para representá-la. O sinal que designa árvore é um ícone lingüístico dessa metonímia. Se os falantes de LS dizem que alguém é árvore, esta passa a exercer uma representação metafórica que indica passividade, ausência de atitudes diante de dada realidade. Esse conceito metafórico tomado socialmente passa a estereótipo.

(2)



Uma vez que os colaboradores da pesquisa são escolarizados, não se pode desconsiderar que muitas opções feitas por eles já estejam imbuídas de informações socialmente constituídas e não de suas percepções, exclusivamente, cognitivas, constituídas *a priori*. Apesar disso, o agrupamento aleatório pode ter contribuído para, pelo menos, captar parte das percepções cognitivas dos falantes de língua de sinais que fogem ao ensino sistematizado pela escola.

Percebeu-se que, de uma maneira geral, em LSB, uma UL de nível básico, acompanhada de termo denominado nesse estudo por 'indicador de categoria em LS' (Figuras 1 e 2 - anexo V), eleva o *status* do protótipo ao nível superordenado. Em parte, o mecanismo construcional para a nomeação de categorias em LSB fica morfológicamente resolvido por meio da composição de nova UL por justaposição. Nomeia-se a categoria com a unidade lexical prototípica acompanhada de outra UL que especificará a função denominativa da categoria na língua. Não se trata de sufixo, pois sufixo não tem função se estiver isolado, mas é uma UL que passa a ser componente para todo grupo classificado, que é o caso da UL cuja glosa pode ser COISAS / VÁRI@ / DIVERS@ / ETC. (Figuras 1 e 2 - anexo V). Para fins didáticos, esse trabalho chama o item prototípico da categoria de *vocabulo*

<sup>49</sup> O coelho representa a fertilidade, a virilidade, a sensualidade e, por isso, deve ter sido escolhido como símbolo de uma revista erótica masculina.

*especificador* e o item composicional para determinar que se trata de categoria de *indicador de categoria*.

Grosso modo, a representação das categorias em LSB parece seguir este esquema básico, contudo, flexível em decorrência das relações pragmáticas estabelecidas pela língua. Seguem exemplificados, em síntese, os protótipos identificados na pesquisa sob o esquema básico de categorização da LSB, apresentados anteriormente:

<b>Animal = LEÃO (vocábulo especificador) + ETC. (indicador de categoria)</b>	
<b>VOCÁBULO ESPECIFICADOR + INDICADOR DE CATEGORIA</b>	
<b>LEÃO</b>	<b>ETC.</b>
– Nível Básico para brinquedos = BRINCAR	
Geração do nível superordenado da categoria = BRINCAR ETC.	
– Nível Básico para vestuário = ROUPA	
Geração do nível superordenado da categoria = ROUPA ETC.	
– Nível Básico para animais = LEÃO	
Geração do nível superordenado da categoria = LEÃO ETC.	
– Nível Básico para aves = VOAR	
Geração do nível superordenado da categoria = VOAR ETC.	
– Nível Básico para bebidas = BEBER	
Geração do nível superordenado da categoria = BEBER ETC.	
– Nível Básico para alimentos = COMER	
Geração do nível superordenado da categoria = COMER ETC.	
– Nível Básico para insetos = BARATA	
Geração do nível superordenado da categoria = BARATA ETC.	
– Nível Básico para frutas = MAÇÃ	
Geração do nível superordenado da categoria = MAÇÃ ETC.	
– Nível Básico para doces = AÇÚCAR	
Geração do nível superordenado da categoria = AÇÚCAR ETC.	

Quadro 02 – Síntese dos processos construcionais – Experimento I

Contrastadas as categorias identificadas no estudo exploratório a partir da aplicação dos dois experimentos, cujos agrupamentos foram esquematizados no Quadro 02 com as categorias repertoriadas em Capovilla *et al.* (2001), percebeu-se que as denominações para animais, insetos, frutas e doces (uma das representações identificadas na pesquisa) encontradas no estudo exploratório são idênticas às denominações apresentadas em

Capovilla *et al.* (2001). As categorias brinquedos, vestuário e aves foram diferentemente representadas em ambos os repertórios. Em Capovilla *et al.* (2001), a categoria ‘aves’ foi representada por BICO-ASA, ‘vestuário’ não foi categoria de entrada. Há entrada para roupa e para vestir-se. Em roupa, há uma nota, em LP, que diz ser (roupa) qualquer uma das peças do vestuário. A categoria ‘brinquedo’ foi representada por BRINCAR, com equivalência para ‘brincar’, ‘brinquedo’ e ‘brincadeira’, em LP.

Apesar da pequena divergência encontrada entre os dados do Capovilla *et al.* (2001) e os dados gerados pelo estudo exploratório, possivelmente por questões relacionadas a regionalismos em LSB, essa análise parece estar em consonância com as duas versões da Teoria dos Protótipos. As duas versões se completam. Apesar disso, não pode ser apresentada como única possibilidade de denominação de categorias em LSB, pois foram encontradas categorias que não são nomeadas por elementos prototípicos acrescidos pelo “indicador de categoria”, mas por uma UL simples. ‘Datas comemorativas’, ‘país’, ‘planta’, ‘esporte’ (Figuras 28, 29 e 30 - anexo V) são categorias que não foram construídas, em LSB, por exemplo, por NATAL^ETC., BRASIL^ETC., ÁRVORE^ETC., FUTEBOL^ETC., como seria previsível pelo paradigma apresentado: elemento mais central do *continuum* de prototipicidade acrescido do “indicador de categoria”. Por outro lado, há categorias que não emergiram nos experimentos aplicados nessa pesquisa, mas que seguem o paradigma geral como é o caso de instrumentos musicais (FLAUTA^ETC.).

Em princípio, a categoria ‘cores’ entraria entre aquelas que não foram nomeadas por ‘elemento prototípico’ acrescido de ‘indicador de categoria’, pois numa análise sincrônica e superficial da LSB, a categoria cor é designada por uma UL, aparentemente, diferente da prevista no paradigma.

Entretanto, uma análise diacrônica do termo cores em LSB, sustentada na teoria dos protótipos, em análise, demonstra a presença de opacidade nas duas formas encontradas para designar a categoria cor, a saber, cor (Figura 31 – anexo V) e cores (Figura 32 – anexo V) e possibilita uma percepção diferenciada do processo de construção da designação para essa categoria. Como verificado no estudo dos protótipos, as categorias de nível superordenado são denominadas, normalmente, em LSB, grosso modo, por um **vocábulo especificador da categoria**, normalmente constituído de um elemento prototípico do nível básico da categoria (ou de atributo desse elemento), acompanhado do **indicador de categoria** representado pela glosa “ETC.” em LP.

Tentou-se uma análise diacrônica da designação de ‘cores’. Buscou-se a denominação da categoria ‘cores’ nos repertórios de Flausino (1875) e Oates (1983:165-7). O primeiro não contemplou a categoria cores. Flausino (1875), praticamente, não nomeia categorias em nível superordenado. Oates (1983:165-7) inseriu a designação para a categoria “cores” em seu repertório (Figura 32 – anexo V). Os dados encontrados em Oates facilitaram uma comparação com o repertório de Capovilla *et al.* (2001) e o estabelecimento de uma análise diacrônica.

Foi localizada, no repertório de Oates (1983), como designação para a referida categoria, a composição VERMELHO (Figura 33 – anexo V) e ETC. (correspondente à Figura 01 – anexo V). Esse modelo segue o paradigma da categorização em LSB. Por que, então, os falantes de LSB teriam rompido com esse paradigma e construído uma nova UL para denominar a categoria, se a lacuna da categoria já estava preenchida com um termo cuja estrutura é perfeitamente aceitável pelos falantes de LSB? No início da pesquisa, não se havia identificado, ainda, os processos construcionais para as designações encontradas para cor/cores (Figuras 31 e 32 – anexo V), como novos nomes, mas como fruto de evolução resgatada em análise diacrônica. Este estudo, então, resgata e idealiza a evolução diacrônica do nome da categoria “cor”.

Os processos assimilativos que atuam nas línguas deram origem à “teoria do menor esforço”. Segundo Fromkin & Rodman (1993:335) nessa teoria, “as mudanças [...] devem-se em primeiro lugar, à “preguiça” lingüística uma vez que ao falarmos fazemos o mínimo esforço. Por outro lado, os autores ressaltam também que, embora se verifique simplificação nas gramáticas, encontramos também elaboração ou complexificação.

Entendidos esses processos (de assimilação e de complexificação) como naturais nas línguas e aceita a adaptação lexical como forma de sobrepor informações semânticas sobre uma UL, será possível entender que a tendência dos falantes de LSB é a de assimilar lexias complexas, tornando-as ULs únicas. É fato que o fenômeno de complexificação também ocorre em LSB. Para o momento, entretanto, no *corpus* de estudo, foram identificados especialmente os casos de assimilação. Assim, por meio da alteração rítmica, da alteração da velocidade de articulação da UL<sup>50</sup>, é possível supor que a denominação da categoria cor,

---

<sup>50</sup> Esse fenômeno de aceleração rítmica da articulação de uma UL simples em LSB, resultante da composição de duas outras UL simples, permite uma análise contrastiva com fenômeno equivalente nas línguas orais. O fenômeno encontrado na construção em LSB parece contrastar com a alteração de acento na composição de termos em LOs, que ocorre quando duas palavras se unem para formar uma UL simples. Ocorre uma perda do acento da primeira palavra constituinte da

presente hoje, na LSB, nada mais é do que o fruto da evolução dos itens presentes no paradigma VERMELHO ETC.

Numa hipótese de reconstituição diacrônica das mudanças ocorridas nessa UL, é possível dizer que o fato de VERMELHO ser uma unidade articulada nos lábios, atraiu a articulação de ETC. para perto dos lábios. Assim se constituiria o primeiro estágio de evolução do nome da categoria cor, em LSB.

No segundo estágio, levanta-se a hipótese de que as duas CMs (de VERMELHO e de ETC.) sofreram amálgama. Justifica essa hipótese, a proximidade de articulação dos dois itens e relativa semelhança no parâmetro da CM de ambos.

Por hipótese, considera-se, ainda, que a CM de VERMELHO é mais distintiva do que a CM de ETC., pois a CM de VERMELHO é mais icônica, e por que não dizer também mais dêitica que a outra, pois remete à apontação de uma parte do corpo (lábios) que metonimicamente faz referência à cor vermelha. Os repertórios acessíveis para pesquisa não contêm dados suficientes para confirmar ou refutar essa hipótese, mas é possível entender que, num continuum desse estágio, ou, até, no lugar dele, a CM teria passado por uma “distensão” direta, um relaxamento na articulação da CM, que resultaria nas variantes em uso atualmente (Figuras 31 e 32 – anexo V). Nessa hipótese, em síntese, a marca de CM, de ‘dêitica’, caso de VERMELHO, teria flutuado entre a fixação da CM de ETC., como ocorre na articulação do nome COR na Figura 31 (anexo V) e a CM expandida (toda a mão aberta). Também esse exemplo parece comungar da “teoria do menor esforço”<sup>51</sup> mencionada anteriormente (cf. FROMKLIN & RODMAN, 1993:53).

Sinais próximos do rosto não são articulados, normalmente, com as duas mãos. Essa formação seria redundante e desnecessária. Esta propriedade lingüística teria provocado o terceiro estágio de evolução da denominação da categoria COR, em LSB: a UL passaria a ser articulada com uma única mão. Nesse estágio evolutivo, a articulação da UL resultaria em uma CM da mão toda aberta, com movimentos alternados dos dedos e com

---

composição e permanece o acento da sílaba tônica da segunda palavra constituinte da nova UL. Essa análise foi sugerida, inicialmente, por Heloisa Salles, após assistir à divulgação do fenômeno equivalente, presente na LSB, durante comunicação apresentada na V Semana de Estudos Lexicais, promovida pelo Centro Lexterm na Universidade de Brasília.

<sup>51</sup> Um exemplo desse fenômeno de “relaxamento” da CM está presente na constituição da UL “e-mail” (Figura 34 – anexo V), em LSB, que teve como configurações da mão-ativa a CM47 que passou à CM57; como configurações da mão-passiva a CM02 que passou à CM11 (vide Quadros 37 (p.180); 33 (p.177) e 40 (p.182).

Movimento externo da mão que inicialmente se posiciona diante dos lábios e se movimenta na direção ao espaço neutro. Então, duas das variantes tomadas como designação para o nome da categoria cor, em LSB, são fruto da apócope da nomeação prototípica de categorias em LSB, constituída inicialmente, pelo **vocábulo especificador da categoria** “VERMELHO” acompanhado do **indicador de categoria** “ETC.”

Essa análise aponta fortes indícios de que outros nomes de categorias, totalmente opacos no presente, podem ter percorrido caminho semelhante para a denominação do nível superordenado da categoria que nomeia. Esse estudo, porém, não é escopo dessa pesquisa.

Por toda a análise apresentada, é possível dizer que, de uma maneira geral, uma categoria em LSB pode ser formada por um elemento que ocupa posição mais central no *continuum* de prototipicidade da categoria, associado ao “indicador de categoria”, ou ainda, por um elemento nada prototípico, mas que, por algum motivo não evidenciado ainda na pesquisa, também representa toda a categoria.

Em destaque será analisada a UL LEÃO por evidenciar, legitimamente, praticamente todos os níveis em que se encontra um protótipo em LSB. Na dimensão horizontal, ‘leão’ aparece como protótipo da categoria ‘animal’: o exemplar ‘mais idôneo’, possivelmente motivado pelo histórico que tem o leão, na cultura brasileira – senão em diversas outras culturas – de ser o rei dos animais.

Não se pode esquecer, porém, que a variação lingüística também ocorre em LSB. Essa variação pode ser, como nas línguas orais, diatópica<sup>52</sup>, diafásica<sup>53</sup> e diacrônica<sup>54</sup> e se manifesta entre os falantes de diferentes faixas etárias. Em Brasil (2001), Figura 03 (anexo V), material lexicográfico voltado para o ensino de crianças, o protótipo que representa a categoria dos animais não é um animal, como o leão, encontrado em Capovilla *et al.* (2001), (Figura 4 – anexo V), mas garras, que representam, prototipicamente, uma característica, um atributo dos animais quadrúpedes e selvagens, por meio das quais esses animais atacam. Por exemplo, entre eles encontram-se o leão, a pantera, a onça, o tigre e também o cachorro. Essa caracterização aponta para o fato de que os animais selvagens ou ferozes ocupam uma posição mais central no continuum de prototipicidade dos animais. O fato de

<sup>52</sup> *Variação lingüística diatópica*: é a que ocorre de uma região para outra.

<sup>53</sup> *Variação lingüística diafásica*: é a que está relacionada às diferentes situações de comunicação. Está relacionada com fatores de natureza pragmática e discursiva. Em função do contexto, um falante varia o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias.

<sup>54</sup> *Variação lingüística diacrônica*: é a que ocorre com o decorrer do tempo e está relacionada à diacronia.

ser material didático voltado a criança pode não ser o foco nesse momento. Há que se verificar se também os adultos, falantes da LSB, em Santa Catarina, designam os animais da forma registrada em Brasil (2001) ou da forma registrada em Capovilla *et al.* (2001). Se o primeiro caso for verdadeiro, tem-se uma variação lingüística regional; se verdadeiro for o segundo caso, tem-se uma variação por faixa etária. Para efeito dessa análise, será considerada a designação da categoria animal por LEÃO^ETC.

Na dimensão vertical, o leão ocupa o nível básico, a imagem mental que representaria a categoria ‘animal’. No nível subordinado, estariam polissemicamente tratados aqueles que seriam, aparentemente, ‘tipos de leão’. Portanto, LEÃO^PINTA (para designar onça), LEÃO^LISTRA (para designar tigre), LEÃO^NEGR@<sup>55</sup> (para designar pantera). Diante da necessidade de subcategorizar, em LSB, o grupo dos animais que mais se assemelha ao leão, caso do grupo dos felinos, surge um conflito que gera outros protótipos, conseqüentemente, outras metonímias. A partir delas, novos ícones lingüísticos podem ser formados. O bigode ou a juba, com base em outra representação, podem ser soluções para o conflito que surge para a comunidade de falantes para quem, inicialmente, bastava chamar animais de ‘leão’ e agora precisa nomear um subgrupo no qual o leão faz parte e, ainda, é um protótipo desse grupo. Faz-se necessário buscar outros protótipos em posições mais centrais para designar essa subcategoria. Essa situação se assemelha àquela de crianças que chamam ‘co-có’ ou ‘au-au’ a todo tipo de animal que conhecem. Até que, mais adiante, surge a necessidade de se discriminar cada um dos animais (cf. CUENCA, 1999). Emergem, dessa maneira, outras características que estariam em segundo plano ou sob formas também prototípicas, mas que estariam em um ponto mais periférico do *continuum* de prototipicidade do mais básico ao mais periférico. Nesse sentido, adéqua-se o conceito de efeitos de prototipicidade proposto pela versão ampliada da teoria. Esse novo protótipo que emerge é outra possibilidade convencionada para o protótipo, mas não a única possível. A seleção prototípica emerge da cultura do falante, ou seja, os protótipos se manifestam cognitivamente e também por influência cultural. Nesse sentido, varia de cultura para cultura e, até, de indivíduo para indivíduo. Esse fenômeno justifica o fato de a língua de sinais não ser universal.

No caso de ‘leão’, por exemplo, pode-se confrontar em Capovilla *et al.* (2001) as duas representações que coocorrem na LSB, mais uma ou outra forma, a depender da região a que pertence a comunidade de falantes de LSB, devido a variantes regionais da LSB. À

---

<sup>55</sup> A figura apresentada destacava uma pantera negra.

medida que vão se especificando, cada uma concorrerá a uma função específica na língua. Veja-se, pois, as figuras 06 e 07 (anexo V), para as quais Capovilla *et al.* (2001) apresenta em duas entradas. A acepção de ambas é a mesma, são duas representações em variação diatópica. Para preencher a lacuna que surge na língua, emerge a metonímia 'juba', representada de duas formas com o intuito de resolver o conflito lexical para a nomeação de 'leão', 'animal', 'felino', 'zoológico' etc. As figuras 05, 07 e 14 (anexo III) são as mesmas em LSB. Se o repertório lexicográfico no qual estão inseridos esses termos é bilíngüe, com opção de entrada em LS, não há por que as entradas se repetirem. Num dicionário bilíngüe, com entrada em LP, pode-se recorrer a remissivas, principalmente porque um repertório lexicográfico que inclui LS, por natureza, ocupa grande espaço e as remissivas enxugariam um pouco o texto.

O mesmo processo ocorre na subcategorização dos animais (felinos). Emerge a UL na composição do termo LEÃO<sup>^</sup>BIGODE. Nem Capovilla *et al.* (2001) nem Brasil (2001) apresentam essa solução dada pela participante da pesquisa. Diante da necessidade de nomear os felinos após ter nomeado os animais e o leão, a colaboradora nomeia uma subcategoria a partir de outro protótipo que caracteriza melhor a subcategoria a ser nomeada. Capovilla *et al.* (2001) limita-se a catalogar os sinais identificados em LSB sem, portanto, categorizá-los ou subcategorizá-los. Essa categorização, entretanto, deve ser levada em conta quando se pretende lexicografar uma língua, e esclarecer ao consulente aspectos fundamentais dessa língua lexicografada.

Os dados analisados no experimento aplicado à LSB confirmam aspectos estudados na pesquisa de Klima & Bellugi (1979) e nos permitem ampliar as conclusões desses pesquisadores. Klima & Bellugi (1979) não mencionaram nada a respeito dos graus de prototipicidade como itens constituintes do *lexicón*. Em suas análises, eles não incluem os protótipos como parte do *lexicón*. Esta pesquisa postula que o protótipo faz parte do *lexicón*, pois se o protótipo é o nível básico de categoria e um formativo para neologismos em LSB, ele faz parte do *lexicón*.

A pesquisa permitiu verificar que, em LSB, uma UL de nível básico, caracterizada por Klima & Bellugi (1979:229) como aquela que é, freqüentemente, representada por características, atributos perceptuais e funcionais dos membros da categoria – ação / função prototípica (por exemplo, brincar, voar, leão, barata) – ou elemento prototípico do grupo acompanhado da expressão '*e as demais coisas*' ⇔ '*et cetera*', lexicalizado, tanto em LSB, como em ASL, por uma única UL, eleva o *status* do protótipo ao nível superordenado, de

forma a nomear diferentes CATEGORIAS. Essa nomeação parece ser diferente do grupo dos Surdos para o grupo dos Ouvintes; parece ser diferente, também, para o grupo dos mais escolarizados e o dos menos escolarizados, ou seja, fatores sociais e características específicas que distinguem o ser surdo do ser ouvinte levam cada grupo a categorizações diferentes. A categorização, morfologicamente, se resolve por meio da composição de nova UL, por justaposição. Essa análise permite registrar o termo "ETC." como um índice para a marcação de categoria, em LSB. Como uma UL composicional, denominada nessa pesquisa por “indicador de categoria”.

À luz das afirmações de Cuenca (1999:49) a respeito do fato de os protótipos e as fronteiras categoriais mudarem em um contexto particular e dependerem do conhecimento social e cultural organizado em modelos cognitivos (de natureza psicológica e individual) e culturais (de natureza social e coletiva), os processos de categorização na LSB tornam-se mais evidentes e entende-se que o preenchimento das lacunas categoriais das lacunas lexicais na LSB continuarão a acontecer diante da necessidade do falante. Como a Autora lembra, existe uma perda progressiva do conhecimento sobre flora por parte das pessoas que vivem nas cidades, tornando as espécies das árvores irrelevantes e árvore, um constituinte de nível básico.

Apesar disso, essa análise tem uma repercussão importante na nomeação de categorias ainda não nomeadas em LSB. Apesar de serem preenchidas as denominações diante da necessidade, a partir dela, entretanto, é possível sistematizar o processo utilizado na língua para preencher lacunas categoriais e, ao mesmo tempo, conscientizar os falantes da língua a respeito desses processos, de forma que essa consciência pode contribuir para uma expansão lexical e terminológica mais rápida e precisa das categorias ainda em nome em LS. O nível básico abrange membros da categoria que podem ser analisados em grupo e não em partes, item a item. À medida que falantes nativos de LS se escolarizam, especializam sua linguagem paralelamente ao processo de aquisição do novo conhecimento. Desbravar o mundo do conhecimento implica, assim, especializar o léxico da língua. Essa especialização lexical e terminológica parece se dar num processo no qual o termo que designa o nível básico, normalmente utilizado para denominar genericamente supracategorias e subcategorias, se especializa de forma a introduzir nomes para categorias e elementos de categorias em níveis subordinados e superordenados, antes nomeados apenas com designações de categorias do nível básico da categoria. Quando os falantes de LS incluíram num mesmo grupo todos os animais, bastava dizer ‘LEÃO^ETC.'. Quando estão

agrupados: caninos, aves e felinos passa a ser necessário o surgimento de subcategorias. O nível básico passa a ser outro – ele empresta termos aos outros níveis. Há uma relação inclusiva que torna necessária a visibilidade de hipônimos e hiperônimos. Nesse sentido, uma vez que a ampla categoria dos animais recebe o nome de LEÃO^ETC., a categoria dos felinos que poderia, com mais precisão ser assim designada, passa a exigir outro protótipo que a delimite. É o que aconteceu quando a participante da pesquisa passa a denominar os felinos por BIGODE^ETC.

Paralelamente a esse processo de subcategorização existe o processo de nomeação de novos termos a partir das bases prototípicas do nível básico. Nesse sentido, pode-se dizer que parte do *lexicón* da LSB, senão de todas as outras LS, está nos elementos mais centrais de uma categoria, ou seja, elementos prototípicos seriam bases constituintes para formação de novos sinais em LS. Como exemplo, pode-se citar o que ocorre com BARATA (Figura 16 – anexo V) que ocupa uma posição central na categoria dos insetos, portanto, esse protótipo será utilizado tanto na designação da categoria ao ser associado ao “termo designador de categoria”, como ao ser associado a um processo de justaposição ao denominar outros insetos como: FORMIGA (Figura 17 – anexo V). É tão produtivo como constituinte do *lexicón* da LSB que metaforicamente ocorre o mesmo. Por exemplo, 'bêbado' está designado, em LS, por BARATA-TONTA, como já visto.

A seção seguinte não trata mais da denominação a partir de processos prototípicos, nem apenas da denominação por processos de construção de base metafórica, mas de uma série de processos de construção que levam à expansão lexical da LSB.

1.2.5. *Análise comparativa entre os dados de Klima & Bellugi (1979) e os dados desta pesquisa*

Essa seção tem como objetivo, comparar, de forma bem simples, os dados encontrados por Klima & Bellugi (1979) a respeito da categorização em ASL com os dados encontrados nesta pesquisa a respeito da categorização em LSB. Para tanto, apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo

NÍVEIS DE CATEGORIZAÇÃO	KLIMA & BELLUGI - ASL	ESTA PESQUISA - LSB
NÍVEL BÁSICO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É, geralmente, constituído de ULs simples.</li> <li>- É, normalmente, componente dos itens lexicais sobre os quais serão construídos os outros dois níveis.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As constatações desta pesquisa a respeito do nível básico na LSB são idênticas às de Klima &amp; Bellugi, na ASL.</li> </ul>
NÍVEL SUBORDINADO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionam três dispositivos lingüísticos:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- sinais compostos a partir de composições regulares de sinais simples, normalmente do nível básico da ASL;</li> <li>- ULs compostas, associadas a especificadores de tamanho e forma, que são convencionais e padronizados pelos falantes de ASL;</li> <li>- ULs complexas acrescidas de dispositivos descritivos visuais – descrição mimética da forma dos objetos. Descrições essas que não são convencionadas nem padronizadas, pois elas diferem consideravelmente de um sinalizante para outro. Empregada quando não existe nenhum sinal convencionado e nenhum especificador de tamanho e forma apropriado.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Parte dos protótipos escolhidos para denominar subcategorias parece não estar, ainda, lexicalizada. Tem-se, contudo, evidências de que os elementos mais centrais do <i>continuum</i> de prototipicidade, à exceção do elemento mais central, são os primeiros candidatos à construção de itens lexicais “nomeadores” de subcategorias.</li> <li>- A categoria dos felinos (LEÃO^BIGODE^ETC.) não está lexicalizada, ainda. Foi uma construção sugerida pelo colaborador do experimento, cuja intuição permite formular essa hipótese. Diante de uma lacuna lingüística, o falante lança mão de uma descrição mimética que, por sua vez, é prototípica, disponível, na cognição do falante, para a nomeação de categorias em LSB.</li> </ul>

<p>NÍVEL SUPERORDENADO</p>	<p>- O nível superordenado é, primeiramente, constituído por sinais prototípicos dos objetos do nível básico, seqüenciados.</p> <p>- Designação da categoria <i>frutas</i> em ASL:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>nível superordenado</i> em ASL = APPLE^ORANGE^BANANA^ETC.</li> </ul> <p>- O nível superordenado é formado pela composição de ULs simples do nível básico.</p> <p>- Há poucas ULs aceitas em ASL para o nível superordenado.</p> <p>- Alguns falantes fluentes da ASL se referem a algumas categorias por meio de uma UL empregada como um termo superordenado.</p> <p>- Os informantes aceitaram a possibilidade de empréstimo da digitação da designação do termo em inglês para termos não-lexicalizados na ASL.</p> <p>- Identificaram um <i>tipo especial de composto coordenado</i> – como recurso sintático produtivo para a criação de níveis superordenados, em ASL – estruturado em torno da conjunção de três ou quatro membros prototípicos do nível básico.</p> <p>- Há <i>propriedades rítmicas especiais</i>, a saber, cada UL composta no nível superordenado possui uma forma altamente reduzida: a transição de uma UL para outra, nessa composição, é mínima ou ausente e o <i>movimento</i> de cada UL é reduzido, tanto na extensão quanto na freqüência, com duração equivalente à de uma única UL.</p> <p>- Esses compostos superordenados não têm a ordem do sinal fixada. Sua formação é, portanto, regular e limitada a algumas possibilidades que têm relação com a cadência de uma UL com outra.</p> <p>- Recursos sintáticos, também, para a nomeação de membros do nível subordinado. (a) <i>compostos convencionais</i> - a maioria dos termos subordinados é expressa, por exemplo: FOOD^TABLE (1º especificador; 2º nível básico).</p>	<p>- A LSB não exige uma citação consecutiva de vários elementos para a nominalização da categoria. É eleito, normalmente, um elemento prototípico em posição mais central de prototipicidade ao qual é acrescentado o indicador de categoria “ETC.”</p> <p>- Designação da categoria <i>frutas</i> em LSB:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>nível superordenado</i> em LSB = MAÇÃ^ ETC.</li> </ul> <p>- Ao contrário da ASL, que segue a fraseologia do inglês, cuja unidade lexical complexa (ULC) ou unidade terminológica complexa (UTC) cresce para a esquerda, na LSB, essas unidades crescem para a direita, na mesma direção que Faulstich (2003) afirma crescerem as formações terminológicas na LP.</p> <p>- Outro exemplo, “Doce” tem duas estruturas lexicalizadas – AÇÚCAR e AÇÚCAR^ETC. As duas estruturas estão em variação lingüística e em concorrência.</p>
--------------------------------	---	--

### *1.2.6. A representação prototípica da categoria em repertórios lexicográficos bilíngües*

Como esta pesquisa visa a descrever prototipicamente os itens lexicais em LS para refletir e sustentar o delineamento tanto da macro como da microestrutura de um dicionário impresso bilíngüe, cuja língua fonte é a LSB, foi preciso discutir a forma de organização do lema e do verbete.

Assim, esta pesquisa permitiu entender que a categorização em LSB está fortemente associada aos diferentes graus de prototipicidade. Dessa forma, o lema de dicionários bilíngües, em LSB, pode ter base prototípica. Essa proposta acarreta representações polissêmicas e a necessidade de organização da obra lexicográfica por agrupamentos.

Nesse sentido, Carvalho (2001) afirma que um dicionário bilíngüe é de caráter polissêmico por excelência e pontua algumas questões que são relevantes para refletir sobre a organização de repertórios lexicográficos bilíngües. Para a Autora (2001:67), “entre os principais problemas com que nos deparamos na organização das entradas estão: (i) quais as possíveis maneiras de se dispor as entradas e, (ii) se um determinado vocábulo deve ter uma ou várias entradas, se é um caso de homonímia ou de polissemia”.

Carvalho (2001:91) explica que há como se elaborar uma organização alfabética por agrupamentos. Essa organização quebra a linearidade, porque apresenta blocos, ou parágrafos, que incluem um lema principal e um ou mais sublemas”. Para a Autora (2001:93), é um fator negativo o fato de as composições e derivações de um mesmo morfema base virem separadas. Também por esse motivo, uma proposta de organização das entradas dos repertórios com LSB por agrupamento será bastante útil e produtiva para as reflexões deste estudo.

O raciocínio a ser desenvolvido para a construção de verbetes em repertórios lexicográficos bilíngües deve considerar que palavras com traço semântico comum devem constituir um único verbete, dando-se a elas um tratamento polissêmico, enquanto palavras distantes semanticamente devem ser incluídas em verbetes distintos, recebendo, então, um tratamento homonímico (cf. CARVALHO, 2001:95).

Na opinião de Carvalho (2001:95-6), as palavras que pertencem a diferentes categorias gramaticais, mas não apresentam distinções formais, permanecem em um único verbete. Isso não constitui problema para o usuário de um dicionário bilíngüe que, acostumado à

pluralidade de equivalências, não se sentirá incomodado ao ver palavras de classes diferentes em um mesmo verbete.

Refletir sobre os protótipos na LSB gerou hipóteses a respeito da organização de repertórios lexicográficos; levou à proposição de uma organização da microestrutura de um verbete por agrupamento. Ao aproximar elementos de mesmo campo semântico, com base morfológica semelhante, atendeu-se a dois agrupamentos. A microestrutura ficou agrupada por campo semântico e resultou numa organização onomasiológica enquanto a macroestrutura ficou agrupada por CM inicial idêntica e resultou numa organização semasiológica. Essas reflexões resultaram num modelo preliminar como possibilidade de construção de um verbete com entrada em LSB.

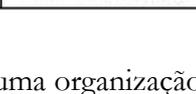
			LEÃO■
			ZOO
			ANIMAIS
			FELINOS
			ONÇA
			TIGRE
			VETERINÁRIO

Figura 06 – Primícias de uma organização de verbete em LSB (por campo semântico)

Para atender adequadamente a demanda de dicionários bilíngües, com equivalência entre a LSB e a LP, sob um ponto de vista superficial, esse verbete apresenta um modelo como primeira versão de um verbete por agrupamento. É preciso analisar até que estágio de extensão semântica um verbete organizado por agrupamento comporta a polissemia dos sublemas que se organizam dentro dele. Que justificativa o termo veterinário teria para ser incluído no mesmo verbete de leão? Uma organização lexicográfica prototípica pode argumentar em favor dessa organização, pois considerando-se que há graus de prototipicidade que podem ser considerados, ao menos na distribuição de repertórios

temáticos, onomasiológicos<sup>56</sup> e que o protótipo na LSB é um componente de nominalização das categorias, a denominação para a categoria de profissionais que cuida dos animais também teria em sua composição o elemento prototípico baseado em LEÃO ETC. Nesse caso, a inclusão de remissivas é extremamente necessária para atender as duas demandas.

### 1.3. *Expansão terminológica em LSB*<sup>57</sup>

Esta etapa da pesquisa foi desenvolvida com o intuito de identificar, sistematizar, analisar e exemplificar a dinâmica dos processos de construção terminológica em LSB<sup>58</sup>. Também teve o propósito de verificar se o estudo dos empréstimos e neologismos identificados em LSB contribuiu para o agrupamento de entradas em repertórios lexicográficos com LSB.

Conscientizar estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da LSB, e a rápida sistematização e divulgação dos neologismos terminológicos acarretará o acesso e o domínio mais rápido, também, dos intérpretes para adequarem sua tradução ao contexto emergente. Antes, porém, de apresentar a amostra terminológica analisada nesse trabalho, esse texto transcorre sobre temas que circundam e fundamentam a análise do *corpus* gerado para ela, entre os quais, (i) aqueles que buscam entender o modo como são preenchidas as lacunas terminológicas nas diversas línguas; (ii) aqueles que buscam entender como manifestam-se os empréstimos lingüísticos que se acomodam à LSB e, também, (iii) aqueles que discorrem sobre o que vem a ser o Modelo Silex seguido para a análise dos dados, com a apresentação dos processos de construção de palavras nele inseridos.

---

<sup>56</sup> A organização onomasiológica de dicionários parte do conteúdo para a forma. Enquadram-se nesses tipos de dicionário aqueles organizados analogicamente (organizados todos por idéias e, ao final, com um índice alfabético ou com um índice da ordenação) As remissivas são de natureza onomasiológica.

<sup>57</sup> Parte desse trabalho foi apresentada no XI Simpósio Ibero-americano de Terminologia (RITerm 2008), ocorrido em Lima - Peru, de 13 a 16 de outubro de 2008, com o apoio da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC).

<sup>58</sup> Antes de concluir esse trabalho, houve a oportunidade de discutir muitas das questões nele apresentadas, com Sabrina Pereira de Abreu da UFRGS e com Ana Mineiro e Liliana Duarte, ambas da Universidade Católica Portuguesa. E para registrar o *corpus* dessa amostra, contou-se com colaboração de Messias Ramos Costa e Amarildo João Espíndola. A elas e a eles, pessoas muito queridas, um sincero agradecimento.

É fato que tanto uma UL, quanto uma UT, em qualquer língua, não surge *ex nihilo*<sup>59</sup>. As lacunas lexicais e terminológicas são preenchidas nas mais diferentes línguas de modalidade oral-auditiva, grosso modo, **por empréstimo ou por construção**. As seções seguintes trazem informações mais detalhadas a respeito de como esses mecanismos operam na LSB. O processo de construção terminológica com vistas ao preenchimento de lacunas na LSB constitui-se de mecanismos lingüísticos se não idênticos, bastante semelhantes aos mecanismos lingüísticos presentes na construção lexical. Isso porque Terminologia é léxico, e um lexema, unidade do léxico, ganha estatuto de termo, unidade da Terminologia, no contexto das linguagens de especialidade. No espaço abstrato de construção de palavras o mecanismo lingüístico é praticamente o mesmo.

Lara (1999:53) reforça essa afirmação ao dizer que “a criação de termos especializados não é muito diferente da formação comum dos vocábulos da língua comum”. A diferença entre termos especializados e vocábulos da língua comum está no fato de que “vocábulos da língua comum se formam no cerne da comunidade lingüística como efeito da divisão social do trabalho e como resultado de interesses históricos da comunidade, pelo que está sempre definido no contexto cultural”; e “o termo especializado se forma por impulsos tecnológicos, comerciais ou científicos quando se apresenta a necessidade de delimitar com total precisão os objetos ou os conceitos de uma teoria, um método ou um procedimento” (cf. LARA, 1999:53).

### 1.3.1. Os empréstimos lingüísticos para a LSB

Para um entendimento mais apurado dos processos envolvidos nos empréstimos, faz-se necessário tratar deles com um pouco mais de destaque. À parte, será deixada toda a restrição discutida, ao longo dos anos, a respeito da denominação ‘empréstimo’<sup>60</sup>. Como dito na seção anterior, os empréstimos, considerados importações<sup>61</sup>, são formas de enriquecimento do *lexicón* da língua receptora. Esses empréstimos lingüísticos se alojam em

---

<sup>59</sup> *Ex nihilo*: do nada; *out of nothing*.

<sup>60</sup> Mencionam reservas à denominação ‘empréstimo’, pesquisadores dentre os quais Ali (1957), Ilari (1992), Robins (1977), Melo (1981), Deroy (1956), Jespersen (1949), Dubois (*et al.* (s.d.)), todos citados por Manzollilo (1998).

<sup>61</sup> Apesar de continuar-se usando o termo “empréstimo”, o termo está empregado com o sentido de ‘importação’ como o concebem Paiva-Boléo, 1965; Rebello-de-Andrade, 1995; Correia, 2000; entre outros, dado que a língua que utiliza uma palavra estrangeira em seu discurso não a devolve(rá), mas, por outro lado, incorpora(rá) a essa palavra características próprias da língua que o importa.

dada língua ou por contato gerado por apropriação de novos conceitos ou por interação social<sup>62</sup>.

No contexto específico de contato entre uma língua oral e uma língua de sinais, é fundamental entender que todo e qualquer empréstimo terá uma natureza estritamente visual, pois mesmo a cópia fonoarticulatória da sílaba tônica da palavra da LO é manifestada visualmente<sup>63</sup>. Os empréstimos lingüísticos para a LSB podem ocorrer tanto a partir de outra língua de mesma modalidade (víscuo-espacial) quanto a partir de uma língua de outra modalidade (oral-auditiva). Em decorrência da proximidade geográfica entre falantes de línguas de sinais e falantes de línguas orais, essas parecem emprestar um maior número de termos a uma língua de sinais, apesar da diferença de modalidade de ambas, especialmente no que diz respeito à terminologia. Esse empréstimo está preponderantemente relacionado à parte visual da língua oral, ou seja, à forma visual dos lábios e à representação gráfica da língua.

Para maior entendimento da natureza dos empréstimos e dos processos nele envolvidos na construção terminológica por empréstimos, na LSB, esse estudo estabeleceu uma taxionomia própria a partir das propostas de Battison (1978), Bellugi (1981), Frishberg (1977, *apud* Battison, 1978) em Língua de Sinais Americana – ASL – e da organização de Quadros & Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) em LSB e Mineiro & Duarte (2007) em LGP.

Essa taxionomia separa os empréstimos de palavras de uma língua oral (parte visual da língua) para uma língua de sinais, de onde se extraem exemplos como B-A-R para ‘bar’ (da LP para a LSB), dos empréstimos de outros dialetos da mesma língua de sinais e de outra(s) língua(s) de sinais. Exemplificam o grupo dos dialetos termos como ‘DISCIPLINA’<sup>64</sup>,

---

<sup>62</sup> É salutar ressaltar que é comum encontrar membros de uma comunidade lingüística minoritária resistente a empréstimos. Essa resistência é muito comum como meio de proteger a face, a língua, a cultura da comunidade lingüística minoritária. Na Comunidade Surda ocorre o mesmo. Há, muitas vezes, resistência de membros da comunidade surda em aceitar os empréstimos, por exemplo, das letras iniciais. Entretanto, dada a diferença de modalidade das línguas importadas, esse tipo de empréstimo camufla-se ou transforma-se.

<sup>63</sup> A análise do sinal ‘CASA’ exemplifica essa afirmação. A unidade lexical em LSB ‘CASA’ é, normalmente, associada à abertura dos lábios como cópia fonológica de ‘A’, parte visível da sílaba tônica da palavra casa, ou seja, /ka/.

<sup>64</sup> DISCIPLINA: CMs das duas mãos em concha, uma sobre a outra, de forma que uma tenha a orientação da palma para cima e outra tenha a orientação da palma para baixo com a palma aberta ou fechada. Os dorsos das duas mãos tocam-se duas vezes.

‘DIDÁTICA’<sup>65</sup> e ‘DINÂMICA’<sup>66</sup> incorporados ao dialeto da LSB falada em Brasília a partir de contatos em congressos com surdos do Rio Grande do Sul na década de 90. Exemplificam o grupo das outras línguas de sinais termos como METÁFORA (Figura 16, anexo VI), proveniente da ASL. Em face da natureza exploratória dessa pesquisa, esse estudo descreverá em detalhes apenas os empréstimos das línguas orais para as línguas de sinais, mais especificamente, os da LP para a LSB.

Os empréstimos da LP para a LSB são de distintas naturezas. Eles dizem respeito a: empréstimos datilológicos, por transliteração; empréstimos por transliteração pragmática; empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos); empréstimos por transliteração da letra inicial; empréstimos da ‘configuração’ visual dos lábios; empréstimos semânticos; empréstimos estereotipados; empréstimos cruzados. Cada um deles encontra-se detalhado nos subitens que se seguem:

*a) Empréstimo por transliteração*

Esse estudo entende a transliteração como a representação de letras de uma língua oral por CMs de uma língua de sinais. Em grande parte, as pesquisas sobre as línguas de sinais tratam desse tipo de representação apenas pelo nome de ‘datilologia’ ou ‘empréstimo datilológico’. Na língua comum, datilologia seria equivalente a quirologia que significa “a arte de conversar com sinais por meio dos dedos” (cf. FERREIRA, 2004). Nos estudos de LSB, datilologia é um termo empregado com o sentido quase equivalente ao que seria ‘soletração’ nas línguas orais. Como entendida nos estudos da LSB, o termo datilologia é aplicado a um dos aspectos de uso da transliteração, pois refere-se à representação, em língua de sinais, de palavras ou parte de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CMs equivalentes à representação de letras do alfabeto de dada língua oral, em um PA específico, o que significa dizer que uma datilologia comum de qualquer palavra transliterada da LP para a LSB tem um PA específico, normalmente, no espaço neutro, no qual todas as letras são articuladas. De forma bem simples, a transliteração por datilologia



<sup>65</sup> (cf. Capovilla *et al.*, 2001:542) - DIDÁTICA: CMs das duas mãos em “D”, lado a lado, tocando-se, duas vezes, pelas pontas dos dedos unidas.

<sup>66</sup> DINÂMICA: CMs das duas mãos em “D”, com pontas dos dedos unidas posicionadas uma sobre a outra, em movimento circular, alternado, das pontas dos dedos unidas, como na articulação de BRINCAR.

pode ser entendida como a ‘escrita’ de palavras ou parte de palavras ‘no ar’, com letras do ‘alfabeto manual’ de uma língua de sinais.

Os alfabetos conhecidos como datilológicos representam, então, as transliterações da forma gráfica das letras das diferentes línguas orais para CMs das diferentes línguas de sinais. Esses alfabetos gráficos constituem-se fonte primeira de empréstimo das línguas orais para as línguas de sinais e, por sua vez, são um tipo de empréstimo bastante recorrente na LSB. Quadros & Karnopp (2004:88) afirmam que o empréstimo pela datilologia é o mais comum, pois é acionado sempre que não há sinal equivalente em LSB. Apesar disso, as autoras enfatizam que esse é um tipo de empréstimo que se encontra na periferia do léxico da LSB.

Para entender os empréstimos das línguas orais para as línguas de sinais e distinguir bem os processos que ocorrem nos empréstimos por transliteração, a taxionomia proposta nesse estudo subcategoriza o ‘empréstimo por transliteração’, porque ora ele apresenta um caráter temporário, ora ele apresenta um caráter permanente, ora ele é datilológico, ora ele não é. O empréstimo por transliteração, então, está subdividido em dois grupos: o dos empréstimos por transliteração pragmática, que seriam os empréstimos puramente datilológicos<sup>67</sup>, e o dos empréstimos por transliteração lexicalizada.

*b) Empréstimo por transliteração pragmática (datilológicos)*

Os empréstimos por transliteração pragmática (datilológicos) são, na maioria dos casos, provisórios, posto que a tendência da língua é preencher a lacuna lexical e terminológica com termos construídos com constituintes, *a priori*, típicos do seu *lexicón*.

Por isso, nos contextos em que o nome na LP não é relevante, a tendência da LSB é fixar um referente designado por um ‘sinal’ lexicalizado que será definido na medida em que o referente for conceitualmente reconhecido pelos falantes, repetidamente usado e necessário em interações comunicativas em LSB. Destarte, é possível afirmar que a ‘datilologia pragmática’ ocorre, muito freqüentemente, na interface da LP com a LSB e vice-versa. Esse fenômeno ocorre nos mais variados contextos nos quais se faz necessária a denominação de referentes ainda sem equivalentes lexicalizados, em LSB, ou desconhecidos, pelo menos, por um dos interlocutores de um contexto no qual há a necessidade de introduzir conceitos cujo nome está sedimentado em LP e, não ainda, em LSB.

---

<sup>67</sup> O empréstimo datilológico, de uma maneira geral, equivale às *fingerspelled words*, na literatura sobre a ASL a respeito do tema.

De forma especial, o uso da datilologia ocorre em contextos educacionais, sobretudo inclusivos, nos quais Surdos e Ouvintes partilham o mesmo espaço, e o conhecimento científico é transmitido em língua de sinais e, simultaneamente, traduzido para os estudantes Surdos, por intérpretes, que vão proporcionar-lhes acessibilidade. Ocorre, também, em contextos de resolução de atividades escolares cujo recurso didático em evidência está registrado em LP.

Esse tipo de transliteração também é empregada quando o enunciador sabe que seu interlocutor não tem conhecimento da UL a ser referida ou não tem a certeza de que o seu interlocutor partilha do conhecimento desse termo. Nesse caso, é muito comum que a UL apareça ancorada à datilologia<sup>68</sup>, ou seja, ocorrem no discurso, dois nomes para o mesmo referente: um, lexicalizado, e o outro, em formato datilológico<sup>69</sup>. Assim, até que se estabilize, a transliteração pragmática pode co-ocorrer com outra UL. Podem-se destacar, como exemplos, os termos L-I-N-G-U-A 2 (Figura 13, anexo VI) e LÍNGUA 1 (Figura 12, anexo VI), usados, muito freqüentemente, no curso de licenciatura em Letras-Libras para denominar ‘língua’ (idioma). A datilologia foi amplamente utilizada até a estabilização da segunda forma<sup>70</sup>, como se pode verificar em materiais didáticos do referido curso<sup>71</sup>, em provas do vestibular para a seleção de alunos para o curso de licenciatura e bacharelado em Letras-Libras e para o Prolibras<sup>72</sup>.

Em reforço ao que foi dito, toda a terminologia sem equivalente em LSB insere-se como exemplo desse tipo de empréstimo, pois o empréstimo por transliteração pragmática acontece recorrentemente diante de uma lacuna terminológica na LSB. A respeito desse uso, Tennant & Brown (1998:20) afirmam que:

*“Technical terms are fingerspelled only if no sign currently exists and the English term is important to know. However, a combination of signs may be enough to carry the concept until a more efficient sign is created by the Deaf community.”*

(cf. TENNANT & BROWN, 1998:20)<sup>73</sup>

---

<sup>68</sup> Vide as provas do vestibular para a seleção de alunos para a Licenciatura do Letras-Libras, os vídeos da prova objetiva aplicada no Exame de Proficiência em Libras – Prolibras e DVDs do curso de Licenciatura do Letras-Libras.

<sup>69</sup> Nessa ordem ou em ordem invertida.

<sup>70</sup> É importante ressaltar que a coordenação do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, consciente desse fenômeno, tem uma equipe composta por intérpretes e surdos para o controle desses sinais.

<sup>71</sup> Vide DVD do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da disciplina “Introdução aos Estudos Linguísticos” distribuído à turma da primeira edição do curso – alunos de 2006.

<sup>72</sup> Prolibras é o nome dado ao EXAME NACIONAL DE PROFICIÊNCIA EM LIBRAS.

<sup>73</sup> Tradução livre da pesquisadora: “termos técnicos são datilologizados somente no caso de não existir um sinal corrente e seja importante conhecer o termo em ‘inglês’. Entretanto, a combinação

Há, ainda, outro tipo de empréstimo por transliteração que ocorre quando uma unidade terminológica simples (UTS) se desdobra em uma unidade terminológica complexa (UTC)<sup>74</sup>. É o caso, por exemplo, de um termo como ‘argumento’ que se subdivide em ‘argumento interno’ e ‘argumento externo’. Nesse caso, é possível encontrar, em LSB, uma palavra lexicalizada (ARGUMENTO) que, ao ser especificada, é acompanhada pela datilologia (I-N-T-E-R-N-O ou E-X-T-E-R-N-O). Delgado-Martins (1997:60) constatou esse tipo empréstimo, nos estudos que fez com surdos em curso de especialização, em LGP e chamou-o de composição de 1 ‘gesto’<sup>75</sup> + datilologia. Há exemplos desse tipo, também, na terminologia encontrada nos DVDs do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, apesar de não terem sido evidenciados no *corpus* gerado para essa pesquisa.

Entretanto, quando se trata da datilologia de nomes próprios, títulos e endereços utilizados em contextos bastante específicos relacionados à necessidade de se fazer referência a nomes de pessoas, à necessidade de se fazer uma apresentação pessoal, a contextos em que se faz necessário o preenchimento de formulários em LP em que se faz necessário “ditar” um nome, entre outros dados de denominação de pessoas, instituições, marcas, ruas etc., aplica-se a mesma regra dos nomes próprios nas línguas orais: não costumam ser traduzidos! Por isso são integralmente transliterados. Em face dessa característica, esses contextos podem ser tratados como referindo-se a ‘empréstimo pragmático permanente’.

Nesses contextos, entretanto, é mais comum que as palavras datilológicas apresentem-se inteiras, ou seja, todas as letras da palavra da língua oral (fonte) são articuladas como em ‘M-A-R-C-E-L-O’<sup>76</sup> para ‘Marcelo’; ‘RUA D-O-M-A-C-H-A-D-O’ para ‘Rua do Machado’. A datilologia de palavras terminadas em ‘ão’, em alguns dialetos da LSB, como no dialeto de Brasília, sintetiza ‘-ão’ na representação ‘~’ como em ‘C-O-N-C-E-I-Ç-~’ para ‘Conceição’.

É importante enfatizar que um termo ‘transliterado’ provisoriamente normalmente não se fixa da forma como aparece inicialmente. Esse termo costuma lexicalizar-se, fixando-se em

---

do sinal e da datilologia pode ser suficiente para carregar o conceito até que um sinal mais eficiente seja criado pela comunidade surda” (cf. TENNANT & BROWN, 1998:20).

<sup>74</sup> Faulstich (2003:14-15) propõe um construto para as UTCs. Esse construto apresenta os formativos dessas unidades, a partir da composição de base + predicado, de forma que tais unidades sempre crescem para a direita. O mesmo parece ocorrer na LSB.

<sup>75</sup> Nos estudos da LGP, costuma-se denominar GESTO àquilo que nas línguas de sinais costuma ser conhecido como SINAL.

<sup>76</sup> O sistema de transcrição por notações léxicas, adotado por Felipe (1988), recorre às letras do alfabeto datilológico, separadas por hífen, para representar a datilologia empregada na palavra ao ser enunciada em LSB.

uma das distintas formas permitidas pela língua: (a) ou em forma de transliteração lexicalizada da palavra inteira ou abreviada; (b) ou por uma UL nova cuja CM é motivada pela transliteração da letra inicial da palavra em LP ou por uma abreviatura constituída, normalmente, da associação da primeira e da última letra da palavra; (c) ou, por fim, por uma UL construída, independente, sem nenhuma relação com o significante numa língua oral e, nesse caso, não mais um empréstimo.

*c) Empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos)*

Os empréstimos por transliteração lexicalizada, conhecidos na literatura por *loan signs*, ‘datilologia ou soletração rítmica’ são mais estáveis que os empréstimos pragmáticos. Parte desses empréstimos ainda está ancorada na datilologia e se lexicaliza ‘datilologizada’ em LSB. A datilologia desse tipo pode ser lexicalizada por palavras inteiras como ‘A-L-H-O’<sup>77</sup>, para ‘alho’, abreviadas como ‘B-O’<sup>78</sup> para ‘boletim de ocorrência’, ou por uma única letra associada a um dos seguintes movimentos: (a) movimento vibratório da CM sobre o mesmo eixo (punho) como em ‘B’<sup>79</sup> para ‘Bolívia’; ou (b) movimento circular no ar, no mesmo ponto da articulação datilológica, como em ‘V’<sup>80</sup> para ‘vestibular’, ou (c) movimento horizontal retilíneo curto em direção oposta ao corpo (afastamento do corpo) como em ‘C’<sup>81</sup> para ‘cunhado’.

A outra parte desse tipo de empréstimo já apresenta um formato de transição que não é datilologia pura, nem é construção lexical típica em LSB. Ela apresenta um caráter híbrido. Exemplo desse tipo é a seqüência transliterada, bem na fronteira entre a datilologia e o novo sinal, por exemplo, ‘C-L’<sup>82</sup> com as duas mãos, articuladas diante do corpo, uma de frente para a outra, com um movimento próprio, associado à expressão-não-manual (ENM) de afirmação para a expressão ‘Claro!’. A grande diferença dessa forma de empréstimo para as formas anteriores puramente transliteradas é a locação que deixa de ser

<sup>77</sup> Todos os exemplos apresentados nesse trabalho, tomam como base o dialeto da LSB encontrado em Brasília-DF.

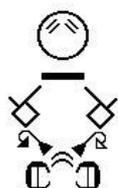
<sup>78</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001: 297)

<sup>79</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001:305)

<sup>80</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001:1313)

<sup>81</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001:487)

<sup>82</sup> Outra opção de glosa para essa expressão seria: ‘Isso mesmo!’



o ponto básico da datilologia para incorporar um local de articulação típico de uma UL em LSB. Nesse processo de lexicalização também é possível identificar perdas no final da palavra inicialmente datilológica, como é o caso de ‘N-U-N-U’, forma lexicalizada para ‘nunca’, reduzida da forma inicialmente usada que era a datilologia da palavra inteira ‘N-U-N-C-A’. Percebe-se que as palavras mais longas tendem a lexicalizar-se com uma transliteração mais abreviada, enquanto as palavras mais curtas conservam mais a transliteração da palavra toda, observadas a cadência na articulação transliterada e a acomodação lexical na LSB.

A transliteração lexicalizada, normalmente, tem um ritmo diferente daquele da datilologia pragmática, pois, no processo de lexicalização da datilologia, ela incorpora características lingüísticas da língua que acolhe o empréstimo. Ao incorporar esse empréstimo, acomoda-o à estrutura da LSB, o que altera a velocidade de articulação da UL.

As palavras abreviadas costumam ser fruto da combinação da primeira e da segunda letra ou da primeira e da última letra da palavra importada. As letras do meio podem sofrer apócope<sup>83</sup>, como é o caso da denominação para ‘sol’ que se lexicalizou na forma S-L acrescida de locação e movimentos que revelam uma informação semântica do referente, no caso, os raios do sol. Apesar de as duas informações (CMs e referência semântica) tornarem-se opacas, a informação semântica parece ser mais evidente que as CMs importadas da palavra ‘sol’ em LP.

#### *d) Empréstimo por transliteração da letra inicial*

O empréstimo por transliteração da letra inicial, aparentemente, refere-se ao uso exclusivo da letra inicial de uma palavra em língua oral como motivação para a construção da UL em LSB. Ferreira-Brito (1995), de certa forma, decalcou o termo *initialized signs* empregado na literatura sobre a ASL para ‘empréstimo por inicialização’. Trata-se de um empréstimo de fronteira, pois se refere a uma forma híbrida que não é puramente datilológica nem puramente fruto de construção. Pode-se dizer que esse empréstimo é de natureza parcial, pois, apesar de o sinal constituir-se com a CM da letra inicial da palavra em LP, todo o processo de construção do sinal segue, rigorosamente, as regras de construção lexical da LSB. Entre os empréstimos deste tipo encontrados no dialeto da LSB da Comunidade Surda de Brasília-DF e no de outros estados brasileiros incluem-se: ‘T’ para a CM do sinal de ‘internet’, ‘E’ para a CM do sinal de ‘ética’, ‘C’ para a CM do sinal de ‘cidadania’. A CM

---

<sup>83</sup> A apócope consiste na supressão de uma parte da palavra.

equivalente à letra ‘F’ foi a inicialmente utilizada para denominar ‘família’. Essa CM passou por um processo de acomodação e, atualmente, é mais comum visualizar a CM de pinça para a articulação desta palavra. Trajetória semelhante percorreu a denominação para ‘pessoa’, articulada, ainda hoje, em alguns dos dialetos da LSB, com a CM equivalente à letra “P”. Em alguns desses dialetos percebe-se uma alteração dessa CM para uma mais flexível e ‘cômoda’, com perda da identidade da CM inicial que se desfez de ‘P’ e tornou-se uma CM cuja representação da mão é praticamente aberta, apesar de o PA e o dedo que toca a testa serem os mesmos.

Casos como esses levam ao entendimento de que a língua importadora apropria-se do empréstimo de tal forma que perde sua referência com ele. Muitas vezes, o resgate só é possível por meio de análise diacrônica ou pela identificação de comunidades que ainda articulam a UL da forma como foi concebida, podendo-se, inclusive, dizer que esses grupos articulam a forma ‘arcaica’ da UL.

Assim, em decorrência da diferença de modalidade da língua exportadora e da língua importadora, a apropriação do termo emprestado altera a sua forma original. Resulta desse fenômeno um processo de construção terminológica com um caráter híbrido, pois, como explicitado e exemplificado nos dados analisados, os termos podem ser ‘construídos’ com fragmentos de termos ‘emprestados’ da língua na qual o conhecimento é originalmente transmitido, no caso, o português.

*e) Empréstimo da ‘configuração’ visual dos lábios*

O empréstimo da configuração visual dos lábios diz respeito à pista visual referente a uma dada unidade fonológica articulada pelos falantes de línguas orais simultaneamente à articulação do referente equivalente em LSB. É provável que essas configurações decorram, particularmente, dos muitos anos de contato dos Surdos e Ouvintes em contextos de uso da bimodalização. Resultou dessa forma de contato, então, o empréstimo de uma cópia da configuração dos lábios dos falantes de línguas orais, simultaneamente à articulação de alguns sinais. Em síntese, copia-se, normalmente, a configuração dos lábios relacionada à articulação da sílaba tônica da palavra oralizada. Essa cópia, normalmente, não tem som e pode ser alterada ao acomodar-se à estrutura da LSB. Como exemplo, tem-se, em alguns dialetos da LSB, a articulação mais aberta dos lábios enquanto articula-se a palavra CASA, o que resulta na cópia da configuração dos lábios da vogal articulada pela sílaba tônica da palavra oralizada /kaza/. Tem-se, nesse caso, a cópia de /A/, configuração labial mais

visível. Essas configurações dos lábios são consideradas, por Liddell (2003:11), como traços, inclusive, distintivos, na ASL.

*f) Empréstimo semântico*

Este estudo designa como empréstimo semântico aquele que a literatura tem o hábito de chamar de ‘decalque’. Trata-se da tradução do empréstimo, ou seja, identifica-se com um ‘empréstimo disfarçado’ cuja natureza é semântico-cultural, pois, ao ser traduzido, carrega, da língua de origem para a língua que o adota, todo o contingente semântico e cultural do lexema ou da expressão decalcada.

Em síntese, o decalque é entendido, grosso modo, como a adoção do conteúdo semântico que o lexema ou expressão tem na língua de origem substituído por um lexema ou expressão da língua receptora com significação equivalente e, normalmente, criado(a) para ser empregado(a) em contexto idêntico ao de origem. Na LSB, manifesta-se não somente, mas, especialmente, no âmbito dos conceitos metafóricos<sup>84</sup>. Muitos desses lexemas podem ter como equivalentes glosas de uma série de expressões idiomáticas da LP como ‘*ficar-com-cabelos-em-pé*’; ‘*cair-o-queixo*’; ‘*pegar-no-pé*’; ‘*ter-vergonha-na-cara*’; ‘*ter-olho-grande*’; ‘*estar-no-meu-caderninho!*’; ‘*estar-de-cabeça-cheia*’; ‘*papo-furado*’; ‘*bater-papo*’; ‘*ter(ou ser)-cara-de-pau*’; ‘*esticar-conversa*’; ‘*enfiar-o-rabo-entre-as-pernas*’; ‘*falar-pelas-costas*’; ‘*estar-cara-a-cara*’; ‘*costurar-a-boca*’; ‘*estar-de-saco-cheio*’; ‘*entrar-num-ouvido-e-sair-pelo-outro*’; ‘*cair-no-sono*’; ‘*dar-com-a-cara-na-porta*’; ‘*quebrar-a-cara*’; ‘*ter-duas-caras*’; ‘*ter-língua-grande*’; ‘*segurar-vela*’; ‘*abrir-a-cabeça*’; ‘*estar-careca-de-saber*’; ‘*agir-por-baixo-dos-panos*’; ‘*lavar-as-mãos*’ (cf. FARIA, 2003).

*g) Empréstimo estereotipado*

O empréstimo estereotipado refere-se àqueles termos que se estabelecem na LSB a partir da cópia do formato global de um objeto, de um símbolo gráfico convencionalizado, aceito e socialmente utilizado pelos falantes das diversas culturas. Encontram-se nesse nível de empréstimo, por exemplo, as formas geométricas, os símbolos matemáticos e os sinais de pontuação. A representação desses referentes ocorre a partir do desenho do símbolo no ar, um recurso utilizado na LSB para representar qualquer imagem visual, normalmente, a partir de um ponto fixado, no espaço neutro, pelo indicador da mão passiva.

---

<sup>84</sup> Correia (2000:43-4) apresenta excelentes definições para esses termos. Algumas dessas definições encontram-se reproduzidas no glossário inserido no anexo IX.

Esse tipo de construção terminológica é bastante freqüente na constituição terminológica de uma área de especialidade. Ela não está associada a um conceito, mas à representação gráfica convencional e difundida socialmente para esse conceito. Originalmente, essas representações que são, em grande parte, universais, não são lingüísticas, mas são representações simbólicas do referente lingüístico. Por exemplo, o termo ‘interrogação’ e o termo ‘quadrado’ são referentes lingüísticos de distintos conceitos, simbolicamente representados por ‘?’ e ‘□’ respectivamente. Essa representação simbólica não é lingüística. Esse empréstimo, portanto, não tem origem no referente lingüístico, mas na representação visual desse referente, o que significa que a representação imagética do símbolo migra de um sistema (simbólico) para outro (lingüístico). Quando incorporados à LSB, portanto, podem ser caracterizados como empréstimo estereotipado, de natureza simbólica, para uma denominação lingüística.

*b) Empréstimo cruzado*

O empréstimo cruzado é, também, bastante comum na LSB. Emerge da semelhança visual entre palavras homógrafas ou parônimas, da LP. Constitui-se no emprego de um significante x’ decalcado na LSB para denominar um significante y’ que mantém como única relação, com o referente que designa, a semelhança visual de seu significante na língua de origem. Esse fenômeno acarreta, normalmente, uma homonímia na LSB, pois dois referentes idênticos designam duas entidades de naturezas totalmente distintas. Essa homonímia está motivada pela forma visual semelhante do significante dos dois referentes na língua oral. Percebe-se que a designação escolhida para os referentes x e y, em LSB, caberia, em princípio, apenas a um dos referentes, por exemplo, x, que tem denominação homógrafa ou paronímica em LP. Fruto desse contato, em contexto multicultural, destacam-se como empréstimos dessa natureza: Sapucaia constituído por SAPO^CAIR - cidade do RS (cf. QUADROS & KARNOPP, 2004:104); CARNE para ‘carnê’, SATANÁS para Santana - marca de carro da Volkswagen; COÇAR<sub>MÃO</sub> para ‘corsa’ - marca de carro da Chevrolet - (cf. FARIA, 2003) entre muitos outros. Mineiro *et al.* (2008:12) também encontraram empréstimos com natureza semelhante, em LGP: CAVALO<sup>85</sup> para



<sup>85</sup> Cavalo e Carcavelos em LGP: (MINEIRO *et al.*, 2008:12).

‘Carcavelos’<sup>86</sup> e PISTOLA para ‘Bristol’<sup>87</sup>. Essa forma de denominação pode estar relacionada à leitura global que os Surdos fazem das palavras. Eles não costumam ler uma palavra segmentada, a leitura é global.

Após toda essa discussão, é possível sintetizar os tipos de empréstimos para a LSB, representados no seguinte esquema:



Quadro 03 – Esquema taxionômico dos empréstimos em LSB

Para além dos empréstimos, é preciso conhecer os indivíduos lexicais que darão suporte à aplicação do Modelo Silex adotado para análise. Esse é o tema tratado nas seções seguintes a partir de uma reflexão a respeito do que vêm a ser os indivíduos lexicais.

### 1.3.2. O Modelo Silex

Estudar o léxico numa perspectiva funcional tem sido um grande desafio para os lexicólogos, principalmente porque as teorias morfológicas tradicionais, disponíveis à pesquisa, até então, têm sido preponderantemente de base estruturalista. O Modelo SILEX (Corbin, 1997b) surge como uma resposta a essa tentativa, pois incorpora duas dimensões da língua: a dimensão morfológica por meio da análise dos processos de formação das palavras e a dimensão semântica por considerar o significado nesses processos de formação. Esse modelo permite conhecer melhor como as palavras se expandem numa língua e, ao lexicógrafo permite complementar informações nos dicionários.

<sup>86</sup> Carcavelos é um topônimo. Nome de um lugar entre Lisboa e o Estoril.

<sup>87</sup> Bristol é um topônimo. Cidade da Inglaterra, no Reino Unido.

Outra grande contribuição do Modelo SILEX, criado com o intuito de construir uma teoria própria para o léxico, é a de conceber uma MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL associativa, na qual a Semântica Lexical e a Morfologia se unem para descrever fenômenos formais regulares que levam, em primeira mão, a uma descrição mais permeável do léxico, por não analisar as unidades do léxico como constituintes formados por componentes isolados, mas fluidos e interagentes.

Grosso modo, o modelo SILEX elege palavras mais transparentes na língua e as analisa, indutivamente, de forma a tornar mais evidente a relação que existe entre a UL e a sua referência. Nesse percurso, descreve como as palavras e seus respectivos significados se constroem numa língua. Por isso, Correia (2000:3) afirma que o estudo das palavras construídas, por meio desse modelo, constitui um observatório privilegiado para a construção do significado.

O Modelo Sílex denomina as ULs de uma língua como indivíduos lexicais. Na LSB, uma UL, uma palavra, é entendida como na citação de Zeshan (2002:154), na seção ‘1.2.’ deste capítulo, que trata da categorização numa língua como sendo aquilo que os pesquisadores de LS chamam de sinal.

Um indivíduo lexical, um sinal ou uma palavra em LSB, é constituído(a) das unidades mínimas conhecidas como parâmetros, discriminadas quando discutido o tema *lexicón* da LSB. Segundo Klima & Bellugi (1979: 229), há uma constituição mínima para que haja uma palavra em ASL:

*“The properties of the signs indicate basic organization of signs in terms of three major parameters: a unique hand configuration at a unique place of articulation, and with a unique movement.” (KLIMA & BELLUGI, 1979: 229)<sup>88</sup>*

Como parece ocorrer também nas línguas orais, o extralingüístico aparece na LS, no mínimo, como um *flash* no ato da criação lingüística. Como as LS possuem, de uma maneira geral, uma motivação icônica<sup>89</sup>, o aspecto extralingüístico fica mais transparente. Entretanto, numa análise acurada do processo, a cognição marca o caráter lingüístico em

---

<sup>88</sup> Tradução livre da pesquisadora: “A organização básica das palavras em ASL constitui-se de três parâmetros principais, assim configurados: uma única configuração de mão em um único ponto de articulação e com um único movimento.”

<sup>89</sup> É necessário ter bastante clareza quando se fala em iconicidade nos estudos das línguas de sinais, pois o ícone pode ser visto em duas perspectivas: como forma e como cognição. Ainda que a forma esteja transparente na concepção de uma UL, em LSB, essa motivação inicial é, por excelência, cognitiva. Essa asserção é irrefutável, dado que a cognição está presente em todo o processo de construção de uma palavra em Língua de Sinais (cf. FAULSTICH, 2007).

todas as etapas da criação lexical: da metonímia – representada preponderantemente pela figura da sinédoque – ao protótipo, e desse, ao ícone lingüístico.

Além de se prestar à descrição das línguas de sinais, o estudo das palavras construídas, em LSB, pode ser extremamente útil à ampliação do léxico da língua, nas diversas áreas de especialidade. Emmorey (2002:14) lembra que:

*“signs belong to lexical categories or basic form such as noun (...). Sign languages have a lexicon of sign forms and a system of creating new signs in which meaningful elements (morphemes) are combined”*  
(EMMOREY, 2002:14)<sup>90</sup>

Além disso, a aplicação desse modelo parece possibilitar ao pesquisador, também, elencar as estruturas contidas no *lexicón* da LSB. O entendimento desse processo de organização pode, também, contribuir para a organização lematizada dos repertórios lexicográficos com LSB.

Uma das importantes considerações trazidas pelo modelo precisa ser explicitada previamente para se entender como se dá a busca da motivação para a fixação das palavras construídas. Trata-se da concepção que o modelo apresenta para a construção dos sentidos de uma palavra na sua individualidade (e não do sentido que resulta no texto e no contexto). Essa ênfase é necessária para não se confundir ‘construção de sentido de uma palavra’ com ‘construção de sentido de textos’, uma vez que o processo de construção pode ocorrer de forma semelhante, mas não necessariamente.

A proposta, aqui defendida, não admite que o sentido se “cole” à palavra no momento em que é posta em uso (oralmente ou por sinais). O modelo SILEX, que tem como escopo a PALAVRA, pelo menos em princípio, advoga que a palavra tem, sim, um significado lexical inerente, entendido como pré-requisito partilhado<sup>91</sup>. Não é de todo adquirido no contexto e no uso. Por isso, nessa concepção, ‘o significado das palavras construídas não é alvo de memorização: a gramática da língua fornece os meios de o calcular’. Nessa ordem, para a compreensão do significado, então, participam três elementos: língua (relacionada ao

---

<sup>90</sup> A tradução livre foi feita pela pesquisadora: “os sinais pertencem a categorias lexicais ou a formas básicas tal como o substantivo, (...). As línguas de sinais têm um *lexicón* de formas sinalizadas e um sistema de criação de sinais novos a partir do qual elementos significativos (morfemas) são combinados” (EMMOREY, 2002:14).

<sup>91</sup> A afirmação de que as palavras têm um significado lexical inerente se contrapõe a estudos propostos pela Lingüística textual (cf. KOCH; 2000; MARCUSCHI, 2001 e 2002 e outros) e pela Pragmática (cf. LEVINSON, 1983; MEY, 1993/2001 e outros). Esses estudos focalizam outra dimensão: a construção do sentido de textos. Consideram, portanto, que o sentido não se restringe ao texto e nem é inerente a ele: é construído na interação autor-leitor.

sentido inerente), cultura (relacionada ao sentido atribuído pelo estereótipo) e percepção (relacionada à concepção prototípica).

O modelo postula que há três ‘significados’ intervenientes na construção do ‘significado’ de uma palavra derivada: *o significado conferido pela regra de formação de palavras, o significado herdado da base; o significado específico do operador morfológico.*

#### 1.3.2.1. Os processos de construção de palavras

Corbin (1997b, *apud* CORREIA, 2000:65-77) considera, no Modelo Silex, as seguintes operações morfológicas para a construção de palavras:

*a) como processo de produtividade*<sup>92</sup>: (i.) a **derivação** – por meio dos processos de afixação e, mais prototipicamente, por meio da sufixação. Corbin (1997b) e, por conseguinte, Correia (2000), defendem que o afixo é portador de uma instrução semântica específica, e a aplicação dele a uma base obedece a determinadas restrições; (ii) a **conversão** (CORREIA, 2000:71-3) que equivale à DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, REGRESSIVA, construção de nomes deverbais a partir do radical do verbo, por mera adição de um morfema de gênero. Ocorre em maior proporção na passagem de ADJETIVOS > SUBSTANTIVOS e em menor proporção na passagem de SUBSTANTIVOS > ADJETIVOS; (iii) a **composição** (CORREIA, 2000:70-1), combinação de duas ULs ou infralexicais<sup>93</sup> de significado descritivo. O elemento da esquerda se comporta como elemento de composição quando é um nome, adjetivo, verbo ou advérbio, com significado descritivo. E se comporta como prefixo quando o significado é instrucional.

*b) como processo de criatividade*<sup>94</sup>: (i) **os processos deformacionais**: A APÓCOPE consiste na supressão de uma parte da palavra, o que a torna mais familiar (CORREIA, 2000:77); AFÉRESE, supressão de um segmento no início da palavra; AMÁLGAMA, processo pelo qual se constrói uma UL pela aglutinação de partes de outras unidades. Com exemplos em

<sup>92</sup> Produtividade, entendida por Lyons (1977) como uma característica inerente ao sistema lingüístico.

<sup>93</sup> Unidades infralexicais são, tipicamente, afixos que não são sintaticamente autônomos e nem são palavras.

<sup>94</sup> Criatividade, entendida por Lyons (1977) como capacidade do falante de alargar o sistema lingüístico por meio de princípios de abstração e comparação imprevisíveis.

português europeu: ‘borbotixa’, nomes próprios antroponímicos como “camané” – Carlos Manuel; REDUPLICAÇÃO DE APÓCOPESES e/ou AFÉRESES. A reduplicação surge, freqüentemente, associada a onomatopéias. Também é comum em diminutivos de nomes próprios como: ‘Juju’ e ‘Cacá’; SUFIXAÇÃO AVALIATIVA APRECIATIVA equivale a uma avaliação qualitativa ou quantitativa do referente – diminutivos, aumentativos, pejorativos, laudativos etc., expressa pelo enunciador; SUFIXAÇÃO AVALIATIVA ENUNCIATIVA na qual o enunciador está próximo ou é familiar ao referente. SUFIXAÇÃO FAMILIAR, um tipo de sufixação avaliativa enunciativa, sempre associada à construção de significados mais enunciativos do que referenciais, sobretudo em contexto familiar. Esse processo altera o significado descritivo da base, sem alterar o significado referencial. Um exemplo no português do Brasil é “beijoca”.

Esse modelo estabelece um novo paradigma que faz paralelo com a competência lingüística advogada por Chomsky (1998), no nível da língua e a competência comunicativa defendida por Hymes (1980), no nível da interação discursiva, que é a competência construcional apresentada por Corbin (1997b).

O passo seguinte é aplicar a teoria à terminologia. Os procedimentos seguidos para essa aplicação seguem detalhados na metodologia aplicada a esse estudo.

### 1.3.2.2. *A pesquisa - Análise dos Dados*

Com o objetivo de sistematizar os mecanismos morfológicos de construção terminológica pelos quais perpassa a expansão terminológica em LSB, desenvolveu-se uma análise descritiva dos dados, com base nas teorias apresentadas, a fim de identificar os processos envolvidos na construção terminológica. Sistematizaram-se dados de termos ‘antigos’ e ‘novos’ na área da Lingüística. Esses termos não são, necessariamente, conhecidos por grande parte da Comunidade Surda adulta, brasileira, mas são termos que vêm sendo consolidados nas aulas e nos recursos instrucionais do curso<sup>95</sup> a distância de Licenciatura em Letras-Libras, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina –

---

<sup>95</sup> O conteúdo do curso é fonte de surgimento de terminologias e os recursos instrucionais do curso são bastante visuais e permitem o acesso a informações diretamente em LSB. Entre esses recursos estão concentrados em DVDs, no ambiente virtual de ensino, nas gravações das videoconferências, videoaulas e nas próprias atividades dos alunos (do pólo da UnB) gravadas em vídeo.

UFSC/SC/Brasil no Pólo da Universidade de Brasília – UnB/DF/Brasil, ou seja, não são termos exclusivamente criados durante o curso, nem somente para o curso.

Os termos apresentados nesse *corpus*, enfim, representam apenas uma amostra composta de vinte e seis (26) termos, ilustrados no anexo VI, extraídos dos termos usados ou construídos durante as aulas do curso antes referido, comparados com mais dois termos da ASL e da LGP. Foram, basicamente, dois os critérios utilizados para a seleção desse *corpus*: (i) termos mais introdutórios nos estudos lingüísticos e (ii) termos subjetivamente escolhidos pela pesquisadora sem muita precisão para a escolha. A partir do banco de dados de que dispunha, a pesquisadora optou por incluir, por exemplo, o termo COMPOSIÇÃO e não o termo AFIXO. Sempre que necessário à análise, o contexto de uso desses termos foi recuperado nos DVDs dos quatro primeiros semestres do curso, como foi o caso de LÍNGUA (Figuras 12 e 13 – anexo VI), considerando-se os mesmos apresentadores e apresentadores diferentes a usarem os sinais. Após a seleção dos termos, eles foram regravados por Messias Ramos Costa<sup>96</sup> a fim de que se mantivesse uma harmonia na apresentação das imagens. Segue a relação de todos os termos da amostra: ADJETIVO (Figura 01 – anexo VI), AQUISIÇÃO (Figura 02), CLASSIFICADOR (Figura 03 – anexo VI), COGNIÇÃO (Figura 04 – anexo VI), CONFIGURAÇÃO-DE-MÃOS/PARÂMETROS (Figura 05 – anexo VI), DICOTOMIA (Figura 06 – anexo VI), EXPRESSÃO CORPORAL (Figura 07 – anexo VI), EXPRESSÃO FACIAL (Figura 08, anexo VI), FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI), FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI), HIPÓTESE (Figura 11 – anexo VI), LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI), LÍNGUA 2 (Figura 13 – anexo VI), LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI), LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI), METÁFORA (Figura 16 – anexo VI), MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI), PALAVRA (Figura 18 – anexo VI), MOVIMENTO (Figura 19 – anexo VI), ORIENTAÇÃO-DA-PALMA-DA-MÃO (Figura 20 – anexo VI), PONTOS-DE-ARTICULAÇÃO (Figura 21 – anexo VI), PRONOME (Figura 22 – anexo VI), PREPOSIÇÃO (Figura 23 – anexo VI), SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI), SIGNIFICADO 2 (Figura 25 – anexo VI), SUBSTANTIVO (Figura 26 – anexo VI).

A análise apresentada tomou como base a taxionomia estabelecida nesse trabalho para os empréstimos e para os termos construídos, ou seja, os pressupostos da Morfologia Construcional de Corbin (1991, 1992, 1997) associados aos estudos de Correia (2000).

---

<sup>96</sup> Messias é um pesquisador surdo brasileiro que ingressou no programa de pós-graduação em Lingüística da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2009.

A análise aplicou, pelo menos a alguns dos termos selecionados, o princípio da teoria da otimidade<sup>97</sup> presente no modelo. Princípio esse que se constitui do entendimento de que, diante da existência de duas regras em concorrência, a língua não vai adotar a mais adequada, mas a que melhor funciona no sistema.

Para facilitar a relação dos termos com a ilustração que corresponde à articulação do mesmo, no corpo do texto são apresentadas as glosas numeradas e, ao final do texto, encontram-se as ilustrações anexas, com suas respectivas glosas e numerações.

Pretendia-se dividir a análise em duas partes. A primeira parte apresentaria, exclusivamente, a análise dos empréstimos e a segunda, exclusivamente, a análise dos termos construídos. Entretanto, diante do hibridismo presente em boa parte dos dados, optou-se por uma subdivisão menos rígida, apesar de este estudo apresentar os dados e sua respectiva análise mais ou menos nessa ordem como se pode ver na seção seguinte.

#### 1.3.2.2.1. *Análise dos Termos emprestados e híbridos*

Seguem nos itens a seguir a análise de cada um dos termos do *corpus*, especialmente, emprestados e híbridos:

##### a) *Língua, Linguagem e Lingüística*

No material dos quatro primeiros semestres do curso foram encontradas, em contextos idênticos, duas formas distintas para o termo ‘língua’ (idioma), contudo, com três representações diferentes: (i) LÍNGUA 2 (Figura 13 – anexo VI) que predominou no início do curso. Nessa forma identifica-se o ***empréstimo por transliteração pragmática com caráter provisório***; (ii) LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI) associado a LÍNGUA 2 (Figura 13 – anexo VI) coocorreram por volta do segundo semestre do curso; e (iii) LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI), isoladamente, apareceu por volta do quarto semestre. Obviamente, concorrendo ainda com a forma anterior e, eventualmente, associada a ela, mas já manifestada como forma predominante.

---

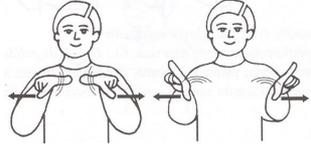
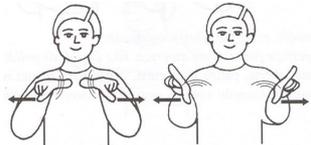
<sup>97</sup> A teoria da otimidade tem relação com a proposta gerativista. Ela dialoga com o Modelo Sílex uma vez que esse modelo, antes de tornar-se mais funcionalista, estruturou-se sobre bases gerativas e foi perdendo-as à medida que foi evoluindo. Manteve-se, contudo, essa proposta da teoria da otimidade.

Essa forma de representação (LINGUA 1: Figura 12 – anexo VI) refere-se a outro tipo de empréstimo, que é o *empréstimo por transliteração da letra inicial* o qual será analisado mais adiante. A coocorrência e posterior concorrência entre LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI) e LÍNGUA 2 (Figura 13 – anexo VI) pode ser analisada sob a aplicação da teoria da otimidade. O termo LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI), representado pela transliteração da letra inicial, está mais propenso à terminologização que a transliteração pragmática. Isso não significa dizer que LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI) manterá essa forma, pois não se pode desconsiderar a evolução da língua e o pouco tempo do curso. As duas formas de empréstimo são possíveis na língua; entretanto, ao analisá-las sob a ótica da teoria da otimidade, é possível entender que um empréstimo por transliteração da letra inicial pode fixar-se em detrimento do empréstimo pragmático, mesmo não sendo essa a forma prevista pela normalidade da regra, que seria uma forma independente de empréstimo que também não está descartada.

Apesar de este trabalho não se propor a analisar empréstimos de outras línguas de sinais, não é possível ignorar a semelhança que há entre o significante para *LANGUAGE* (Figura 27 – anexo VI) – único termo para ‘língua’ e ‘linguagem’ tanto para a ASL quanto para a língua inglesa – e *LINGUISTICS* (Figura 28 – anexo VI) – termo para ‘lingüística’, em ASL –, com os respectivos termos LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI), LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI) e LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI) em LSB. Também foi possível comparar esses termos com seus equivalentes em Língua Gestual Portuguesa (LGP)<sup>98</sup>. LÍNGUA, em LGP, é articulada com as duas mãos em CM em “L”, próximas entre si, no espaço neutro, uma ao lado da outra, com a palma para dentro (polegar para cima) seguida de leve movimento que muda as palmas das duas mãos para baixo, forma praticamente idêntica a de seu equivalente ‘*language*’, em ASL (Figura 24 – anexo VI). LINGÜÍSTICA, em LGP, é um sinal muito parecido ao de LÍNGUA (em LGP). A diferença está no movimento e no distanciamento entre uma mão e outra, o que torna a UL ‘lingüística’, em LGP, muito próxima a uma das variações para a UL LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI) e à designação que Capovilla *et al.* (2001:821) apresentam para ‘lingüística’. LINGUAGEM, em LGP, enfim, é o sinal de ‘língua’ em LGP acrescido da datilologia G-E-M em LGP (Quadro 04):

---

<sup>98</sup> Colaboradores: Amílcar Morais (falante nativo de LGP) e Liliana Duarte (pesquisadora e intérprete de LGP).

	LÍNGUA	LINGUAGEM	LINGÜÍSTICA
LSB	 99		  100
ASL	 101	 102	 103
LGP	 104	 105	 106

Quadro 04 – Quadro comparativo entre LSB, ASL e LGP.

É impressionante a semelhança entre a representação desses sinais nas três línguas de sinais comparadas, fato que sugere ter havido empréstimo entre essas línguas em análise. As sutis variações entre as línguas devem-se à forma como cada uma incorporou cada um dos três termos.

Diante dessa semelhança não se pode descartar a possibilidade de a ASL ter emprestado tais termos pela via direta para a LSB e para a LGP. Entretanto, mesmo que tenha havido o empréstimo da ASL para a LSB, esse empréstimo não o foi totalmente. Primeiramente, porque ‘língua’ e ‘linguagem’, em LSB, são termos distintos como são seus respectivos equivalentes em LP; diferentemente da ASL, língua na qual ambos os conceitos são representados por um mesmo termo. Em segundo lugar, é preciso destacar que tais sinais

<sup>99</sup> Fotografias tiradas por Amarildo Spindola, na biblioteca da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa – Portugal, em janeiro de 2009. Modelo: Messias Ramos Costa.

<sup>100</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001)

<sup>101</sup> (cf. TENNANT & BROWN, 2004)

<sup>102</sup> (cf. TENNANT & BROWN, 2004)

<sup>103</sup> (cf. TENNANT & BROWN, 2004)

<sup>104</sup> (cf. TENNANT & BROWN, 2004)

<sup>105</sup> (cf. TENNANT & BROWN, 2004). A figura extraída de Tennant & Brown (2004) foi acrescida de duas CMs da LGP extraídas de um quadro com o alfabeto da LGP.

<sup>106</sup> (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2001)

são articulados no espaço neutro, na ASL. Em uma das variações que apresenta em LSB, parte de uma locação mais próxima dos lábios, fato que carrega em si uma possível marca polissêmica com o órgão ‘língua’, diferentemente da ASL que não faz essa remissão, principalmente porque ‘língua’ (órgão) tem nome totalmente diferente do nome *language*, em inglês, *tongue*, que, possivelmente, motivou o empréstimo da língua inglesa para a ASL. Outra variação na articulação desse conjunto de referentes ‘língua’, ‘linguagem’ e ‘lingüística’, em LSB, foi verificada na articulação de alguns falantes de LSB que articulam esses termos com o indicador da CM “L” próximo aos lábios enquanto, para outros, a articulação é feita com o polegar da CM “L” próximo aos lábios. Outra variação foi percebida na distinção entre LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI), em LSB, articulada, normalmente, com L-A e LINGÜÍSTICA (Figura 28 – anexo VI), em ASL, articulada com L-S. Apesar dessa distinção, é possível identificar as duas formas, L-A e L-S na articulação de diferentes falantes de LSB. Destaque, ainda, merece o fato de que nas duas línguas orais de contato com as línguas de sinais em questão, os nomes têm a mesma origem e começam, portanto, com as mesmas letras: “L”, fato que mascara a verdadeira origem do empréstimo se é da língua oral ou se é da ASL. Entretanto, seja qual for a origem, a base inicial herda o empréstimo pela abreviatura dos termos em língua oral (L-A para ‘lingüística’ e L-S para *linguistics*), o que impede determinar com os dados que se tem se o empréstimo veio da LP ou da ASL permite descartar a primeira análise feita para o empréstimo.

A base morfológica de ‘língua’, ‘linguagem’ e ‘lingüística’, na língua oral, é a mesma. Em LSB, as duas primeiras formas (LÍNGUA 1 e LINGUAGEM – Figuras 12 e 14 – anexo VI) partem da transliteração da letra inicial, enquanto a terceira forma remete a uma abreviatura que conserva a primeira e a última letra do nome da língua de origem, por meio de uma apócope. O caso de LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI) trata, ainda, do empréstimo por transliteração lexicalizada. O campo semântico comum entre esses termos permite que a expansão terminológica ocorra a partir da expansão do próprio termo, primitivo, em formações que poderíamos chamar de derivadas. Por isso, o processo que as engloba é um processo derivacional. Um traço na denominação do termo primitivo torna-se base para as formações derivadas necessárias à especificação constitutiva dos termos do mesmo campo de conhecimento. Assim, a forma ‘língua’, em LP, expande-se para as formas derivadas ‘linguagem’ e ‘lingüística’. O mesmo acontece com a forma LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI) em LSB.

A base morfológica comum aos três termos orienta a sua expansão lexical na LSB. LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI) apresenta a transliteração da letra inicial “L”, duplicada, ou seja, articulada com as duas mãos e abarca, hiperonimicamente, a informação conceptual de que a linguagem é mais abrangente que a língua, que é articulada com uma única mão.

Na análise de LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI) acrescenta-se o fato de a transliteração de ‘L’ e ‘A’ não representarem simplesmente a datilologia abreviada e em apócope do termo em LP. As duas CMs constroem um termo com características e estrutura próprias da LSB a partir da relação que desempenha com os outros dois termos de mesmo campo semântico: LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI) e LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI), o que torna o termo LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI) uma representação com semelhanças morfológicas com os outros termos em pauta.

Essa análise desperta para o entendimento da parcialidade dos empréstimos de letras da LP para a LSB, pois há um hibridismo nesse processo, que mescla empréstimo e criação. A abreviatura ou a letra inicial transliteradas representam a parte emprestada, e a forma como o termo constitui-se na língua, com as características específicas das ULs e das UTs, em LSB, representam a parte construída.

Ocorre, ainda, entre esses termos importados da LP para a LSB, um fenômeno *sui generis* decorrente da diferença de modalidade entre as duas línguas. O ponto de partida para o termo na LSB é uma palavra na língua oral da qual, aparentemente, somente a primeira letra é emprestada. As CMs transliteradas não são empréstimos em si, mas carregam toda a informação semântica do termo de origem da equivalência a essas CMs. Assim, as CMs são empréstimos, apesar de não se constituírem empréstimos *ad hoc*.

Diante disso, seria possível dizer que a transliteração, em princípio, seria a única informação importada da LP para a LSB. A(s) CM(s) transliterada(s) seria(m), do lado da LSB, a(s) única(s) formas em referência com a LP (fonte do empréstimo). Isso significaria que a importação nada mais faria do que determinar a CM que motivaria o novo termo a ser criado em LSB. Entretanto, não parece ser, assim, um fenômeno tão simples. A CM transliterada, ao chegar à LSB tem aparência de um simples parâmetro fonológico, entretanto, essa CM não está divorciada do significado que a motivou. Por isso, é possível afirmar que essa CM emprestada carrega um estatuto morfológico, uma vez que traz

consigo uma informação conceptual da língua fonte, apesar de parecer uma simples representação fonológica.

Essa característica enfatiza o carácter híbrido impresso nesses termos e em outros equivalentes, pois diz respeito, ainda, a aspectos morfológicos envolvidos na construção terminológica. O estatuto morfológico que carrega a CM transliterada e importada da LP para a LSB é fundamental, pois se assim não fosse, a CM para representar o conceito na LSB seria, bem provavelmente, outra totalmente diferente. E pelo fato de ser outra, certamente proporcionaria outra constituição terminológica muito diferente da constituição fixada para a construção do termo em questão. É esse carácter híbrido, portanto, que aproxima a transliteração lexicalizada (semi-datilológica) da transliteração da letra inicial.

Com estatuto de morfema, pode-se, ainda, dizer que os termos constituídos por hibridismo, empréstimo associado a processo de construção terminológica, desenvolvem um processo de construção terminológica ‘derivacional’. Assim, as letras transliteradas ficam associadas aos formativos possíveis da LSB, imbuídos de informação semântica, derivam termos.

#### *b) Pronome*

Dos termos seleccionados para o *corpus* em análise, foram identificados, também, outros *empréstimos por transliteração da letra inicial*, acrescidos de construções terminológicas por meio de processo derivacional. PRONOME (Figura 19 – anexo VI) foi identificado como empréstimo pela transliteração da letra inicial ‘P’ ou uma variante dessa CM, a qual apresenta o dedo polegar estendido (uma CM menos rígida). É um empréstimo de carácter híbrido, pois além da CM emprestada, tem-se a construção terminológica a partir do conceito de ‘pronome’. A mão passiva se apresenta fechada na posição que seria ocupada por um nome, e o conceito de ‘pronome’ é representado por meio da sobreposição da CM em ‘P’, ou sua variante, com a mão ativa sobre a mão passiva para representar a parte do conceito de ‘pronome’ que se refere à substituição de um nome e, em seguida, ao lado da mão passiva com significado de ‘nome’ para representar a parte do conceito de ‘pronome’: o termo que acompanha o nome.

#### *c) Preposição*

Coincidência ou não, a palavra ‘preposição’ tem duas (2) letras ‘pês’ e o termo PREPOSIÇÃO (Figura 23 – anexo VI) encontrado no *corpus*, em LSB, foi constituído com

a representação de duas mãos com a CM correspondente à letra ‘P’ ou com uma variante, não como a empregada em PRONOME (Figura 22 – anexo VI), mas com a CM correspondente à letra ‘V’ que também é uma CM mais flexível e tem mais mobilidade que a CM ‘P’. Funcionalmente, a preposição é uma palavra que pode ser empregada antes ou depois de um nome. A representação encontrada marca a posição do nome pelo centro, encontro e cruzamento dos punhos e a posição para situar as preposições: antes e depois do nome. Essa análise leva ao entendimento de que a formação híbrida permaneceu na construção terminológica desse termo, pois, além do empréstimo por transliteração da letra inicial, o termo reflete a função do termo ‘preposição’ por meio da representação icônica do significado.

#### *d) Hipótese*

HIPÓTESE (Figura 11 – anexo VI) foi outro termo híbrido identificado no *corpus*. Além do empréstimo pela transliteração da letra inicial ‘H’, em variação com uma CM mais flexível na qual o polegar não se dobra, o termo construiu-se com o apoio da metáfora orientacional que dispõe a mente como o lócus para o processamento cognitivo de uma ‘hipótese’. O movimento parece contribuir também com o significado do termo, pois uma hipótese não carrega uma informação pontual, mas uma informação circular sobre a qual se julga, por vários meios, se pode ser confirmada e, portanto, se pode tornar-se uma informação pontual ou não. Enquanto hipótese, ela sempre será uma informação circular, traço marcado pela representação do termo.

#### *e) Classificador*

O termo CLASSIFICADOR (Figura 03 – anexo VI) foi constituído de *empréstimo por transliteração lexicalizada* a partir da lexicalização da transliteração das duas primeiras letras do termo em LP. Essa, portanto, não é uma construção híbrida.

#### *1.3.2.2.2. Análise dos termos construídos*

O Modelo Silex, sobre o qual foram analisados os termos construídos, trata tanto de processos de construção de palavras por meio da produtividade da língua, que são as unidades construídas por COMPOSIÇÃO e por DERIVAÇÃO, quanto de ULs e UTs construídas a partir de processos de criatividade. Aos processos de criatividade inseridos no

Modelo Silex, esse estudo acrescenta um que se refere à construção lexical e terminológica a partir da representação semântica e icônica do conceito.

*f) Substantivo*

SUBSTANTIVO (Figura 26 – anexo VI) tem uma formação híbrida. A base de construção do termo tem um estatuto diferente do estatuto da base analisada até o momento. Trata-se de uma base livre, constituída de uma palavra independente, no caso, ‘NOME’ acrescida de um formativo morfêmico (com estatuto de afixo) que é constituído da transliteração da letra inicial do termo em LP e que carrega a informação semântica de substantivo a partir dessa letra transliterada. No caso desse termo, é possível falar em prefixo, pois a transliteração da letra inicial ‘S’ ocorre, sem dúvida, antes da articulação do segundo formativo: NOME. Coincidência ou não, a segunda configuração de SUBSTANTIVO (Figura 26 – anexo VI) é ‘U’ e, portanto, também, a segunda letra do termo em LP, mas que possivelmente não foi a motivação para a construção de NOME. Pode-se suspeitar que trata-se de um formativo homônimo. Esse estudo opta por analisar como nome e não como letra transliterada, pois a seqüência após a letra inicial transliterada conserva a articulação de NOME com todas as características inerentes à UL NOME. Se a construção do termo fosse determinada pela segunda letra transliterada, possivelmente, o movimento presente em SUBSTANTIVO (Figura 26 – anexo VI) estaria ausente.

*g) Adjetivo*

O termo ADJETIVO (Figura 01 – anexo VI) está, claramente, construído por composição. Ocorre a junção das unidades NOME e EXPLICAR. A diferença é que NOME é articulado com uma mão e EXPLICAR é uma unidade duplicada, normalmente, articulada com duas mãos simétricas (mesma CM, mesmo movimento, mesmo PA). Para unir os dois termos, EXPLICAR perde a duplicação da mão passiva. NOME não é articulado com as duas mãos, mas perde o movimento para tornar a composição gramatical. A partir disso, percebe-se que houve um amálgama pela supressão de marcas dos dois termos. ADJETIVO (Figura 01 – anexo VI) é um termo composto por aglutinação a partir de um amálgama que sofre as duas ULs constitutivas do termo. Por fim, levando-se em consideração que o adjetivo refere-se a algo relativo ao nome, é uma especificação ou uma explicação para o nome, tal composição consegue refletir o conceito do termo que, como se sabe, tornará, cada vez que for repetida, uma construção mais opaca.

### b) Palavra

PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) era um termo, inicialmente, não incluído no *corpus*. Foi integrado ao *corpus* para atender à análise do termo MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI) do *corpus*. Esse último termo é construído a partir do processo de derivação que parte do termo primitivo PALAVRA<sup>107</sup> (Figura 18 – anexo VI), um morfema livre que passa a morfema preso ao constituir-se a base sobre a qual o termo MORFOLOGIA, e outros, são construídos.

Apesar de o termo PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) estar registrado desta mesma forma em Capovilla *et al.* (2001:996), não é a representação tradicionalmente empregada pela comunidade Surda brasileira<sup>108</sup>. O termo empregado em alguns grupos religiosos, freqüentados por surdos brasileiros para se referir à ‘palavra de Deus’ é semelhante ao desenho da letra ‘P’ que, em princípio, poderia ser analisado como empréstimo da letra inicial. Contudo, com essa representação foi encontrada em repertório de ASL<sup>109</sup> esse mesmo sinal para se referir à unidade ‘palavra’. Em inglês, o termo palavra não se inicia pela letra ‘P’, mas pela letra ‘W’ (Word).

Fato é que essa configuração de PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) é bastante adequada para determinar o que vem a ser uma ‘palavra’ e, inclusive, as unidades que a compõem. A partir dela, vários desdobramentos semânticos e terminológicos são possíveis. Isso significa que PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) passou a ser uma configuração que serve tanto para nomear o todo ‘palavra’, quanto para compor novas palavras. A base constituída por PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) tornou possível a derivação de vários termos como COMPOSIÇÃO, FLEXÃO, AFIJO, SUFIJO, PREFIXO, DERIVAÇÃO etc. É uma configuração, ainda, que atende à definição da palavra-escrita ‘preto entre dois brancos’ como unidade livre e independente.

Essa constituição de PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) encerra, metaforicamente, a palavra em um espaço limitado entre os dedos polegar e indicador que representa as letras que compõem a palavra ou um fragmento dela. Dessa interpretação emerge um processo

<sup>107</sup> Além de ‘morfologia’, PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) explica a construção de outros termos como sufixo, afixo, infixo, composição, derivação, flexão etc. Esses termos não fizeram parte da amostra apresentada para não delongar demais o exercício proposto para o momento.

<sup>108</sup> Menciona-se a comunidade surda brasileira, porque é a comunidade com a qual a pesquisadora interage e local da validação dos dados desta pesquisa.

<sup>109</sup> Sinal idêntico a ‘palavra’, em formato da letra ‘p’ foi encontrado em ASL com equivalente a *word* em <http://commtechlab.msu.edu/sites/aslweb/browser.htm> (repertório: INT\_ELE\_04).

semântico de construção lexical baseado na criatividade do falante em capturar um ícone do referente e transformá-lo em uma estrutura convencional linguisticamente aceita pelo *lexicón* da língua.

#### *i) Morfologia*

A análise de MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI) exige entender que se trata de uma construção a partir de PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) que passa a ser base para o surgimento de novos termos, entre eles ‘morfologia. Como base, o segmento PALAVRA significa tanto uma palavra sobre a qual serão associados outros elementos mórficos os quais derivarão novos termos ou poderá, também, significar fragmentos de palavras como ‘sílabas’, ‘desinências’, afixos. O termo MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI), por exemplo, ‘deriva-se’ ou ‘compõe-se’ de uma combinação de duas UTs idênticas PALAVRA / SEGMENTO-DE-PALAVRA<sup>110</sup> e PALAVRA / SEGMENTO-DE-PALAVRA, cada uma articulada com uma mão e associadas por um movimento circular de fusão e encaixe dessas formas. Essa formação permite uma interpretação ambígua, pois como um morfema pode ser preso (representando um afixo) ou livre (representando uma palavra propriamente dita), pode-se falar em composição ou em derivação. Um estudo mais aprofundado se faz necessário para eliminar essa ambigüidade.

#### *j) Fonética e Fonologia*

Ao analisar o processo de construção dos termos FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) e FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI), três processos se destacam. O primeiro é o da criatividade, o segundo é o de uma possível alomorfia, e o terceiro é o de associação semântica decorrente dos dois primeiros. FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) e FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI) são construções constituídas sobre a alomorfia de PALAVRA (Figura 18 – anexo VI) ou por construção constituída sobre outra unidade morfológica marcada por outro traço presente em palavra que é a linha sob a qual uma palavra é escrita.

Essa outra representação de ‘palavra’ constituída como base para a construção de novos termos como FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) e FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI) carrega outro traço semântico evidenciado em ‘palavra’; não mais o traço da palavra em si, mas o traço locativo e especificativo da palavra no texto escrito, normalmente, sobre

---

<sup>110</sup> PALAVRA representa o morfema livre e SEGMENTO-DE-PALAVRA representa o morfema preso.

uma linha e que, por natureza, estaria contrário ao que vem a ser ‘fonética’ e ‘fonologia’ numa língua oral: um conceito associado a uma informação sonora, irrelevante para a língua de sinais. Então, como na língua de sinais, a fonética enfatiza um fragmento de uma unidade maior e a fonologia a articulação de uma palavra, ambos parecem ter sido perfeitamente concebidos. Em FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI) verifica-se um amálgama na composição de LÍNGUA-DE-SINAIS e PALAVRA. LÍNGUA-DE-SINAIS perde o formativo duplicado, mas não a informação semântica que carrega, e o termo que seria PALAVRA sofre alomorfa para compor, harmonicamente, a nova unidade.

Reforçando, no caso de FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) e FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI), o dedo indicador é a base constituída de um alomorfe de palavra, que carrega a informação semântica que faz remissão ao fato de o termo se referir a palavra. A outra mão representa o formativo morfêmico que vai especificar o termo. Esse formativo especifica a informação semântica de fragmentação da palavra em pequenas unidades, o que atribui à palavra a informação necessária para significar FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI).

### *k) Significado*

Numa análise pouco minuciosa, é possível perceber que os dois termos, SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI) e SIGNIFICADO 2 (Figura 25 – anexo VI) não são termos construídos a partir de um processo derivacional ou composicional, mas a partir de um processo descritivo e cognitivo de representação do conceito, respeitando-se as regras de construção de uma UL em LSB.

Ao analisar o termo SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI), identifica-se nele o termo amplamente usado na língua comum e convencionalmente traduzido em LSB como ‘significado’. Trata-se, aparentemente, de um termo que não se presta ao mesmo sentido terminológico dado na teoria saussuriana que distingue significado de significante num plano abstrato. Entretanto, se o termo for analisado na perspectiva de sua formação, é possível perceber que SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI) parece remeter a uma construção icônica a partir do emprego de um conceito geral, no caso, ‘signo lingüístico’, da teoria saussuriana, a partir de um processo de generalização. Essa análise é possível, pois sua articulação representa as duas faces do signo lingüístico: o significado e o significante, da forma como é visualmente representada: sobre uma linha e abaixo dela. A rotação do pulso e o giro dos dedos indicador e médio, tocando a palma da mão passiva parecem

equivaler à representação do signo lingüístico ilustrado na obra escrita pelos ex-alunos de Saussure. Durante esse estudo não houve acesso a registros que pudessem comprovar essa hipótese, todavia considera-se plausível apresentar a hipótese de que um hiperônimo (signo lingüístico) tenha sido empregado para denominar um hipônimo (significado).

SIGNIFICADO 2 (Figura 25 – anexo VI), entretanto, traduz o conceito de ‘significado’ como ‘imagem mental’ do conceito presente na concepção saussuriana de significado, principalmente na representação que substitui o conceito de ‘árvore’ pela imagem de uma árvore (Saussure, 2000:81) – (vide a). Na tentativa de desconstrução do termo, com o fim de identificar seu processo de construção, visualiza-se um balão (de quadrinhos) onde são representadas as informações processadas mentalmente por um indivíduo, como balões de pensamento de histórias em quadrinhos. A representação que se espera nesse balão imaginário é a da informação conceptual, do conceito formado na mente a respeito do referente que se está a significar.

A representação de SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI) e de SIGNIFICADO 2 (Figura 25 – anexo VI) está, então, associada a um cruzamento das representações visuais de ‘signo lingüístico’ e de ‘significado’ como é possível observar nas representações que se seguem: (a) refere-se à representação de ‘signo lingüístico’ na teoria de Saussure (2000:133) – (Figura 07 – nessa seção); (b) refere-se à imagem mental como na representação da obra, organizada a partir do conceito que os falantes podem ter de uma árvore. Portanto, tem-se, nela, a representação de ‘significado’ na teoria de Saussure (2000:81) – (Figura 08 – nessa seção) e, por fim, (c) representa a ilustração pouco mais concreta de como o ocorre o processo mental do falante para abstrair o conceito extralingüístico e associá-lo ao que é lingüístico (Figura 09 – nessa seção).



Figura 07  
Significado x Significante



Figura 08  
Árvore (significado x significante)

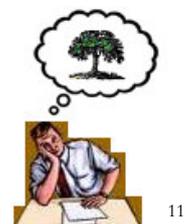


Figura 09  
Pensamento (árvore)

<sup>111</sup> As figuras 07, 08 e 09 foram extraídas da web para ilustrar o tema.

### *l) Cognição*

COGNIÇÃO (Figura 04 – anexo VI) representa um processo de construção que parte de uma base metafórica orientacional (nominalização articulada próxima ao cérebro), um processo que inclui movimento e trabalho cerebral representado pela repetição do movimento na altura da cabeça, lócus do trabalho cerebral.

Esse processo também pode ser analisado como conversão. O verbo ESTUDAR, articulado diante do corpo como parte de um processo de leitura e estudo na altura e distância de leitura de um livro, altera o seu Ponto de Articulação (PA) e constitui-se como termo de outra categoria. Nessa nova categoria, imbuí-se de significado metafórico, pois, da articulação do ponto de leitura no espaço neutro diante do corpo, passa à articulação no lócus do pensamento, a cabeça. Do verbo que era ESTUDAR passa-se ao substantivo ‘cognição’. Supondo que a glosa esteja influenciando a análise, diante do movimento, o termo cognição pode ser considerado um verbo e daí ser possível, em LSB, quiçá, falar num neologismo que soa bastante estranho para falantes de LP ‘cognicionar’ (usar a cognição), ‘matutar’. Assim, a base morfológica do indivíduo lexical ESTUDAR pode ser considerada a mesma para as duas formas. Entretanto, o local de ativação semântica do termo, diante do rosto, com movimento, leva a compreender que a cognição é processo que ‘afeta’, ‘trabalha’, ‘mexe’ com a mente.

### *m) Aquisição*

O termo AQUISIÇÃO (Figura 02 – anexo VI) parece ter-se constituído a partir de um processo de criatividade. Houve, como em grande parte dos itens construídos em LSB, a associação dos elementos disponíveis no *lexicón* da língua com a informação semântica do conceito a ser denominado. Aquilo que se adquire é algo que se apropria e que vem de fora para dentro. Não é inerente ao sujeito. A CM aberta que passa à CM fechada, com o movimento e a locação do espaço mais distante do corpo para o próprio corpo capta a idéia da retenção da informação, da absorção de algo que vai ao encontro do conceito de ‘aquisição’. Trata-se, então, de uma unidade construída à luz do seu próprio conceito, aproveitando-se da metáfora orientacional (de fora para dentro) para constituir-se.

### *n) Dicotomia*

Em DICOTOMIA (Figura 06 – anexo VI) há uma associação conceptual, cuja relação é estreita com o conceito transparente na informação de duplicidade, ou seja, de um conceito

que se ‘parte’ em dois. Por fim, o termo dicotomia surge, como alguns outros mencionados, como um termo que já surge na terminologia. Esse tipo de formação torna o termo bastante transparente e sem ‘distorção’ semântica, pois preenche com adequação a parte conceptual do termo: dicotomia, dois caminhos.

*o) Configuração de mão/parâmetros*

CONFIGURAÇÃO-DE-MÃO (Figura 05 – anexo VI) apresenta como base a mão passiva espalmada, com a palma na posição contralateral, que funciona como base dêitica. Em frente a ela, a mão ativa gira em um movimento circular (do polegar ao mínimo) e vibratório (do pulso) para representar as diferentes formas que a mão assume para representar uma CM. Essa representação reflete uma construção com base num processo de criatividade e de motivação icônica, gerado a partir do conceito que tem o termo a ser designado, característica bastante produtiva na LS. Há anos, a pesquisadora vê esse sinal conforme concebido na figura 06 (anexo VI). Entretanto, com o passar dos anos, percebe-se que alguns surdos mais jovens e novos intérpretes vêm articulando a mão ativa com um movimento circular quase único, sem a vibração do pulso diante da mão-passiva, traço normal, quando se fala em variação.

*p) Expressão-Facial, Expressão-Corporal e Orientação-da-Palma-da-Mão*

A denominação para os outros parâmetros, a saber, EXPRESSÃO-FACIAL (Figura 08 – anexo VI), EXPRESSÃO-CORPORAL (Figura 07 – anexo VI), ORIENTAÇÃO-DA-PALMA-DA-MÃO (Figura 20 – anexo VI) e PONTO-DE-ARTICULAÇÃO (Figura 21 – anexo VI) parece ter-se constituído sobre bases dêiticas. Não chegam a ser dêiticos propriamente ditos, pois não estabelecem uma relação de apontação exata como acontece com unidades referencialmente dêiticas, caso de NARIZ, BOCA, OLHOS. Entretanto, não se nega que o significado da UL está presente na metáfora orientacional e na iconicidade que representa o próprio significado. As sobrancelhas para cima e para baixo representadas pelo movimento de elevação e de rebaixamento dos indicadores sobre as sobrancelhas; o toque das mãos abertas, simetricamente, em dois pontos do tronco, tocando o corpo; a palma da mão ativa nas diferentes posições tomadas pela palma da mão para articular uma UL ou uma UT e a marcação de alguns pontos de articulação pela orientação física do referente lingüístico no referente físico, extralingüístico, são indícios da criatividade presente na construção lexical e terminológica em LSB aliada a um processo de construção à luz do significado do termo.

*q) Movimento*

MOVIMENTO (Figura 19 – anexo VI), que também é um parâmetro, não chega a ter base dêitica como os outros parâmetros, mas também não foge totalmente à regra. O Movimento não está sendo considerado dêitico, nem unicamente motivado por uma metáfora orientacional, porque não é somente no espaço neutro que ele acontece, nem de uma única forma. MOVIMENTO (Figura 19 – anexo VI) é uma construção que revela a natureza semântica da informação que reside no ato de movimentar representado pelo movimento de vaivém das duas mãos abertas com as palmas para baixo.

*r) Metáfora*

METÁFORA (Figura 16 – anexo VI) abriga um atributo conceptual e a metáfora orientacional. A mão se põe como obstáculo entre a informação visível e a não-visível. O indicador da mão-ativa posicionado antes dela é visível, ao passo que o indicador posicionado depois dela não é visível para o próprio articulador. Essa representação revela o significado de ‘metáfora’ como uma unidade que possui algo aparente e algo escondido; algo que se vê, mas cuja revelação não é explícita, pois está escondida no obstáculo e precisa ser interpretada. A iconicidade presente na constituição da UT revela a informação conceptual do termo.

*1.3.2.3. Sistematização dos processos encontrados no corpus analisado*

Por tratar-se de uma análise terminológica, uma linguagem mais formal, os processos deformaionais que envolvem uma tipologia de sufixação não foram encontrados, a saber, reduplicação de apócopos, aféreses, sufixação avaliativa, sufixação avaliativa enunciativa e sufixação familiar. E, por fim, os processos de conversão não foram analisados.

A taxionomia proposta neste trabalho classificou sete tipos de empréstimos. Três deles foram identificados entre os termos selecionados: o empréstimo por transliteração pragmática, o empréstimo por transliteração lexicalizada e o empréstimo por transliteração da letra inicial.

Com relação aos termos construídos foram identificados na análise processos de composição, derivação, construção de elementos básicos a partir do *lexicón* da LSB e de associações semânticas.

Segue, no Quadro 05, uma compilação dos dados analisados assinalados com os respectivos processos de formação identificados neles á luz do modelo utilizado neste estudo:

	EMPRÉSTIMOS			CONSTRUÇÃO										
	Transliteração -letra inicial	Transliteração pragnmática	Transliteração lexicalizada	Composição		Derivação								
				Apócope	Amalgama	B <sub>p</sub> + M	B <sub>p</sub> + M <sub>esp</sub>	Iconicidade	Metáfora Orientacional	Atributo	Função	Generalização Conceptual		
ADJETIVO (Figura 01 – anexo VI)					X									
AQUISIÇÃO (Figura 02 – anexo VI)										X				X
CLASSIFICADOR (Figura 03 – anexo VI)			X											
COGNIÇÃO (Figura 04 – anexo VI)									X	X				
CMs/ PARÂMETROS (Figura 05 – anexo VI)									X	X				
DICOTOMIA (Figura 06 – anexo VI)									X			X		
EC (Figura 07 – anexo VI)									X	X				
EXPRESSÃO-FACIAL (Figura 08 – anexo VI)									X	X				
FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI)								X				X		
FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI)								X				X		
HIPÓTESE (Figura 11 – anexo VI)	X									X				
LÍNGUA 1 (Figura 12 – anexo VI)	X													
LÍNGUA 2 (Figura 13 – anexo VI)		X												
LINGUAGEM (Figura 14 – anexo VI)	X													
LINGÜÍSTICA (Figura 15 – anexo VI)			X	X										
METÁFORA (Figura 16 – anexo VI)									X	X	X			
MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI)								X						
PALAVRA (Figura 18 – anexo VI)									X					
MOVIMENTO (Figura 19 – anexo VI)									X	X				
OP (Figura 20 – anexo VI)									X	X				
PAs (Figura 21 – anexo VI)									X	X				
PRONOME (Figura 22 – anexo VI)	X													
PREPOSIÇÃO (Figura 23 – anexo VI)	X								X					
SIGNIFICADO 1 (Figura 24 – anexo VI)									X					X
SIGNIFICADO 2 (Figura 25 – anexo VI)									X	X				
SUBSTANTIVO (Figura 26 – anexo VI)	X							X				X		

Quadro 05 - Processos comuns na expansão terminológica da LSB

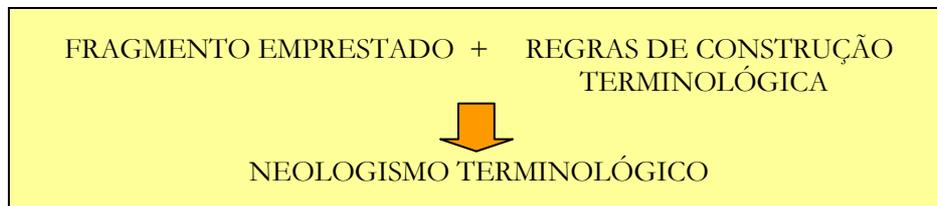
A análise desenvolvida possibilita afirmar que a expansão terminológica em LSB ocorre a partir de: empréstimos; termos construídos; e termos ‘reconstruídos’ e ampliados. Foi possível, ainda, identificar que mais de um processo pode interagir na constituição de uma UT, fato que torna este processo de construção altamente híbrido. Na construção terminológica, um termo pode derivar-se a partir de uma base que pode ser constituída de uma unidade lexical simples ou de um termo básico sobre os quais são acrescentados afixos<sup>112</sup>. Esse termo básico associado a outros termos gera termos construídos por

<sup>112</sup> Os afixos em LSB: Quando uma unidade lexical ou terminológica é articulada com uma única mão, é possível estabelecer a diferença entre um constituinte morfológico prefixal e um constituinte

composição. Também se constrói um termo a partir da associação da transliteração lexicalizada ou da transliteração da letra inicial com estatuto morfológico, a outra base sobre a qual o novo termo se constitui. Essa transliteração não é divorciada de conteúdo morfológico e semântico. Pelo contrário, transcende o *status* fonológico, pois preserva a informação semântica.

### 1.3.3. *Sistematização dos construtos e ampliação da análise dos processos de construção terminológica em LSB*

O caráter híbrido que aflorou nesses processos de construção terminológica em LSB pode ser atribuído ao contato próximo da LP e da LSB no contexto acadêmico brasileiro. Essa construção terminológica híbrida pode ser entendida pela possibilidade de construção de um termo com fragmento de termo ‘emprestado’ da língua na qual o conhecimento é originalmente transmitido, no caso, a LP, adicionado às regras de construção lexical e terminológica da língua que o abriga, no caso, a LSB. A forma resultante dessa formação é um ‘neologismo terminológico’ que pode ser sistematizado da seguinte maneira:



Quadro 06 – Esquema de formação do neologismo terminológico.

A variação terminológica foi, também, um fenômeno encontrado entre alguns termos analisados. Por exemplo, a glosa CONFIGURAÇÃO-DE-MÃOS / PARÂMETROS (Figura 05 – anexo VI) refere-se a dois referentes distintos que concorrem com dois significados: o de ‘configurações de mão’ e o de ‘parâmetros’. Essa concorrência de significados para um significante deve-se ao fato de que alguns termos ocupavam uma posição mais genérica na língua, como se fossem hiperônimos e, em dado momento

---

sufixal, pois uma parte será articulada antes da outra. Entretanto, quando uma unidade lexical ou terminológica é articulada com as duas mãos, é possível que cada mão apresente uma informação morfológica diferente. Como ambas aproximam-se simultaneamente, nesse caso não é possível falar em sufixação ou prefixação. A modalidade da língua permite falar em simultaneidade. Por isso, cabe como melhor termo para definir essa junção, o termo AFIXO, dado que não há inserção morfológica ocorre nem antes, nem depois, nem no meio, simplesmente, as informações morfológicas ocorrem simultaneamente. Um exemplo é MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI).

passam a preencher outras lacunas terminológicas de natureza semântica próxima, normalmente na qualidade de termo subordinado.

O fenômeno da variação terminológica fica evidente, também, na análise de FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) e FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI). Nos contextos de uso, até as duas formas se fixarem com o significado apresentado nos exemplos, ora FONÉTICA (Figura 09 – anexo VI) foi empregado para designar FONOLOGIA (Figura 10 – anexo VI), ora aconteceu o contrário.

O emprego de um pelo outro se deve à emergência do termo e à proximidade semântica do significado de ambos. Em face da necessidade da expansão terminológica, alguns termos sofrem expansão morfológica, outros sofrem acomodação, enquanto outros sofrem restrição semântica a fim de preencherem melhor a lacuna existente e adequarem-se melhor à fronteira semântica. Assim, muitos desses termos nomeiam, inicialmente, níveis básicos e alteram seu *status* ora para ocuparem a posição de nível subordinado, ora para ocuparem a posição de nível superordenado. Caso semelhante ocorre com a UT que designa CM e PARÂMETROS. Inicialmente, essa UT designava somente o termo CM. Em face da necessidade de preencher a lacuna denominativa do hiperônimo PARÂMETROS e da ausência, até o momento, de outro termo para designar, separadamente, cada um dos signos em questão, um único termo, tem-se fixado para designar os dois referentes.

Assim, desponta, em LSB, uma gama enorme de termos científicos ao lado de outros que, ainda adormecidos, estão para despontar. Acredita-se que a sistematização e análise dos termos já construídos proporciona, aos falantes da LSB, a consciência dos processos de construção e contribui para o advento de outros tantos, quem sabe, de uma forma mais homogênea e padronizada, a partir de UTs de uma mesma categoria, ou pertencentes a um mesmo campo semântico. Ao mesmo tempo, sinalizam para a necessidade de que essa sistematização adquira uma dimensão bem maior e leve à elaboração de repertórios terminográficos que contribuirão para a vitalidade da língua de sinais brasileira que, a cada dia, tem alcançado mais visibilidade. Todo esse processo permite um acelerado enriquecimento da língua paralelamente ao acesso dos surdos ao conhecimento científico e ao desenvolvimento da competência de tradução e proficiência na LSB por parte dos intérpretes que se adaptam, rapidamente, ao contexto emergente.

Detectou-se nesse estudo que grande parte dos termos “importados” passa por um processo de construção híbrida e, por isso, não são empréstimos puros, são de outra

ordem, pois, ao se acomodarem à língua importadora incorporam os processos de construção de palavras aos empréstimos, o que os torna bastante produtivos. Essa característica tem natureza pouco diferenciada do comportamento dos empréstimos entre línguas de mesma modalidade, exatamente por se entender, a partir do estudo desenvolvido, que a natureza dos empréstimos entre línguas de modalidades diferentes não é a mesma dos empréstimos entre línguas de mesma modalidade. Essa análise permite entender que o empréstimo entre línguas de modalidades diferentes promove a expansão lexical e terminológica da língua que “importa”, em forma de neologismo, pois, ao entrar nessa língua que o abriga, o termo importado torna-se opaco e pode, até, perder a identidade com a língua de origem. Muitos desses empréstimos são de natureza semântica dado que o fragmento do significante importado é a transliteração de uma unidade acompanhada do significado integral do significante na língua de origem. Esse processo mostra a originalidade das línguas de sinais na denominação lexical e terminológica. Esse processo movido pelo convívio de contextos bilíngües, multiculturais e bimodais<sup>113</sup> atesta a riqueza, a produtividade e a criatividade que a LSB abriga em seu *lexicón*.

Conclui-se, então, que os empréstimos da LP para a LSB, por serem línguas de modalidade diferente não se referem à simples reprodução de um termo da LP para a LSB. Os empréstimos mudam de natureza e, aqueles que se lexicalizam na LSB, não se constituem empréstimos de significantes ‘inteiros’, mas de significantes fragmentados; mesmo assim, sem perder a informação semântica do termo, ou seja, a modalidade afeta morfológicamente a transferência do empréstimo de um código para outro, mas não acarreta perda da identidade com o termo emprestado. Por esse motivo, ao chegarem à língua importadora, os empréstimos apresentam um estatuto morfológico que os permite associar às regras morfológicas próprias da LSB para derivar termos, o que propicia aos empréstimos esse caráter híbrido. É necessário ressaltar que a transferência de uma modalidade para outra, muitas vezes, torna o empréstimo opaco, somente entendido por meio de análises diacrônicas. Às vezes, a motivação para a UT ou para uma UL perde-se de tal forma que nem uma análise diacrônica do termo resgata o seu percurso de construção.

Acrescenta-se ao que já foi dito que, em face de o *corpus* selecionado ser bastante restrito, o fato de não terem sido encontrados todos os tipos de empréstimos na construção terminológica em LSB não significa que eles não existam ou não sejam produtivos á

---

<sup>113</sup> ‘Bimodal’ está entendido como o que implica um processamento cognitivo visual e outro processamento cognitivo auditivo.

formação terminológica; podem, apenas, não ser freqüentes. Esta pesquisa não teve a pretensão de determinar os processos mais produtivos na ‘terminologização’ da LSB, mas há indícios de que o empréstimo por transliteração da letra inicial, com caráter híbrido, é bastante freqüente, e o empréstimo datilológico pragmático também, apesar de este último ter caráter provisório.

À luz do Modelo Silex, a construção terminológica em LSB identificou os dois grandes processos de construção lexical (e terminológica) da teoria: produtividade e criatividade. Mais evidente no *corpus*, entretanto, foram os processos produtivos de construção por derivação. A análise dos processos derivacionais permitiu perceber que os termos analisados são basicamente construídos: (i) a partir de dois formativos (presos) – um formativo que tem estatuto morfológico com valor de base realizado pela mão passiva sobre o qual é agregado outro morfema. Esse formativo traz informação semântica genérica que possibilita a construção de um grupo de palavras de um mesmo campo semântico. O formativo que está sendo designado por morfema traz a informação semântica que vai especificar o termo. Esse formativo tem um estatuto morfêmico com valor de afixo. Dada a simultaneidade de articulação da LSB, esse formativo não será tratado nem por prefixo, nem por sufixo, nem por infixos; será tratado apenas por afixo; (ii) a partir de um formativo preso associado a um morfema livre.

O Quadro 07 ilustra o construto de cada um desses tipos de construção de UT. Os morfemas-base do construto I,  $UT = B_p + M_{esp}$ , que ao se referir a uma UL equivale ao construto  $UL = B_p + M_{esp}$ , dá origem a uma série de ULs ou UTs de mesmo campo semântico. Essa base revela parte do significado da UT ou da UL que possibilita um agrupamento semântico. A outra parte, normalmente, um afixo, traz a parte semântica especificadora do significado do referente pertencente ao campo semântico do morfema-base.

Nessa construção, a mão-passiva, que em muitos estudos sobre as LS é analisada simplesmente como mão de apoio para a construção de uma UL ou de uma UT, quando em função de morfema-base, carrega uma informação semântica fundamental à expansão lexical e terminológica da LSB, especialmente no que diz respeito à constituição dessas unidades que partilham campos semânticos idênticos ou semelhantes.

**MECANISMOS MORFOLÓGICOS DE CONSTRUÇÃO TERMINOLÓGICA POR  
PROCESSOS DERIVACIONAIS EM LSB**

**CONSTRUTO TERMINOLÓGICO EM LSB  
PROCESSO DERIVACIONAL I**

$$UT = B_p + M_{esp}$$

Onde:

UT = unidade terminológica

$B_p$  = base presa / morfema preso (morfema-base)

$M_{esp}$  = morfema preso especificador

*Explicação do construto:* o **termo** equivale à ‘**base presa**’<sup>114</sup> ou **morfema-base** que se refere a uma entidade com estatuto de base, a qual cabe, nesse caso, também chamar de raiz<sup>115</sup>, articulado pela mão passiva (constituída de CM, OP e PA) com informação semântica<sup>116</sup> associada a um ‘**morfema especificador**’ articulado pela mão ativa e constituído de CM, OP e PA, também preso, dependente, com função de afixo ou fragmento de palavra.

**CONSTRUTO TERMINOLÓGICO EM LSB  
PROCESSO DERIVACIONAL II**

$$UT = B_l + M$$

Onde:

UT = unidade terminológica

$B_l$  = base livre / morfema livre

M = morfema preso

*Explicação do construto:* o **termo** equivale a ‘**base livre**’ que é, grande parte das vezes, constituída de uma UL ou de uma UT da LSB que passa a ser base para a construção de novos termos, associada a um ‘**morfema preso**’.

Quadro 07 – Construtos terminológicos dos processos derivacionais em LSB

O construto I emergiu produtivamente na análise dos termos nessa etapa da pesquisa. Foram identificadas distintas entidades morfológicas, designadas por base-presa ou morfemas-base, que possibilitam a produção de novos termos de mesmo campo semântico. Encontrá-los na análise desenvolvida propiciou a elaboração de um inventário de outras construções terminológicas e lexicais com entidades morfológicas de mesma natureza, a fim de confirmar a produtividade do mecanismo de construção terminológica em LSB presente neste construto e de refletir sobre uma proposta que leve em

<sup>114</sup> Algumas bases têm motivação na LO (motivada por empréstimo da letra inicial da palavra em LO) e outras têm motivação na própria língua de sinais.

<sup>115</sup> A raiz mencionada deve ser entendida como raiz completa ou incompleta. Tradicionalmente, o conceito de raiz nas línguas orais está ligado ao fato de ser a parte da palavra que traz a informação semântica, o conteúdo.

<sup>116</sup> Os dois elementos de natureza distinta, ‘mão passiva’ e ‘informação semântica’, carregam informações sobrepostas, imbricadas na base.

consideração essas entidades na organização onomasiológica<sup>117</sup> e semasiológica<sup>118</sup> de repertórios lexicográficos com LSB. Para cumprir essa tarefa, foi gerado um novo *corpus*.

O *corpus* gerado para a ampliação do estudo dos morfemas-base foi coletado em diferentes contextos discursivos<sup>119</sup> em LSB, dos quais a pesquisadora participou tanto como interlocutora interagente quanto como expectadora. No período da coleta<sup>120</sup>, sempre que a pesquisadora identificava uma UL que se supunha construída a partir de um morfema-base, registrava-a para posterior confirmação da hipótese, agrupamento e análise. Também, compuseram esse *corpus* ULs ou UTs suscitadas pela memória da pesquisadora.

Gerado o *corpus*, optou-se por organizá-lo em quadros segmentados em duas colunas, designadas por BASE e PRODUTO como sugere uma análise derivacional do léxico a partir dos estudos de Camara Jr (1970) e Basílio (2004)<sup>121</sup>. A estrutura BASE que equivale ao morfema-base, à base-presa ou a radicais é constituída, normalmente, por CM, OP e PA. O produto é resultado de derivações sufixais, ou seja, à base associa-se a outra mão com CM, OP, PA e os demais parâmetros: Mov., EF e EC para constituir a nova UL ou UT, da forma como apresentada no Construto I. A parte dessas ULs e UTs que foi fotografada, foi incluída nas notas de rodapé de seus respectivos equivalentes em LP<sup>122</sup>.

Palavras já constituídas na LSB, tanto no domínio da língua comum quanto no domínio da linguagem de especialidade, podem se transformar em base para a produção de novas palavras e, conseqüentemente, para o preenchimento de lacunas lexicais e terminológicas em LSB. Como visto na análise do *corpus* (que trata dos morfemas-base), esse mecanismo morfológico é bastante produtivo na expansão terminológica.

---

<sup>117</sup> A organização onomasiológica de dicionários parte do conteúdo para a forma. Enquadram-se nesses tipos de dicionário aqueles organizados analogicamente (organizados todos por idéias e, ao final, com um índice alfabético ou com um índice da ordenação) As remissivas são de natureza onomasiológica.

<sup>118</sup> A organização semasiológica de dicionários parte da forma para o conteúdo. Enquadram-se nesses tipos de dicionário aqueles organizados por ordem alfabética.

<sup>119</sup> Esses contextos discursivos tanto aconteceram durante aulas do Curso de Licenciatura Letras-Libras quanto em contextos informais de interação social com Surdos.

<sup>120</sup> Essa coleta não teve um período rígido.

<sup>121</sup> Os estudos de Câmara Jr (1970) e Basílio (2004) tratam dos mecanismos morfológicos de construção lexical a partir de uma perspectiva pouco menos funcionalista que a apresentada pelo Modelo Silex, mas que não o contradiz. Outrossim, entende-se que ambos os estudos são complementares.

<sup>122</sup> Nem todas as ULs e UTs do *corpus* gerado para esse estudo puderam ser representadas em LSB, em tempo para a versão final desta etapa.

O campo semântico formado a partir do morfema-base “palavra” nos exemplos do Quadro 08 amplia a relação das UTs que fazem parte da extensão analisada na seção anterior pelos termos MORFOLOGIA (Figura 17 – anexo VI) e PALAVRA (Figura 18 – anexo VI).

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
<p>- significado da base: PALAVRA/ MORFEMA</p> 	<p>Morfologia<sup>i</sup>            Derivação<sup>ii</sup>            Composição<sup>iii</sup>            Flexão<sup>iv</sup>            Unidade Lexical Complexa<sup>v</sup>            Afixos            Sufixo            Prefixo            Sílaba</p>

Quadro 08 – BASE-PRODUTO: Palavra/Morfema

Para a realização do morfema-base equivalente a “Tela de TV” ou a “monitor de computador” atuam a CM, o PA e a OP, como ocorre com os demais morfemas-base identificados. Está ausente o Mov. que é acrescentado à UL ao ser adicionado o morfema da mão-ativa no processo de derivação.

O morfema-base com a CM “L” originário da metonímia que prototipicamente designou a quina inferior da tela do monitor dos computadores atuais amplia lexicalmente todo campo semântico derivado no espaço de utilização do computador. Por exemplo, para o curso Letras-Libras, cujo ensino ocorre na modalidade a distância, ele se transformou em constituinte de UTs que denominam ambiente virtual de ensino (AVEA), videoconferências, hipertextos, emails enviados por esse ambiente e outros. Também há UTs não específicas do curso em referência, mas aplicados à terminologia da área da computação e que se referem, por exemplo, a ações executadas num computador, como é o caso de “instalar programas no computador”<sup>123</sup> etc. A esse grupo, também, é possível acrescentar a inserção de um *software*, um texto, ou outro componente numa CPU.

<sup>123</sup> Note-se, a respeito dessa UT que denomina ‘instalação de programas em um computador’, que se trata de uma denominação essencialmente baseada na percepção visual da instalação de um programa no computador e não do ato de instalação em si. Os usuários de computador, especialmente os mais leigos, têm sempre a ilusão de que toda tarefa executada em um computador é realizada na tela, premissa falsa diante do entendimento de que todas as tarefas são enviadas à CPU do computador ou a uma base mecânica dele. O que se tem à frente dos olhos é comandado à ‘máquina’ e não ao monitor. Caso semelhante ocorre com a falsa premissa de que o sol “nasce” e “põe-se” como se o movimento partisse do sol e não da terra. Essa característica reitera que a

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: Tela de TV ou de monitor de computador 	Videoconferência <sup>vi</sup> Ambiente virtual de aprendizagem - AVEA <sup>vii</sup> hipertexto <sup>viii</sup> Instalação de programa <sup>ix</sup> Envio de mensagens (emails) <sup>x</sup> Legenda <sup>xi</sup> Participação virtual Frequência ao AVEA etc.

Quadro 09 – BASE-PRODUTO: Tela

O empréstimo das iniciais é produtivo nesse processo de construção terminológica, tendo em vista o fato de o acesso ao conhecimento científico advir de um meio multicultural cuja predominância é da cultura oral na qual o conhecimento se encontra lingüisticamente consolidado. É preciso reforçar o que foi dito: muitas vezes, as letras transliteradas servem como motivação, mas acabam por se fixar de outra forma.

Entre os morfemas-base dessa natureza foram encontrados morfemas idênticos ou quase idênticos, com estatuto de base em campos semânticos bem distintos, o que caracteriza, *a priori*, a presença de homonímia para esse tipo de construção morfológica com estatuto de base. Esse é o caso do morfema-base com a CM “L” tanto para o significado da base: “tela do monitor” (CM do exemplo anterior) quanto para o morfema-base com a CM “L” originária da CM que compõe a UT que denomina ‘letra’, utilizada como base para ampliar o campo semântico de palavras derivadas dela, como as apresentadas no Quadro 10.

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: Letra/Letras 	Letras <sup>xii</sup> Licenciatura <sup>xiii</sup> Licenciatura em Letras-Libras <sup>xiv</sup> Bacharelado em tradução e interpretação

Quadro 10 – BASE-PRODUTO: Letra

A lista de palavras com o morfema-base “texto” é extensa (Quadro 11). Esse morfema-base se apresenta por duas variantes: (i) OP contralateral com a ponta dos dedos para cima;

---

informação visual é tão mais forte que a informação física e real que atravessa o espectro da construção lingüística, reflexão que aponta caminhos para outros estudos relacionados a esse tema.

e (ii) OP para cima, com a ponta dos dedos para frente, em linha reta, ou na diagonal. A pesquisa desenvolvida não chegou a atestar se essa variação é alofônica ou alomórfica<sup>124</sup>.

Para a construção de uma UT ou de uma UL, a opção por uma ou outra variante parece não ser arbitrária; parece haver um critério de seleção da UT ou da UL por uma das variantes, pois algumas ULs são articuladas com um morfema-base e outras são articuladas com o outro. Por não ser escopo da pesquisa, não foi desenvolvido estudo aprofundado o suficiente para determinar em que nível se encontra a restrição. Entretanto, há indícios de que essa restrição possa ser semântica. Textos pessoais, editáveis, ou escritos a mão seriam articulados com OP para cima; enquanto impressos de divulgação ampla e documentos formais e oficiais seriam articulados com OP contralateral.

Esse indício é apresentado com base numa análise superficial das ULs e UTs construídas a partir de uma e outra variante do morfema-base. Da variante desse morfema-base cuja OP está para cima, com a ponta dos dedos para frente, em linha reta ou na diagonal, derivam os substantivos: papel, livro, jornal, revista, caderno, secretaria, atestado, carta, tradução, redação, atestado/documento, *signwriting*, tabela, RG, atividade, desenho; bem como os verbos: escrever, ler, folhear, apagar, estudar, agendar, combinar ou marcar<sup>125</sup>. Da variante desse morfema-base cuja OP está na posição contralateral, com a ponta dos dedos para cima, derivam: lei, decreto, declaração, texto, documento, projeto, programa, relatório, proposta, documento etc.

Outras hipóteses circundam essas análises. Teria essa segunda forma se originado de uma apócope ou aférese da palavra LIVRO? A base para o termo “constituição” (CM “L” da mão-ativa sobre o dorso da mão-passiva com a OP para baixo) pode ser outra variação da base “texto”, que pode estar relacionada a outra metonímia do mesmo referente ou a outro elemento que se perdeu na diacronia. Uma hipótese é de que esse morfema-base possa ter relação direta com a capa fechada de um livro.

---

<sup>124</sup> Por não ser escopo desse estudo, optou-se não desenvolver o tema ‘alofonia’ e ‘alomorfia’ em LSB, neste estudo.

<sup>125</sup> ‘Agendar’, ‘combinar’ e ‘marcar’, na variante dialetal da LSB e Brasília-DF, têm o mesmo referente.

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais	
<p>- significado da base: “texto” impresso<sup>xv</sup> ou escrito a mão.</p> 	<p>Lei<sup>xvi</sup> Decreto<sup>xvii</sup> Dicionário<sup>xviii</sup> Conteúdo<sup>xix</sup> Programa<sup>xx</sup> Declaração<sup>xxi</sup> Metodologia<sup>xxii</sup> Currículo<sup>xxiii</sup> Texto argumentativo<sup>xxiv</sup> Projeto<sup>xxv</sup> Estatuto<sup>xxvi</sup> Edital<sup>xxvii</sup> Gramática da língua<sup>xxviii</sup> Gramática– compêndio<sup>xxix</sup> Gramática internalizada<sup>xxx</sup> Regras<sup>xxxi</sup> Texto<sup>xxxii</sup> Atestado/Documento<sup>xxxiii</sup> Capítulo Versículo Proposta</p>	<p><i>Signwriting</i><sup>xxxiv</sup> Escrever<sup>xxxv</sup> Redação<sup>xxxvi</sup> Ler<sup>xxxvii</sup> Tabela<sup>xxxviii</sup> Atividade<sup>xxxix</sup> Desenho<sup>xl</sup> Apagar<sup>xli</sup> RG<sup>xlii</sup> Papel<sup>xliii</sup> Caderno<sup>xliv</sup> Estudar Livro Revista Folhear</p>

Quadro 11 – BASE-PRODUTO: Impresso

A OP para esse morfema-base sofre alterações, como é possível notar no uso lexical de cada termo (Quadro 12). Trata-se de uma alofonia da OP, pois não há mudança de significado da base: a base semântica é a mesma! Todas as ULs estão relacionadas a um tipo de associação com a LS.

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais	
<p>- significado da base: Língua de Sinais</p> 	<p>Libras<sup>xliv</sup> Proficiência<sup>xlvi</sup> CM<sup>xlvii</sup> 'Opinião em Língua de Sinais'<sup>xlviiii</sup></p>	

Quadro 12 – BASE-PRODUTO: Língua de Sinais

Outro exemplo de morfema-base homônimo encontra-se no morfema-base para a formação dos nomes de algumas cores e da derivação de CARNE. Carne é articulada no mesmo PA, apesar de ser uma unidade mais icônica, pois puxa a pele. Também não se refere à pele, apesar de puxá-la. Refere-se a CARNE, ou seja, o que há sob a pele.

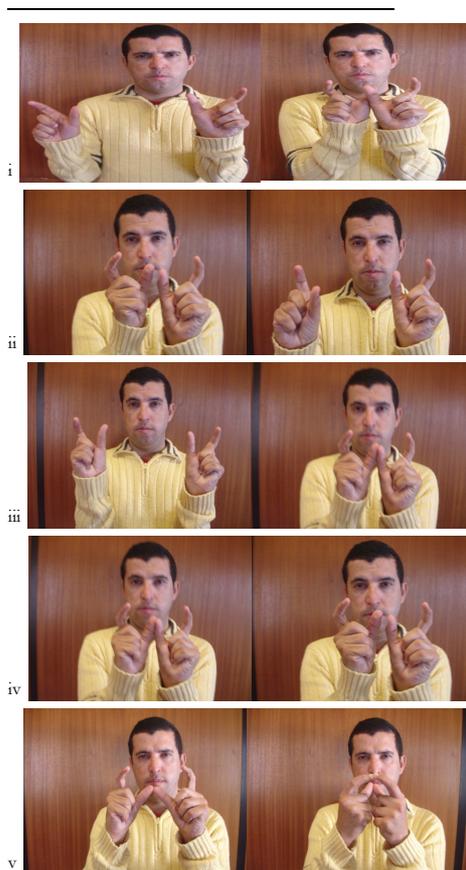
BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: cor	Bege <sup>lix</sup> Cinza <sup>l</sup> Lilás <sup>li</sup> Marrom <sup>lii</sup> Preto <sup>liii</sup> Roxo <sup>liv</sup> Verde <sup>lv</sup> Violeta <sup>lvi</sup> Branco <sup>lvii</sup>

Quadro 13 – BASE-PRODUTO: Cor

Também foram encontrados exemplos de morfema-base em outros grupos de palavras. A título de ilustração segue o Quadro 14. A análise destes e de outros grupos encontrados e não incluídos nesse estudo, entretanto, fica reservada para outro momento.

BASE (CM +OP + PA)	PRODUTO – derivações sufixais
- significado da base: pequena circunscrição (divisa territorial) de povoado a Estado. Não contempla região	Cidade Bairro Município Estado

Quadro 14 – BASE-PRODUTO: Divisão Territorial



**Obs.:** na transcrição de LSB pelo “Sistema de Notação por Palavras”, duas palavras da LP podem ser incluídas para representar um sinal em LSB. Esse registro de UTC equivale a uma UL complexa em LSB e uma UL simples em LP.



<sup>xv</sup> O termo ‘impresso’ está empregado como nas acepções 2 e 3 do Aurélio eletrônico (2004): 2. produto das artes ou indústrias gráficas. 3. papel impresso para uso em correspondência, serviços administrativos, etc.



xvii



xviii

Essa é a representação da UL que se refere a 'decreto'. Para a construção da unidade lexical que se refere a "Decreto-Lei" houve variação de base. A construção baseou-se em composição organizada pelo empréstimo das letras iniciais de cada uma das duas palavras, "D" e "L".



xix



xx



xxi



xxii



xxiii



xxiv



xxv





xxxv



xxxvi



xxxvii



xxxviii

**Obs.:** TABELA pode ser uma UL articulada no ar, mas em se tratando de papel, pode ser no papel.



xxxix



xl



xli



xlii



xliii

**Obs.:** A CM “L” na denominação de PAPEL, em LSB, é um constituinte opaco. Pode ter sido motivado pela última letra da palavra, o que não é comum em construções lexicais da LSB, mas não impossível; também não se deve descartar a hipótese de essa designação ter sido motivada pelo formato de um peso ou prendedor para papel sobre uma mesa.



xliv



xlv



xlvi



xlvii



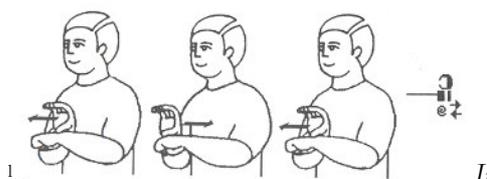
xlviii

‘Opinião em Língua de Sinais opõe-se a ‘opinião em Língua Oral’. Para a primeira expressão, o ponto de articulação é a mão, referente de fala de uma língua de sinais. Para a segunda expressão, o ponto de articulação são os lábios, referente de fala de uma língua oral.



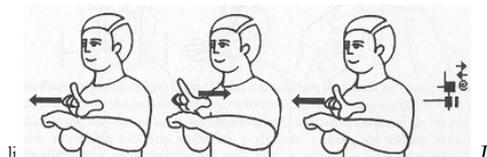
xliv

*In: Capovilla et al. (2001).*



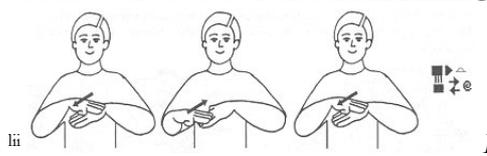
l

*In: Capovilla et al. (2001).*



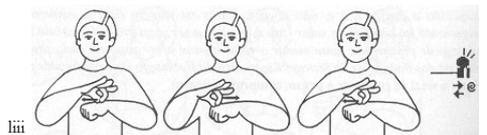
li

*In: Capovilla et al. (2001).*



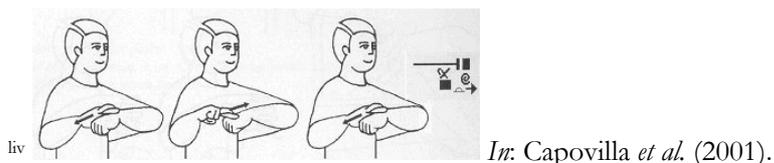
lii

*In: Capovilla et al. (2001).*



liii

*In: Capovilla et al. (2001).*



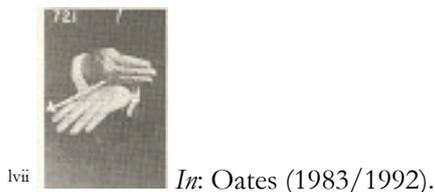
liv

*In: Capovilla et al. (2001).*

lv

*In: Capovilla et al. (2001).*

lvi

*In: Capovilla et al. (2001).*

lvii

*In: Oates (1983/1992).*

#### 1.3.4. *Processos de construção de denominações de categorias x processos de construção de terminologia em LSB*

Se os mecanismos morfológicos encontrados nos processos de construção de denominação de categorias forem comparados aos mecanismos morfológicos encontrados nos processos de construção de terminologia em LSB, não será difícil identificar uma produtividade diferenciada para cada um dos tipos de construção. Os mecanismos morfológicos produtivos na construção de denominações de categorias são preponderantemente composicionais, enquanto os mecanismos morfológicos produtivos na expansão terminológica são preponderantemente derivacionais.

Na categorização dos elementos de um grupo em níveis básicos, subordinados e superordenados, conforme a pesquisa apresentada na seção '1.2.4.' deste capítulo (pp.23-49), o protótipo tende a expandir na denominação de subcategorias com o acréscimo de uma UL 'à direita' do termo<sup>126</sup> já existente na língua como ocorre na LP com uma UTC de acordo com os estudos de Faulstich (2003).

Em outras palavras, elemento(s) em seqüência é(são) acrescentado(s) ao nome da categoria já existente, de forma que o primeiro elemento é o que já existia como constituinte da

<sup>126</sup> A expressão "à direita" refere-se ao elemento que é acrescentado depois da unidade anteriormente existente.

categoria superordenada, mas que aparece, no nível subordinado, acompanhado de outros elementos também em posição central no *continuum* de prototipicidade, mas em nível mais periférico que aquele eleito para denominar o nível superordenado da categoria. Foi assim que emergiu, no experimento aplicado, a denominação LEÃO-BIGODE-ETC. para denominar os felinos, categoria hipônima e subordinada à categoria dos animais, preenchida, inicialmente, pelo nome do protótipo escolhido “LEÃO”.

Para os processos de expansão terminológica, entidades morfológicas como um morfema-base conjugam-se a afixos que irão delimitar o significado da UT construída. Esses afixos não podem ser definidos, nem como prefixo, nem como sufixo, pois a junção dos elementos é praticamente simultânea, característica da modalidade visuo-espacial para ULs e UTs articuladas com duas mãos e CMs diferentes.

Esse processo predominante na neologia terminológica está relacionado ao fato de que, numa área terminológica, muitos termos surgem para detalhar e especificar partes de outros conceitos, muitas vezes hipônimos, e como a parte mais geral do conceito já está construída, torna-se um morfema-base para agregar outros conceitos e especificar os hipônimos. Por isso, a expansão derivacional emerge com tanta produtividade.

O termo estável, construído e constituído numa área do conhecimento, continua existindo como tal, com suas características iniciais. Entretanto, ‘duplica’ sua função, pois além de permanecer como forma livre, assume o estatuto de base. Nessa nova função morfológica assumida por esse termo, a informação semântica que tinha antes permanece, mas agrega outros componentes morfológicos que irão especializar o significado do termo constituído. Esse processo, então, caracteriza-se como processo DERIVACIONAL. No *corpus* terminológico gerado entre os 26 termos analisados, somente três foram identificados como composição: ‘composição’ (UT constituída por PALAVRA + PALAVRA), “unidade lexical complexa” (UT constituída de PALAVRA + PALAVRA cujo Mov. e CM final representam o significado de condensação de informação semântica e “adjetivo” (UT constituída de NOME + EXPLICAR).

### 1.3.5. O *lexicón* da LSB

*Lexicón*, no contexto dessa pesquisa, refere-se ao fundo lexical de uma língua, à base de constituintes e de estruturas lingüísticas internamente organizadas e disponíveis para a construção lexical de uma língua (cf. MILLER, 1991; USÓN, 1999). Esses constituintes combinam-se entre si num processo dinâmico de atualização e enriquecimento das línguas, organizam-se de forma a aceitarem ou a rejeitarem a proposição de um vocábulo novo, um neologismo. Por esse motivo, é possível dizer que nenhum neologismo é arbitrário: parte do *lexicón*.

O *lexicón*, então, é constituído, além dos constituintes, dos recursos que uma língua tem para a construção infinita de vocábulos, candidatos ao preenchimento de todas as lacunas lexicais e terminológicas dessa língua. Além de oferecer as regras de organização interna do léxico e dos termos, também oferece as possibilidades de associação dos termos entre si, com todos os componentes gramaticais e restrições que a língua comporta. A ‘metáfora do lego’ ilustra bem o *lexicón*. Cada peça do lego, cada constituinte do *lexicón* traz em si, inerente, seus próprios encaixes, suas próprias regras, de forma que cada um(a) tem uma estrutura na qual se encaixa (a peça) ‘x’, mas não (a peça) ‘y’.

Apesar de o *lexicón* aparentar ser um conjunto finito, ele se enriquece e, conseqüentemente, enriquece as línguas que dele se derivam, ao permitir a adoção de ‘estruturas’ de outras línguas, como os ‘empréstimos’, por meio da acomodação cultural, do contato direto com outras culturas e/ou da introdução de novas tecnologias.

Sabe-se que o *lexicón* da língua portuguesa – LP – está sedimentado em estruturas latinas. Por isso, o latim é o grande fundo lexical da LP. A LSB, apesar de conviver constantemente com o léxico da LP, não herda nenhum constituinte diretamente do latim. Não são identificados radicais, nem desinências entre os itens emprestados da LP para a LSB. Tal ausência justifica-se pelo fato de as palavras emprestadas já estarem cristalizadas na LP e, portanto, quando emprestadas, não se fragmentam a não ser por letras. Portanto, sufixos e prefixos latinos não se destacam na LSB. Esse fator reforça ainda mais a independência lingüística das línguas de modalidade vísuo-espacial. Apesar do forte contato entre falantes de LP e falantes de LSB, a LSB é, sem dúvida, uma língua totalmente independente da LP.

De que, então, constitui-se o fundo lexical da LSB? Que entidades morfológicas compõem o *lexicón* da LSB? Pode-se dizer que, grosso modo, são ‘*lexicón-constituintes*’ da LSB:

a) os parâmetros, constituintes de unidades lexicais simples da LSB, a saber, Configuração de Mão (CM) que pode ser representada por uma única mão ou pelas duas mãos, ambas com a mesma CM ou cada uma com uma CM diferente; Ponto de Articulação (PA), Movimento (Mov.) e os parâmetros complementares: Orientação da Palma da Mão (OP) e Expressões Não-Manuais que englobam as expressões faciais e as expressões corporais; com a possibilidade de representação espacial de qualquer conceito.

b) os classificadores, ULs classificadoras constituídas dos mesmos parâmetros de constituição de unidades lexicais simples, entretanto, com significado complexo.

c) os morfemas-base constituintes de ULs e de UTs. São constituintes que favorecem a construção de termos de mesmo campo semântico. Esses morfemas-base são constituídos de algumas palavras da LSB, ou partes delas, que desdobram sua função e constituem base para formação e construção de neologismos, especialmente nas áreas de especialidades. Tornam-se elementos com estatuto morfológico de base sobre a qual se constroem novos termos;

d) as ULs emprestadas de outras línguas de sinais, especialmente da LSF e da ASL, porque são as línguas de sinais que, até hoje, mais emprestaram sinais para a LSB.

e) os elementos prototípicos especialmente aqueles em posições mais centrais de categorias<sup>127</sup>;

f) as metonímias e os conceitos metafóricos que envolvem metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais, responsáveis pela motivação de grande parte das construções lexicais (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980);

g) os ícones lingüísticos<sup>128</sup> que, motivados pela forma, incorporam-se à cognição a partir do momento de sua constituição, conforme defendidos por Faulstich (2007);

---

<sup>127</sup> Para mais informações a respeito dos protótipos vide Kleiber (1990) e Klima & Bellugi (1979) na seção ‘1.2.2.’.

<sup>128</sup> Entende-se o ícone lingüístico como um constituinte totalmente distanciado da forma, pois, mesmo que tenha sido motivado por uma ‘forma’, perde toda a referência ou semelhança com ela, pois, ao incorporar à cognição, torna opaco qualquer traço físico do objeto que possa ter motivado a sua denominação em língua de sinais. (cf. FAULSTICH, 2007).

h) os empréstimos de letras da LP ‘transliteradas’ para CMs específicas na LSB, que podem acontecer com todas as letras da palavra, por uma parte delas ou pelas iniciais, que carregam um estatuto morfológico, pois perdem a identidade com o referente de onde foram extraídos, mas não perdem o significado. Isso significa que, em contexto de empréstimo, elas carregam em si mais que uma simples representação de uma letra do alfabeto datilológico, pois têm um conteúdo morfológico para a constituição do termo que as abrigará na LSB. Esta delimitação e a extensão determinada para a LSB foi possível a partir das micro-pesquisas desenvolvidas neste estudo.

### 1.3.6. *Uma proposta para ordenação de entradas em LSB*

As reflexões suscitadas nesta etapa do estudo levam a questões metodológicas importantes, a serem consideradas na construção de repertórios lexicográficos em LSB. E o próximo passo para esse tipo de análise foi, então, perguntar: Em que as análises feitas podem contribuir na organização de repertórios terminológicos em LSB? Um repertório terminológico pode ser organizado a partir de morfemas-base? Por que não? A análise dos processos de construção terminológica de morfemas-base, em LSB, leva a uma proposta de ‘organização de repertórios terminográficos’ a partir de critérios, respectivamente, onomasiológicos<sup>129</sup> e semasiológicos<sup>130</sup>. O critério onomasiológico leva ao agrupamento dos verbetes, por campo semântico, a partir do agrupamento de UTs cuja constituição parte de uma mesma base morfológica e semântica. A expansão terminológica, nesse caso, parte do princípio de que os termos pertencentes ao mesmo campo semântico têm a possibilidade de se expandir a partir de uma mesma base.

Nessa proposta de organização, os termos expandidos são agrupados. Essa organização é possível, porque o critério empregado para a ordenação semasiológica de repertórios lexicográficos e terminográficos pode ter como unidade de ordenação o morfemas-base, normalmente articulado pela mão-passiva<sup>131</sup>. Nesse caso, a mão-passiva determina a ordem. A aplicação desse critério torna possível uma organização, pelo menos em princípio, também onomasiológica de um repertório.

<sup>129</sup> Para definição de onomasiológico vide notas 56 e 117.

<sup>130</sup> Para definição de semasiológico vide nota 118.

<sup>131</sup> Como já visto, esse morfema pode se originar de uma UL ou de uma UT que tem valor de palavra, articulada com a mão-ativa. Quando passa a ser morfema com estatuto de base passa a ser articulado pela mão-passiva.

O passo seguinte é a organização semasiológica interna e externa<sup>132</sup>. A organização semasiológica interna cuidará da ordem interna de cada verbete (no nível da microestrutura); e a organização semasiológica externa cuidará da ordem entre um verbete e outro (no nível da macroestrutura). Os critérios de organização semasiológica tanto interna quanto externa podem ser os mesmos e podem estar de acordo com uma seqüência paramétrica preestabelecida. A proposta permite, também, a organização sistemática de bases alomórficas por meio de remissivas.

No nível da microestrutura os verbetes podem ser agrupados com subentradas polissêmicas como acontece em verbetes de repertórios lexicográficos da LOs. Essa proposta desconsidera, em princípio, o fato de ser possível um mesmo campo semântico ser constituído de nomes construídos a partir de diferentes bases morfológicas. Nesse caso, a organização interna do verbete pode seguir um critério semasiológico paramétrico da LSB e, também, a ordenação dos campos semânticos possa seguir uma ordem a ser estabelecida para as CMs e os demais parâmetros<sup>133</sup>.

A ordem semasiológica paramétrica dos referentes de mesma base morfológica pode ser orientada para uma seqüência organizada, primeiramente, a partir de termos articulados com uma mão: aqueles de formação morfológica mais básica cuja CM carregará o estatuto de base para a constituição de outros termos. Em segundo lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos e com mesma CM. Em terceiro lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos simétricas iniciadas por uma CM e finalizadas por outra CM. Para exemplificar essa proposta, extraiu-se do *corpus* analisado, na seção ‘1.3.2.2.’ desse capítulo, os termos LÍNGUA, LINGUAGEM, LINGÜÍSTICA, organizados na seguinte ordem:



#### 1. LÍNGUA – uma mão

<sup>132</sup> A proposta para a ordenação semasiológica está toda desenvolvida nos capítulos 2 e 3 desta pesquisa.

<sup>133</sup> Sobre a ordenação paramétrica vide capítulo 2 desta tese.



## 2. LINGUAGEM – duas mãos com a mesma CM



## 3. LINGÜÍSTICA – duas mãos em CM simétrica com alteração para outra CM na altura dos ombros, também simétrica.

A partir da seqüência apresentada, é possível organizar repertórios terminográficos para repertórios em LSB a partir de lemas de mesmo campo semântico, associado a uma ordem com base em critérios fonologicamente estabelecidos, como é o caso dessa seqüência de termos cuja mão-ativa apresenta as mesmas CMs e o critério de ordenação é o fato de o primeiro sinal ser articulado com uma mão, o segundo com as duas mãos e a mesma CM e o terceiro como as duas mãos e CM inicial diferente da CM final. Essa organização sustenta-se no modelo de organização de repertórios com LS apresentado por Tennant & Brown (2004), analisado no anexo VII sob o código: INT\_IMP\_GER\_HAND\_01.

A partir das análises e dos construtos apresentados, essa parte da pesquisa demonstrou: (i) que a produtividade dos empréstimos da terminologia da LP à terminologia da LSB, ainda que mantida apenas como motivação, dado o contexto de contato lingüístico, favorece o preenchimento de lacunas terminológicas, e (ii) que o Modelo SILEX permite a identificação e a análise dos mecanismos morfológicos de construção terminológica, em LSB. Foi possível, também: (a) constatar a existência da competência construcional<sup>134</sup> dos falantes de LSB, como L1, ao preencherem lacunas terminológicas na LSB; (b) mostrar que o Modelo Silex sustenta uma análise morfológica que contempla questões funcionais da língua; de suma importância, (c) sistematizar o *lexicón* da LSB; e, por fim, (d) refletir a respeito da ordenação semasiológica na macro e na microestrutura de repertórios com LSB.

<sup>134</sup> Competência Construcional é expressão cunhada por Corbin e faz paralelo com outras expressões como as cunhadas por Chomsky (1998)– competência lingüística; e Hymes (1980) – competência comunicativa.

Outro componente importante na constituição do léxico da LSB está relacionado aos classificadores. Eles serão estudados a seguir.

#### 1.4. Os Classificadores em LSB - uma proposta taxionômica para os classificadores da LSB

Os estudos descritivos das línguas proporcionaram a identificação e descrição de um componente gramatical presente em dezenas de línguas, como algumas línguas indígenas, africanas e de sinais; e ausente em muitas, entre as quais, o português. Trata-se do ‘classificador’ (CL). Há, porém, uma grande controvérsia acerca do significado e da denominação para “classificador” nas línguas de sinais. Emmorey (2003) explica que:

*“Research in the early 1980s suggested that classifier constructions can be analyzed as combinations of discrete morphemes, specifically, as predicates consisting of one or more movement roots along with several other morphemes encoding the shape or semantic class of object involved (indicated by handshape), the location of a referent object, and the orientation of the object”*<sup>135</sup> (EMMOREY, 2003)

A pesquisadora (EMMOREY, 2003:3) explica, ainda, que os morfemas classificadores vêm sendo amplamente descritos nos estudos lingüísticos sobre as línguas de sinais como “*polycomponential verbs*”. Apesar disso, a terminologia empregada na literatura que trata das CMs como exemplos de morfemas classificadores, descrições destas construções complexas em diferentes línguas tem variado muito.

*“In Australia, they are generally known as classifier signs or simply classifiers (Bernal, 1977; Branson et al., 1995), whereas elsewhere they have been variously referred to as classifier verbs or verbs of motion and location (Supalla, 1986, 1990), classifier predicates (Corazza, 1990; Schick, 1987, 1990; Smith, 1990; Valli & Lucas, 1995), special-locative predicates (Liddell & Johnson, 1987), polymorphemic predicates (Collins-Ahlgren, 1990; Wallin 1990), polysynthetic signs (Takkinen, 1996; Wallin, 1996, 1998), productive signs (Brennan, 1992; Wallin, 1998), polycomponential signs (Slobin et al., 2001), and polymorphemic verbs (Engberg-Pedersen, 1993)”*<sup>136</sup>. (EMMOREY, 2003:4)

<sup>135</sup> Tradução da pesquisadora: “pesquisas na década de 80 sugeriam que construções com classificador pudessem ser analisadas como combinações de morfemas discretos, mais especificamente como predicados que consistem de uma ou várias rotas de movimento ao lado de diversos outros morfemas que codificam a forma ou classe semântica do objeto indicado pela CM, a locação e a orientação desse objeto” (EMMOREY, 2003).

<sup>136</sup> Tradução parcial da pesquisadora. Optou-se por não traduzir a terminologia empregada pelos diferentes autores: “Na Austrália, eles são geralmente conhecidos como ‘*classifier signs*’ ou, simplesmente, ‘*classifiers*’ (Bernal, 1977; Branson et al., 1995), há várias referências a eles como ‘*classifier verbs*’ ou ‘*verbs of motion and location*’ (Supalla, 1986, 1990), ‘*classifier predicates*’ (Corazza, 1990;

Entender os conceitos de ‘classe’ e ‘categoria’ pode ser produtivo para a compreensão de do termo Classificador. Abbagnano (2003:146) explica como segunda acepção de ‘classe’ que:

“Pode-se definir uma classe enumerando os membros que a compõem (definição extensiva) ou indicando a propriedade comum de todos os seus membros (definição intensiva), como quando se fala do “gênero humano” ou dos “habitantes de Londres” (ABBAGNANO, 2003:146)

E define como ‘classificação’ à:

“Operação de repartir um conjunto de objetos (quaisquer que sejam) em classes coordenadas ou subordinadas, utilizando os critérios oportunamente escolhidos. Como o conceito de classe é generalíssimo e compreende todo e qualquer conceito sob o aspecto da extensão, a operação de classificação é igualmente generalíssima e pode compreender qualquer procedimento de divisão, distinção, ordenação, coordenação, hierarquização, etc. (ABBAGNANO, 2003:147)

Os conceitos apresentados por Abbagnano (2003:146-7) para ‘classe’ e ‘classificação’ apresentam-nos com um significado bastante geral e, por isso, comportam a possibilidade de denominar essa categoria da LSB pelo termo ‘classificador’, uma unidade ‘morfêmico-lexical’ simples com unidade semântico-sintática complexa. Em outras palavras, um tipo de morfema livre<sup>137</sup> com grande informação semântica e que, por isso, representa ora um sintagma nominal, ora um sintagma verbal com alto poder de ajuste pragmático. Apesar das controvérsias, não se tem dúvida de que os CLs são constituintes com função gramatical.

No Brasil, foi Felipe (1998; 2002) quem pesquisou, com detalhe, esse componente bastante produtivo na estrutura da LSB. Com o intuito de tornar mais didática e objetiva a distribuição categorial dos CLs, apesar do risco de se perder alguma taxionomia relevante, a partir da proposta de Allan (1977), Felipe (cf. 1998 e 2002) e das de outros pesquisadores, como Ferreira-Brito (1995) e Supalla (1982), esta seção propõe uma distribuição taxionômica dessas categorias para entender como se organizam morfologicamente e identificar se a sua organização pode contribuir para o inventário delas em repertórios lexicográficos.

---

Schick, 1987, 1990; Smith, 1990; Valli & Lucas, 1995), ‘*special-locative predicates*’ (Liddell & Johnson, 1987), ‘*polymorphemic predicates*’ (Collins-Ahlgren, 1990; Wallin 1990), ‘*polysynthetic signs*’ (Takkinen, 1996; Wallin, 1996, 1998), ‘*productive signs*’ (Brennan, 1992; Wallin, 1998), ‘*polycomponential signs*’ (Slobin et al., 2001), e ‘*polymorphemic verbs*’ (Engberg-Pedersen, 1993) (EMMOREY, 2003:4).

<sup>137</sup> Ferreira-Brito (1995:102) já definia os classificadores como morfemas.

É fundamental, ao estudo lexicográfico, entender como esses CLs constituem-se e organizam-se, em LSB, a fim de que sejam delimitadas as bases que vão compor as entradas de verbetes dos repertórios que envolvem esses constituintes altamente produtivos nas LS.

Morfologicamente, um CLASSIFICADOR, em LSB, realiza-se de forma idêntica à de uma UL da LSB. Ele é constituído dos mesmos componentes de uma UL da LSB (CM, OP, PA, Mov. e ENM) e submete-se às mesmas regras de construção lexical das palavras da LSB. Por causa dessas semelhanças, eventualmente, ambos (CLASSIFICADORES e ULs) confundem-se. A diferença básica entre uma unidade lexical simples e um CLASSIFICADOR, portanto, reside ora no papel descritivo e especificador que o CLASSIFICADOR exerce no discurso, ora na função sintática e semântica que ele ocupa na estrutura em que se insere.

Dada essa identidade do CLASSIFICADOR com uma UL em LSB, a entrada lexical do CLASSIFICADOR será, em princípio, idêntica à de uma UL; seguirá os mesmos critérios de organização das entradas das ULs. Ainda assim, esse estudo propõe a taxionomia que se segue para os classificadores ao mesmo tempo em que analisa como eles se constituem e se organizam.

Sintaticamente, um CLASSIFICADOR, em LSB, pode representar toda uma sentença ou parte dela. Esses CLASSIFICADORES manifestam-se, nas sentenças, de duas formas: (a) como CLASSIFICADORES NOMINAIS (nesse caso, descritivos) e (b) como CLASSIFICADORES VERBAIS. Como esse últimos, ocorre após referentes lingüísticos para os quais acrescentam ações ou informações modais, aspectuais e locativas; ou em substituição a referentes, também incorporados<sup>138</sup> com ações ou informações modais, aspectuais e locativas. Alguns exemplos de CLASSIFICADORES encontram-se nos quadros ao longo das explicações que seguem a apresentação do estudo.

As CMs determinam os referentes principais a serem classificados. Entretanto, elas, por si só, não constituem o CLASSIFICADOR. O componente semântico completo só é interpretado a partir do momento em que a CM se articula como UL. Elas são lingüisticamente definidas e estão intimamente relacionadas à entidade que descrevem por meio de relações icônicas e/ou metafóricas, cognitivamente determinadas pelos falantes da LSB.

---

<sup>138</sup> Os termos incorporar/incorporação devem ser entendidos nesse estudo como simultaneidade / sobreposição de informações sintático-semânticas.

Os estudos contemporâneos permitem falar na existência de prefixos em LSB. Frequentemente, descarta-se a possibilidade de a LSB comportar sufixos. Entretanto, parece possível conceber essas incorporações de natureza morfológica como infixos e, conseqüentemente, semântica, com equivalência a uma estrutura sintática que altera os CLs.

A modalidade visuo-espacial da LSB favorece a incorporação de várias funções ao CLASSIFICADOR, pois os CLs, de acordo com a forma e a posição que assumem no discurso, preenchem estruturas sintáticas com associações que vão de SUJEITO – VERBO a SUJEITO – VERBO – OBJETO – INSTRUMENTO – MODO – ASPECTO – LOCATIVO. Por exemplo, uma tradução para a LP, desses tipos de CLs cujas estruturas são aparentemente simples, é capaz de gerar uma unidade estruturalmente complexa diante do alto teor semântico contido na unidade representada na língua de origem, no caso, a LSB. Exemplos dessa ocorrência serão apresentados nos quadros de 16 a 30.

Há como elaborar-se uma taxionomia dos CLs das LS bem mais detalhada. A opção feita nesse trabalho foi a de um agrupamento mais geral dos CLs, conforme anunciado, a partir dos estudos já desenvolvidos em LS (SUPALLA, 1982; FERREIRA-BRITO, 1995; FELIPE, 1998 e 2002), mais especificamente em LSB. Por isso, os CLs estão distribuídos em dois grandes grupos: o dos CLASSIFICADORES NOMINAIS, que se subdividirá em CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS e CLASSIFICADORES NOMINAIS ESPECIFICADORES, e o dos CLASSIFICADORES VERBAIS, que também podem ser subdivididos como se verá nas seções que se seguem.

#### 1.4.1. *Classificadores Nominais*

O primeiro subgrupo dos CLASSIFICADORES NOMINAIS é o grupo dos **CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS**. Esses CLASSIFICADORES descrevem (a) entidades ou partes de entidades de toda natureza: indivíduos<sup>139</sup> animados ou inanimados, a saber, *seres bípedes (erectos)* – pessoas, robôs, bonecos, extra-terrestres etc.; *animais*: os quadrúpedes, os que arrastam, os que pulam; *aves*: as que voam e as que não voam; insetos: como abelhas, borboletas etc.; *plantas*; *objetos* de toda natureza; *meios de transporte*: veículos de todo tipo; *elementos e fenômenos da natureza*, como água, qualquer tipo de substância líquida; terra: qualquer tipo de solo; fogo e luz natural ou produzidos pelo

<sup>139</sup> O termo indivíduo está concebido nessa pesquisa com a seguinte acepção: “o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta” (AURÉLIO, 2004).

homem; elementos gasosos / ar e tudo o que se veicula nele como, por exemplo, a fumaça; (b) superfícies; (c) paisagens: naturais, humanizadas ou abstratas; (d) sentimentos; e (e) lugares; qualquer espaço físico ou abstrato, como o espaço celeste e o espaço cognitivo, entre outros. Todas essas categorias podem ser representadas tanto no singular como no plural. Nos exemplos de CLs de pessoas, a forma do CL se modifica sempre que se apresenta uma pessoa a mais, até 5 (pessoas). Por exemplo, 1 pessoa, 2 pessoas, 3 pessoas, 4 pessoas, 5 pessoas. Para outros contextos e entidades, a quantidade é representada de outra forma no plural, coletivo/coleção, volume, peso e tempo. Normalmente, incorporam o objeto repetindo-o, várias vezes.

A propriedade mais relevante dos CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS é a possibilidade de incorporação de atributos ao nome que “classificam” e descrevem. Segue um quadro com alguns atributos passíveis de representação nesse grupo de CLASSIFICADORES<sup>140</sup>.

<b>CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS ATRIBUTOS<sup>141</sup> PASSÍVEIS DE DESCRIÇÃO</b>
- <i>forma</i> : estrutura (unidimensional, bidimensional e tridimensional), plana, silhueta, perfil, reta, curva, ondulada, “esburacado”, espiralada, helicoidal, zigzagueada, geométrica (quadrada, redonda, arredondada, triangular, oval) etc.
- <i>tamanho</i> : comprimento (comprido e curto), largura (largo e estreito), altura (alto e baixo), todas as dimensões (grande, pequeno, microscópico) etc.
- <i>textura</i> : macia, áspera, etc.
- <i>consistência</i> : líquida, pastosa, cremosa, compacta (maciça), espumante, flexível (mole), rígida (dura), espessa etc.
- <i>espessura</i> : grossa, fina, oca/vazia
- <i>tonalidade</i> : clara, escura, desbotada, viva
- <i>odor</i> : perfumado, fétido
- <i>paladar</i> : doce, salgado, amargo, azedo/ácido
- <i>etc.</i>

Quadro 15 – Classificadores Nominiais Descritivos  
(tipos de atributos)

<sup>140</sup> Sugere-se ao leitor não-falante de LSB que consulte o DVD anexo do GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CL EM LSB. Esse glossário é apenas um protótipo. Não constam nele todos os exemplos mencionados no texto. Entretanto, acredita-se que alguns exemplos de CLs do DVD ilustram alguns classificadores citados no decorrer das seções que compõem esta etapa da pesquisa. Para facilitar, os CLs que, de alguma forma, aparecem no glossário encontram-se registrados com negrito e com itálico para ficar bem visível, nos quadros que exemplificam os CLs.

<sup>141</sup> “substância” não foi inserida entre os atributos “classificáveis”, pois uma substância, normalmente, não é representada por meio de um CLASSIFICADOR, mas por uma UL, como é o caso de: pedra, madeira, vidro, pano, papel entre outros.

O quadro que se segue ilustra alguns CLASSIFICADORES NOMINAIS DESCRITIVOS, em LSB, por meio de transcrições pelo método de notações léxicas, o qual emprega, no registro, palavras da língua portuguesa. Embora os exemplos estejam transcritos<sup>142</sup> em uma combinação de fragmentos, em colunas para segmentar as informações semânticas que compõem o CL exemplificado, eles são articulados como uma unidade, ou seja, simultaneamente:

REFERENTE	ATRIBUTO
BARRA(S)-DE-FERRO- FIO-DENTAL- LÂMINA(S)- LIVRO(S)- ALIANÇA(S)- MOEDA(S)-	-FIN@ -GROSS@ -NEM-FIN@-NEM GROSS@ -MÉDI@
<i>MESA(S)</i> - TELHADO(S)- PORTA(S)-DO-ARMÁRIO-	-PLAN@ -RET@ -ONDULAD@ -ABAUAD@ -IRREGULAR -REGULAR
PRATELEIRA(S)- <i>ESTANTE(S)</i> -	-PLAN@-COM-ÂNGULO
OBJETO(S)- CANO(S)- CABO(S)-DE-VASSOUR@- <i>LUMINÁRIA(S)</i> - CANECA(S)- REGUA(S)- PORTA-RETRATO(S)- CAIXA-CD(S)- QUADRO(S)- <i>MOCHILA(S)</i> - SAPATO(S)- FAIXA(S)-TESTA- FAIXA(S)-CABELO-	-ARREDONDAD@ -GROSS@ -RETANGULAR -QUADRAD@ -PEQUEN@ -GRANDE -COLORID@ -CHEIROS@ -GROSS@ -MOLE
HUMAN@-	-ALEGRE -TRISTE -ALT@ -BAIX@ -GORD@ -MAGR@
ABACAXI(S)-	-SABOROS@
<i>JACARÉ(S)</i> -	-“MORDEDOR”
CABELO(S)-	-GRANDE -PRES@ -SOLT@ -COM-FAIXA
LEÃO(ÕES)-	-BRAV@ -MANS@
GAT@(S)-	-PÉLO-ARREPIADO

Quadro 16 – Classificadores Nominiais Descritivos  
(exemplos com atributos)

<sup>142</sup> Os exemplos de CLs registrados neste trabalho estão todos transcritos por meio do ‘Sistema de Notação em Palavras’, o mesmo sistema utilizado para o registro dos termos em seções anteriores e, conforme já anunciado, incluído como fonte de consulta no anexo XXVIII desta tese.

Outro subgrupo é o dos **CLASSIFICADORES NOMINAIS ESPECIFICADORES**. Esses CLs não descrevem atributos de um referente e, por isso, não são considerados descritivos. Esse tipo de CL especifica: (i) a *localização* de elementos ‘de’ ou ‘em’ um referente (números, símbolos etc.); ou (ii) o *modo* como os referentes “arranjam-se”, dispõem-se, distribuem-se ou espalham-se no espaço; o modo como os referentes estão dispostos em dado lugar ou contexto, por exemplo: enrolados, em círculo, empilhados, enfileirados, espalhados etc. (cf. ALLAN, 1977). Esse último inclui, também, a especificação do modo como se delinham os elementos gasosos.

<b>ESPECIFICADORES DE LOCALIZAÇÃO</b>
NÚMERO- -EM-CAMISA-DE-FUTEBOL -EM-RESIDÊNCIA -EM-TELEFONE -DE-CANAL-DE-TV -DE-CELULAR
NOME-EM-CAMISA
TÍTULO-EM-LIVRO
INSÍGNIA-EM-BONÉ
SIGLA-ESCRITA-EM-PORTA
<b>ESPECIFICADORES DE MODO</b>
<i>FUMAÇA-</i> -DE-CIGARRO-ESPALHANDO -DE-CHURRASCO-SUBINDO <i>-DE-CHAMINÉ-ESPALHANDO</i>
<i>LIVROS-</i> <i>-EMPILHAD@</i> <i>-ENFILEIRAD@</i> <i>-ESPALHAD@</i>
CADEIRAS- -EM-CÍRCULO -ENFILEIRAD@
<i>POTE(S- LADO-A-LADO</i>
QUADRO(S)- -ESPALHAD@ (EM ORDEM) -ESPALHAD@ (SEM ORDEM)
PRATO(S)-ENCAIXAD@-NO-ESCORREDOR
<i>TALHERE(S- POSTOS-NA-MESA</i>

Quadro 17 – Classificadores Nominais Especificadores

#### 1.4.2. *Classificadores Verbais*

O segundo grande grupo é o dos **CLASSIFICADORES VERBAIS**<sup>143</sup>. Esses CLASSIFICADORES constituem predicados completos. Eles se realizam sozinhos ou co-ocorrem com CLASSIFICADORES NOMINAIS. Nesse segundo caso, são reconhecidos como sintagmas nominais que incorporam sintagmas verbais ou como sintagmas verbais que incorporam sintagmas nominais. Essa incorporação caracteriza um sintagma verbal acompanhado de um argumento externo (em função de sujeito “S”). A única RESTRIÇÃO desse tipo de CLASSIFICADOR é a impossibilidade de co-ocorrência dos dois CLASSIFICADORES VERBAIS.

O núcleo dos CLASSIFICADORES VERBAIS é, sem dúvida, o VERBO e, portanto, o constituinte essencial desse grupo de CLASSIFICADORES. Dos CLASSIFICADORES VERBAIS derivam vários subgrupos, resultado da combinação do VERBO com outros constituintes. Agregam ao verbo: sintagmas nominais adjetivados, na posição de SUJEITO ou de OBJETO, de INSTRUMENTO, de LOCATIVO; Adjuntos adverbiais de MODO; adjuntos adverbiais consecutivos e a marcação de ASPECTO. Qualquer um desses constituintes incorpora-se ao núcleo, o CLASSIFICADOR VERBAL. Eles podem ocorrer combinados ou isolados, na realização do CLASSIFICADOR. Por isso, as combinações possíveis são as mais variadas. É possível, também, a incorporação completa de todos esses elementos, na realização do CLASSIFICADOR VERBAL. Seguem algumas possibilidades básicas dessa realização.

Apesar de alguns CLASSIFICADORES NOMINAIS estarem agrupados, cada entidade tem o seu CLASSIFICADOR definido e diferenciado. A semelhança na realização de um e de outro CLASSIFICADOR está normalmente marcada na representação do modo, do aspecto, do instrumento e/ou do locativo.

---

<sup>143</sup> Os “Classificadores Verbais” também são conhecidos como “Verbos Manuais”.

**(A) – SUJEITO<sup>144</sup> + VERBO**

SUJEITO	VERBO
<i>ELEFANTE(S)-</i> <i>CACHORR@ (S)-</i> GAT@ (S)- <i>MACAC@ (S)-</i> <i>JACARÉ(S)-</i>	-ANDAR
COELH@ (S)-	-SALTAR
SAPO(S)-	-PULAR
LESMA(S)- COBRA(S)-	-RASTEJAR
<i>PEIXE(S)-</i> GOLFINHO(S)-	-NADAR -MERGULHAR
<i>CARRO-DE-PASSEIO</i> <sup>145</sup> ÔNIBUS- CAMINHÃO-	-LOCOMOVER -FREIAR
<i>AVIÃO</i> <sup>146</sup>	-LOCOMOVER -DECOLAR -ATERRISSAR
TREM <sup>147</sup> METRÔ-	-LOCOMOVER -FREIAR
MOTO <sup>148</sup> <b>BICICLETA-</b>	-LOCOMOVER -FREIAR
RELÓGIO-	-DESPERTAR
CELULAR-	-TOCAR
OLHO(S)-	-LACRIMEJAR
ALIMENTO(S)-	-SABOREAR (passar língua nos lábios)
CANO(S)- PRATELEIRA(S)- QUADRO(S)-	-AMOLECER
OBJETO-CELESTE- COMETA(S)-	-CAIR -CAIR-NO-AR

Quadro 18 – Classificadores Verbais  
(sujeito e verbo)**(B) – (SUJEITO)<sup>149</sup> + VERBO + OBJETO<sup>150</sup>**

(SUJEITO)	VERBO	OBJETO
(PESSOA-)	-LAVAR-	-PRATO(S) -ROSTO(S) -CARRO(S) -CABELO(S) -ROUPA(S)

Quadro 19 – Classificadores Verbais  
(verbo e objeto)<sup>144</sup> Incorporação de Sujeito.<sup>145</sup> Veículos de 4 ou mais rodas.<sup>146</sup> Veículo aéreo.<sup>147</sup> Veículos sobre trilho.<sup>148</sup> Veículos de 2 rodas.<sup>149</sup> Os parênteses representam a possibilidade de ocupação da lacuna sintática.<sup>150</sup> Incorporação de Objeto.

**(C) – (SUJEITO) + VERBO + (OBJETO) + INSTRUMENTO<sup>151</sup>****(C1) – VERBO + INSTRUMENTO**

(SUJEITO)	VERBO	(OBJETO)	INSTRUMENTO
∅	FURAR-	∅	-COM-FURADEIRA
∅	ATIRAR-	∅	-COM-REVÓLVER

Quadro 20 – Classificadores Verbais  
(verbo e instrumento)

**(C2) – VERBO + OBJETO + INSTRUMENTO**

(SUJEITO)	VERBO	OBJETO	INSTRUMENTO
∅	ESCOVAR-	-CABELO(S)- -DENTES(S)- -ROUPA(S)- -ANIMAL(IS)- -SAPATO(S)-	-COM-PENTE -COM-ESCOVA
∅	COMER-	-ARROZ- -CHURRASCO- -PIPOCA- -PIZZA- -SUSHI- -MILHO- -SANDUICHE-	-COM GARFO -COM A MÃO -COM PALITO

Quadro 21 – Classificadores Verbais  
(verbo, objeto e instrumento)

**(D) - (SUJEITO) + VERBO + (OBJETO) + (INSTRUMENTO) + LOCATIVO<sup>152</sup>****(D1) – VERBO + LOCATIVO**

(SUJEITO)	VERBO	(OBJETO)	(INSTRUMENTO)	LOCATIVO
∅	ESCREVER-	∅	∅	-NO-PAPEL -NO-TECLADO -NA-AREIA -NO-CELULAR -NO-QUADRO-BRANCO
∅	SURFAR-	∅	∅	-NAS-ONDAS-DO-MAR

Quadro 22 – Classificadores Verbais  
(verbo e locativo)

<sup>151</sup> Incorporação de Instrumento.

<sup>152</sup> Incorporação de Locativo.

## (D2) – SUJEITO + VERBO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	LOCATIVO
<b>CARRO(S)-</b>	<b>-BATER-</b>	<b>-NO-POSTE</b>
MOTO(S)-	-VOAR-	-NA-PISTA
AVE(S)- PÁSSARO(S)- PAPAGAIO(S)-	-ANDAR- -VOAR- -POUSAR- -PULAR-	-NO-GALHO
BORBOLETA(S)- ABELHA(S)-	-VOAR- -POUSAR-	-NA-FLOR

Quadro 23 – Classificadores Verbais  
(sujeito, verbo e locativo)

## (D3) – VERBO + INSTRUMENTO + LOCATIVO

VERBO	INSTRUMENTO	LOCATIVO
<b>PINTAR-</b>	-COM-PINCEL- -COM-ROLO- -COM-LÁPIS- -COM-CANETA- -COM-GIZ-	-NA-PAREDE -NO-PAPEL -NO-QUADRO

Quadro 24 – Classificadores Verbais  
(verbo, instrumento e locativo)

## (D4) VERBO + OBJETO + LOCATIVO

VERBO	OBJETO	LOCATIVO
<b>CORTAR-</b>	-ÁRVORE-	-NA-FLORESTA
<b>COLOCAR-</b>	-COPO-	-SOBRE-A-MESA -NO-ARMÁRIO -NO-CHÃO
<b>COLOCAR-</b>	-BOLO-	-NO-FORNO

Quadro 25 – Classificadores Verbais  
(verbo, objeto e locativo)(E) - SUJEITO + VERBO + (OBJETO) + MODO<sup>153</sup> + (LOCATIVO)

## (E1) – SUJEITO + VERBO + MODO

SUJEITO	VERBO	(OBJETO)	MODO	(LOCATIVO)
CARRO(S)-	<b>-BATER-</b>	∅	-BRUSCAMENTE -LEVEMENTE -VAGAROSAMENTE -FORTEMENTE	∅

Quadro 26 – Classificadores Verbais  
(sujeito, verbo e modo)

<sup>153</sup> Incorporação de Modo. Por exemplo, disposição das entidades no espaço, arranjo.

## (E2) – SUJEITO + VERBO + MODO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	(OBJETO)	MODO	LOCATIVO
FOLHA(S) DE PAPEL- FOLHA(S) DE ÁRVORE- MUIT@-ÁRVORES- (FLORESTA-) <b>MAÇA(S)-</b> JABUTICABA(S)-	<b>-CAIR-</b>	∅	-LEVEMENTE- -RAPIDAMENTE- -EM-LINHA-RETA- -EM-ONDAS-	-NO-CHÃO
CARRO(S)-	<b>-ESTACIONAR-</b>		-UM-AO-LADO DO-OUTRO-	-NO-PÁTIO

Quadro 27 – Classificadores Verbais  
(sujeito, verbo, modo e locativo)

## (E3) – SUJEITO + VERBO + OBJETO + MODO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	OBJETO	MODO	LOCATIVO
2 PESSOAS- MUIT@- CRIANÇ@-	<b>-NADAR- -ULTRAPASSAR-</b>	-NADO-BORBOLETA-	-LENTAMENTE- -RAPIDAMENTE- -NORMALMENTE-	EM-MINHA-FRENTE

Quadro 28 – Classificadores Verbais  
(sujeito, verbo, objeto, modo, locativo)

(F) - SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO<sup>154</sup> + (LOCATIVO)

## (F1) – SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO

SUJEITO	VERBO	MODO	ASPECTO	(LOCATIVO)
<b>HOMEM-</b>	<b>-OLHAR-<sup>155</sup></b>	-PARA-FRENTE- -PARA-TRÁS- -CIUMENTO e BRAVO- -QUE-ACOMPANHA-ALGO- <b>-ENTREOLHAD@-</b>	-FIXAMENTE -ALTERNADAMENTE	∅

Quadro 29 – Classificadores Verbais  
(sujeito, verbo, modo, aspecto)

<sup>154</sup> Incorporação de Aspecto. Por exemplo, duração da ação da entidade, descrita pelo Classificador.

<sup>155</sup> O OLHAR tem função e significado gramatical na língua de sinais, além da função e significado lexical.

## (F2) – SUJEITO + VERBO + MODO + ASPECTO + LOCATIVO

SUJEITO	VERBO	MODO	ASPECTO	LOCATIVO
1-PESSOA- (+animado) 1-ROBÔ <sup>156</sup> (- animado) 1-ET <sup>157</sup> (- animado)	-PASSAR- -ANDAR- -CAIR- -NADAR- -PULAR- <b>-DEITAR-</b> -PARAR- -SUBIR- -DESCER- <b>-MERGULHAR-</b>	-PELA-PESSOA- -DEVAGAR- -DEPRESSA- -DISTRÁIDAMENTE- -COM-ATENÇÃO- -REBOLANDO- -SALTITANDO- -“SENTADAS”- -APROXIMA-SE-DE- ALGUÉM-	-UMA-VEZ- -MUITAS-VEZES- -ALGUMAS-VEZES- -SEMPRE- -FREQUENTEMENTE- -CONTINUAMENTE- -TODO-DIA-	-EM-AUDITÓRIO -NA-RUA
2-PESSOAS- 2-ROBÔS- 2-ETs-				
3-PESSOAS- 3-ROBÔS- 3-ETs-				
4-PESSOAS- 4-ROBÔS- 4-ETs-				
5-OU-MAIS-PESSOAS- MUIT@S-PESSOAS- MULTIDÃO-				

Quadro 30 – Classificadores Verbais (sujeito, verbo, modo, aspecto e locativo)

### 1.4.3. Classificadores Homônimos

Ocorre de os CLASSIFICADORES serem homônimos quando um mesmo CLASSIFICADOR, de mesma forma, apresenta diferentes significados. O contexto será responsável por determinar o sentido que se quer dar à sentença expressa. O Quadro 31 apresenta três exemplos de CLASSIFICADORES HOMÔNIMOS:

CLASSIFICADORES HOMÔNIMOS
PESSOA-DEITADA x PESSOA-DORMINDO-MAL x PESSOA-SE-MEXENDO-NA-CAMA PESSOA-FAZENDO-EXERCÍCIO (com as pernas) x PESSO-DEITADA-PERNAS-PARA-CIMA x PESSOA-OLHANDO-PARA-CIMA MODELO-DESFILANDO x PESSOA-PASSANDO-POR-CIMA-DA-PONTE

Quadro 31 – Classificadores Homônimos

Este estudo sobre os CLs em LSB suscita elementos que contribuem para a determinação lexicográfica de entradas em repertórios com entrada em Língua de Sinais como se apresenta nos capítulos 2 e 3 desta tese.

Nesse capítulo, analisou-se como o léxico da LSB se constrói e se expande. O próximo capítulo vai analisar as formas de representação iconográfica do léxico para, adiante, unir as formas de construção com as formas de representação em propostas de organização de repertórios lexicográficos e terminográficos.

<sup>156</sup> Considera-se um robô com perfil de ser humano.

<sup>157</sup> Considera-se um ET com perfil de ser humano.

## CAPÍTULO 2

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS – A REPRESENTAÇÃO DO LÉXICO

---

“O surdo [...] fala com as mãos e ouve com os olhos. Suas mãos pintam quadros com os seus pensamentos e idéias.” (cf. OATES, 1983/1992 - prefácio)

#### 2.1. Introdução

Esse capítulo tem como objetivo apresentar uma discussão metalexigráfica a partir da análise das formas como o léxico é comumente representado em repertórios lexicográficos com línguas de sinais. O capítulo segue organizado da seguinte forma: (i) comenta-se brevemente a respeito dos repertórios lexicográficos em línguas orais; (ii) apresenta-se um panorama da representação lexicográfica com Línguas de Sinais em meios impressos a partir da pesquisa de Sofiato (2005), com o intuito de identificar estratégias mais adequadas à representação lexicográfica em repertórios com línguas de sinais, a partir dos problemas e das dificuldades encontradas na confecção de repertórios lexicográficos bilíngües: LSB-LP e LP-LSB, disponíveis; (iii) descreve-se como foi feita a coletânea de repertórios com línguas de sinais, alguns dos quais foram avaliados em um formulário bem específico elaborado a partir de outro formulário mais geral elaborado especificamente nesse estudo para contemplar as características metalexigráficas de repertórios com LS; e (iv) conclui-se com a apresentação de alguns estudos a respeito da representação de cada um dos parâmetros da LSB acompanhados de propostas de ordenação paramétrica<sup>158</sup> com vistas à elaboração de repertórios lexicográficos e terminográficos com entradas em LSB, semasiologicamente organizados. Toda a análise e discussão apresentada serviram de base para as propostas lexicográficas inicialmente construídas nesse capítulo e sintetizadas no capítulo 3.

#### 2.2. Os repertórios lexicográficos em Línguas Orais

As obras lexicográficas referem-se a dicionários de língua, dicionários especiais e outros que registrem unidades lexicais (ULs) em todas as acepções que possam ter em um sistema lingüístico; enquanto as obras terminográficas se referem a dicionários terminológicos (ou

---

<sup>158</sup> O termo “paramétrica”, como empregado nesta pesquisa, não tem nenhuma relação com os parâmetros chomskianos. Trata-se da ordenação dos parâmetros, unidades constituintes do léxico, das LS.

vocabulários) que contêm o conjunto de termos de um domínio especializado. Assim, todo tipo de obra lexicográfica ou terminográfica pode ser chamada, de modo genérico, de repertório ou dicionário.

Segundo Josette Rey-Debove (*apud* Barros, 2004:134-5), os repertórios diferenciam-se muitas vezes em relação a sua denominação, por exemplo: léxico, glossário, vocabulário etc., mas representam um único tipo de publicação. Segundo ela, o dicionário é uma obra de consulta, de caráter didático, cujo programa de informação é constante e organizado em uma dada ordem e possui traços pertinentes fundamentais como: entradas, obrigatoriamente de natureza lingüística, dispostas na macroestrutura segundo certos princípios de estruturação, formando um conjunto determinado, no qual os elementos são enumerados e acompanhados de informações sobre o signo-entrada no enunciado lexicográfico; mensagens organizadas verticalmente na macroestrutura e horizontalmente na microestrutura; verbetes organizados em ordem alfabética ou sistemática, essa última, geralmente acompanhada de um índice alfabético. A repetição da entrada é substituída no corpo do verbete por um traço e os diferentes sentidos são indicados por um número.

Barros (2004:135) apresenta modelos de repertório lexicográfico e terminográfico de línguas orais. Ela os reconhece como modelos puros, mas que, na prática de elaboração de projetos lexicográficos ou terminográficos, a realidade é diferente.

Toda língua precisa de dicionário. É por meio do dicionário que uma língua se tecnologiza<sup>159</sup>. Muito já se sabe sobre os repertórios lexicográficos com línguas orais. É preciso desbravar o ‘nicho’ dos repertórios lexicográficos com língua de sinais e aprimorar os trabalhos já existentes para que atendam efetivamente aos propósitos educacionais, tanto para o ensino da língua de sinais como primeira ou segunda língua, quanto para o ensino do português como segunda língua para falantes de língua de sinais.

### 2.3. *A lexicografia em LSB*

Provavelmente com vistas à necessidade de comunicação e interação entre surdos e ouvintes, e mais recentemente, na tentativa de se ensinar língua portuguesa para surdos e língua de sinais para ouvintes, muitas iniciativas de registro da língua de sinais brasileira têm se despontado, no Brasil. O primeiro registro da língua de sinais brasileira, que se tem

---

<sup>159</sup> Comentário pessoal de Faulstich, extraído de anotação de aula.

notícia, data de 1857 (Felipe, 1998:8); o segundo, de 1969. Mais recentemente, despontaram um grande número de iniciativas de diversas instituições que variam entre as religiosas e as educacionais. Esses registros encontram-se, normalmente, em forma de dicionários, manuais e apostilas, apresentados com propósitos didáticos (SOFIATO, 2005:3). Desses registros, somente os mais recentes se encontram acompanhados de iniciativas que introduzem os estudos lexicográficos.

### 2.3.1. *Panorama da representação lexicográfica das LS em meio impresso*

Sofiato<sup>160</sup> (2005:7-30), em seu estudo iconográfico<sup>161</sup> sobre a LSB, traçou um excelente panorama dos primeiros registros de LS, acompanhado dos precursores dessa prática e dos recursos empregados para tal finalidade. Em face disso, seu estudo merece ser explicitado. A retrospectiva da pesquisadora remonta à pré-história quando aponta que o homem primitivo não se representava em suas pinturas, mas suas mãos, metonimicamente, o colocavam nelas (OLIVEIRA, 1992:20, *apud* SOFIATO, 2005:10). Ao percorrer registros de representação das mãos, na Idade Média, encontra relatos sobre a comunicação silenciosa entre os monges, que deu origem a uma linguagem artificial de ‘sinais manuais’ registrada em cento e vinte e sete (127) sinais descritos verbalmente, no *monasteriales*<sup>162</sup> (SOFIATO, 2005:13).

As primeiras iniciativas referentes a registros da LS, propriamente dita, datam de 1620 (Idade Moderna), na publicação de *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*, do espanhol Juan Pablo Bonet (1579-1633). Bonet se valeu de diferentes CMs para representar letras do alfabeto. Esse registro marca o advento do alfabeto manual (SOFIATO, 2005:14).

---

<sup>160</sup> Sofiato é pesquisadora da área das artes visuais, educadora e falante de LSB. Foi pioneira na análise e reflexão das soluções pictóricas utilizadas, até o momento, para a representação da LSB.

<sup>161</sup> O termo “iconografia” está empregado como arte de representar por meio da imagem; descrição e estudo das imagens ou representações visuais, no caso em estudo, da LSB.

<sup>162</sup> O *monasteriales* apresenta o registro instrucional dessa forma de comunicação nos mosteiros.

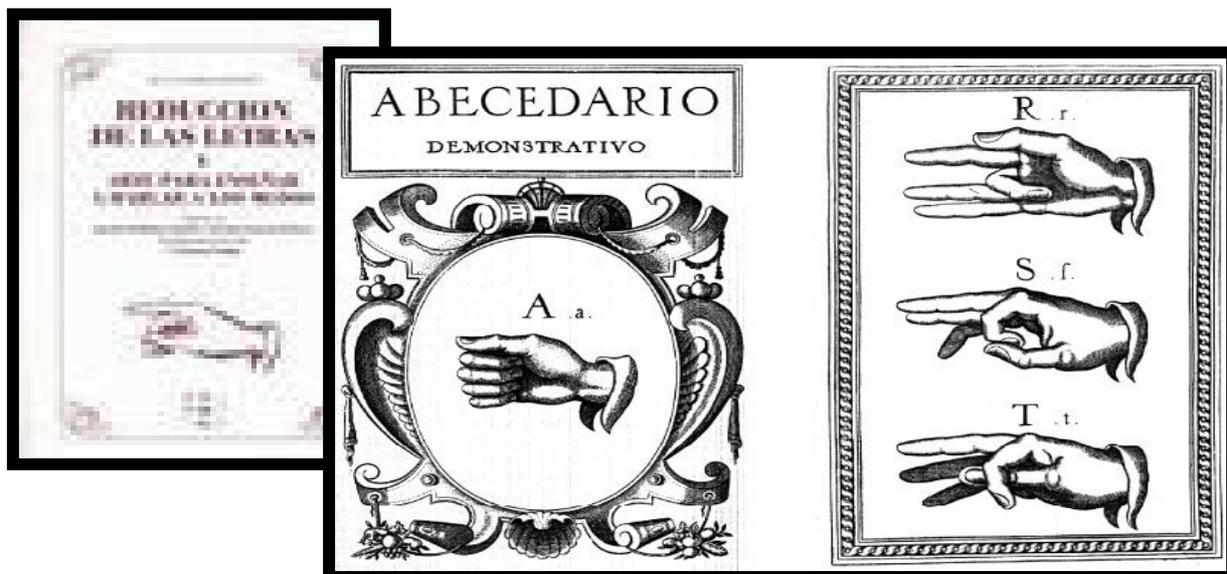


Figura 10 – Alfabeto proposto por Bonet (cf. SOFIATO, 2005:15)

Quase quatro décadas mais tarde, em 1659, William Holder, pároco de Bletchington, além de servir-se da versão de um alfabeto manual, reconheceu a possibilidade de acrescentar outros sinais para a comunicação. Em 1680, George Dalgarno, professor escocês, para o ensino de crianças, sugeriu o uso de uma luva dactilológica com as vogais nas pontas dos dedos e as consoantes dispostas nas falanges da mão, um alfabeto bimanual. O indicador da mão ativa apontava as letras na luva, calçada na mão passiva (SOFIATO, 2005:15).



Figura 11 – Luva de Dalgarno (cf. SOFIATO, 2005: 16)

Em 1700, Raul Auger Feuillet aperfeiçoou o sistema de diagrama de passos – técnica gráfica para registrar dança – e, no século XVIII, reformulou esse sistema. Rée (2000, apud SOFIATO, 2005:17), entretanto, registra que a tentativa mais antiga para um sistema de corpo inteiro foi desenhada para as falas teatrais e não para a dança. Os próximos registros são do **Abade Charles-Michel de L'Épée** (1712-1789) que criou os "sinais metódicos" – uma combinação dos sinais utilizados pelos surdos de Paris e da gramática sinalizada francesa. Trata-se de um método associativo de imagens com sinais e palavras escritas (SOFIATO, 2005:17).

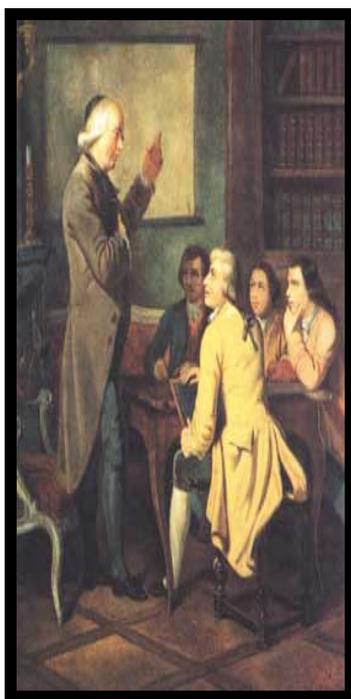


Figura 12 – L'Épée ensinando  
(In: <http://www2.toulouse.iufm.fr/ais/abbeepee.htm> Acesso em 2006)

Na tentativa de resolver o problema da representação da LS, em 1800, Joseph Marie Gerando elaborou um tratado que explicava que, na linguagem gestual<sup>163</sup>, vários sinais são apresentados para a nossa visão, simultaneamente, e que isso implicava a impossibilidade de se parar ou pausar qualquer um dos sinais. Ele não acreditava na possibilidade de existência de um sistema para a escrita da língua de sinais e argumentava em favor da criação de um alfabeto que permitisse aos surdos escrever sua “linguagem”.

---

<sup>163</sup> Termo utilizado na época, para se referir ao que entendemos, hoje, como língua de sinais.

Em 1806, Gilbert Austin, na Inglaterra, idealizou um método quironômico que remete à imaginação de um globo de espaço gestual em volta do falante, com letras referentes aos vários pontos de latitude e longitude em sua superfície.

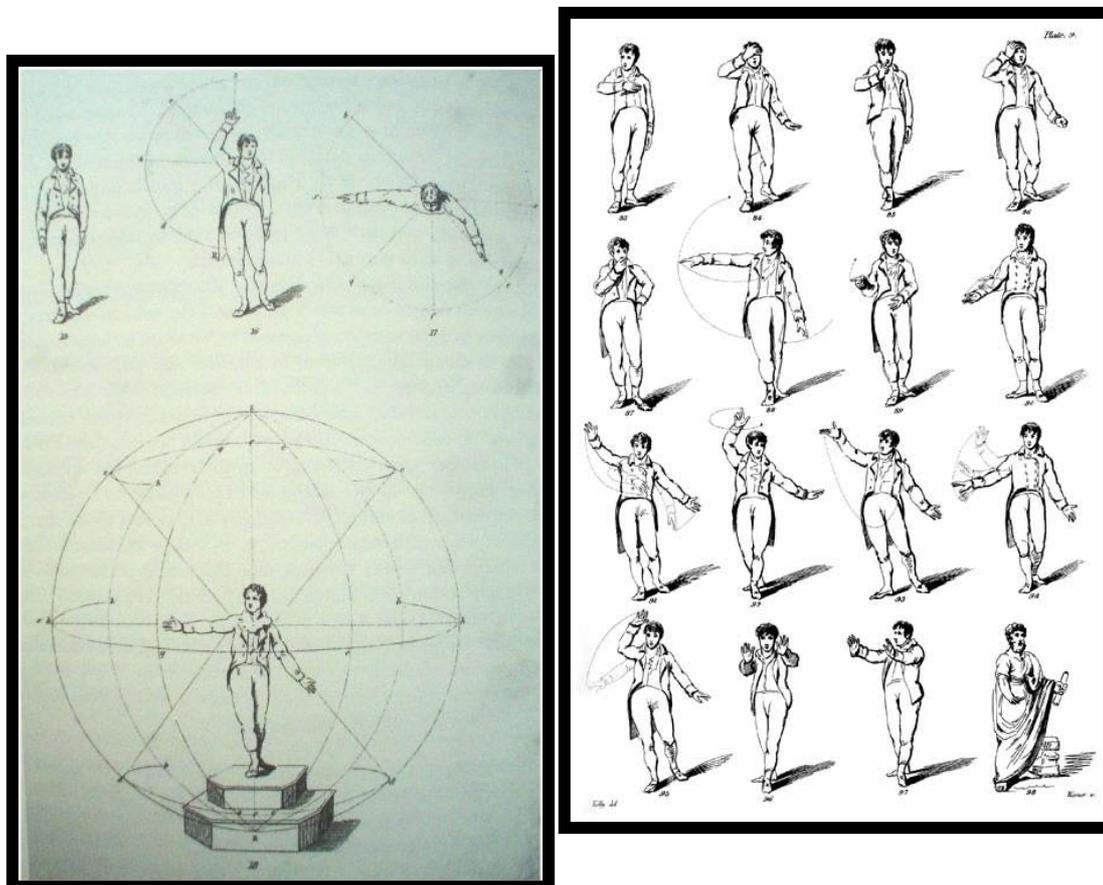


Figura 13 – Espaço de Sinalização em ‘Chironomia’ - plate 9 (In: Austin, 1806)

Em 1817, Roche Ambroise Bébien pôs-se a criar seu sistema de escrita de sinais para registrar o léxico da LSF, conhecido por mimografia. Seu estudo resultou num belíssimo dicionário, que provavelmente não tenha sido mais bem-sucedido pela baixa formalização da LSF à época. Grande parte da Comunidade Surda reconhece, em Bébien, a primeira tentativa de escrever a língua de sinais. Dependia da identificação da menor coleção de gestos básicos, demarcando um caractere separado para cada um deles, e, então, escrevendo os caracteres na mesma ordem dos gestos (SOFIATO, 2005: 20).

Os *caracteres* de Bébien eram divididos em duas classes: "Em primeiro lugar, cada formato de mão teria um caractere próprio consistindo em um desenho estilizado. Secundariamente, haveria caracteres indicando como a mão deveria se mexer: estes tomariam a forma de diferentes segmentos de um círculo com setas indicando a direção do movimento, junto

com seis símbolos indicando se o movimento era lento ou rápido, longo ou curto, sucessivo ou repetitivo" (RÉE, 2000:298, *apud* SOFIATO, 2005:21). Em outras palavras, ele seqüenciava a língua de sinais em CM > Mov. – Tipo, Direção, velocidade e freqüência.

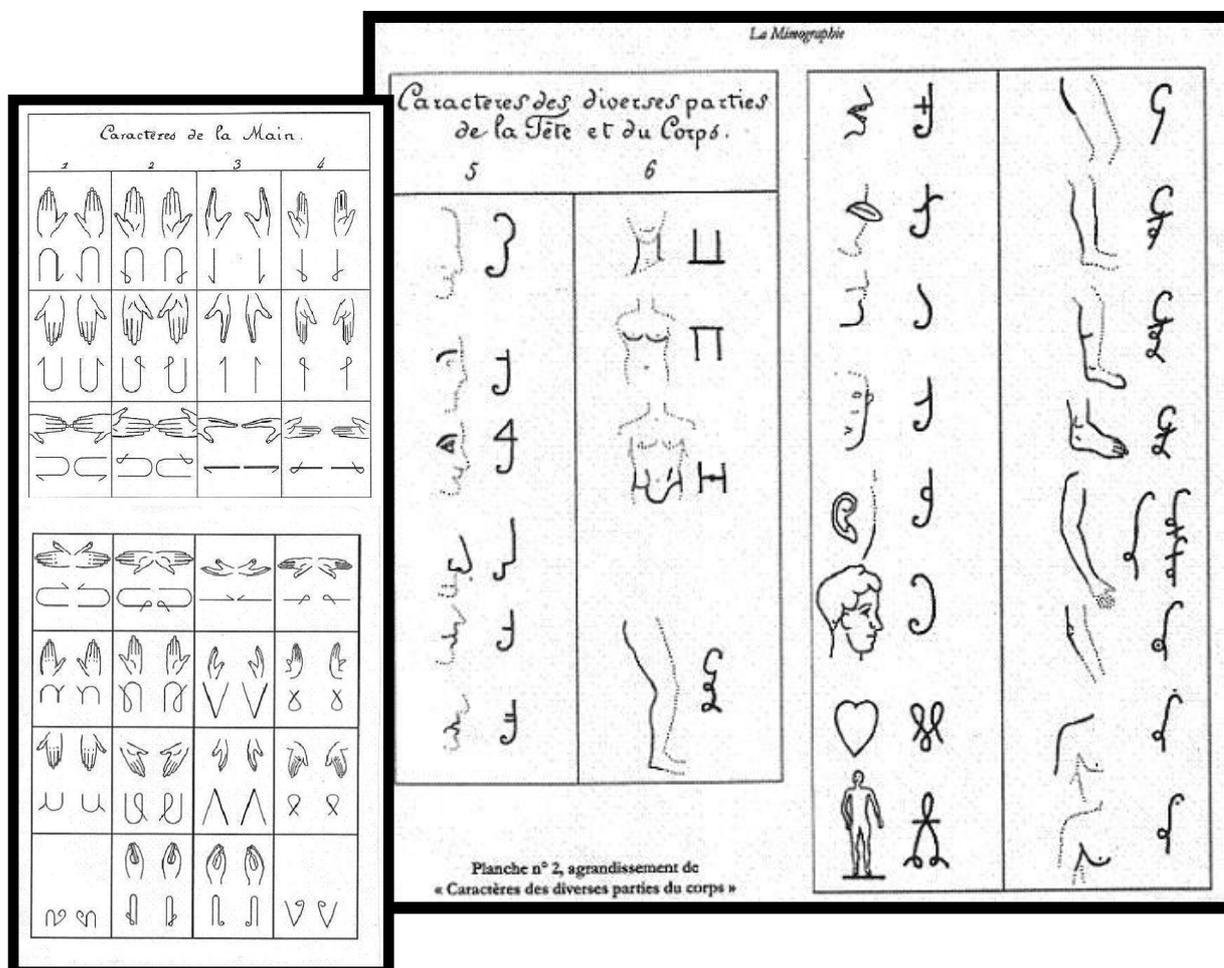


Figura 14 – Mimografia (cf. SOFIATO, 2005)

Os arcos com setas e símbolos para registro das mãos eram descritivos e imitativos, mais parecidos com notações de dança. Além das mãos e braços Bébian registrou expressões faciais dividindo o rosto em oito regiões e assinalando uma curva de formato diferente para cada uma. As mimografias faciais forneciam notação a quarenta e oito expressões faciais diferentes. O número de caracteres propostos era seis vezes maior do que o do alfabeto romano. Bébian não era atraído pela idéia de que os sinais gestuais poderiam ser análogos a sistemas de escrita pictórica como o egípcio e o chinês. Ele declarou que o propósito de um manuscrito para sinais não era descrever gestos em detalhe natural, mas classificá-los e fixá-los para fins de comparação. A chave para a escrita de sinais era decompô-los em combinações de gestos elementares. Na segunda versão de seu sistema, em 1825, sua invenção começou a deteriorar (SOFIATO, 2005:21-3).

Em 1850, Y. L. Remi Valade retomou o dicionário descritivo da linguagem natural iniciado por Bébian e abandonado há vinte anos, mas nunca o concluiu. O dicionário de sinais manuais trazia uma lista de palavras-chave em francês, cada uma seguida de uma descrição verbal dos sinais gestuais naturais correspondentes. Não foi uma representação eficaz. O problema não eram os sinais individuais, mas os contextos, a sintaxe.

Em 1875, Bacon, como Austin, usou uma esfera imaginária para mapear a localização dos ‘gestos’.

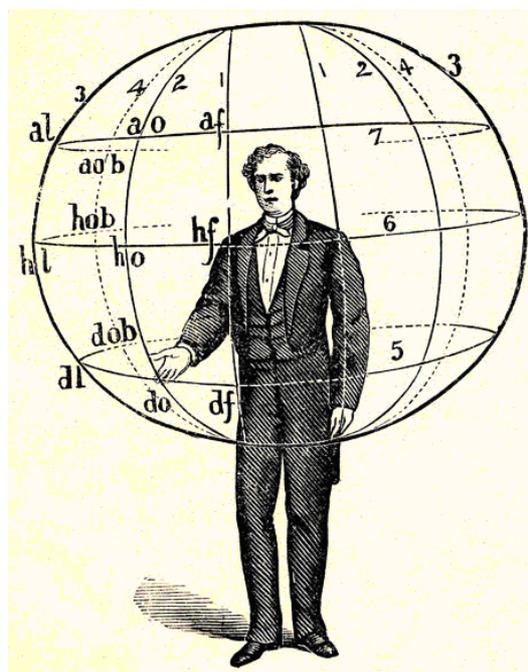


Figura 15 – Espaço de sinalização por Bacon (*In*: Bacon, 1875 – fig. 5)

Em 1960, Stokoe, pioneiro no sentido de procurar uma estrutura para analisar os sinais, segmentá-los e sistematizar seus constituintes mínimos, propôs que cada sinal tivesse pelo menos três partes independentes: locação, formato de mão e movimento. Em seu livro ele delineou dezenove formas de mãos diferentes, doze locações, vinte e quatro (24) tipos de movimentos e inventou uma notação para isso. Seu dicionário foi organizado sistematicamente, de acordo com suas partes e a organização e princípios da linguagem. O Sistema de Notação do Stokoe foi constituído para propósitos de pesquisa, não para o uso comum. Ele foi analisado, na Metodologia dessa tese, especialmente na seção em que se avalia esse dicionário. A obra mostra a estrutura léxica da linguagem e faz a correlação lingüística de três mil palavras básicas e as sinaliza. Stokoe foi o primeiro pesquisador a identificar partes menores dentro do todo do sinal. Foi o primeiro a NÃO tratar o sinal de

forma holística. Parece que qualquer sistema de escrita que reconhecer quiremas, que não fizer uma estrutura ideográfica, terá em si uma base de Stokoe.

Entre os esforços empreendidos para a criação e manutenção de um sistema de registro gráfico específico para as línguas de sinais e que se destine não somente para escrita do dia-a-dia, como para a pesquisa e para a aplicação em materiais didáticos necessários ao ensino tanto da língua de sinais como da língua portuguesa, encontram-se, além do Sistema de Notação de Stokoe, o HamNoSys, o Signwriting e, mais recentemente, no Brasil, o ELiS (escrita da língua de sinais). Também foi criado o sistema D'Sign, em 1990, por Paul Jouison. Infelizmente, Jouison morreu antes de explicar seu sistema e, por isso, muito pouco se sabe sobre ele.

O que há em comum entre todos esses sistemas citados? Todos registraram a língua de sinais em uma seqüência linear. A partir do critério da linearidade do registro é possível refletir a respeito de uma ordem semasiológica para repertórios com LSB. À exceção do D'Sign, os demais estão sucintamente apresentados nas seções seguintes.

#### *2.3.1.1. O sistema de Notação de Stokoe*

O sistema de Stokoe é pioneiro. Esta notação parte de três elementos: o lugar (no corpo ou no espaço), a configuração de mão e o movimento. Para lugar, ele usou a sigla **TAB** e distinguiu 12 lugares. Para as configurações de mão ele usou a sigla **DEZ** e relacionou 19CMs. Para o Movimento ele usou a sigla **SIG** e identificou 24 Movimentos.

Tab symbols		
1. Ø	zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below	
2. □	face or whole head	
3. ▤	forehead or brow, upper face	
4. △	mid-face, the eye and nose region	
5. ∪	chin, lower face	
6. 3	cheek, temple, ear, side-face	
7. II	neck	
8. []	trunk, body from shoulders to hips	
9. \	upper arm	
10. √	elbow, forearm	
11. Q	wrist, arm in supinated position (on its back)	
12. D	wrist, arm in pronated position (face down)	
Dez symbols, some also used as tab		
13. A	compact hand, fist; may be like 'a', 's', or 't' of manual alphabet	
14. B	flat hand	
15. S	spread hand; fingers and thumb spread like '5' of manual numeration	
16. C	curved hand; may be like 'c' or more open	
17. E	contracted hand; like 'e' or more claw-like	
18. F	"three-ring" hand; from spread hand, thumb and index finger touch or cross	
19. G	index hand; like 'g' or sometimes like 'd'; index finger points from fist	
20. H	index and second finger, side by side, extended	
21. I	"pinkie" hand; little finger extended from compact hand	
22. K	like G except that thumb touches middle phalanx of second finger; like 'k' and 'p' of manual alphabet	
23. L	angle hand; thumb, index finger in right angle, other fingers usually bent into palm	
24. 3	"cock" hand; thumb and first two fingers spread, like '3' of manual numeration	
25. O	tapered hand; fingers curved and squeezed together over thumb; may be like 'o' of manual alphabet	
26. R	"warding off" hand; second finger crossed over index finger, like 'r' of manual alphabet	
27. V	"victory" hand; index and second fingers extended and spread apart	
28. W	three-finger hand; thumb and little finger touch, others extended spread	
29. X	hook hand; index finger bent in hook from fist, thumb tip may touch fingertip	
30. Y	"horns" hand; thumb and little finger spread out extended from fist; or index finger and little finger extended, parallel	
31. B	(allocheric variant of Y); second finger bent in from spread hand, thumb may touch fingertip	
Sig symbols		
32. ^	upward movement	} vertical action
33. v	downward movement	
34. ^	up-and-down movement	
35. >	rightward movement	} sideways action
36. <	leftward movement	
37. x	side to side movement	} horizontal action
38. †	movement toward signer	
39. ‡	movement away from signer	
40. †	to-and-fro movement	} rotary action
41. Q	supinating rotation (palm up)	
42. D	pronating rotation (palm down)	
43. ω	twisting movement	} interaction
44. D	nodding or bending action	
45. □	opening action (final dez configuration shown in brackets)	
46. #	closing action (final dez configuration shown in brackets)	} interaction
47. x	wiggling action of fingers	
48. @	circular action	
49. x	convergent action, approach	
50. *	contactual action, touch	
51. x	linking action, grasp	
52. +	crossing action	
53. ⊙	entering action	
54. -	divergent action, separate	
55. "	interchanging action	

Figura 16 – Notações de Stokoe (adaptado de Stokoe *et al.*, 1976)

2.3.1.2. O sistema de escrita HamNoSys

O Sistema de escrita por Notação da Língua de Sinais de Hamburgo – **HamNoSys** foi criado em 1989, na Alemanha, por Prillwitz e Vollhaber, como instrumento técnico dos lingüistas. Com esse sistema, podemos distinguir cinco grupos: (a) as configurações de mãos; (b) as orientações de dedos e da palma da mão; (c) as localizações sobre a cabeça e o tronco; (d) os tipos e as modalidades de movimentos; (e) a pontuação.

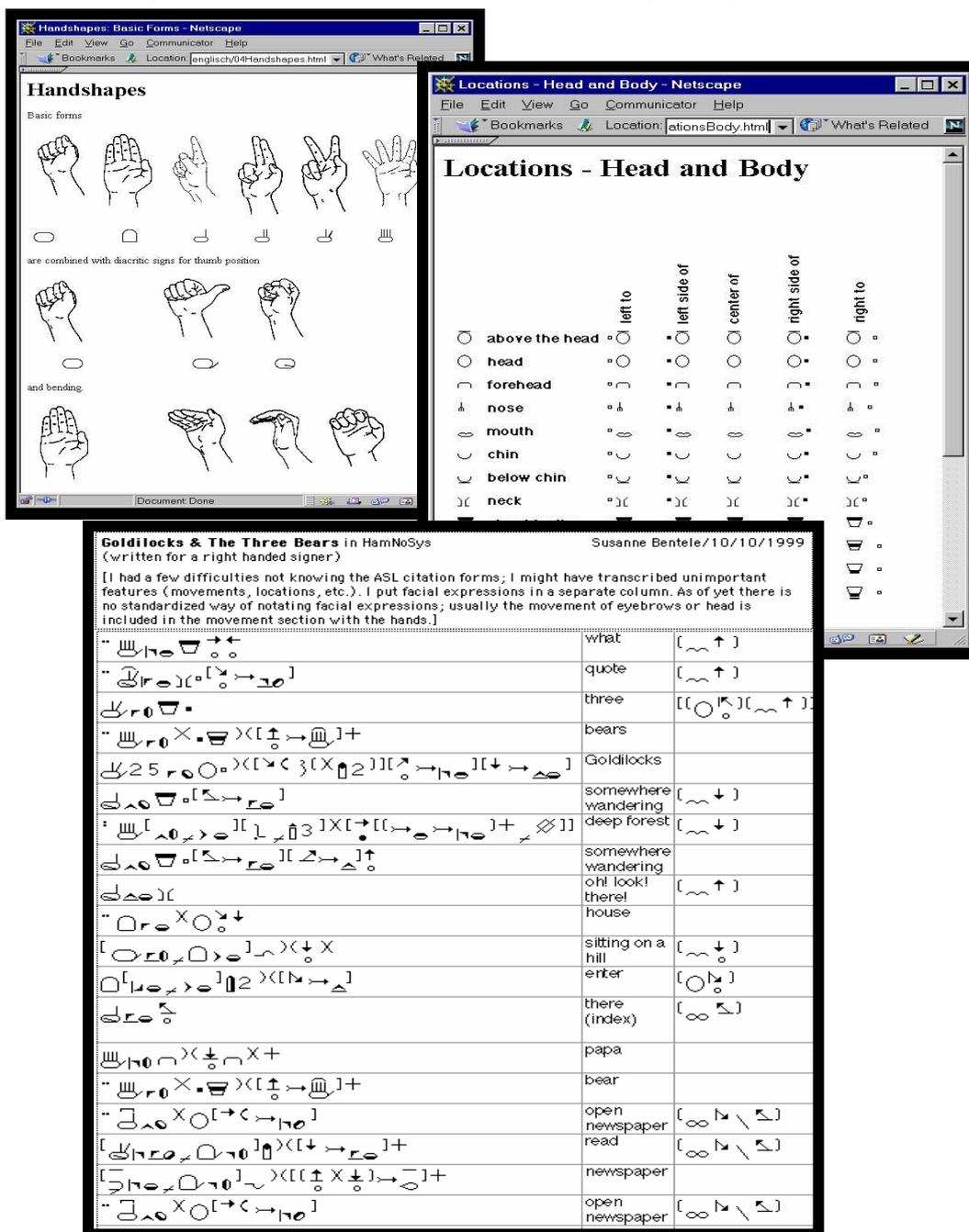


Figura 17 – Notações do HamNoSys (In: [www.sign-lang.uni-hamburg.de/Projects/HamNoSys.html](http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/Projects/HamNoSys.html), Acesso em 1/04/2009)

### 2.3.1.3. O sistema *signwriting*

Em 1974, nos Estados Unidos, Valerie Sutton criou um sistema de escrita que permite registrar qualquer língua de sinais do mundo. Esse sistema teve origem no *dancewriting*, outro sistema criado por Valerie Sutton para representar os movimentos do corpo na dança. O sistema de escrita de sinais é conhecido no mundo inteiro por *signwriting*. Desde sua criação, o *signwriting* tem sido modificado e aperfeiçoado significativamente com o apoio do comitê de ação pela escrita de línguas de sinais (DAC), fundado em 1988 e mantido pelo Center for *Sutton Movement Writing*, no Sul da Califórnia. No Brasil, a escrita da língua de sinais começou a receber atenção desde 1996. Os textos escritos em LSB começaram a despertar o interesse de surdos e profissionais da área. O sistema apresenta possibilidades de expressar os recursos gramaticais das LS, bem como suas modulações visuo-espaciais incorporadas nos sinais e no discurso (SUTTON, 2000).

O sistema, atualmente, reúne cerca de 900 símbolos. Ele representa todos os parâmetros e, também, os sinais de pontuação e pode ser escrito com o corpo inteiro, com a escrita a mão ou simplificada ou pelo computador. A título de ilustração, foram incluídos, entre os anexos, dois instrumentos que sintetizam e organizam o Sistema de escrita em *signwriting*. Esses anexos (anexos XII.II e XII.I) apresentam, respectivamente, um material elaborado por Sutton e traduzido por Stumpf, em 2000, e uma seqüência de slides elaborados por Stumpf (2008). Segue, ainda, exemplo de texto em *signwriting*, com tradução ao lado. O texto equivale ao título da tese de doutorado de Stumpf (2005) e foi escrito por ela:



Figura 18 – Texto escrito por Stumpf (2005), no Sistema *Signwriting*

#### 2.3.1.4. O sistema de escrita – ELiS

O sistema ELiS (escrita de línguas de sinais) é organizado numa seqüência linear e horizontal de escrita, de base “alfabética”, registrada da esquerda para a direita. Foi concluído por Mariângela Estelita no início de 2008, quando defendeu seu doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O ELiS é formado por 90 símbolos gráficos denominados visografemas<sup>164</sup>, distribuídos em quatro grupos: o das configurações dos dedos (CD), o das orientações da palma (OP), o dos pontos de articulação (PA) e o dos movimento (Mov.) (Estelita-Barros, 2008:25, 28 e 35). Segue a distribuição de cada um dos grupos:

(a) Configurações dos Dedos (CD) - constituído de 10 visografemas: 5 para representações do polegar, 4 para os demais dedos, e 1 em comum (Figura 19) .

Tabela 1 - Configurações de Dedos (10 quirografemas)	
<b>polegar:</b>	— estendido perpendicularmente ao lado da palma
	estendido paralelamente ao lado da palma
	\ estendido perpendicularmente à frente da palma
	/ estendido paralelamente à frente da palma
	< curvo
	• fechado
<b>demais dedos:</b>	estendido contínuo à palma
	\ estendido inclinado à frente da palma
	] curvo
	] muito curvo
	• fechado

Figura 19 – Tabela de Configurações dos Dedos (CD) do ELiS (cf. ESTELITA-BARROS, 2008)

<sup>164</sup> O sistema de escrita ELiS faz o seguinte paralelo com a terminologia das línguas orais: os visemas equivalem aos fonemas; o *visêmico* equivale ao *fonológico* das línguas orais; o *visético* refere-se ao *fonético*; o *viso*, ao *fone*; o *visema*, ao fonema; o visografema, ao alfabeto; o visograma, enfim, refere-se ao conjunto de símbolos que representam o recorte visual – segmentado das LS (Estelita-Barros, 2008:14, 25, 35).

(b) Orientações da palma da mão (OP) – constituído de 6 visografemas (Figura 20):

Tabela 2 - Orientações da Palma (6 quirografemas)	
⊥ palma para frente	++ palma excêntrica
⊥ palma para trás	^ palma para cima
+ palma concêntrica	∨ palma para baixo

Figura 20 – Tabela de Orientações da Palma (OP) do ELiS (cf. ESTELITA-BARROS, 2008)

(c) Pontos de Articulação (PA) – constituído de 35 visografemas: 16 para representações de PA da cabeça, 6 do tronco, 6 dos membros, e 7 separadamente para a mão. (Figura 21):

Tabela 3 - Pontos de Articulação (35 quirografemas)		
<b>cabeça</b>	≠ espaço à frente do rosto	○ maçã do rosto
	∩ alto da cabeça	λ nariz
	⊆ atrás da cabeça	⊖ buço
	} lateral da cabeça	≡ boca
	ζ orelha	θ dentes
	— testa	⊖ bochecha
	∩ sobrançelha	∪ queixo
	∞ olho	⊖ abaixo do queixo
<b>tronco</b>	π pescoço	] ombro
	φ tórax	^ axila
	⊕ espaço ao lado do tronco	) abdômen
<b>membros</b>	{ braço inteiro	] antebraço
	braço	◇ pulso
	√ cotovelo	‡ perna
<b>mão</b>	μ palma da mão	∇ intervalo entre dedos
	Υ dorso da mão	# articulação de dedo
	Δ dedos	» ponta de dedo
	) lateral de dedo	

Figura 21 – Tabela de Pontos de Articulação (PA) do ELiS (cf. ESTELITA-BARROS, 2008)

(d) Movimento (Mov) – constituído de 39 visografemas: 17 para movimentos externos da mão, 11 para movimentos internos da mão, e 11 para movimentos realizados sem as mãos. (Figura 22):

Tabela 4 - Movimentos (39 quirografemas)	
<b>movimentos externos à mão</b>	
⊥ para frente	↔ para a dir. e esq.
⊥ para trás	↖ para cima e esq.
‡ para frente e para trás	↗ para cima e dir.
↑ para cima	↙ para baixo e esq.
↓ para baixo	↘ para baixo e dir.
↕ para cima e para baixo	@ circular frontal
→ para a direita	○ circular vertical
← para a esquerda	◌ circular horizontal
	∂ girar o antebraço
<b>movimentos internos da mão</b>	
⊥ abrir a mão	* friccionar de dedos
⊥ fechar a mão	≈ tamborilar de dedos
‡ abrir e fechar a mão	σ dobrar o pulso
⊥ flex. os dedos na 1ª. artic.	⊥ mov. o pulso lateralm.
⊥ flex. os dedos na 2ª. artic.	α girar o pulso
∨ unir e separar os dedos	
<b>movimentos sem as mãos</b>	
Ω negação com a cabeça	⊥ murchar bochechas
⊥ afirmação com a cabeça	⊥ boca aberta
lb língua na bochecha	∨ língua para fora
= corrente de ar	[~] vibração dos lábios
↔ mov. lateral do queixo	+ piscar os olhos
⊥ inflar bochechas	

Figura 22 – Tabela de Movimentos (Mov.) do ELiS (cf. ESTELITA-BARROS, 2008)

A título de ilustração, segue um texto escrito em ELiS:

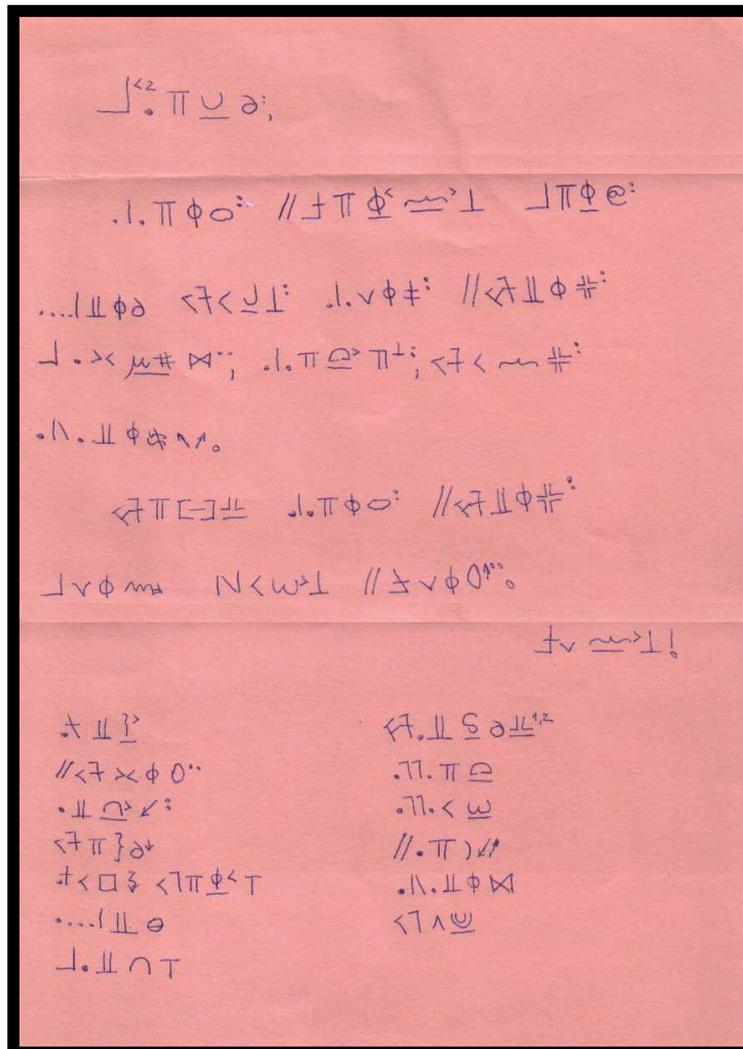


Figura 23 – Modelo de texto escrito em ELiS (cf. ESTELITA-BARROS, 2008)

Segue um exemplo de escrita com os quatro sistemas apresentados para o equivalente em LP a “aspas” ou “tema”:

	<p><b>Signwriting</b></p>	<p><b>Stokoe</b></p>	<p><b>HamNoSys</b></p>	<p><b>ELiS</b></p> <p>// 1881 q z :</p>
--	---------------------------	----------------------	------------------------	---

Figura 24 – Diferentes escritas de um mesmo referente (adaptado de [www.signwriting.org](http://www.signwriting.org))

### 2.3.1.5. O Sistema de BuscaSigno

O Sistema de BuscaSigno é um sistema de indexação sublexical para a LSB; é um sistema de busca de ULs em LSB que traz um tipo de representação em LSB. Foi proposto por Capovilla *et al.* (2001 e 2002) com o intuito de transformar o Dicionário Enciclopédico Trilíngüe em uma Enciclopédia Digital a partir de uma busca “quirêmica” das ULs da LSB.

Capovilla *et al.* (2001: 1573-1602 e 2002) afirma que em vista de a estratégia de indexação alfabética dos verbetes ser de acesso mediado, indireto, limitado, pouco eficaz e restrito para o consulente Surdo que não sabe a palavra escrita, um dicionário para os consulentes Surdos precisa estar organizado em categorias semânticas de uso funcional e ilustradas em seu significado por meio de desenhos que representam claramente tal significado e defende o dicionário enciclopédico como sendo um dicionário com essas características (Capovilla *et al.*, 2001:1573-4).

Os autores apresentam como única solução possível, o desenvolvimento de um sistema computadorizado que permita ao Surdo buscar diretamente os sinais da LSB com base na forma dos sinais (sua composição quirêmica). Eles defendem que:

“enquanto os dicionários das Línguas de Sinais continuarem a ser publicados exclusivamente em papel, eles tenderão a continuar trazendo os sinais indexados pela ordenação alfabética dos verbetes a eles correspondentes. Ou, alternativamente, pela sua indexação semântica, mas, neste caso, a organização de tal léxico constituiria mais um manual de uso funcional de sinais (...) do que propriamente um dicionário.” (Capovilla *et al.* 2001:1574)

Capovilla *et al.* (2001: 1577-8) explicam que, no sistema de BuscaSigno para encontrar um dado sinal, basta o consulente especificar as suas características pertinentes em LP, com base nos códigos apresentados. Os autores anunciam que, em versões subseqüentes, de BuscaSigno, as palavras escritas em LP serão substituídas por desenhos dos respectivos quiremas (parâmetros) e alóquiros<sup>165</sup> (código numerado que especifica cada parâmetro).

---

<sup>165</sup> Os componentes quirêmicos e os alóquiros, numericamente representados, foram diluídos nas diferentes representações paramétricas das seções ‘2.4.2.1’; ‘2.4.2.2’; ‘2.4.2.3’; ‘2.4.2.4’; 2.4.2.5’ deste capítulo.

A Enciclopédia digital de Capovilla *et al.* (2001) indexa um banco de dados de 5600 sinais, com base na estrutura sublexical dos 5 parâmetros aos quais os autores chamam de componentes quirêmicos. Cada componente quirêmico tem uma série de alóquios (subgrupos quirêmicos representados por números).

O software com sistema de indexação sublexical do repertório digital está sendo organizado a partir de menus com 7 janelas: (a) **janela 1** com o verbete em LP correspondente ao sinal da LSB; (b) **janela 2** com uma seqüência alfanumérica que codifica a estrutura sublexical da forma da UL; (c) **janela 3** para a definição do verbete, classificação gramatical, descrição de uso funcional e descrição completa da ‘forma’ da UL; (d) **janela 4** com o nome do arquivo que contém a ilustração do significado e diretório onde se localiza; (e) **janela 5** que traz a instrução do significado da UL; (f) **janela 6** com o nome do arquivo da ilustração da ‘forma’ da UL e diretório onde ele se localiza; e (g) **janela 7** para a ilustração da ‘forma’ da UL.

A seqüência de códigos alfanuméricos apresentada na janela 2 é composta de uma seqüência de letras que corresponde a um ‘quirema’, e os dígitos associados correspondem ao seu respectivo ‘alóquio’. Assim, para os lemas AMAZONAS e ÍNDIO, respectivamente, a seqüência é:

AMAZONAS: (AMD: 36, OPD: 3, OMD: 5, LA: 32, MMD: 4, MDD: 11)

ÍNDIO: (AMD: 36, OPD: 3, OMD: 5, LA: 32, MMD: 4, MDD: 11), AMD: 36, OPD: 4, OMD: 5, LA: 17, MMD: 6, LA: 15, MMD: 7, FI: 3.



Figura 25 – Verbetes: Amazonas (Enciclopédia Digital – Capovilla) (Capovilla, Duduchi, Rapahel & Rozados, 2002)

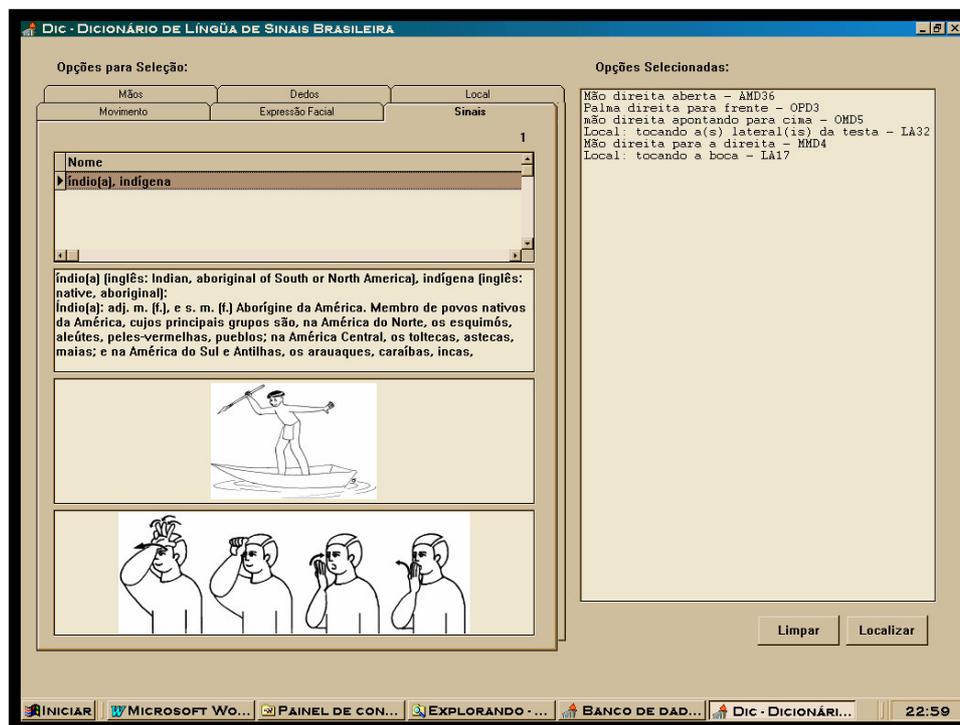


Figura 26 – Aba: Sinais - Verbetes ÍNDIO<sup>166</sup>  
(Capovilla, Duduchi, Rapahel & Rozados, 2002:6)

A figura 26 mostra a configuração de tela do software para indexação sublexical das ULs da LSB com suas sete janelas de acordo com Capovilla *et al.* (2001 e 2002). A forma do sinal (i.e., AMAZONAS) aparece codificada como uma seqüência alfanumérica de quiremas e alóquiros (janela 2). Ela também é detalhadamente descrita em Português (na última seção da janela 3), e plenamente ilustrada em estágios de movimento (na janela 7). O significado da UL é representado pictoricamente (na janela 5), glosado em Português (na janela 1) e Inglês (na primeira seção da janela 3), e detalhadamente definida em Português (na seção medial da janela 3) pela descrição de Capovilla, Duduchi, Rapahel & Rozados (2002). As janelas são apresentadas como nas figuras que se seguem:

<sup>166</sup> A figura 26 chama a atenção para outro detalhe que não é escopo desta seção, mas que salta aos olhos: a definição. A definição para índio, descrita no verbete, não parece adequada; parece ter sido traduzida para a língua portuguesa a partir de um repertório em língua inglesa. Ela define índio como um “*Aborígine da América. Membro de povos nativos da América, cujos principais grupos são, na América do Norte, os esquimós, aleútes, peles-vermelhas, pueblos; na América Central, os toltecas, astecas, maias; e na América do Sul e Antilhas, os arauaques, caraíbas, incas, quéchuas, tupis-guaranis, patagões e araucanos...*”

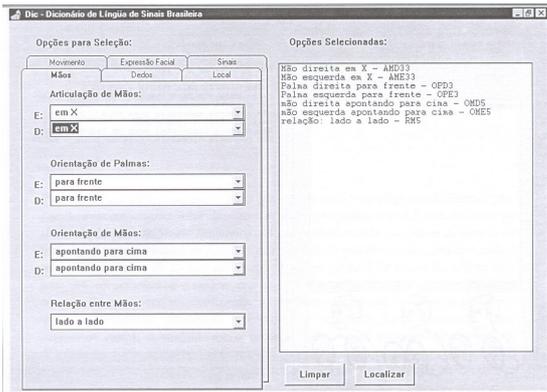


Figura 27 – Aba: Mãos

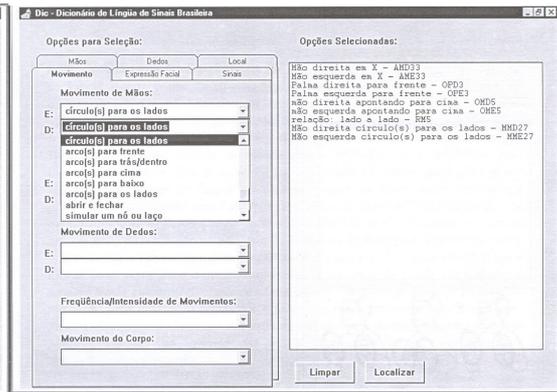


Figura 28 – Aba: Movimento

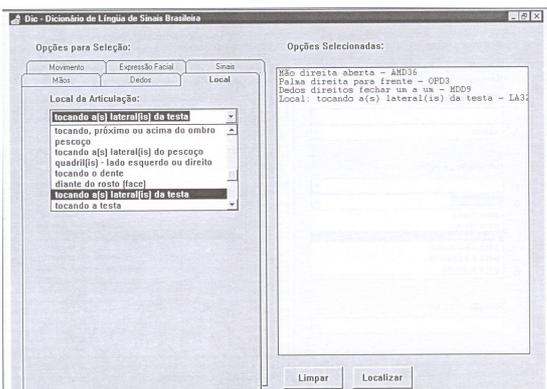


Figura 29 – Aba: local

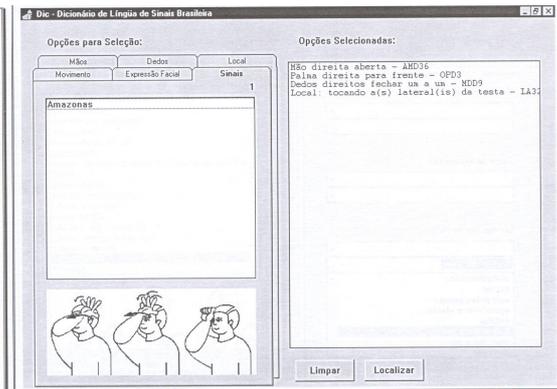


Figura 30 – Aba: Sinais

A Figura 31 ilustra a configuração de tela da Enciclopédia digital e do Sistema de recuperação de sinais que mostra o sinal de Libras MUNDO.

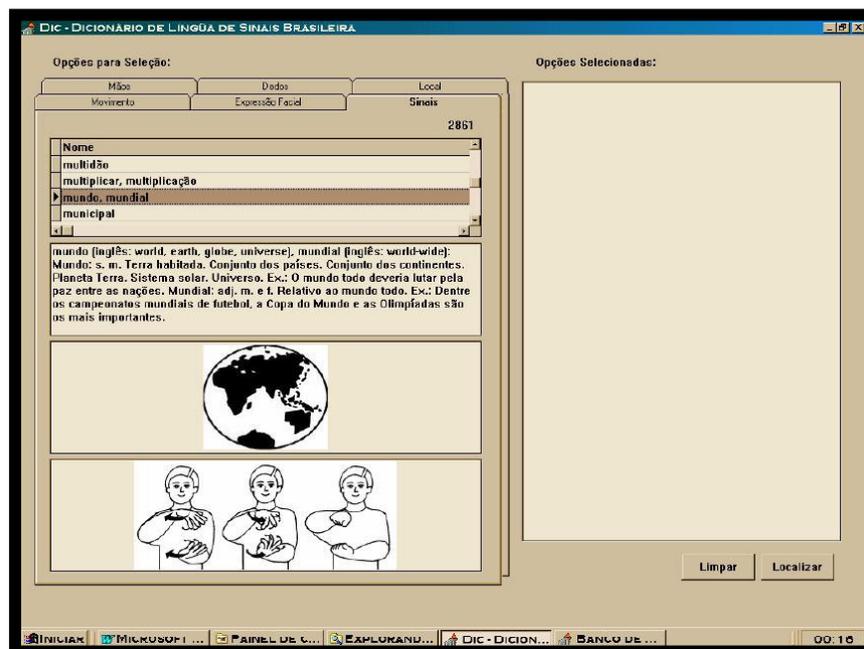


Figura 31 – Verbetes: Mundo (Capovilla, Duduchi, Raphael & Rozados, 2002:8)

Conforme a figura 31, a tela é dividida em duas metades, com quatro janelas à esquerda e a quinta à direita. A janela 1 mostra uma lista de verbetes em Português ordenada alfabeticamente, com uma barra de rolagem à direita, e o verbete *mundo* selecionado (i.e., iluminado pelo cursor). O verbete que é selecionado na janela 1 determina os conteúdos das outras três janelas na parte inferior. A janela 2 mostra o verbete em Inglês (*world*) que corresponde ao verbete em Português na janela 1. Ela também mostra a classificação gramatical do verbete em Português, uma definição de seu significado, e um exemplo do uso apropriado de cada significado. Finalmente, ele também mostra uma descrição completa da forma do sinal, de modo a permitir sua articulação precisa por parte do leitor neófito, ainda não familiarizado com a Libras. A janela 3 mostra a ilustração pictorial do significado do sinal, e a janela 4, da forma do mesmo sinal. Assim, à medida que usa o mouse ou teclado para rolar a lista de verbetes para cima ou para baixo (na janela 1), o consulente pode inspecionar todos os outros itens relacionados. Tais itens incluem tanto a *forma* do sinal que é *ilustrada* na janela 4 e *descrita* na parte inferior da janela 2, quanto o seu *significado* que é *ilustrado* na janela 3 e *definido* na parte medial da janela 2.

Na parte superior esquerda, acima das quatro janelas, há um *menu* quirêmico desdobrado em seis opções. A sexta opção *Sinais* encontra-se normalmente ativa e as quatro janelas descritas dizem respeito a ela. Assim, quando o consulente entra no sistema, ele encontra o menu *Sinais* aberto, sendo que o número total de sinais contidos no volume aparece abaixo da palavra *Sinais*. Para propósito de demonstração, a primeira versão da Enciclopédia digital foi dividida em dois volumes. O volume 1 contém 2.861 sinais de A a M, e o volume 2 contém 2.740 sinais de N a Z. As telas ilustradas neste artigo dizem respeito ao volume 1, daí o número que aparece sob *Sinais* ser 2.861 e não 5.600.

As outras cinco opções, que aparecem na parte superior esquerda do *menu* quirêmico, são aquelas que devem ser usadas para recuperação do sinal. Cada uma delas corresponde a um parâmetro específico. *Mãos*, *Dedos*, *Local*, *Movimento*, e *Expressão facial*. Clicando (isto é, pressionando o botão do mouse) sobre um dado parâmetro, obtemos a lista de quiremas pertencentes a esse parâmetro. Em seguida, clicando sobre um dado quirema, obtemos a lista de alóquios pertencentes a esse quirema. Finalmente, clicando sobre qualquer um dos alóquios, produzimos a seleção desse alóquio como critério de busca sublexical para a recuperação de todos os sinais que incluem esse alóquio. Assim, por exemplo, clicando sobre o parâmetro *Mãos*, obtemos quatro quiremas: *Articulação de mão*, *Orientação de palma*, *Orientação de mão*, e *Relação entre mãos*, Clicando sobre o segundo quirema *Orientação de palma*,

obtemos alóquiros como *Para cima*, *Para baixo*, *Para frente*, *Para trás*, *Para a esquerda*, *Para a direita*, etc. Clicando no primeiro alóquiros, *Para cima*, faz-se com que o primeiro componente do sinal '*palma para cima*' seja selecionado como critério para recuperação do sinal.

Um registro permanente de todos os componentes individuais do sinal selecionados como critérios para a busca do sinal é mantido na janela à direita. Há dois botões abaixo da janela: *Limpar busca*, e *Localizar sinal*. Clicando o botão à direita, dá-se início à busca do sinal baseada nos critérios escolhidos, anteriormente, e que estão mostrados na janela à direita. Uma vez que a busca tenha se encerrado, clicando no botão da esquerda, apagam-se os conteúdos da janela direita. Assim, o sistema está pronto para iniciar uma nova busca.

O panorama apresentado a partir do trabalho de Sofiato (2005) e complementado com outras formas de representação e registro das línguas de sinais apresentadas levam a análises importantes a respeito dessas representações. As primeiras considerações ainda estão registradas sob o olhar analítico de Sofiato (2005).

### 2.3.2. *Análise da representação iconográfica e lexicográfica das línguas de sinais – A proposta de Sofiato*

A representação pictórica das línguas de sinais, em especial, é um desafio e, para Sofiato (2005:3-5; 102; 107-8), o desafio ainda é maior quando se trata da representação dos movimentos intrínsecos a muitos sinais. Ela classifica os repertórios lexicográficos em LS como textos de gêneros instrucionais e esclarece que grande parte desses materiais apresenta uma série de ilustrações cujo objetivo é o ensino e a demonstração da produção manual dos sinais pertencentes à LS. Entretanto, afirma que eles não cumprem esse objetivo que seria um dos primordiais, visto que, na maioria das vezes, por meio desses materiais, não é possível o aprendizado dos sinais sem mediação de uma pessoa fluente em LS.

Sofiato (2005:35) avaliou a representação pictórica da LSB presente nos instrumentos analisados em seu trabalho à luz dos estudos a respeito do uso das imagens destinadas à instrução, a partir de uma concepção que contraria o senso comum, que atribui às

instruções pictóricas um caráter trivial. Para tal, Ela se apoiou nos estudos de Frutiger<sup>167</sup> (2001), Pierce<sup>168</sup> (1978), Joly<sup>169</sup> (1996) e Gombrich<sup>170</sup> (1999); Mijksenaar<sup>171</sup> (2001); Gomes Filho<sup>172</sup> (2000) entre outros.

Após avaliar a qualidade de seis obras, com LSB<sup>173</sup>, a Autora descreve o suporte ilustrativo presente nesses repertórios. Esse suporte se diversifica entre desenhos naturalistas, desenhos esquemáticos, fotografias, diagramas, acompanhados ou não de legendas, imagem em movimento – filmes, *CD-Roms*, dicionários virtuais – e a hibridização de diversos dos meios de expressão, encontrados, isoladamente, em alguns dos repertórios analisados, como parte da constituição de uma mesma obra (SOFIATO, 2005:4-5;102;107-8).

Ainda, Sofiato (2005) descreve os seguintes recursos pictóricos empregados para auxiliar a interpretação dos mais diversos tipos de ilustração: (a) setas como indicadores de movimento; (b) linguagem escrita (c) contraste entre a maneira correta e incorreta para a execução da forma desejada; e (d) ilustração em seqüência do passo a passo que o leitor deve saber para compreender as ilustrações. (SOFIATO, 2005:48-51).

Sofiato (2005:66) aponta inadequações, inclusive, terminológicas em ‘rótulos’ atribuídos às LSB como: mímica, linguagem de sinais, gestos folclóricos brasileiros, gestos, gesto oficial, linguagem de gestos, linguagem mímica. Ela critica também o destaque de partes do corpo

<sup>167</sup> Segundo Frutiger (2001, *apud* SOFIATO, 2005:32), “as imagens podem ser classificadas em dois grupos: um, no qual a informação pictórica é superficial e breve, como esboços; outro, no qual há uma tentativa de reprodução que se aproxime cada vez mais da realidade”.

<sup>168</sup> Segundo Pierce (1978, *apud*, 2005:32), “um signo é algo que esta no lugar de alguma coisa para alguém, em alguma relação ou alguma qualidade”.

<sup>169</sup> Segundo Joly (1996, *apud* SOFIATO, 2006:32) – acrescenta que um signo tem uma materialidade que percebemos com um ou vários de nossos sentidos. A imagem é uma mensagem visual composta de diversos signos.

<sup>170</sup> Gombrich (1999:226 *apud* SOFIATO, 2005:37) salienta a importância da representação e da compreensão da imagem instrucional. Segundo ele, o desenhista necessita transformar o movimento em algo estático, em imagens congeladas.

<sup>171</sup> Segundo Mijksenaar (2001, *apud* SOFIATO, 2005:41), “há um grupo de desenhistas que, ao representar um determinado produto ou objeto, reduz o valor prático do mesmo, pelo emprego de ilustrações, dando maior ênfase aos critérios estéticos”. Ainda segundo o Autor, um dos componentes essenciais para a produção de uma instrução pictórica é o “princípio de visibilidade”, no qual advoga que a ilustração deve ser clara, simples e sem ambigüidades (Mijksenaar, 2001, *apud* SOFIATO, 2005:43).

<sup>172</sup> Segundo Gomes Filho (2000, *apud* SOFIATO:2005:42), uma tarefa simples de ser realizada pode ser dificultada por algumas características conceituais que interferem na leitura da informação, a saber, a profusão – técnica visual que apresenta manifestações visuais muito carregadas acrescidas de elementos adicionais, muitas vezes, **supérfluos** – **sobreposição** – e **exageração** – técnica que recorre a uma expressão visual intensa, ampliada e extravagante.

<sup>173</sup> As seis obras analisadas por Sofiato (2005) foram: Iconographia dos Signaes; Linguagem das Mãos; Linguagem de Sinais; Comunicando com as mãos; O Patinho Feio; Meus primeiros sinais; Dicionário Enciclopédico Trilíngüe.

dos animais – como bicos, patas e asas – para representação da LSB produzida por animais como porcos e patos, por vezes, personagens surdos humanizados em algumas obras.

Após relatar suas considerações a respeito da representação pictográfica nas obras selecionadas, Sofiato (2005) aponta complicadores que dificultam a apropriação, a produção e o aprendizado da modalidade da língua de sinais, entre os quais destaca: (a) a ausência de entrelaçamento da arte com a ciência; (b) a forma, pouco elucidativa, de constituição das ilustrações desses materiais que acarreta uma dificuldade em compreender o sentido da imagem e em reproduzir os sinais, autonomamente – somente por meio da consulta aos materiais com língua de sinais; (c) a utilização de imagens muito pequenas: compromete a visualização das imagens; (d) a ausência de esboço de expressão facial ou corporal, quando fotografados ou desenhados; (e) a dificuldade relacionada à representação bidimensional da modalidade espaço-visual da língua de sinais (dificuldade de representar os traços não-manuais da língua de sinais – expressão facial e corporal do sinalizante); (f) a dificuldade na representação dos parâmetros constituintes da LSB, especialmente, das configurações de mão; (g) a dificuldade e a ineficiência nas tentativas de representar uma seqüência temporal – uma seqüência de procedimentos –; (h) dificuldade de pessoas não-alfabetizadas no entendimento da descrição, passo a passo, das legendas; (i) a representação parcial do léxico da LS, sem, contudo, expressar estrutura gramatical<sup>174</sup>; (j) produção da maioria dos materiais com língua de sinais, por ouvintes, o que acarreta a aplicação de modelos de dicionários concebidos para línguas de modalidade oral, como é o caso da indexação por ordem alfabética<sup>175</sup>; (k) a falta de valorização de aspectos estéticos; (l) a ineficiência e/ou precariedade das técnicas de ilustração, o que demonstra um aspecto rudimentar e pouco profissional dos ilustradores; (m) o não-reconhecimento do ilustrador como co-autor; (n) a escolha de ilustradores sem contato estreito com a comunidade surda e, tampouco, com conhecimento básico da LSB; (o) falta de convenção para a representação iconográfica (SOFIATO, 2005:81,102-108).

Diante das análises descritas e das dificuldades apontadas por Sofiato (2005) para a representação iconográfica das LS associada às dificuldades existentes para a organização de entradas em LS nos repertórios lexicográficos e terminográficos, decidiu-se ampliar a análise de Sofiato (2005) e orientar as propostas para a elaboração de modelos que satisfaçam a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos que envolvam

---

<sup>174</sup> Creio que esse destaque da Autora leva ao fato de os repertórios encontrados representarem quase que exclusivamente, características de repertórios bilíngües com equivalência LP-LSB.

<sup>175</sup> Há uma tentativa de alterar essa indexação tanto em Felipe & Lira (2000; 2005).

línguas de sinais a partir da análise de mais repertórios lexicográficos preexistentes, elaborados com LS pelo menos em uma direção – língua de entrada ou língua-alvo.

### 2.3.3. *Uma coletânea de repertórios lexicográficos com Língua de Sinais*

O primeiro passo foi coletar e selecionar repertórios existentes com LSB. Foram selecionados quarenta e nove (49) repertórios. Compõem esta coletânea, repertórios com as seguintes línguas de sinais: LSB, LGP<sup>176</sup>, ASL<sup>177</sup>, BSL<sup>178</sup>, LIS<sup>179</sup>, LSC<sup>180</sup> (catalã), LSC<sup>181</sup> (colombiana), LSA<sup>182</sup>, LSU<sup>183</sup>, KSL<sup>184</sup> (árabe) e KSL<sup>185</sup> (kwaitiana). Entre os repertórios coletados há os que estão divulgados em forma impressa – livro, folheto ou apostila – e os que estão divulgados em forma digital e/ou eletrônica. Há repertórios lexicográficos com organização das entradas em ordem alfabética; por agrupamento temático; por ordem alfabética e por segmentação paramétrica das ULs em ASL, caso do repertório organizado por Configuração de Mão (CM). Alguns dos repertórios selecionados têm efeito didático para o ensino. Esses repertórios podem ser concebidos como repertórios lexicográficos lúdicos para o ensino da LSB.

Vários repertórios não foram avaliados por apresentarem proposta semelhante à de outro já incluído na coletânea e analisado. Essa exclusão foi isenta de julgamento de valor; foi necessária, entretanto, para evitar uma análise repetitiva. Como há poucos registros escritos em LSB, poder-se-ia pensar em coletar para análise iconográfica repertórios discursivos como livros de literatura em Língua de Sinais e cartilhas de alfabetização<sup>186</sup>. Entretanto, optou-se por inserir entre os repertórios analisados, o glossário encontrado ao final da obra ‘Branca de Neve em Língua de Sinais’, de Coelho (2001-2005).

---

<sup>176</sup> LGP: língua gestual portuguesa.

<sup>177</sup> ASL: língua de sinais americana.

<sup>178</sup> BSL: língua de sinais britânica.

<sup>179</sup> LIS: língua de sinais italiana.

<sup>180</sup> LSC: língua de sinais catalã.

<sup>181</sup> LSC: língua de sinais colombiana.

<sup>182</sup> LSA: língua de sinais argentina.

<sup>183</sup> LSU: língua de sinais uruguaia.

<sup>184</sup> KSL: língua de sinais árabe.

<sup>185</sup> KSL: língua de sinais kwaitiana.

<sup>186</sup> Seguem exemplos de materiais de natureza discursiva, com registros de LSB: Rabelo (1991), Cinderela Surda (2003), Rapunzel Surda (2003), Patinho Surdo (2005), os 3 Porquinhos em Língua de Sinais (s/d), Chapeuzinho Vermelho em língua de sinais (s.d.), Branca de Neve em Língua de Sinais (s/d) e Uma Menina Chamada Kauana (1975).

A coletânea foi agrupada a partir da seleção de um entre cada um dos contrastes a seguir : (i) nacionais x internacionais; (ii) impressos x eletrônicos; (iii) geral x didático x terminológico; (iv) glossário x Ø; (v) infantil x Ø; CM x Ø.

Segue a designação atribuída a cada grupo de repertórios acompanhada do princípio de codificação inserido em cada um deles a fim de facilitar a consulta e a remissão aos repertórios analisados sempre que se fizer necessário. A codificação foi criada a partir da abreviação dos nomes dos agrupamentos<sup>187</sup>. Nessa codificação, ‘n’ representa a seqüência numérica da inclusão de cada tipo de repertório. Assim, tem-se: REPERTÓRIOS LEXICOGRÁFICOS NACIONAIS IMPRESSOS (NAC\_IMP\_n); REPERTÓRIOS LEXICOGRÁFICOS INTERNACIONAIS IMPRESSOS (INT\_IMP\_n); REPERTÓRIO INTERNACIONAL ORGANIZADO POR CONFIGURAÇÃO DE MÃO (INT\_IMP\_GER\_HAND\_n); REPERTÓRIOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NACIONAIS IMPRESSOS (NAC\_IMP\_DID\_n); ORGANIZAÇÃO EM FORMATO DE GLOSSÁRIO OU SEMELHANTE (NAC\_GLO\_n); REPERTÓRIO TERMINOGRÁFICO NACIONAL IMPRESSO E ELETRÔNICO (NAC\_IMP\_ELE\_n); REPERTÓRIO TERMINOGRÁFICO INTERNACIONAL IMPRESSO E ELETRÔNICO (INT\_IMP\_ELE\_n); REPERTÓRIOS LEXICOGRÁFICOS NACIONAIS ELETRÔNICOS (NAC\_ELE\_n); REPERTÓRIOS LEXICOGRÁFICOS INTERNACIONAIS ELETRÔNICOS (INT\_ELE\_n).

Para efeito didático e para facilitar a consulta do leitor, todos os repertórios coletados foram inseridos no anexo VII na seguinte seqüência: código atribuído ao repertório na seqüência da tese com base nas informações apresentadas anteriormente, referência bibliográfica do repertório e a capa do repertório anexada a uma ou mais imagens ilustrativas do repertório. Dos repertórios selecionados, apenas vinte (20) foram analisados<sup>188</sup>. Nem todos foram analisados para evitar-se uma análise exaustiva e

---

<sup>187</sup> De uma maneira geral, os códigos foram abreviados com três letras. Duas abreviações foram representadas por quatro letras para facilitar a memorização do conceito por trás do código. As abreviações empregadas foram as seguintes: NAC para nacional; INT para internacional; IMP para impresso; ELE para eletrônico; GER para geral; TERM para terminológico; INF para infantil; GLO para glossário; DID para didático; HAND para *handshape* (CM).

<sup>188</sup> Os repertórios lexicográficos, com LSB, analisados, foram: NAC\_IMP\_GER\_01; NAC\_IMP\_GER\_02; NAC\_IMP\_GER\_07; INT\_IMP\_GER\_05; INT\_IMP\_GER\_06; INT\_IMP\_GER\_HAND\_01; NAC\_IMP\_INF\_DID\_03; NAC\_IMP\_TERM\_GLO\_DID\_01; NAC\_IMP\_TERM\_GLO\_DID\_02; NAC\_IMP\_ELE\_TERM\_GLO\_DID\_01; NAC\_IMP\_ELE\_TERM\_01; NAC\_ELE\_01; NAC\_ELE\_02; NAC\_ELE\_07; INT\_ELE\_03; INT\_ELE\_04; INT\_ELE\_06; INT\_ELE\_09; INT\_ELE\_12; INT\_ELE\_15.

desnecessária dada à repetição de estratégias em grande parte deles. Os que foram analisados trazem a análise logo após a ilustração da capa e dos verbetes (anexo VII).

Com o intuito de avaliar se no *corpus* representado na coletânea de repertórios há representação(ões) que atenda(m), satisfatoriamente, o registro iconográfico da LSB, bem como a organização das entradas, em LSB, em repertórios lexicográficos, como os propostos nesta pesquisa, o passo seguinte foi a elaboração um instrumento para avaliar os repertórios.

#### 2.3.4. *Formulário para análise de repertórios léxico-terminográficos*

Os instrumentos de avaliação de repertórios lexicográficos encontrados nas diferentes obras que tratam de questões metalexicográficas, entre outras questões relacionadas à lexicologia e à terminologia, organizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, atendem, de uma maneira geral, aspectos que visam à análise de repertórios que envolvem exclusivamente línguas orais. Por isso, esses instrumentos não foram aplicados, tal como concebidos, para a análise dos repertórios coletados. Diante das especificidades da modalidade visuo-espacial das línguas de sinais, para analisar os quarenta e nove (49) repertórios selecionados, foi elaborado um formulário específico, com base em quatro fontes preexistentes, com critérios de avaliação e análise de repertórios lexicográficos.

As fontes que serviram de base para a elaboração desse instrumento foram: (a) o roteiro de avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos de Faulstich (1996); (b) a pesquisa iconográfica de Sofiato (2005), cujas reflexões foram determinantes para a análise das ilustrações empregadas para a representação da língua de sinais; (c) os princípios e critérios norteadores da avaliação de dicionários brasileiros de LP para o MEC/PNLD/2007 anexas no trabalho de GOMES (2007: anexo I); e (d) as fichas de avaliação de dicionários de tipos 1, 2 e 3 do MEC/PNLD/2007 anexas no trabalho de GOMES (2007).

O formulário para análise geral de repertórios com LS sintetiza oito itens: o código do repertório, o número de línguas do repertório, a língua de entrada, a presença ou ausência de definição, o tipo de ordenação das entradas (onomasiológica ou semasiológica), o tipo de índice, a forma de representação da LS, as observações ou comentário geral a respeito da obra. O modelo deste formulário encontra-se no anexo VIII. O objetivo desse

instrumento foi o de identificar, nos repertórios analisados, aspectos a serem rejeitados e aspectos a serem adotados na elaboração de repertórios lexicográficos com LS.

Optou-se por não sistematizar as análises dos repertórios analisados, pois, de certa forma, os aspectos positivos encontrados nos repertórios, bem como uma síntese das análises feitas dos repertórios da coletânea está diluída nas hipóteses e propostas de elaboração de repertórios a partir das próximas seções até o final da apresentação deste estudo.

Diante do fato de quase a totalidade dos repertórios analisados apresentarem entradas em LP, esse estudo buscou uma proposta que leve à organização de repertórios com entradas em LSB. Os repertórios lexicográficos costumam ser organizados a partir de critérios *semasiológicos* e *onomasiológicos*. Os repertórios *semasiológicos* partem dos significantes para os significados. Entre os repertórios organizados sob esse critério estão aqueles organizados em ordem alfabética, como foi o caso da maioria dos repertórios analisados na coletânea organizada para este estudo. Os repertórios *onomasiológicos* partem dos significados capazes de ter expressão linguística para se chegar aos significantes correspondentes. Entre os repertórios organizados sob esse critério estão aqueles organizados por seções temáticas.

Assim, uma proposta de ordenação paramétrica<sup>189</sup> será sustentada sob critérios semasiológicos. Para edificar essa proposta, decidiu-se analisar como os parâmetros das LS são organizados em distintos estudos. As seções seguintes, então, apresentam um panorama da organização dos parâmetros das LS nesses diferentes estudos e a ordenação paramétrica deste estudo, com o fim de construir uma proposta de organização que leve a uma ordenação semasiológica para os repertórios lexicográficos e terminográficos com entradas em LSB.

#### 2.4. *Princípios para organização paramétrica (semasiológica) de repertórios com entradas em LSB*

Ao refletir sobre uma proposta de organização semasiológica de repertórios lexicográficos e terminográficos com entradas em LSB, surgem algumas questões: Seria produtivo criar uma ordem paramétrica para a LSB tendo em vista o fato de haver um grande número de itens para serem organizados nos repertórios lexicográficos? Seria viável e funcional essa

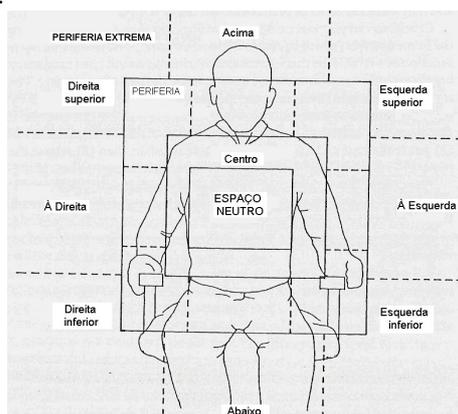
---

<sup>189</sup> A ordenação paramétrica que será proposta refere-se a uma ordem estabelecida para aos parâmetros, constituintes das ULs da LSB, a fim de organizar a macroestrutura de repertórios lexicográficos com entradas em LSB.

organização? A LSB tem cinco (5) parâmetros. Como incluí-los numa proposta semasiológica? Seria possível estabelecer uma ordem para as CMs? Uma ordem para os Movs? Uma ordem para as OPs? ... e assim por diante? Busca-se responder a essas e outras questões equivalentes, a seguir.

O primeiro aspecto a ser considerado para esse tipo de proposta, para organização de repertórios lexicográficos, diz respeito ao espaço de articulação da LSB, comumente conhecido como ‘espaço de sinalização’. Esse espaço é normalmente representado nos estudos clássicos por um caixote diante do corpo. Esse estudo contesta essa representação para a LSB. Primeiramente, porque o ‘espaço de sinalização’ não tem quinas como tem um caixote. Parte-se do princípio de que a LSB pode ser articulada até onde a mão alcança em todos os pontos diante do corpo<sup>190</sup> e em alguns pontos atrás do corpo, dado o fato de algumas ULs serem realizadas em espaço que inclui alguns centímetros atrás do falante,

<sup>190</sup> Há estudos que defendem que o ‘espaço de sinalização’ é diferente do espaço de ‘gestualização’. No espaço de sinalização é possível representar tanto estruturas lingüísticas quanto representações discursivas da LS. Sinais mais contidos, mais centrados no corpo do falante podem representar, por exemplo, o “falar baixo”, o inverso, “falar alto”, teria relação direta com sinais mais expandidos, articulados mais distantes do corpo. Essa mesma relação pode estar associada ao grau de formalidade do discurso. Outra distinção entre *gesto* e *sinai* (UL) em LS é apresentada nos estudos de CORREA (2007:78-9), quem, além de estudar a distinção entre ambos elementos (gesto e sinal), adaptou a ilustração de Pedelty (1987) para representar a divisão do espaço sinalizado e do espaço gestualizado. Por exemplo, os *gestos* seriam articulados mais distantes do corpo, mais na periferia ou fora do espaço de sinalização, enquanto os *sinais* estariam mais centralizados no espaço de sinalização, como ilustrado a seguir, ou seja, os gestos, entre outros aspectos, são os elementos que se realizam fora deste espaço.



A representação proposta nesta pesquisa não descarta a análise de Correa (2007:78-9) e de outros autores que abordam o mesmo tema; apenas considera possível que as ULs da LSB se expandam até o alcance da mão, especialmente pela constatação ainda do estudo de Correa (2007:5) de que gesto e língua co-ocorrem na complementaridade de elementos gestuais e lingüísticos nas narrativas de surdos brasileiros falantes de LSB. Segundo a Autora (2007:111), o gesto ainda contribui para a gramaticalização de processos morfológicos como é o caso da concordância verbal e nominal de morfemas com itens lexicais. Pelo fato de o *gesto* e o *sinai* referirem-se a dois componentes visuo-espaciais da LSB, a distinção entre eles torna-se opaca, mas não impede que a língua de sinais falada aproprie-se de todo o espaço possível até onde as mãos alcançam, em todas as direções, para ser articulada.

como é o caso de: FALAR-PELAS-COSTAS, PASSADO, DROMEDÁRIO etc. Esse espaço inclui, também, sinais abaixo do quadril como EMBAIXADA, NASCER, CALÇA-COMPRIDA<sup>191</sup>.

A LSB realiza-se majoritariamente no espaço representado por um plano cartesiano<sup>192</sup> cujo eixo das abscissas (x) passa pelo rosto na altura dos olhos e o eixo das ordenadas (y) divide vertical e simetricamente o corpo em dois lados. Diante do fato de a LSB ser percebida visualmente, quanto mais próximo do ponto de encontro desses eixos, maior a probabilidade de construção de ULs; quanto mais distante desse eixo, menor essa probabilidade, sem desconsiderar os distintos processos envolvidos na construção das ULs da LSB e que incluem as metáforas orientacionais e o espaço bastante visual e iconicamente representado no corpo e diante dele. Por isso, apesar de ser possível a articulação de uma UL acima da cabeça do falante, a maioria das ULs da LSB acontecem mais próximas do rosto e do tronco.

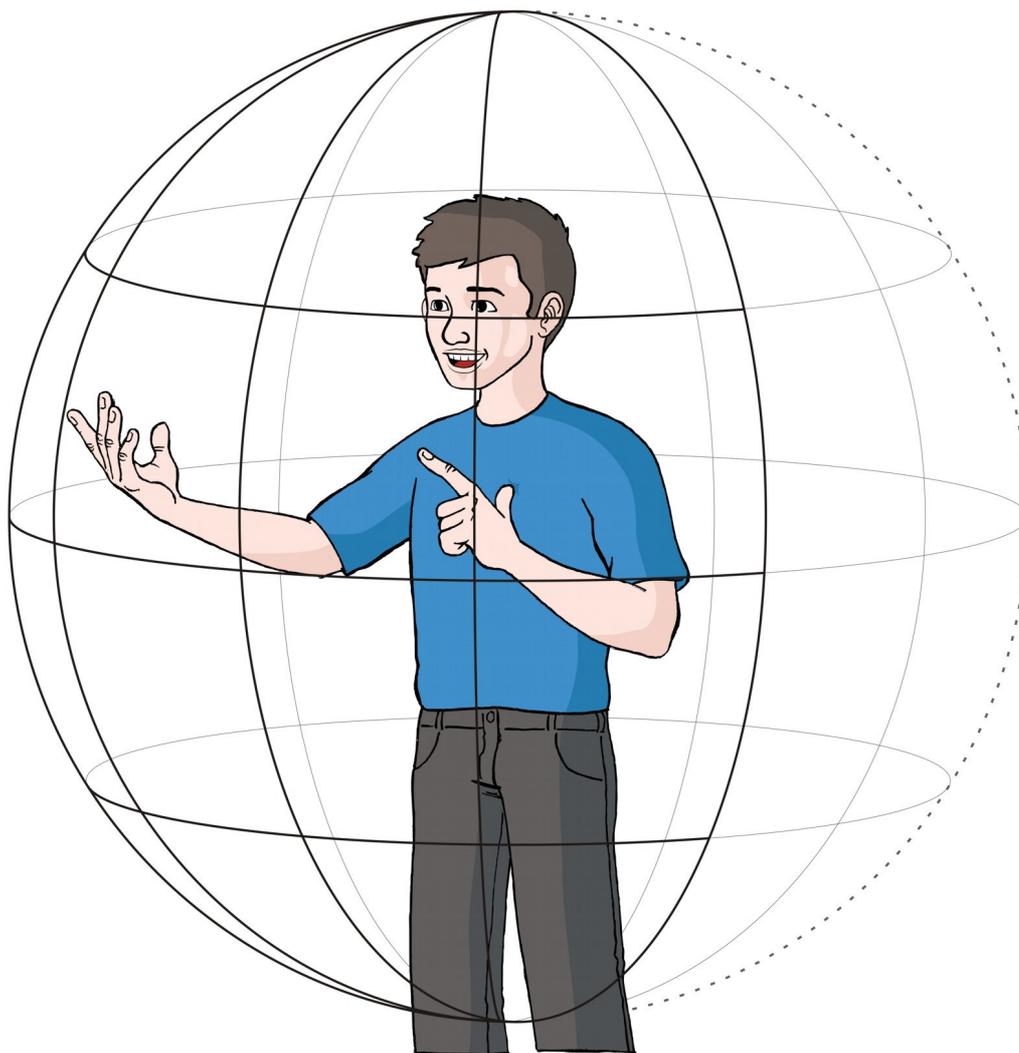
Essa análise leva a uma representação do ‘espaço de sinalização’ da LSB em um globo (Figura 32). O falante da LSB situa-se dentro desse globo e o ‘espaço de sinalização’ da LSB abrange o alcance dos braços abertos desse falante (para as laterais, para frente e para trás), e considera o corpo dele como parte do eixo y do plano cartesiano mencionado. As linhas sombreadas e pontilhadas representam a parte de trás do globo.

Austin (1806), Bacon (1875) de forma ainda bastante sutil apontaram essa possibilidade de representação. Klima & Bellugi (1979:51 e 73) ilustraram um círculo como espaço gestual em volta do falante (Figuras 45 e 46 na p. 190), mas num diâmetro mais restrito que o que se propõe para a LSB. Pode ser que a ASL tenha um ‘espaço de sinalização’ mais restrito que o ‘espaço de sinalização’ da LSB, fato que pode ter estreita relação com aspectos culturais.

---

<sup>191</sup> Os registros em caixa alta correspondem ao Sistema de Notação da Libras por Palavras.

<sup>192</sup> Plano cartesiano ou sistema de coordenadas: criado pelo francês René Descartes (1596-1650), consiste em dois eixos perpendiculares. Esse recurso foi desenvolvido a fim de localizar pontos num determinado espaço. (In: <http://www.brasilecola.com/matematica/plano-cartesiano.htm>. Acesso em 12 de abril de 2009.



193

Figura 32 – Espaço de Sinalização da LSB (proposta desta pesquisa)

O segundo aspecto a ser considerado diz respeito à possibilidade de ordenação de cada parâmetro. Contrastando-se a organização lexicográfica semasiológica dos repertórios em línguas orais (por meio da ordenação alfabética) com os repertórios em línguas de sinais (por meio da ordenação por CM), tem-se um número três vezes maior de CMs para a organização de repertórios em línguas de sinais dado que há 26 letras do alfabeto das línguas orais em oposição a uma média de 75 CMs<sup>194</sup> a depender da classificação que se siga.

As vinte e seis (26) letras do alfabeto romano, aplicado por grande parte das línguas orais, sem uma análise diacrônica para o resgate da motivação da ordenação que elas têm hoje,

<sup>193</sup> Ilustrado por Fábio Sellani.

<sup>194</sup> O inventário de CMs delimitado para esse estudo foi de 75CMs.

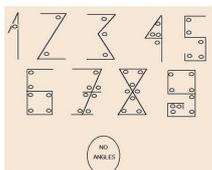
são apresentadas para as crianças sem o respectivo critério empregado para essa ordenação<sup>195</sup>. As crianças precisam decorar toda a ordem estabelecida para o alfabeto para procurar uma palavra no dicionário em ordem alfabética. Caso contrário, terão de procurar auxílio em uma tabela com a seqüência das letras.

Uma breve análise da organização de dicionários chineses mostra que não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível estabelecer critérios para a organização de muitas unidades. Yan (2007:41) explica que “em chinês, cada palavra é composta de um ou mais caracteres chineses, e cada *character* é lido como uma sílaba”.

Para a pesquisadora, o número total de caracteres chineses é desconhecido porque novos caracteres vêm surgindo todo o tempo e muitos ideogramas antigos têm sido abandonados. Existem dicionários chineses que listam exaustivamente até 80.000 caracteres (como o *Zhonghua Zihai*) e existem outros que listam cerca de 40.000 caracteres chineses (como o *Kangxi*). Yan (2007:42) explica, ainda, que na lista dos ideogramas chineses de uso comum, publicada pela Comissão Nacional da Língua Chinesa, em 1988, o número total dos ideogramas de uso normal correntes na República Popular da China é sete mil (7.000).

Yan (2007:42) explica que os métodos para a consulta de um dicionário chinês, com tantos ideogramas, são um desafio para a lexicografia chinesa moderna. Há dois métodos para a consulta de um dicionário chinês: (a) para quem sabe a pronúncia de um caracter, mas não sua forma e significado, simplesmente basta consultá-lo como se faria com um dicionário organizado alfabeticamente; (b) para um *character* que o usuário não reconhece em um texto, mas precisa saber seu significado e pronúncia, é preciso adquirir a definição em um dicionário chinês pelo radical. Depois poderá achar a forma do *character* e, finalmente, vai encontrar a própria definição no dicionário com som, significado e ilustrações. A consulta, dessa maneira, é feita em três partes do dicionário: (i) quadro de radicais (todos os dicionários chineses têm um quadro que contém 100 ou mais radicais dos ideogramas chineses), (ii) lista de ilustração do radical dos ideogramas (um radical é encontrado no quadro dos radicais pelo número de traços que tem. Encontrado o radical, há um número

<sup>195</sup> Sabe-se que a representação da seqüência numérica de 1 a 9 tem relação direta com o número de ângulos de cada figura ilustrada com as bordas retas e não arredondadas como passou a ter atualmente. Assim, o numeral 1 tem um ângulo e o numeral 9 tem nove ângulos.



(In: [http://2.bp.blogspot.com/\\_c\\_4tjjZCjoM/SXVdF1WDqYI/AAAAAAAAADfc/tq7cGzzirr4/s400/numeros+e+angulos.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_c_4tjjZCjoM/SXVdF1WDqYI/AAAAAAAAADfc/tq7cGzzirr4/s400/numeros+e+angulos.jpg)).

associado a ele que indica a página da lista dos ideogramas na qual encontrar-se-ão todas as palavras com o radical pesquisado) e, por fim, (iii) os verbetes das entradas (cf. YAN, 2007:43). A segunda forma de consulta é mais demorada, mas precisa.

Shintaku<sup>196</sup> explica que a língua japonesa possui três formas de escrita: o hiragana, o katakana e o kanji. O Hiragana e o katakana são escritas silábicas e, por isso, possuem ordem alfabética, enquanto o kanji é uma escrita ideográfica que pode ser organizada por ordem alfabética, conforme os silabários, pelo número de traços ou por radicais. Os dicionários monolíngües japoneses organizam-se por ordem alfabética conforme os silabários, diferentemente dos dicionários de chinês que possuem apenas ideogramas. Essa organização da escrita permite diferentes formas de ordenação dos dicionários de japonês.

A transcrição da escrita japonesa para as letras romanas segue o padrão hepburn, denominado de romanização<sup>197</sup>. Diferentemente da ordem alfabética da LP, a ordem alfabética da língua japonesa (que segue os silabários) é um pouco mais complexa. O silabário começa pela apresentação das vogais. A ordem das vogais na língua japonesa é: **あ** (a), **い** (i), **う** (u), **え** (e) e **お** (o). Todas as sílabas seguem essa seqüência vocálica. Um aspecto particular da língua japonesa refere-se aos alofones. Na língua japonesa não existe a sílaba ‘si’, que é substituída pelo ‘shi’; nem a sílaba ‘tu’, que é substituída pelo ‘tsu’. Após as vogais, segue a seção de palavras iniciadas pelas sílabas com k. Essa seção inicia-se com ‘ka’ seguido por ‘ga’, pois a sílaba ‘ga’ é modificada por um diacrítico e passa a ‘ka’. Segue-se, então, para o ‘ke’ > ‘ge’<sup>198</sup>, depois, o ‘ki’. Seguem-se ‘kya’, ‘kyu’ e ‘kyo’ para depois virem o ‘gi’<sup>199</sup> > ‘gya’, ‘gyu’, ‘gyo’. As sílabas ‘ku’/‘gu’ e ‘ko’/‘go’ fecham a seção do silabário iniciado por ‘k’. As seções seguintes seguem o mesmo padrão, conforme a figura 33.

<sup>196</sup> Toda a informação textual que se segue foi repassada, em contato informal, por Milton Shintaku, pesquisador da língua japonesa, ao atender a solicitação que a pesquisadora lhe fez a respeito da organização dos dicionários monolíngües de japonês.

<sup>197</sup> (cf. [http://portal.unesco.org/culture/en/files/32318/11625493943japanese\\_en.pdf/japanese\\_en.pdf](http://portal.unesco.org/culture/en/files/32318/11625493943japanese_en.pdf/japanese_en.pdf))

<sup>198</sup> Pronúncia de ‘ge’: /ge/.

<sup>199</sup> Pronúncia de ‘gi’: /gi/.

		ひらがな Hiragana						かたかな Katakana													
Seion		あ	a	い	i	う	u	え	e	お	o	ア	a	イ	i	ウ	u	エ	e	オ	o
		か	ka	き	ki	く	ku	け	ke	こ	ko	カ	ka	キ	ki	ク	ku	ケ	ke	コ	ko
		さ	sa	し	shi	す	su	せ	se	そ	so	サ	sa	シ	shi	ス	su	セ	se	ソ	so
		た	ta	ち	chi	つ	tsu	て	te	と	to	タ	ta	チ	chi	ツ	tsu	テ	te	ト	to
		な	na	に	ni	ぬ	nu	ね	ne	の	no	ナ	na	ニ	ni	ヌ	nu	ネ	ne	ノ	no
		は	ha	ひ	hi	ふ	fu	へ	he	ほ	ho	ハ	ha	ヒ	hi	フ	fu	ヘ	he	ホ	ho
		ま	ma	み	mi	む	mu	め	me	も	mo	マ	ma	ミ	mi	ム	mu	メ	me	モ	mo
		や	ya			ゆ	yu			よ	yo	ヤ	ya			ユ	yu			ヨ	yo
		ら	ra	り	ri	る	ru	れ	re	ろ	ro	ラ	ra	リ	ri	ル	ru	レ	re	ロ	ro
		わ	wa							を	wo	ワ	wa							ヲ	wo
	ん	n									ン	n									
Daku on		が	ga	ぎ	gi	ぐ	gu	げ	ge	ご	go	ガ	ga	ギ	gi	グ	gu	ゲ	ge	ゴ	go
		ざ	za	じ	ji	ず	zu	ぜ	ze	ぞ	zo	ザ	za	ジ	ji	ズ	zu	ゼ	ze	ゾ	zo
		だ	da	ぢ	di(ji)	づ	du(zu)	で	de	ど	do	ダ	da	ヂ	di(ji)	ヅ	du(zu)	デ	de	ド	do
		ば	ba	び	bi	ぶ	bu	べ	be	ぼ	bo	バ	ba	ビ	bi	ブ	bu	ベ	be	ボ	bo
Hand		ぱ	pa	ぴ	pi	ぷ	pu	ぺ	pe	ぽ	po	パ	pa	ピ	pi	プ	pu	ペ	pe	ポ	po
Y o o n		きゃ	kya			きゅ	kyu			きょ	kyo	キャ	kya			キュ	kyu			キョ	kyo
		しゃ	sha			しゅ	shu			しょ	sho	シャ	sha			シュ	shu			ショ	sho
		ちゃ	cha			ちゅ	chu			ちょ	cho	チャ	cha			チュ	chu			チョ	cho
		にゃ	nya			にゅ	nyu			にょ	nyo	ニャ	nya			ニュ	nyu			ニョ	nyo
		ひゃ	hya			ひゅ	hyu			ひょ	hyo	ヒャ	hya			ヒュ	hyu			ヒョ	hyo
D a k u o n		みゃ	mya			みゅ	myu			みょ	myo	ミャ	mya			ミュ	myu			ミョ	myo
		りゃ	rya			りゅ	ryu			りょ	ryo	リャ	rya			リュ	ryu			リョ	ryo
		ぎゃ	gya			ぎゅ	gyu			ぎょ	gyo	ギャ	gya			ギュ	gyu			ギョ	gyo
		じゃ	ja			じゅ	ju			じょ	jo	ジャ	ja			ジュ	ju			ジョ	jo
		ちゃ	ja			ちゅ	ju			ちょ	jo	チャ	ja			チュ	ju			チョ	jo
HD		びゃ	bya			びゅ	byu			びょ	byo	ビャ	bya			ビュ	byu			ビョ	byo
	ひゃ	pya			ひゅ	pyu			ひょ	pyo	ピャ	pya			ピュ	pyu			ピョ	pyo	

Figura 33 – Silabário japonês hiragana e katakana<sup>200</sup>

Se em chinês, que há tantos traços, e em japonês, que também tem uma organização alfabética complexa, é possível uma organização racional, por que não se tentar uma organização paramétrica para a LSB?

Uma UL da língua de sinais é constituída de agrupamentos de distintos parâmetros (agrupamento: das CM com suas respectivas OPs; dos PAs; dos Movs., das ENMs – EF e EC) ao passo que uma UL da língua oral é constituída por elementos oriundos do agrupamento de unidades de mesma natureza: as letras.

Há uma dificuldade em registrar linearmente as LS, porque, contrariamente às línguas orais, as LS têm como característica geral a simultaneidade de informações no espaço; há sobreposição de informações quando se articula uma UL em LS. Para sistematizar um registro para a LSB em repertórios lexicográficos impressos, organizados semasiologicamente, fez-se necessário considerar as unidades mínimas dessa língua, os parâmetros. Para tal, fez-se necessário uma criteriosa ordenação metodológica linear de cada um dos parâmetros.

Os critérios de ordenação paramétrica podem variar bastante a depender do enfoque e dos princípios da proposta a ser defendida. Tantas outras propostas e seqüências podem ser

<sup>200</sup> Silabário extraído de: <<http://www.mundoeducacao.com.br/japao/a-arte-escrever-dos-japoneses.htm>>. Acesso em: 5/5/09.

dadas a uma ordenação desse tipo. Este estudo apresenta uma proposta entre outras tantas possibilidades.

Para eleger essa ordem paramétrica sistemática, levou-se em consideração o *Sistema Stokoe*, o *Sistem HamNoSys*, bem como o *Sistema ELiS* que propõem um registro linear para as LS, conforme mencionado anteriormente. Estelita-Barros (2008), a partir do congelamento de imagens de vídeo, numa seqüência de representação da LSB, registrou a seqüência em que os parâmetros são acionados para a articulação da LSB. Com base nessa seqüência, propôs a seguinte ordem para o registro de seu sistema de escrita: (1) CM, associada ou não à OP; (2) Mov.; (3) PA; (4) ENM (EF e EC), quando presente.

As reflexões feitas para esta tese levaram a um caminho diferente. Definir como primeiro critério de ordenação paramétrica semasiológica a seqüência de um parâmetro cuja distribuição tipológica possua uma menor segmentação facilitaria a memorização do consulente. A distribuição dos PAs é mais fluida que a distribuição das CMs que são mais pontuais. Os PAs envolvem, ainda, as ULs em pontos mais próximos e mais distantes do corpo do interlocutor.

Os critérios de ordenação não podem ser subjetivos, pois isso implicaria o não-reconhecimento da ordem por parte do consulente. A proposta de ordenação lexicográfica semasiológica paramétrica, advogada por esta pesquisa, está totalmente alicerçada sob vários *continua*, que seguem alguns princípios de ordenação lógica, paradoxalmente, ao lado de alguns princípios de natureza subjetiva, mas prática, e não arbitrários, porém, necessários e cabíveis na proposta.

O conjunto de *continua* que acarreta a organização interna de cada um dos parâmetros está regido por princípios que organizam o *continuum*: (a) do que é *mais visível* para o que é *menos visível*; (b) do *mais próximo* para o *mais distante*; (c) do *mais alto* para o *mais baixo*; (d) do *menor* para o *maior*; (e) do *mais simples* para o *mais complexo*; (f) do *mais comum* para o *menos comum*; (g) do *mais fechado* para o *mais aberto*; (h) do *sem-movimento* para o *com-movimento*; (i) do *menos especializado* para o *mais especializado*; (j) do *mais primitivo* para o *mais derivado*; (k) do *mais prototípico* para o *menos prototípico*; e assim por diante. Esses princípios levam à delimitação de elementos para ordenação, conforme apresentado no quadro 32 que traz a equivalência entre princípios dos *continua* e a ordenação paramétrica defendida por este estudo:

Equivalência entre princípios dos <i>continuum</i> e uma ordenação semasiológica	
Princípios que regem cada <i>continuum</i>	Exemplo de aplicação na ordenação proposta
do <i>mais visível</i> para o <i>menos visível</i>	- A CM parece ser o parâmetro mais visível. Por isso foi escolhida como primeiro critério de ordenação. Após a CM, o parâmetro mais visível é o PA.
do <i>mais próximo</i> para o <i>mais distante</i>	- Os PAs foram organizados de forma que as ULs ancoradas no corpo (no ponto proximal) devem aparecer lexicografadas antes das ULs mais distantes do corpo (em ponto medial ou distal) - A proximidade entre duas mãos ao articular uma UL também se enquadra no princípio de proximidade.
do <i>mais alto</i> para o <i>mais baixo</i>	- Esse foi um <i>continuum</i> eleito, também, para a ordenação dos PAs, de forma que os PAs desenham um círculo que, para locações em pontos distais, chegam a equivaler ao limite do globo que representa o espaço de sinalização. - A justificativa para uma UL articulada em um PA mais alto vir antes de uma UL articulada em um PA mais baixo está diretamente relacionada com a posição mais visível das unidades lexicais: mais próximas dos olhos.
do <i>menor</i> para o <i>maior</i> , do <i>mais fechado</i> para o <i>mais aberto</i>	- Esses são princípios equivalentes que regem, por exemplo, a ordenação das CMs que partem da mão mais fechada para a mão mais aberta. - A ordem das EFs também é regida pela seqüência do mais fechado (EFs com sentimentos negativos) para o mais aberto (EFs com sentimentos positivos).
do <i>mais simples</i> para o <i>mais complexo</i> ; do <i>mais primitivo</i> para o <i>mais derivado</i> ; do <i>menos especializado</i> para o <i>mais especializado</i> .	- Esses princípios regem o fato de ULs com uma mão serem inseridas antes de ULs articuladas com as duas mãos; e de ULs com uma CM serem inseridas antes de ULs com as duas CMs. - A UL cujo significado é mais geral e abrangente (menos especializado) deve ser inserida antes do significado mais específico (mais especializado) - Esses princípios também regem a definição de que o ponto zero dos parâmetros aparece primeiro. Por exemplo, primeiramente, as ULs sem-movimento. Depois, as ULs com-movimento. - Esse <i>continuum</i> favorece a organização de termos constituídos de morfemas-base. Por exemplo, PALAVRA que é uma unidade mais simples e menos especializada deve ser inserida antes de MORFOLOGIA, que é uma unidade simples com significado mais especializado e oriundo do morfema-base originado da UL PALAVRA que se torna morfema-base para constituição de novas unidades como apresentado no capítulo 1 desta pesquisa. Para que essas unidades fiquem próximas, é necessário mesclar critérios onomasiológicos com critérios semasiológicos.
do <i>mais prototípico</i> para o <i>menos prototípico</i>	- Esse critério está representado na ordenação paramétrica pelas definições em <i>default</i> . ✓ Por exemplo, diante do fato de a maioria dos sinalizantes da LS ser destra e, portanto, a maioria das vezes, a mão ativa para articulação da LS ser a direita, a mão direita será sempre registrada como <i>default</i> para as representações iconográficas e mesmo pelo Sistema de Escrita em <i>signwriting</i> . ✓ A datilologia de palavras inteiras não é um traço prototípico de ULs da LSB. Por isso, primeiramente serão incluídos nos repertórios as ULs típicas da LSB. A datilologia de palavras inteiras deve vir ao final do repertório. Nesse caso, inclusive, poderá vir em seção separada. Como se trata de representação de letras transliteradas, o critério de ordenação empregado será, exclusivamente, o critério da ordenação paramétrica das CMs, ou seja, no <i>continuum</i> mais e menos prototípico, a UL construída virá antes da UL datilológica. ✓ As ULs reflexivas, com-concordância, em LSB, serão representadas “congeladas” em repertórios impressos, marcadas pela direção 1p <sup>201</sup> – 2p <sup>202</sup> , tomando como ponto de referência para a 2p, um interlocutor exatamente em frente à 1p.

<sup>201</sup> 1p equivale à primeira pessoa.

<sup>202</sup> 2p equivale à segunda pessoa.

	<p>✓ A lateralidade não é traço distintivo para a LSB, ou seja, um sinal articulado com a mão direita não pode ter significado diferente de um sinal com mesmas configurações articulado com a mão esquerda. Entretanto, para obter o rigor necessário à organização do repertório, de forma a padronizar os critérios definitórios de cada repertório, propõe-se que todas as entradas incluídas em dado repertório estabeleçam, como <i>default</i>, todas as unidades representadas pela articulação da mão-ativa como sendo a direita, porque essa é a lateralidade da maioria das pessoas, portanto, mais prototípica.</p> <p>✓ Todos esses princípios podem ser aplicados a representações por fotografia e, também, para registros em repertórios com <i>signwriting</i>.</p>
--	--

Quadro 32 - Equivalência entre princípios dos *continua* e a ordenação paramétrica

As seções seguintes trazem informações mais detalhadas a respeito de cada ordem estabelecida. Cada parâmetro da LSB foi submetido aos princípios dos *continua* a fim de estabelecer a ordem que esta pesquisa denomina por ‘ordem paramétrica’.

#### 2.4.1. A organização dos parâmetros em diferentes propostas

Para estabelecer a ordem de cada parâmetro, sob os critérios dos *continua* apresentados, optou-se: (i) por compilar diferentes propostas de organização dos parâmetros, nos diferentes estudos das línguas de sinais; (ii) por refletir sobre essas propostas; (iii) por determinar os itens a serem ordenados em cada parâmetro; e (iv) por aplicar os princípios definidos para a ordenação paramétrica. O primeiro parâmetro coletado, analisado e ordenado foi o das CMs.

##### 2.4.1.1. Proposta para ordenação do parâmetro – Configuração de Mão (CM)



203



<sup>203</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

## (i) ORGANIZAÇÃO DAS CMs - Klima &amp; Bellugi (1979:44)


Figura 34 – Quadro de Configurações de Mão (cf. KLIMA &amp; BELLUGI, 1979:44)

Klima & Bellugi (1979:44) apresentaram 41CMs para a ASL, agrupadas em 19 grupos organizados por semelhança de CM<sup>204</sup>.

## (ii) ORGANIZAÇÃO DAS CMs - Ferreira-Brito (1995:220)


Figura 35 – Quadro de Configurações de Mão (cf. FERREIRA-BRITO, 1995:220)

O Quadro de CM de Ferreira-Brito (1995:220) foi organizado com 46CMs<sup>205</sup> a partir dos mesmos 19 grupos apresentado no Quadro de Klima & Bellugi (1979:44).

<sup>204</sup> A disposição dos grupos de CM organizados por Klima & Bellugi (1979:44) não foi a mesma apresentada neste estudo. Optou-se por alterar a disposição original por considerar mais clara e didática a apresentação das CMs alinhadas como apresentadas nesse estudo.

<sup>205</sup> A mesma alteração feita na disposição das CMs na proposta de Klima & Bellugi (1979:44) foi feita na disposição dos grupos de CM organizados por Ferreira-Brito (1995:220).

(iii) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – PIMENTA (material didático da LSB-Vídeo, s.d.)

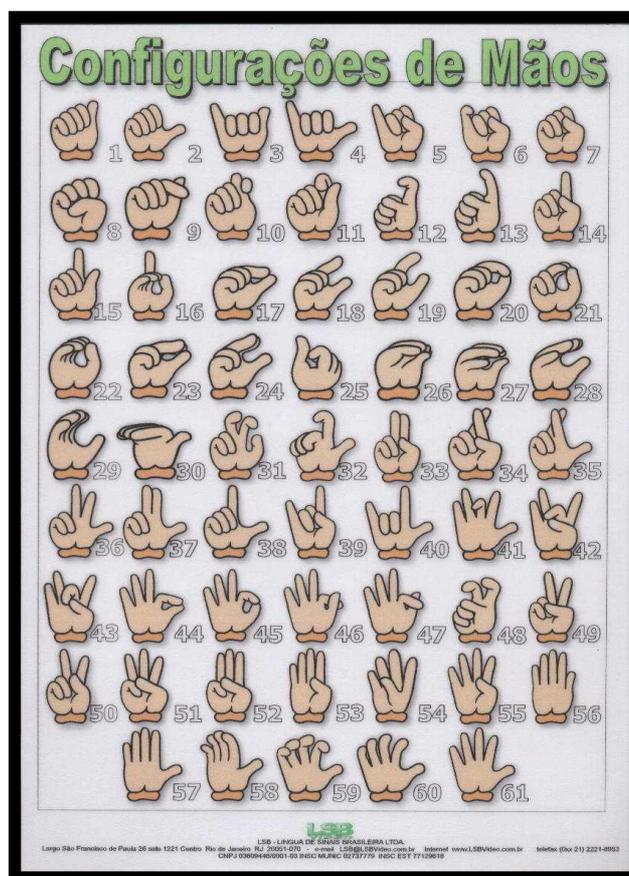


Figura 36 – Quadro de Configurações de Mão (cf. Pimenta, LSB-Vídeo, s.d.)

A proposta de Pimenta (material didático da LSB-Vídeo, s.d.) inventaria 61CMs organizadas por semelhança e numa ordem que apresenta como primeira CM a mais fechada e, como última CM, a mais aberta. A organização interna das CMs varia: ora a passagem de uma CM para a outra parte de uma CM mais aberta para uma CM mais fechada (como na seqüência das CMs: 51 e 52; 19 e 20; 36 e 37 etc.) e ora a passagem se dá a partir de uma CM mais fechada para uma mais aberta (como na seqüência das CMs: 17, 18 e 19; 26, 27, 28 e 29; 59, 60 e 61 etc.).

## (iv) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Felipe &amp; Lira (2005)

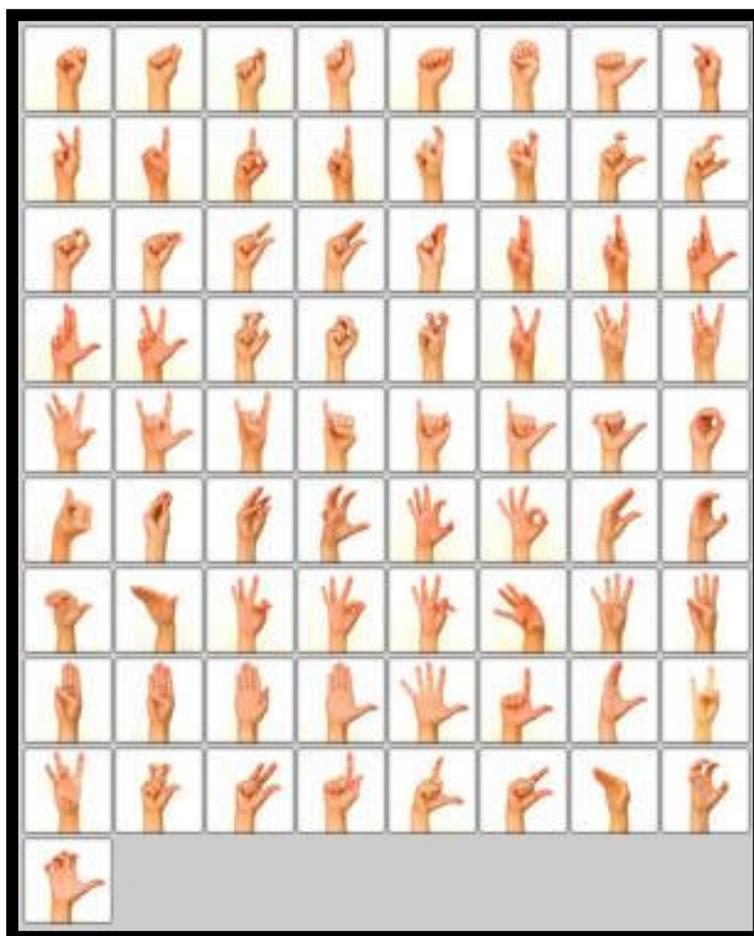


Figura 37 – Quadro de Configurações de Mão (cf. FELIPE &amp; LIRA, 2005)

Na proposta de Felipe e Lira (2005) foram elencadas 73CMs. A organização das CMs nessa proposta também agrupa, de certa forma, CMs semelhantes, apesar de não haver um critério harmônico da passagem de uma CM para outra.

## (v) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Sutton (1998)

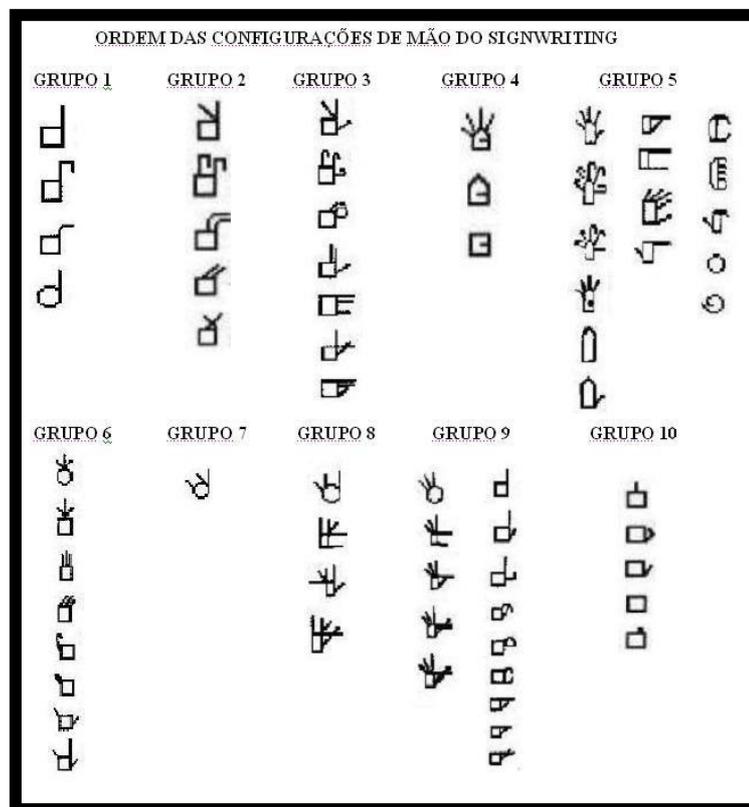


Figura 38 – Ordem das CMs do sistema *signwriting* (adaptada de SUTTON, 1998)

No manual do sistema de escrita *signwriting* (sw), traduzido para a LP por Stumpf (cf. SUTTON, 1998), foram representadas 66 CMs. Em primeira ordem, essas CMs estão organizadas na seqüência numérica de 1 a 10 das CMs da ASL, em 10 grupos. Dois dos grupos possuem subgrupos, a saber o grupo 5 (3 subgrupos) e o grupo 9 (2 subgrupos). O grupo 1 possui 4CMs; o grupo 2, 5CMs; o grupo 3, 7CMs; o grupo 4, 3CMs; o grupo 5, 15CMs (no subgrupo 1 há 6CMs, no subgrupo 2 há 4CMs e no subgrupo 3 há 5CMs), o grupo 6, 8 CMs; o grupo 7, 1CM; o grupo 8, 4CMs; o grupo 9, 14CMs (no subgrupo 1 há 5CMs e no subgrupo 2 há 9CMs) e, por fim, o grupo 10, 5CMs.

Nove das CMs elencadas não fazem parte do elenco preparado por Pimenta (LSB vídeo), a saber, a 4ªCM do grupo 2, a 3ªCM do grupo 4, a 3ªCM da parte 3 do grupo 5, a 4ªCM do grupo 6, a única CM do grupo 7, a 2ªCM do grupo 8, a 2ªCM da parte 1 do grupo 9, a 3ªCM da parte 2 do grupo 9 e a 2ªCM do grupo 10.

(vi) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Portugal (2001) - Gestuário

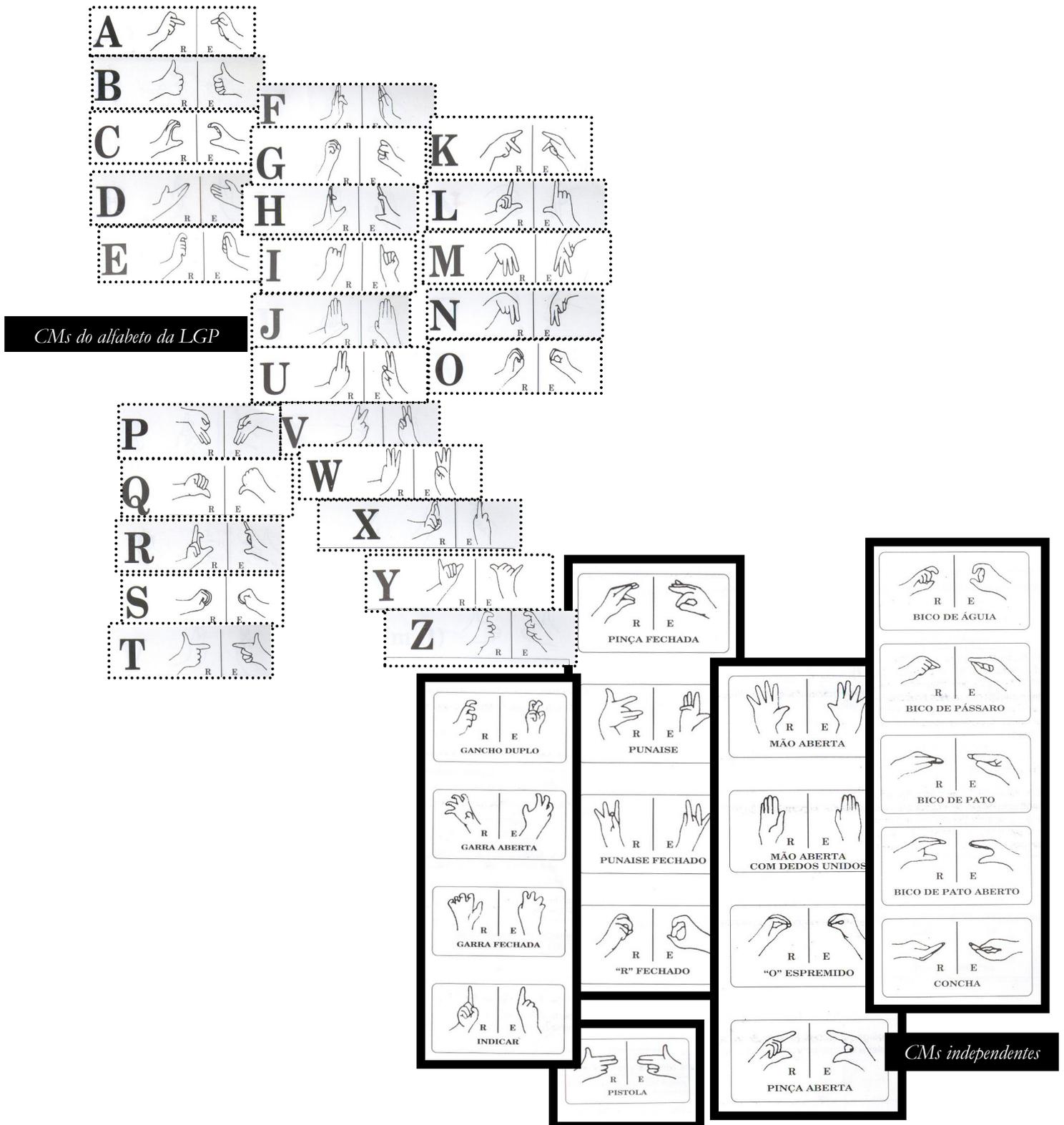


Figura 39 – Configurações de Mão do Gestuário de LGP (cf. PORTUGAL, 2001)

As representações apresentadas foram extraídas da 5ª edição do Gestuário da LGP. A primeira edição data de 1991. Na edição de 2001 foram registradas 42CMs para a LGP: 20CMs referem-se a letras do alfabeto datilológico da LGP, 5CMs, a numerais (1, 2, 5, 6 e 7) e 18CMs são independentes e foram denominadas: bico de pato aberto, bico de pato fechado, concha, punaise (aberto), punaise fechado, bico de águia aberto, bico de pássaro, indicar, mão aberta (com dedos espaçados e com dedos unidos), pinça aberta, pinça fechada, “R” fechado, pistola, “O” espremido, gancho duplo, garra aberta, garra fechada.

(vii) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Amaral *et al.*, 1994.

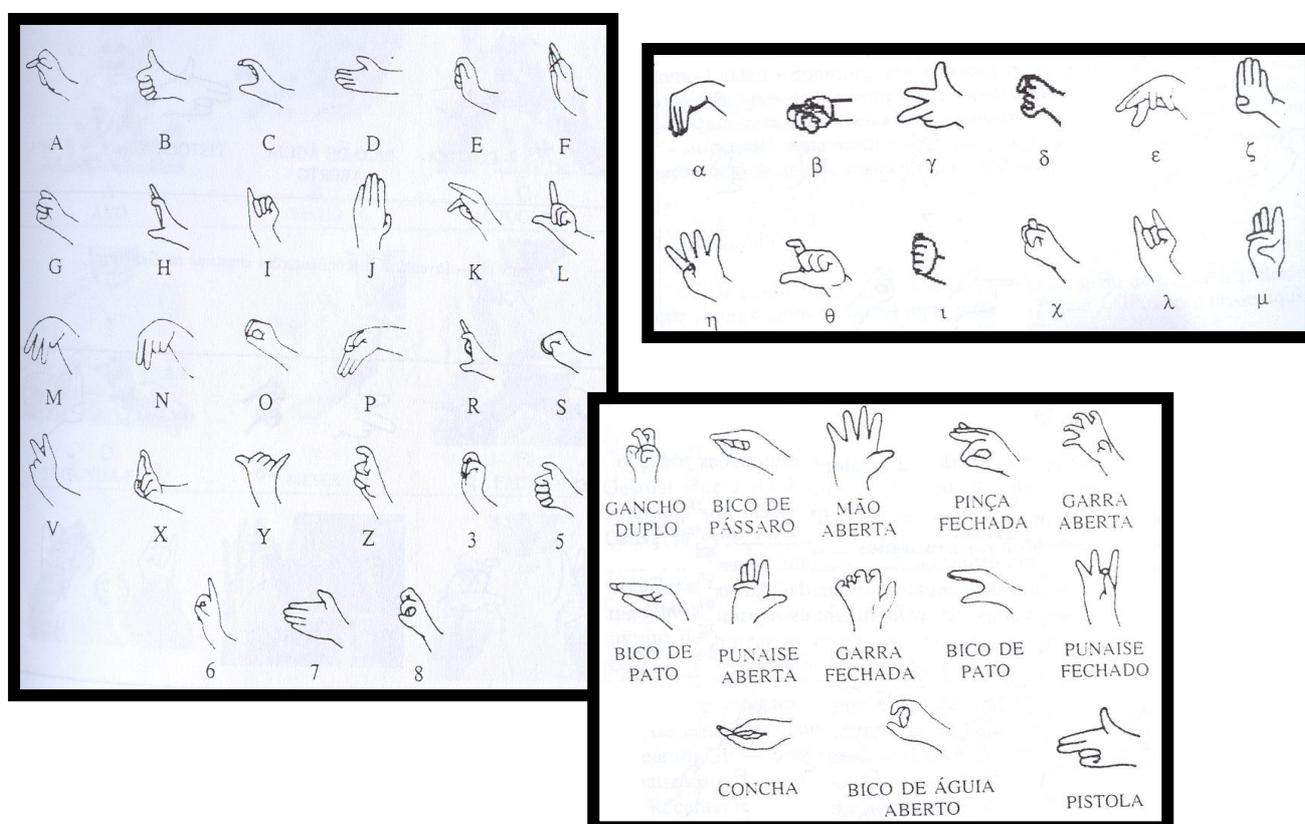


Figura 40 – Configurações de Mão de Amaral *et al.* (1994:69-70)

O inventário de CMs de Amaral *et al.* (1994) contém 52CMs e baseou-se no inventário de CMs do gestuário. Esse inventário está organizado da seguinte forma: foram eliminadas dele algumas CMs do alfabeto e algumas ‘CMs independentes do alfabeto’ inseridas no Gestuário por serem consideradas por Amaral *et al.* (1994:71) duplicação de outras CMs. Por isso, não consta no quadro de representação das letras do alfabeto desse inventário nem as CMs ‘Q’, ‘T’, ‘U’ e ‘W’, nem os numerais ‘0’, ‘1’, ‘2’, ‘4’ e ‘9’. Desse grupo foram inventariadas 27CMs. Os autores incluíram em seu inventário 13 das 18CMs apresentadas

pelo Gestuário como independentes. Foram excluídas as CMs designadas por: indicar, 'R' fechado, mão aberta com dedos unidos, 'U' espremido, pinça aberta. Por outro lado, inseriram 12CMs às quais designaram por letras do alfabeto grego.

(viii) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Alisedo (2007)



Figura 41 – Configurações de Mão (cf. ALISEDO, 2007)

Alisedo (2007) distribuiu as CMs em 8 grupos. Apesar de não estarem explícitos os critérios de organização dos grupos, percebe-se uma certa semelhança entre as CMs de cada grupo.

(ix) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Tennant & Brown (1998:28-9)

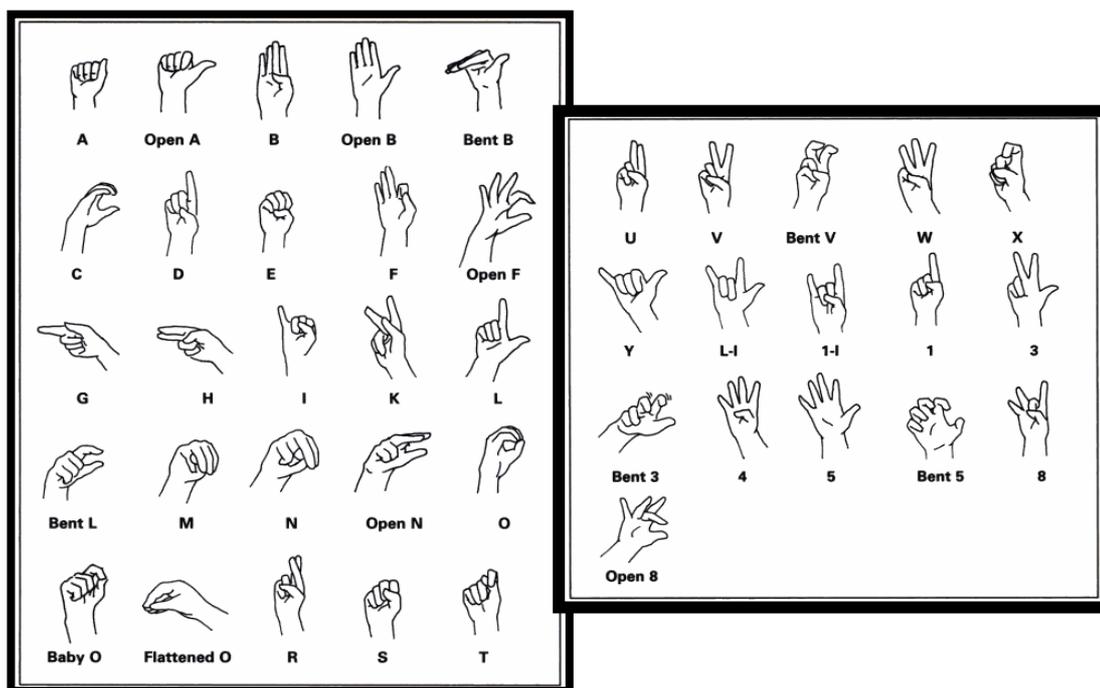


Figura 42 – Configurações de Mão (cf. TENNANT & BROWN, 1998:28-9)

Tennant & Brown (1998:28-9) inventariam para a ASL 41 CMs. O mesmo número inventariado por Klima & Bellugi (1979), entretanto, com diferença de 4 CMs que não são as mesmas para as duas propostas. Klima & Bellugi não inventariaram: “open F”, “M”, “N” e nem “open N”, mas outras 4 no lugar. Outra diferença entre os dois é que, apesar de Klima & Bellugi nomearem as CMs inventariadas por letras do alfabeto manual da ASL, não se preocupou com uma ordem alfabética para elas nos 19 grupos apresentados. Tennant & Brown tentaram seguir uma ordem alfabética para as CMs inventariadas.

(x) ORGANIZAÇÃO DAS CMs – Capovilla *et al.* (2001; 2002)*Articulação da Mão (AM) direita ou esquerda: Md ou Me*

01. em 1	19. em J	37. curvada
02. em 2	20. em K	38. fechada com polegar distendido
03. em 3	21. em L	39. aberta com dedos separados e curvados
04. em 4	22. em M	40. em Ç
05. em 5	23. em N	41. com pontas dos dedos unidas
06. em 6	24. em O	42. aberta com dedos flexionados e polegar distendido
07. em 7	25. em P	43. aberta com dedos flexionados e polegar paralelo
08. em 8	26. em Q	44. fechada com indicador e polegar distendidos e paralelos.
09. em 9	27. em R	
10. em A	28. em S ou fechada	
11. em B	29. em T	
12. em C	30. em U	
13. em D	31. em V	
14. em E	32. em W	
15. em F	33. em X	
16. em G	34. em Y	
17. em H	35. em Z	
18. em I	36. aberta	

Os autores também representam as Configurações dos Dedos (CDs), conforme relação a seguir:

*Tipo de Dedo(s)/ Quantidade de Dedos (QD) direito(s) ou esquerdo(s): Dd ou De*

01. polegar	06. polegar e indicador	10. polegar, indicador e mínimo
02. indicador	07. polegar e médio	11. indicador e mínimo
03. médio	08. polegar, indicador e médio	12. indicador e médio
04. anular		
05. mínimo	09. polegar, médio e anular	

*Articulação de(s) dedo(s): (Ad)*

- 01. esticados ou distendidos
- 02. curvados ou flexionados
- 06. pontas unidas

A sistematização das CMs encontradas em diferentes estudos levou à seleção das CMs a serem incluídas na proposta apresentada. Optou-se por inventariar setenta e cinco (75) CMs sistematizadas a partir das diferentes propostas de CMs e ordenadas a partir dos critérios estabelecidos para o *continuum* das CMs. Essa ordenação das CMs segue um

critério semi-natural<sup>206</sup> (da CM mais fechada para a CM mais aberta), critério que pode ser apresentado para o consulente a fim de auxiliar a memorização da ordenação das CMs.

Como um dia, num passado remoto, convencionou-se que ‘a’ viria antes do ‘b’<sup>207</sup>, não é anormal que se fixe dado dia, no presente, uma ordem convencionada para as CMs das LS. O alfabeto das línguas orais tem vinte e seis (26) letras. O ‘configureto’, designação para o agrupamento ordenado das CMs da LSB, nesta proposta, tem pouco mais que o dobro dessas configurações.

Não foi possível determinar um único *continuum* para as CMs, pois entre a CM mais fechada e a CM mais aberta, os cinco (5) articuladores (dedos) se alternam e, portanto, quebram o *continuum*. Por causa da quebra do *continuum*, optou-se por distribuir as setenta e cinco (75) CMs em dez (10) grupos, de acordo com a ordenação proposta. Não há uma quantidade idêntica de CMs para cada grupo. O primeiro agrupamento de CMs (cujo dedo articulador principal é o polegar) está constituído por 15CMs; o segundo agrupamento de CMs (cujos

<sup>206</sup> Fala-se em critério semi-natural porque não se trata de um critério óbvio que basta ser apresentado para que, naturalmente, estabeleça-se a seqüência estabelecida, mas um critério que contribui para facilitar a identificação de uma seqüência lógica e concatenada.

<sup>207</sup> Inspirado nos hieróglifos, os semitas criaram o alfabeto que evoluiu para a forma hoje conhecida do alfabeto latino ou romano, utilizado na escrita das mais diferentes línguas. As pessoas, hoje, decoram a ordem das letras, mas, grande parte delas, sequer tem conhecimento de sua origem. (In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_latino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_latino) Acesso em 22/04/2009.

♂	↵	A	A
▣	♄	B	B
∧	∧	Γ	Γ <sub>G</sub>
⋈	△	Δ	D
⋈	≋	E	E
†	Υ	Y	ΥV ΩW
=	≡	Z	Z
⋈	⋈	H	H
⊗	⊗	⊕	
┌	ℓ	I	I <sub>J</sub>
⊕	⋈	K	K
∩	∠	Λ	L
⋈	⋈	M	M
⋈	⋈	N	N
⋈	⋈	Ξ <sub>X</sub>	X
○	○	Ω	O
└	└	Π	P
⋈	⋈	Φ	F
φ	φ		Q
⋈	∠	P	R
ω	w	Σ	S
x	x	T	T

dedos articuladores são o polegar e indicador) está constituído por 17CMs; o terceiro agrupamento de CMs (cujos dedos articuladores são o indicador e o médio) está constituído por 8CMs; o quarto agrupamento de CMs (cujos articuladores principais são os dedos indicador e médio) está constituído por 6CMs; o quinto agrupamento de CMs (cujos dedos articuladores são o indicador, o médio e o anular) está constituído de 3CMs; o sexto agrupamento de CMs (cujo articulador principal é, novamente, o polegar) está constituído de 5CMs; o sétimo agrupamento de CMs (cujo articulador ) está constituído de 2CMs; o oitavo agrupamento de CMs (cujos articuladores principais são os dedos indicador e polegar) está constituído de 8CMs; o nono agrupamento de CMs (cujo articulador principal é o dedo mínimo) está constituído de 5CMs; o décimo agrupamento de CMs (cujo articulador) está constituído de 6CMs

A vantagem da ordenação proposta é que não há a necessidade de se decorar a ordem de todas as setenta e cinco (75) CMs. Basta decorar o início dos agrupamentos e algumas mudanças internas a eles, mas como todos partem de uma seqüência concatenada de configuração das mãos, rapidamente, ela será identificada. A seqüência é dada pelo movimento harmônico dos dedos. No primeiro agrupamento, por exemplo, o movimento concatenado e harmônico do polegar torna-o praticamente o responsável pela ordenação.

Assim, o consulente de repertórios com LS, organizado sob ordenação paramétrica, pode decorar primeiro a CM inicial dos dez (10) grupos de CMs. Se o consulente não decorar, não importa! O repertório deve ser acompanhado de um apêndice com a ordem das CMs e de cada um dos outros parâmetros para facilitar a consulta. Não é rígida e fixa a forma como se abre a mão, pois há várias possibilidades de se modificar uma CM ao abrir as mãos, mas é um critério que pode facilitar a memorização da ordem estabelecida.

A primeira taxionomia a ser considerada com relação às mãos refere-se à quantidade de mãos e tipo de CM envolvida na articulação da UL a ser lematizada em repertório léxico-terminográfico com entrada em LSB. A outra ordem que envolve as mãos é a da quantidade de mãos:

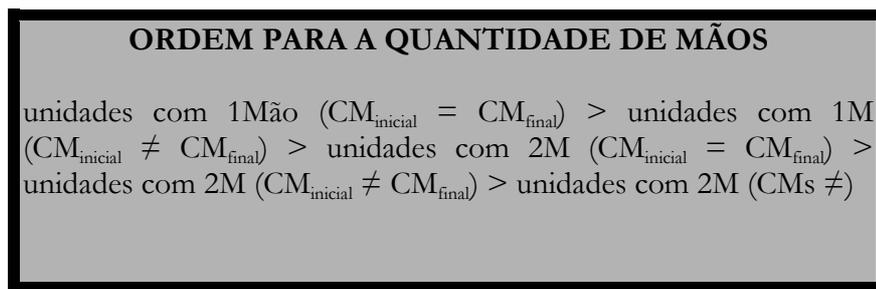
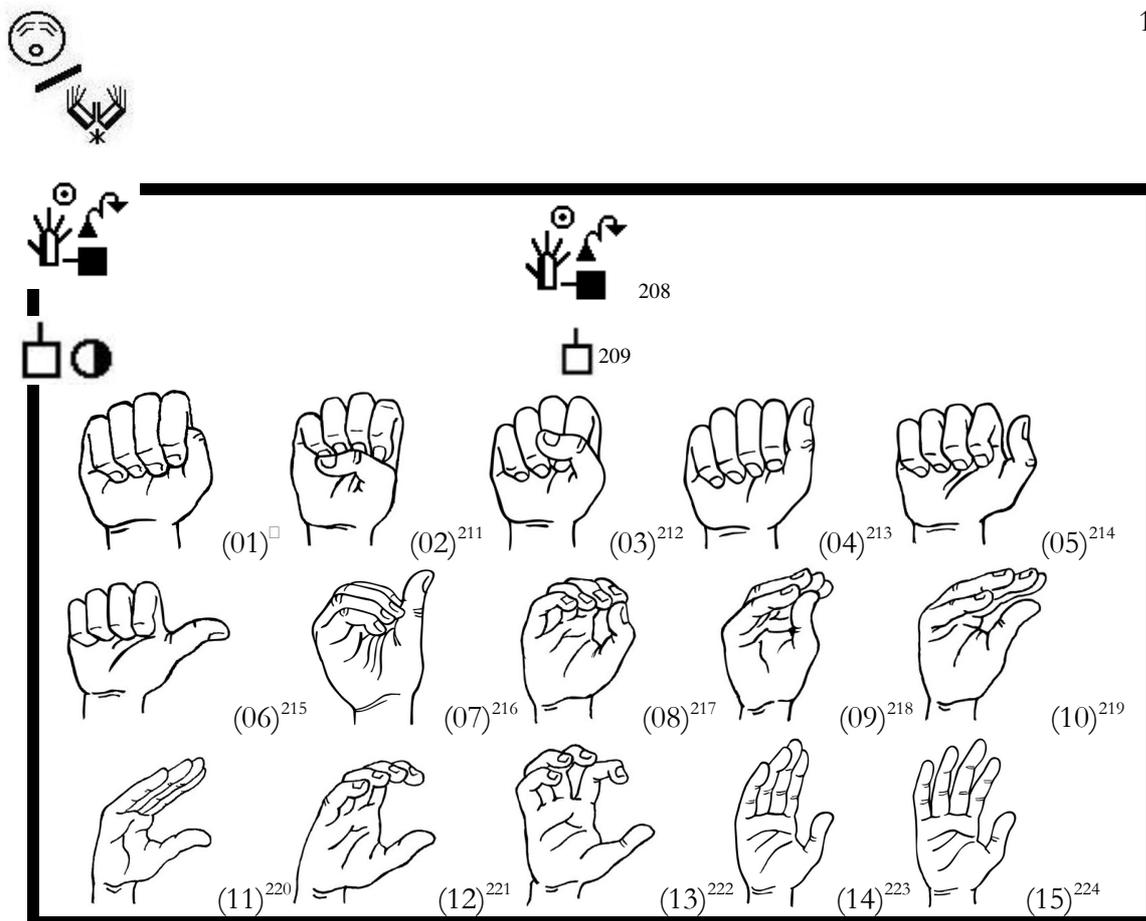


Figura 43 – Ordem para a quantidade de mãos (proposta desta tese)

Considerando que cada CM tem a função de um fonema e que quando um fonema é realizado em lugar de outro, sem alterar o significado da UL, tem-se um alofone, ao agrupar as CMs no *continuum* proposto e ao testar a ordenação das ULs em entradas lexicográficas, foram identificados vários alofones entre as CMs. Como não era escopo da pesquisa tratar de alofones, optou-se apenas por identificar alguns deles e por deixar para expandir esse estudo em outro momento a fim de identificar, por exemplo, se essas variantes são livres ou se dependem do contexto em que ocorrem.

Seguem os grupos de CMs organizados conforme a ordenação proposta. As 75CMs foram numeradas para facilitar a identificação, localização e remissão das mesmas. Do anexo XIII ao XXII encontram-se os grupos das CMs, com animação da seqüência para visualizar a concatenação da mudança entre uma e outra CM. Notas de rodapé, após cada quadro, sinalizam o anexo exato de cada grupo de CM.

Segue a ordem sugerida para cada um dos 10 grupos do ‘configureto’:



Quadro 33 – Grupo 1 de Configurações das Mãos<sup>225</sup>

**Obs.:** as CMs 3 e 4<sup>226</sup> (à exceção de quando representam letras do alfabeto datilológico em que a CM3 equivale a ‘S’ e a CM4 equivale à letra ‘A’) parecem ser alofones; as CMs 14 e 15<sup>227</sup> desse grupo e a CM 54 do grupo 6, também, parecem funcionar como alofone. Além dessas, a CM10 desse grupo e a CM34 do grupo 3 também parecem ser alofones.

<sup>208</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>209</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 1.

<sup>210</sup> Essa CM foi encontrada na tradução que Stumpf fez do grupo 4 das CMs de Sutton (1998). Não foi localizada essa CM em UL do dialeto brasiliense da LSB.

<sup>211</sup> CM da letra ‘E’.

<sup>212</sup> CM para a letra “S”, NÚMERO.

<sup>213</sup> CM para a letra ‘A’, LAVAR, ARREPENDER, PEDRA.

<sup>214</sup> CM de CANETA, CHEIRO.

<sup>215</sup> CM da mão ativa de CONFIGURAÇÃO-DE-MÃO.

<sup>216</sup> CM para o NUMERAL-6, LÉSBICA (sapatão – chulo).

<sup>217</sup> CM para a letra “O”, OUTUBRO, CL de ÓCULOS.

<sup>218</sup> CM de BEIJAR.

<sup>219</sup> CM de PATO.

<sup>220</sup> CM de VERBA.

<sup>221</sup> CM para a letra “C”, QUENTE ou ADULTO.

<sup>222</sup> CM de QUERER.

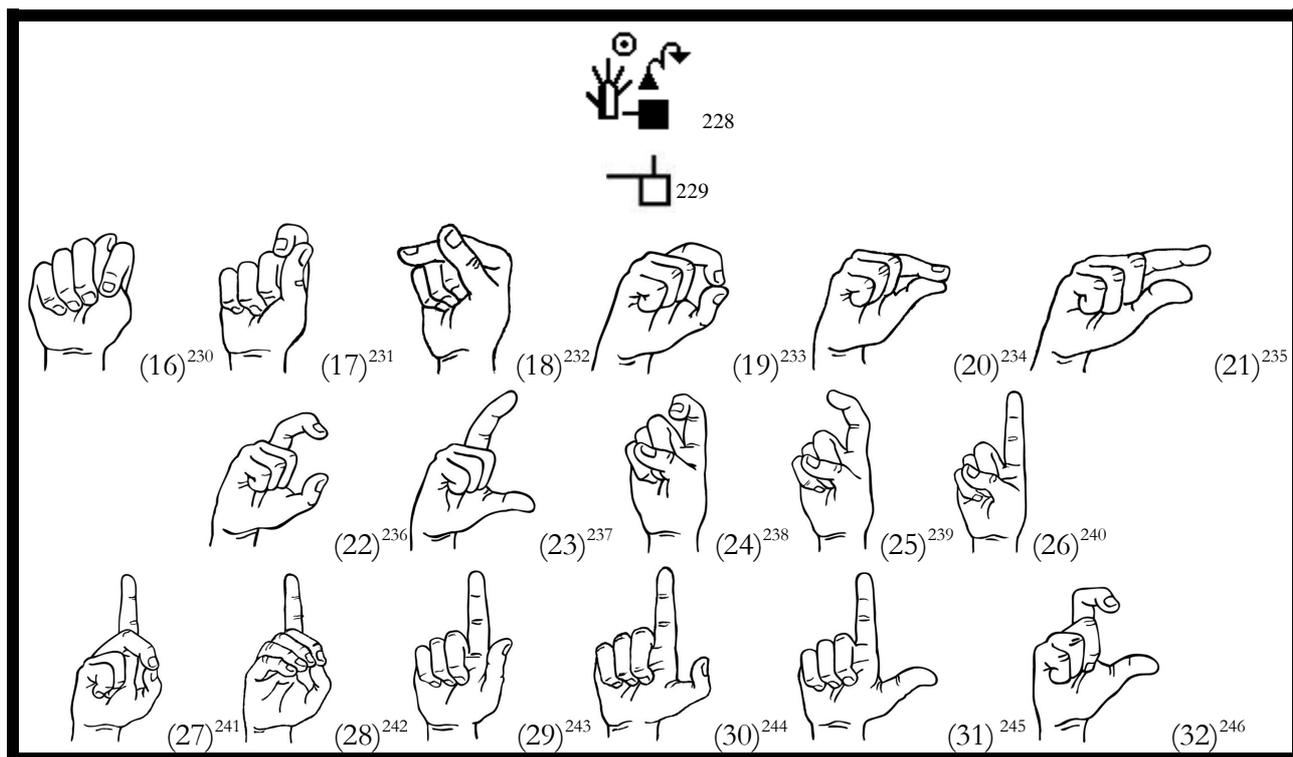
<sup>223</sup> CM de ABACATE.

<sup>224</sup> CM de ADEUS, TCHAU.

<sup>225</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XIII.

<sup>226</sup> Exemplo: LINGÜÍSTICA.

<sup>227</sup> Exemplo: ADEUS.



Quadro 34 – Grupo 2 de Configurações das Mãos<sup>247</sup>

**Obs.:** Parecem funcionar, também, como alofones, as CMs 16 e 17; as CMs 19 e 20; as CMs 24 e 25<sup>248</sup>; as CMs 26 e 28.

<sup>228</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>229</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 2.

<sup>230</sup> CM de NEGÓCIO.

<sup>231</sup> CM de BÔNUS.

<sup>232</sup> CM para a letra “Q”, NUMERAL 7.

<sup>233</sup> CM de alofone da CM 20.

<sup>234</sup> CM de ESCOLHER, O-QUÊ.

<sup>235</sup> CM de PEQUENININHO’

<sup>236</sup> CM de CARTÃO-DE-CRÉDITO.

<sup>237</sup> CM de PALAVRA; MORFEMA.

<sup>238</sup> CM para a letra ‘X’; SEXTA-FEIRA.

<sup>239</sup> CM de MENTIRA.

<sup>240</sup> CM para a letra “Z”, PENSAR.

<sup>241</sup> CM de VENDER.

<sup>242</sup> CM para a letra ‘D’. DICIONÁRIO.

<sup>243</sup> CM para a letra ‘G’.

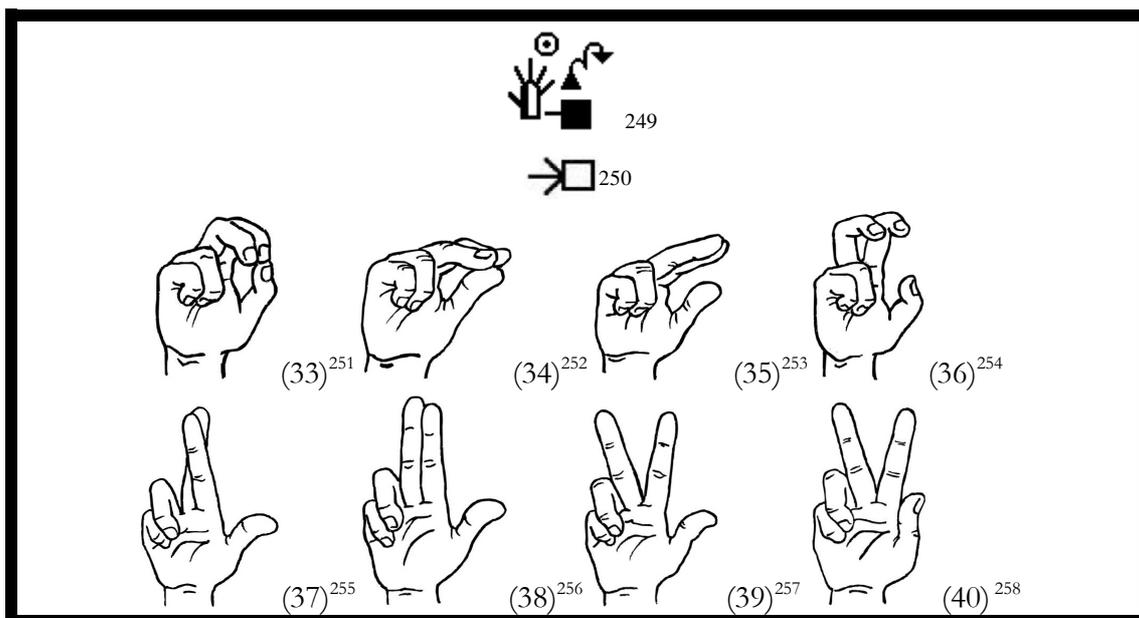
<sup>244</sup> CM de REVÓLVER.

<sup>245</sup> CM para a letra “L”, LINGÜÍSTICA; TELEVISÃO; VÍDEO.

<sup>246</sup> CM de ATIRAR.

<sup>247</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XIV.

<sup>248</sup> Exemplo: PINTAR-COM-SPRAY.



Quadro 35 – Grupo 3 de Configurações das Mãos<sup>259</sup>

**Obs.:** As CMs 34 e 35 fazem par ‘alofônico’ com as CMs 9 e 11 do grupo 1 de CMs, por exemplo, ao articular a UL PATO.

<sup>249</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>250</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 3.

<sup>251</sup> CM final de CINQUENTA – em uso.

<sup>252</sup> CM final de PATO.

<sup>253</sup> CM inicial de PATO

<sup>254</sup> CM inicial de CINQUENTA – em uso.

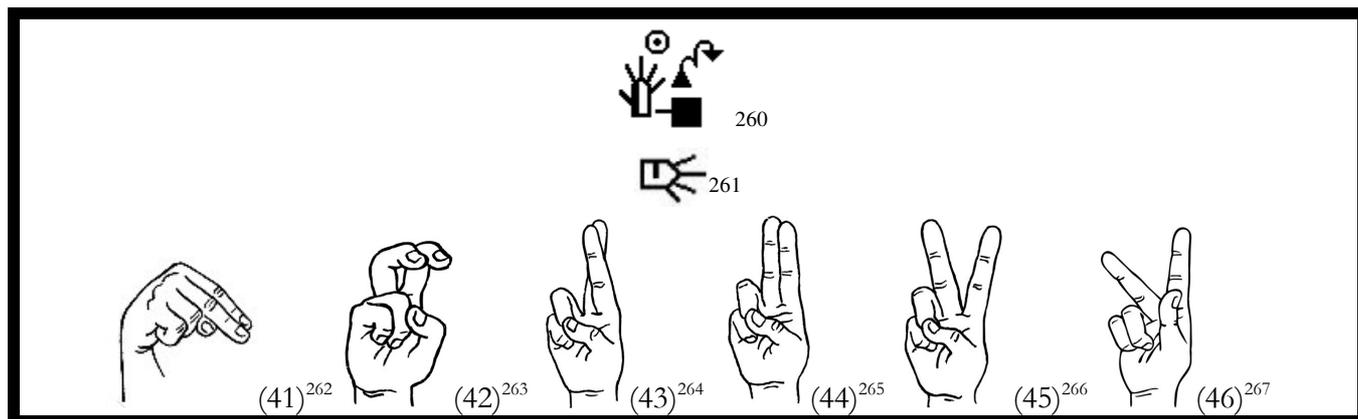
<sup>255</sup> Obs.: essa CM parece estar em variação com a CM correspondente à letra ‘R’.

<sup>256</sup> CM de NATURAL, PREPOSIÇÃO.

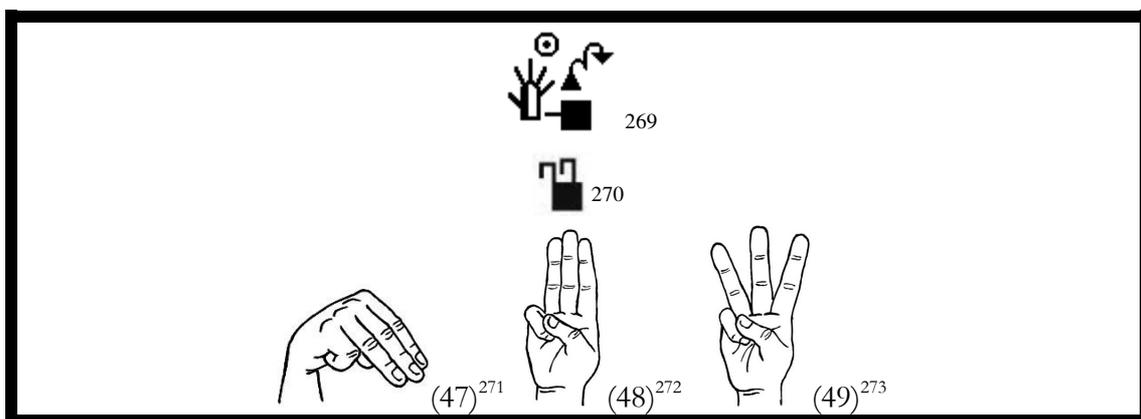
<sup>257</sup> CM de CITAÇÃO-DE-TRES-ELEMENTO.

<sup>258</sup> CM de EU-AMO-VOCÊ brasileiro (CM recentemente – 2008/2009 – divulgada no curso de Licenciatura em Letras-Libras.

<sup>259</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XV.

Quadro 36 – Grupo 4 de Configurações das Mãos<sup>268</sup>

**Obs.:** As CMs 39, 45 e 46, eventualmente, funcionam como alofones.

Quadro 37 – Grupo 5 de Configurações das Mãos<sup>274</sup>

**Obs.:** As CMs 48 e 49 podem funcionar como alofones.

<sup>260</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>261</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 4.

<sup>262</sup> CM para a letra ‘N’, NUNCA.

<sup>263</sup> CM de QUINTA-FEIRA.

<sup>264</sup> CM para a letra ‘R’, RESTAURANTE.

<sup>265</sup> CM para as letras ‘H’ e ‘U’, FOGUEIRA.

<sup>266</sup> CM para a letra ‘V’, SEMPRE, SEGUNDA-FEIRA.

<sup>267</sup> CM das letras ‘K’ e ‘P’.

<sup>268</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XVI.

<sup>269</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

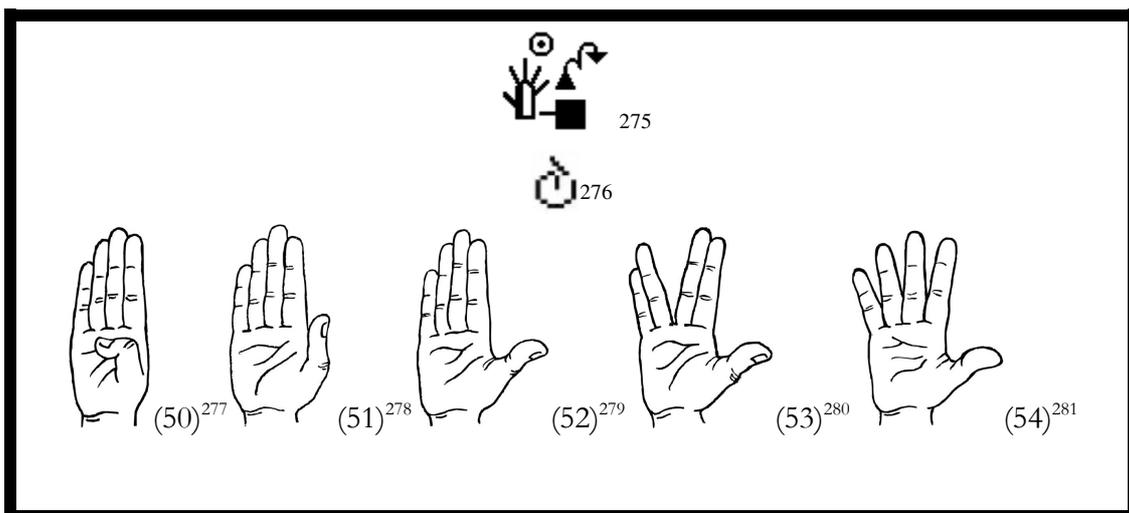
<sup>270</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 5.

<sup>271</sup> CM para a letra ‘M’, MARANHÃO

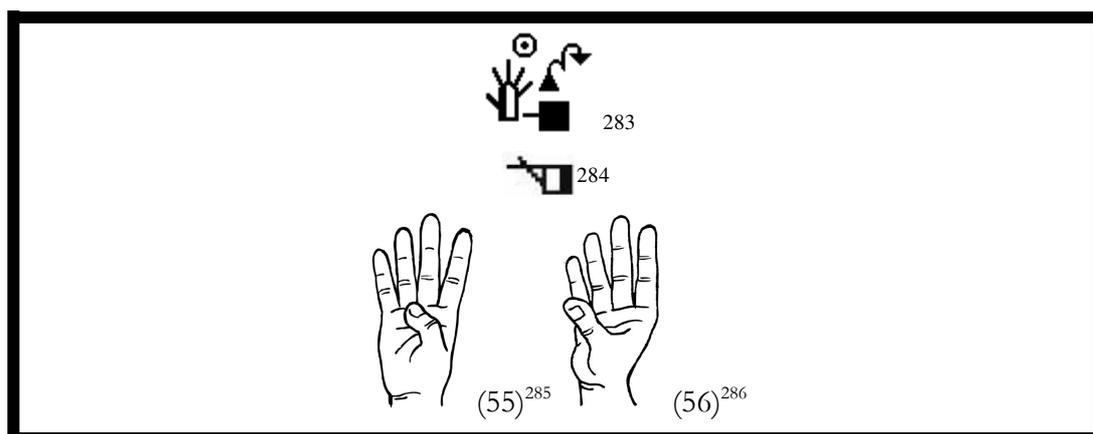
<sup>272</sup> CM de METODOLOGIA.

<sup>273</sup> CM para a letra ‘W’, 2ª CM de POWERPOINT.

<sup>274</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XVII.

Quadro 38 – Grupo 6 de Configurações das Mãos<sup>282</sup>

**Obs.:** A CM 15 do Quadro 33 e as CMs 50, 51 e 52 podem ser alofones.

Quadro 39 – Grupo 7 de Configurações das Mãos<sup>287</sup>

<sup>275</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>276</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 6.

<sup>277</sup> CM para a letra 'B'.

<sup>278</sup> CM de BÍBLIA.

<sup>279</sup> CM de AMIGO

<sup>280</sup> CM de AMARGO / TRAVA (variação em Goiás). Dado informado por Fábio Sellani.

<sup>281</sup> CM de APLAUSOS PARA SURDOS.

<sup>282</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XVIII.

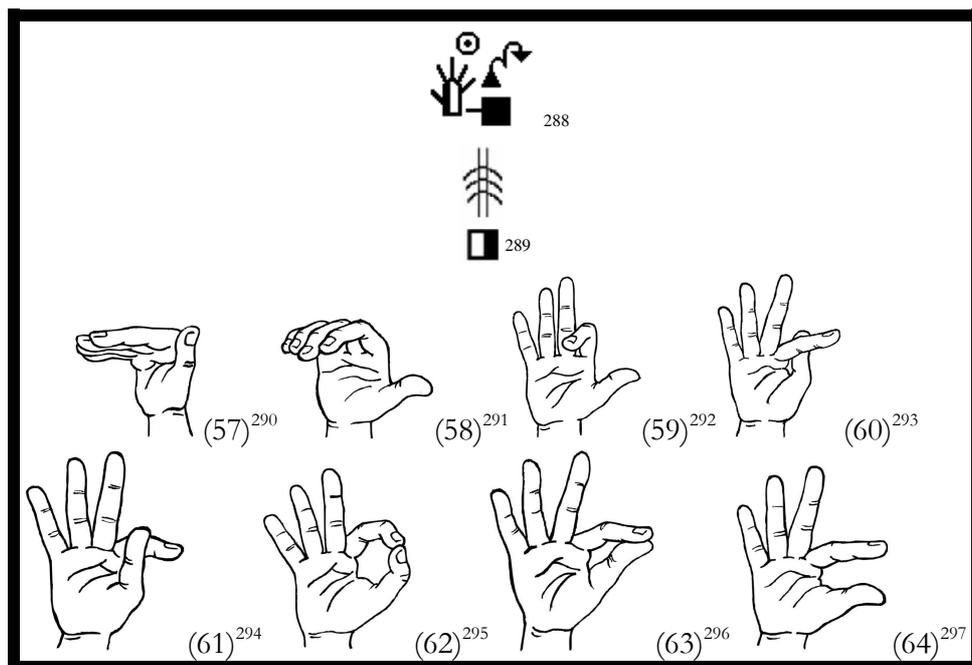
<sup>283</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>284</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 7.

<sup>285</sup> CM de QUARTA-FEIRA; NUMERAL 4.

<sup>286</sup> CM inicial de SUMIR, SARAR.

<sup>287</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XIX.



Quadro 40 – Grupo 8 de Configurações das Mãos<sup>298</sup>

**Obs.:** As CMs 57 e 58; as CMs 62 e 63; as CMs 64 desse grupo e a CM 74 do grupo 10 podem ser alofones.

<sup>288</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>289</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 8.

<sup>290</sup> CM de SECRETARIA.

<sup>291</sup> CM de CUMPRIMENTAR.

<sup>292</sup> CM de UM NOME PRÓPRIO – MESSIAS (pesquisador Surdo de Brasília).

<sup>293</sup> CM para a letra “F”, FEVEREIRO, DOR.

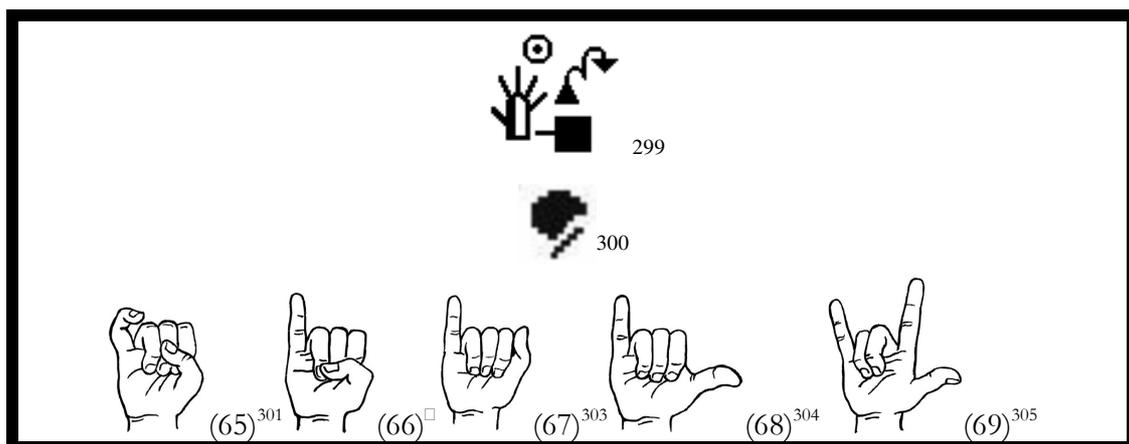
<sup>294</sup> CM da letra “T”.

<sup>295</sup> CM de DIREÇÃO-DO-OLHAR.

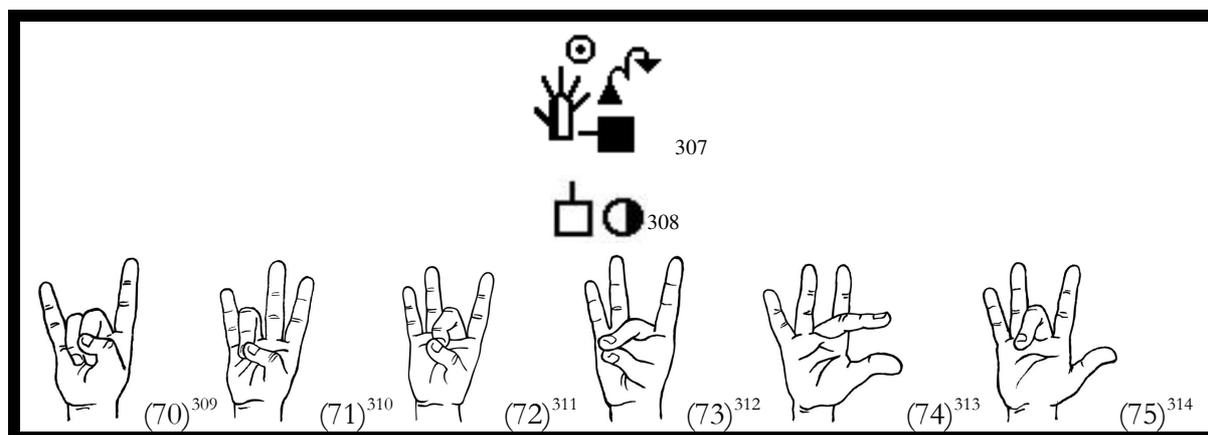
<sup>296</sup> CM de SINTAXE.

<sup>297</sup> CM de TEÓFILO OTONI.

<sup>298</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XX.

Quadro 41 – Grupo 9 de Configurações das Mãos<sup>306</sup>

**Obs.:** As CMs 66 e 67 podem ser alofones.

Quadro 42 – Grupo 10 de Configurações das Mãos<sup>315</sup>

**Obs.:** As CMs 72 e 73 podem funcionar como alofones.

<sup>299</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>300</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 9.

<sup>301</sup> CM de AMANTE.

<sup>302</sup> CM para as letras 'P' e 'J', APROVEITAR .

<sup>303</sup> CM para a letra "Y", JANEIRO.

<sup>304</sup> CM de DESCULPA.

<sup>305</sup> CM de COLEGA, EU-AMO-VOCÊ (Estados Unidos).

<sup>306</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XXI.

<sup>307</sup> Escrita em *signwriting*: Configuração de Mão.

<sup>308</sup> Escrita em *signwriting*: numeral 10.

<sup>309</sup> CM de VAMPIRO.

<sup>310</sup> CM de termo chulo para HOMOSSEXUAL.

<sup>311</sup> CM de UNIÃO.

<sup>312</sup> CM de ESPÍRITO.

<sup>313</sup> CM inicial de COLAR.

<sup>314</sup> CM de NAMORAR.

<sup>315</sup> Para visualizar a seqüência com animação vide anexo XXII.

#### 2.4.1.1.1. *Consulta à Comunidade Surda - ordenação das CMs*

Após definição de uma ordem para as CMs, achou-se conveniente consultar a Comunidade Surda para saber que critérios usariam para ordenar as CMs e para saber se seria válida para os surdos a proposta de ordenação constituída para esta pesquisa.

Vinte e dois (22) alunos do Letras-Libras do pólo da UnB aceitaram participar do experimento que tinha como objetivo verificar as hipóteses dos surdos com relação à ordenação das CMs da LSB. O experimento foi desenvolvido em duplas e aplicado a todas elas, simultaneamente, após a aula do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, do dia 28 de março de 2009. Cada dupla recebeu um envelope com 62CMs<sup>316</sup> impressas em preto e branco e recortadas individualmente, 1 tubo de cola e uma folha de papel A4 branca. Propôs-se a cada uma das 11 duplas formadas ordenar as 62CMs a partir de um critério definido pela dupla, colar as CMs no papel A4 na ordem que estabeleceram e escreverem, em LP, o critério escolhido para a ordenação. Como a hora já estava avançada e os participantes do experimento cansados, pois já tinham passado um dia todo em aula, não houve como apresentar a eles a proposta feita na tese a fim de que avaliassem e comparassem com as propostas que fizeram. Devido ao escasso tempo, isso ainda não foi possível, mas pelas análises dos critérios estabelecidos pelos participantes durante a realização do experimento proposto nessa fase da pesquisa, como se pode ver abaixo, é possível verificar que os critérios apresentados na ordenação proposta nesse estudo são coerentes e estão de acordo com as hipóteses que os surdos fazem para ordenação das mesmas.

Apesar disso, a aplicação do experimento, inicialmente, surpreendeu a pesquisadora, pois ela pensava que os participantes não proporiam uma ordenação baseada em letras do alfabeto da LO. Entretanto, grande parte dos participantes perguntou se era para ordenar as CMs, alfabeticamente, se era para ordenar com base na letra inicial de uma palavra equivalente, em língua portuguesa, e que, em LSB, começasse com certa CM. Daí foi pedido para não ordenarem alfabeticamente (em a, b, c...), nem usando nenhum critério que se relacionasse a palavras da língua oral.

---

<sup>316</sup> As 62 CMs apresentadas correspondiam às 61CMs de Pimenta acrescidas a uma outra CM editada, a partir das anteriores, do sinal de um aluno da Universidade de Brasília, também participante do experimento.

Pelo fato de sempre as CMs estarem associadas ao alfabeto manual, alguns participantes tiveram ‘dificuldade’ em distanciar a proposta de uma ordem alfabética ou de alguma associação com palavras da língua oral. A pesquisadora, então, com receio de não ter sido clara na sua explicação, pediu a um participante que havia entendido bem o que ela havia proposto para repetir aos colegas o que estava sendo proposto. Alguns continuaram reticentes, mas creio que, ao final, a grande maioria das propostas conseguiu distanciar-se de uma associação com critérios que envolvessem a língua oral.

Segue a reprodução literal das anotações dos participantes a respeito dos critérios de ordenação das CMs sugeridos, acompanhados de análise sintética da pesquisadora da proposta apresentada por cada dupla.

- ✓ *DUPLA 1*: “Ordem alfabeto diferente mas cada configuração das mãos início ‘r’ até v. muito complicado cada configuração das mãos cada diferente sinal exemplo ‘A’ associação, Argentina, Ainda, letras A mas palavra saudade continuar conf. das mão ‘A’ não é S.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** a primeira CM escolhida pela dupla foi ‘A’ e a seqüência tenta aproximar CMs semelhantes.

- ✓ *DUPLA 2*: “configurações de mão, CM ‘5’ parecer início duro por movimento sempre avançar principal mão por sinal claro.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** essa dupla também não apresenta uma ordenação muito clara, mas as CMs semelhantes foram coladas próximas umas das outras.

- ✓ *DUPLA 3*: (a dupla não registrou seu critério de ordenação)

**Análise:** da mesma forma que os demais, a dupla agrupou as CMs semelhantes. As CMs mais fechadas vieram primeiro. As CMs mais abertas vieram no meio e as CMs mais complexas parecem estar mais ao final

- ✓ *DUPLA 4*: “Infelizmente, sei pouco ordem configuração percebo cada diferentes mãos de configuração.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** A dupla separou as CMs em 19 grupos. 3 grupos foram formados por apenas 1CM; 9 grupos foram formados por 2CMs; 3 grupos foram formados por 3CMs; 1 grupo foi formado por 4CMs; 1 grupo foi formado por 6CMs; 1 grupo foi formado por 7CMs e 1 grupo foi formado por 12CMs. Todos esses agrupamentos deram-se por CMs semelhantes, mas sem um critério interno para elas.

- ✓ *DUPLA 5*: “Nós inventamos as configurações de mãos na forma vertical, que mostra nas mãos fechados vai abrindo e fechando, porque pensamos mais fácil de achar os sinais para perceber os conceitos.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** a proposta feita pela dupla traz o critério de abertura e fechamento das mãos, empregado na proposta advogada por esta pesquisa. Entretanto, a proposta dos participantes alterna esses critérios: ora passa-se de uma CM fechada para uma aberta, ora passa-se de uma CM aberta para uma CM fechada. Assim, a ligação entre as CMs ainda não é harmônica. Ainda está truncada.

- ✓ *DUPLA 6*: “X e Y escolheram essa ordem p/ ficar + fácil de procurar o alfabeto da configuração de mão; porque a forma existe o aberto, o fechado, interligando a forma de entender.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** A dupla distribuiu as CMs em 13 grupos. 4 grupos com 2CMs; 2 grupos com 4CMs; 1 grupo com 5CMs; 1 grupo com 6CMs; 5 grupos com 7CMs. Todos os grupos foram organizados pela semelhança de CM, com uma tentativa de estabelecer uma coerência interna entre as CMs do grupo, apesar de não explicitar o critério de ordenação interna das CMs. Pelo texto explicativo da dupla, cada grupo foi organizado sob um critério diferente.

- ✓ *DUPLA 7*: “A gente organizou esta ordem de acordo com a categoria maior, que no caso é a ‘mão aberta’ com cinco dedos da configuração de mão que modificava a

maneira que seria a sua representabilidade. Como no caso da configuração de mão que está marcada por \* pensamos em seguir a configuração de mão ‘y’ para se enquadrar na ordem. Quando a categoria de configuração de mão era semelhante procuramos aproximar de acordo com a nossa percepção visual até que finalizasse a uma configuração de mão mais fechada.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** o critério sugerido pela dupla é o inverso do que está proposto nesta pesquisa. Entretanto, não deixa de ser uma proposta válida. A distribuição interna das CMs para aberta e fechada é que traz critérios ainda confusos, pois ora fecha, ora abre.

✓ *DUPLA 8:* “começa a leitura no vertical por ordem da forma. Assim vai entendendo o movimento.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** a proposta apresenta agrupamento de CMs semelhantes e tenta dar uma coesão interna entre os diferentes grupos. Entretanto, ainda não está clara a passagem de uma CM diferente para a outra, apesar de expressar essa tentativa.

✓ *DUPLA 9:* “É importante configuração de mão porque tem começar alfabeto.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** essa proposta, apesar do comentário a respeito do alfabeto e, apesar de iniciar as CMs pela configuração de mão que representa a letra ‘A’ no alfabeto manual, tenta dar uma harmonia entre as CMs inseridas.

✓ *DUPLA 10:* “Início como configuração de mãos mesmo diferente cada sensibilidade como início exemplo: fada, apagar, pão duro, caroa, sete parece ‘A’, também cada configuração de mãos sinais com segundo como números, etc.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** em três partes do agrupamento proposto por essa dupla, há a seqüência numérica de 1 a 5 (das CMs mais abertas). Nas outras partes há a aproximação de CMs

parecidas como apresentado pelas demais duplas. A harmonia na seqüência é que não conseguiu se fixar.

- ✓ *DUPLA 11*: “A configuração de mãos segue-se na ordem de ‘a’ até ‘z’, mas modificamos e alteramos algumas, porque a forma parece que segue na ordem crescente da configuração de mão.” (vide anexo XXIII)

**Análise:** Na disposição das CMs apresentadas não está explicitado o que a dupla chamou de ordem crescente da CM. A ordem crescente poderia ser abrindo começar pela mão fechada e os dedos irem abrindo-se um a um e poder-se-ia ter uma representação com um dedo, com dois, com três e assim por diante. Não é o que acontece. O agrupamento proposto pela dupla agrupa CMs como os demais. A seqüência de uma CM para outra é que não fica muito clara nem harmônica, ainda.

#### 2.4.1.1.2. *Uma síntese sobre a ordenação do parâmetro CM*

O tempo reduzido para os colaboradores refletirem sobre uma proposta de ordenação foi um fator determinante para os participantes não terem chegado a uma proposta de ordenação com passagem plenamente harmônica de uma CM para outra; uma proposta, ainda, que apresentasse uma ordenação ideal. Considerando-se (i) que os participantes podem nunca ter pensado ou tido a necessidade de ordenar as CMs; (ii) que os participantes, submetidos ao ensino formal, sempre viram as CMs associadas a letras do alfabeto; (iii) a seriedade dos participantes e a predisposição que apresentaram para desenvolver a tarefa proposta diante do curto prazo que tiveram para desenvolvê-la após um dia de intensa atividade acadêmica, as propostas apresentadas foram bastante relevantes e apontam uma busca por uma ordenação harmônica, baseada na forma da CM e na abertura e fechamento da mão (e dos dedos), uma proposta que vai ao encontro da apresentada nesta tese. Como todas as duplas deixaram transparecer que os participantes do experimento têm em mente critérios semelhantes aos que estão inseridos na proposta de ordenação de CM apresentada por esta tese, vislumbra-se a possibilidade de a proposta de ordenação defendida nesta tese, ainda que submetida a alguns ajustes naturais e até

necessários<sup>317</sup>, pode se fixar e ser aceita pela comunidade surda ou até aperfeiçoada pela comunidade surda de forma a beneficiá-la na construção efetiva do dicionário que se pretende elaborar com entradas diretamente em LSB.

#### 2.4.1.2. Proposta para ordenação do parâmetro – Ponto de Articulação (PA)



#### (i) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Stokoe *et al.* (1976)

Location symbol	Stokoe's description
∅	Zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below.
○	Face or whole head
∪	Forehead or brow, upper face
∩	Mid-face, the eye and nose region
∪	Chin, lower face
∩	Cheek, temple, ear, side-face
∩	Neck
[ ]	Trunk, body from shoulders to hips
∩	Upper arm
∩	Elbow, forearm
∩	Wrist, arm in supinated position (on its back)
∩	Wrist, arm in pronated position (face down)

Figura 44 – Locações por Stokoe (cf. Stokoe *et al.*, 1976)

Stokoe listou 12 locativos distintos e criou um código para representá-los linearmente. A organização dos locativos apresentada por Stokoe não é arbitrária. Há uma lógica que começa no espaço neutro e desce do topo da cabeça ao tronco.

<sup>317</sup> Em vista da presença de alofones entre as CMs inventariadas, é possível que o número das CMs venha a ser ajustado.

<sup>318</sup> Escrita em *signwriting*: Pontos de Articulação.

## (ii) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Klima &amp; Bellugi (1979)



Figura 45 – Pontos de Articulação (cf. KLIMA &amp; BELLUGI, 1979:52)

Figura 46 – ‘Espaço de Sinalização’ da ASL<sup>319</sup> (cf. KLIMA & BELLUGI, 1979:51)

O espaço de sinalização representado pelos pesquisadores é restrito com relação ao espaço utilizado pela LSB. Essa representação acarreta PAs restritos, também, pois estende-se até o abdômen.

## (iii) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Liddell &amp; Johnson (2000:286)

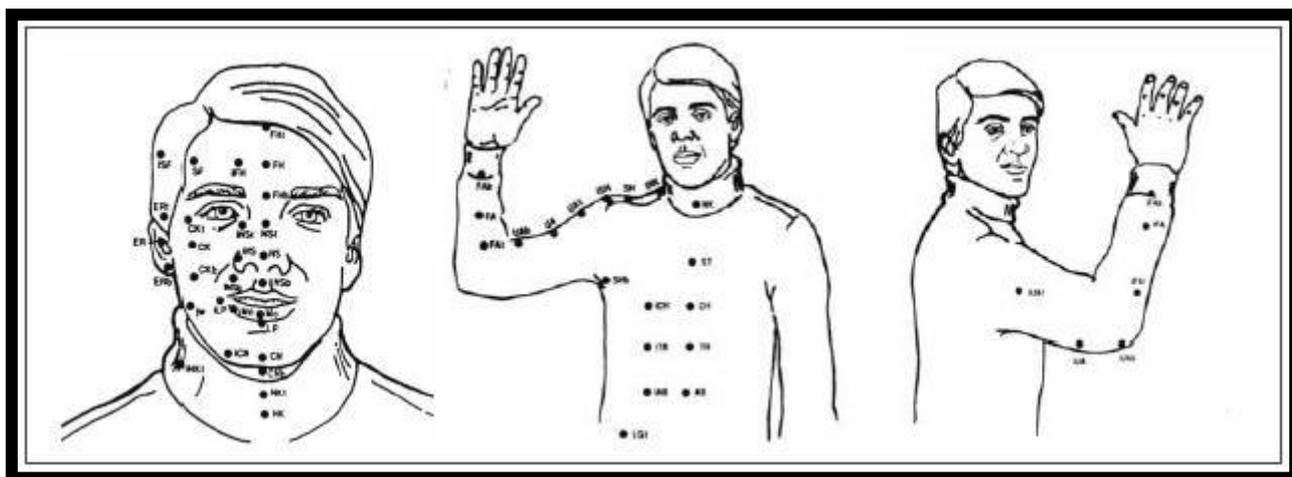


Figura 47 – Pontos de Articulação (In: LIDDELL &amp; JOHNSON, 2000:286)

Liddell & Johnson apontam 54 pontos de articulação no corpo. Xavier (2006:65 e anexo), a partir dos pontos apresentados por Liddell & Johnson, apresenta 20 PAs ancorados no

<sup>319</sup> Klima & Bellugi (1979:51) denominam de “*signing space*”.

corpo, na seguinte ordem: BH (*back of head*) - região posterior da cabeça; TH (*top of head*) - topo da cabeça; FH (*forehead*) - testa; SF (*side of forehead*) - lado da fronte; NS (*nose*) - nariz; CK (*cheek*) - bochecha; ER (*ear*) - orelha; MO (mouth) - boca; LP (lip) - lábio; JW (*jaw*) - maxilar; CN (*chin*) - queixo; NK (*neck*) - pescoço; SH (*sholder*) - ombros; ST (*sternum*) - esterno; CH (*chest*) - peito; TR (*trunk*) - tronco; UA (*upper arm*) - braço; FA (*forearm*) - antebraço; AB (*abdomen*) - abdômen; LG (*leg*) - perna. Essa proposta segue um percurso natural de articulação, cuja seqüência foi levada em consideração para a proposta de ordenação dos PAs desta pesquisa.

(iv) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Amaral *et al.* (1994) – LGP

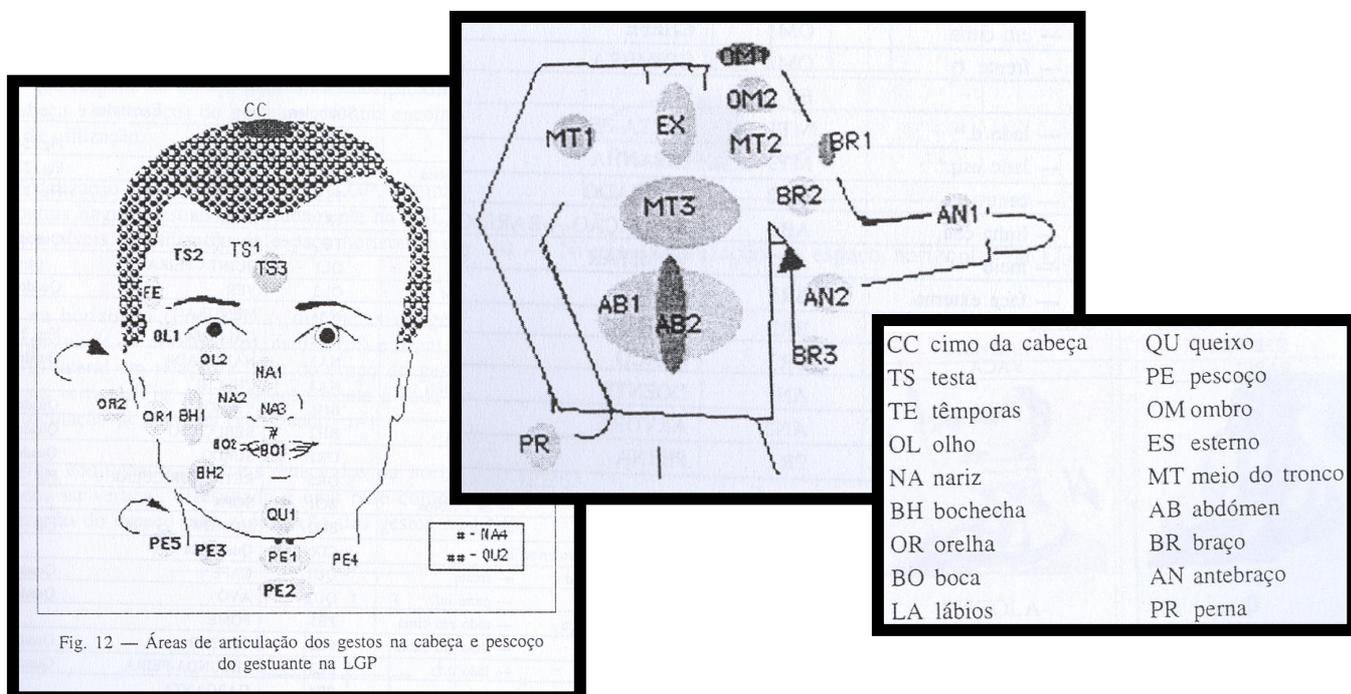
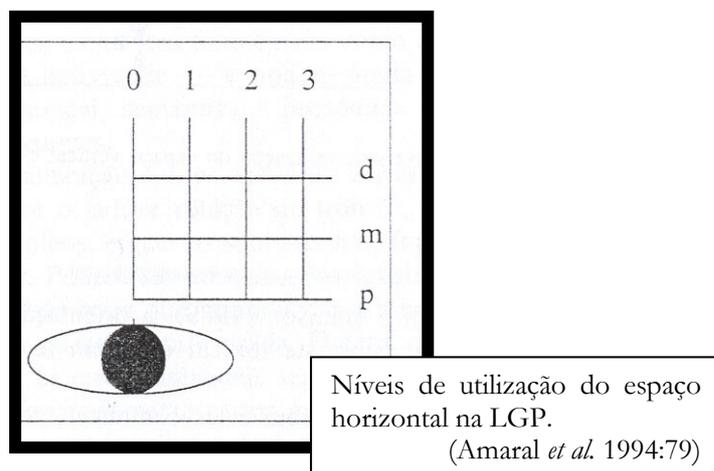
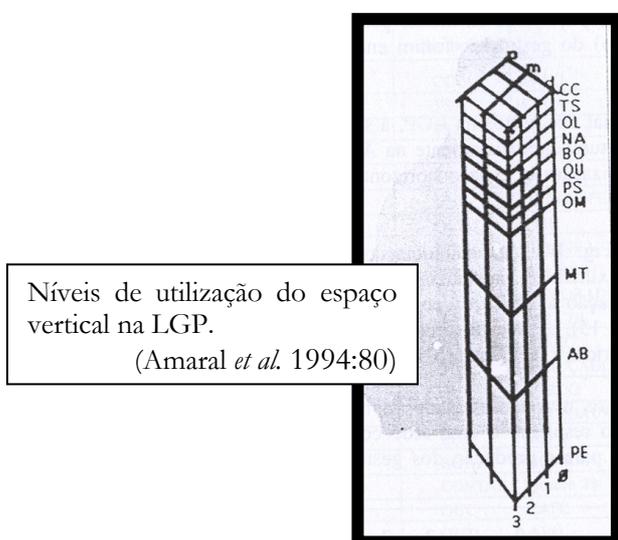


Figura 48 – Pontos de Articulação (In: AMARAL *et al.*, 1994)



A distribuição de Amaral *et al.* (1994:79) baseia-se na pesquisa de Liddell & Johnson (1986). Há uma distribuição de afastamento lateral no plano horizontal e no plano vertical, conforme as ilustrações anteriores.

(v) ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DE SINALIZAÇÃO – Rodda & Grove (1987:132)

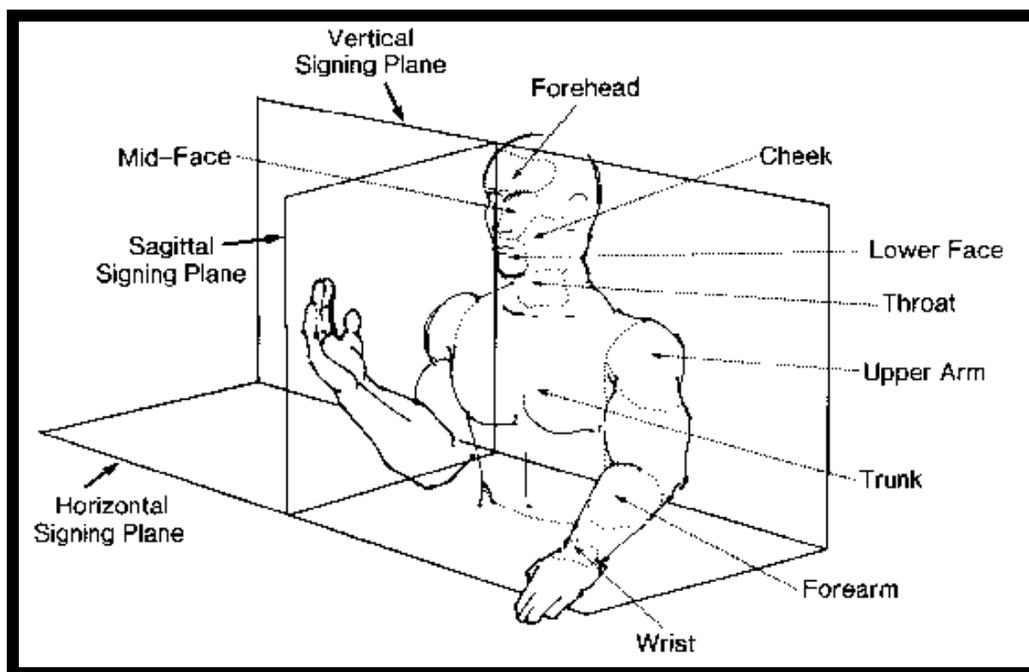


Figura 49 – Espaço de Sinalização da LS (cf. RODDA & GROVE, 1987:132)

(vi) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Alisedo (2007)

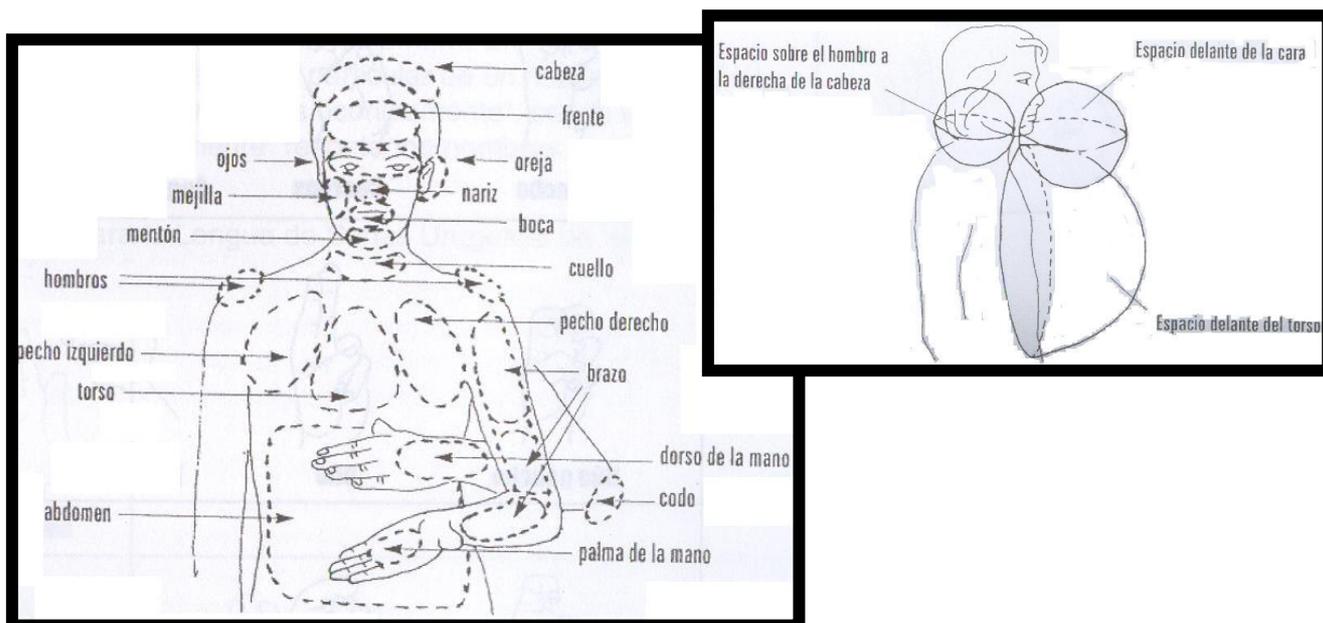


Figura 50 – Pontos de Articulação (ALISEDO, 2007)

Alisedo (2007) concentra os PAs dos sinais em três espaços de localização ancorados no corpo, a saber, acima dos ombros, à direita da cabeça; o rosto e o torso (tronco) e, neles, inventaria um total de 18 PAs.

(vii) ORGANIZAÇÃO DE PAs – Dicionário de *Língua Italiana dei Segni*.

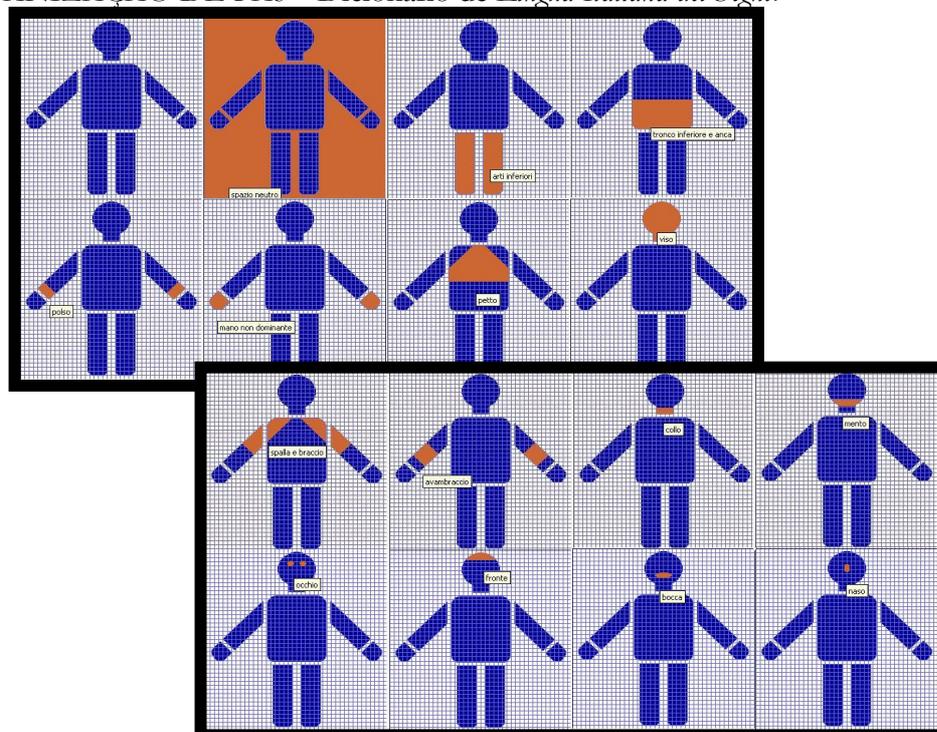


Figura 51 – PAs do dicionário eletrônico de LIS (língua italiana de sinais)

O referido dicionário eletrônico apresenta uma busca a partir dos parâmetros. No parâmetro de PAs são destacados 16 pontos, conforme a figura 51. Cada ilustração representa um PA diferente, em destaque em cor laranja sobre a figura de um boneco pintado na cor azul. O consulente deve clicar na figura que representa a PA desejado. Ao clicar na figura, além do destaque da cor, aparece uma caixa de texto com o nome do PA em LO.

Os pontos marcados pelas ilustrações são: espaço neutro, articulações inferiores, tronco inferior e quadril, pulsos, mão não-dominante, peito, rosto, ombros e braço, antebraço, pescoço, queixo, olho, frente, boca, nariz

(viii) ORGANIZAÇÃO DOS PAs – Capovilla *et al.* (2001)*Local de articulação (LA)*

- |   |  |
|---|--|
| 01. abdome ou na região pélvica             | 27. ombro(s) .                                 |
| 02. cabeça ou na altura da cabeça           | 28. pescoço                                    |
| 03. acima da cabeça                         | 29. quadril(is): lado esquerdo ou direito      |
| 04. laterais da cabeça                      | 30. tocando o dente                            |
| 05. tocando a cabeça                        | 31. diante do rosto (face)                     |
| 06. tocando o(s) antebraço(s)               | 32. tocando a(s) lateral(is) da testa          |
| 07. braço(s)                                | 33. olho(s)                                    |
| 08. dobra(s) does) braço(s)                 | 34. tocando o nariz: laterais ou ponta         |
| 09. parte interna does) braço(s)            | 35. orelha(s)                                  |
| 10. tocando a parte superior does) braço(s) | 36. queixo                                     |
| 11. barriga                                 | 37. tocando queixo                             |
| 12. tocando a barriga                       | 38. tocando língua                             |
| 13. bochecha(s)                             | 39. tocando ponta da língua                    |
| 14. tocando a(s) a(s) bochecha(s)           | 45. lábio(s): superior ou inferior             |
| 15. boca                                    | 46. tocando o(s) lábio(s)                      |
| 16. laterais da boca                        | 48. tocando a(s) orelha(s)                     |
| 17. tocando a boca                          | 49. tocando a testa                            |
| 18. cintura: lado esquerdo ou direito       | 50. tocando abaixo ou no canto does) olho(s)   |
| 20. à frente ou distante do corpo           | 52. tocando a(s) lateral(is) do pescoço        |
| 21. lateral do corpo: esquerda ou direita   | 54. tocando ou próximo ou acima does) ombro(s) |
| 23. tocando o peito                         | 55. lateral do rosto                           |
| 24. costas                                  | 56. tocando nuca                               |
| 25. tocando cotovelo(s)                     |  |
| 26. coxa(s): lado esquerdo ou direito       |  |

A proposta que se apresenta sugere o PA como segundo critério de ordenação de ULs e UTs em repertórios com entradas em LSB. Para a locação também há a necessidade de se estabelecer uma ordem.

A ordenação proposta para os PAs tomou como base os estudos apresentados, incluindo-se os PAs de Amaral (1994), os “alóquios” selecionados por Capovilla et al. (2001) para organizar o buscasigno, os PAs apresentados por Liddell & Johnson (2000:286) e a disposição de Xavier (2006), à luz dos princípios de ordenação defendidos por Liddell & Johnson. Além da ordenação seqüencial dos PAs em relação ao corpo, o *continuum* de distanciamento do corpo também tem uma ordem: da unidade localizada em ponto mais central, mais perto do corpo (proximal) para a unidade em PA mais distante do corpo (distal). A seqüência dos PAs encontra-se, a seguir, acompanhada de numeração que representa a legenda numérica da Figura 54:

### ORDEM PARA O PARÂMETRO: PONTO DE ARTICULAÇÃO

(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

Figura 52 – Seqüência numérica dos Pontos de Articulação – proposta desta pesquisa

Assim, a proposta defendida neste estudo determina que a ordem se dá no sentido longitudinal do corpo: de trás para frente e de cima para baixo<sup>320</sup>. No sentido latitudinal do corpo, a ordem se dá do ponto mais próximo do corpo para o mais distante do corpo (do ponto mais central para o ponto mais periférico, seguindo a ordem – mais central, direita e esquerda): em primeiro lugar, aparecem as ULs e as UTs que tocam o corpo (PROXIMAL); em segundo lugar, devem vir as ULs e as UTs que estão no espaço neutro (MEDIAL); em terceiro lugar, devem vir as ULs e as UTs que estão mais distantes do corpo (DISTAL).

No realizar de uma UL, a relação entre as mãos e os dedos pode ser considerada como PA. Relações comuns entre as mãos envolvem: enganchar os dedos, tocar uma mão na outra, sobrepor etc. Caso haja pares mínimos cuja única diferença esteja nessa relação entre as mãos, a ordenação proposta é a seguinte:

<sup>320</sup> Essa proposta organiza o sentido longitudinal do corpo num *continuum* circular que se inicia na parte superior das costas, de trás para frente, de cima para baixo até a parte inferior das costas. Essa ordem sustenta-se no argumento de que a mão, articulador da LSB, tem flexibilidade contínua de deslocamento circular em torno do corpo, da parte mais alta das costas até a parte mais baixa das costas no final do *continuum*, considerando-se a existência de um ponto cego no centro nas costas em que uma UL da LSB teria uma probabilidade bastante mínima de ocorrência. Entretanto, é possível alterar o ponto de início desse *continuum*, iniciando-o, por exemplo, no topo da cabeça ou na face, mais especificamente a partir dos olhos, como intuitivamente sugeriu Quadros ao argumentar a respeito desse *continuum*.

### ORDEM PARA A RELAÇÃO ENTRE OS DEDOS, PULSO E MÃOS

(1) dedos das mãos *enganchados*<sup>321</sup> > (2) *sobreposição* (mão ativa sobre a mão passiva) > (3) “subposição” (mão ativa sob a mão passiva) > (4) dedos, mãos ou pulsos *cruzados*<sup>322</sup> > (5) dedos ou mãos *tocando-se* > (6) “lateralização” (uma mão ao lado da outra) > (7) mão ativa em frente à mão passiva > (8) mão ativa atrás da mão passiva)

Figura 53 – Ordem para a relação entre os dedos, pulso e mãos

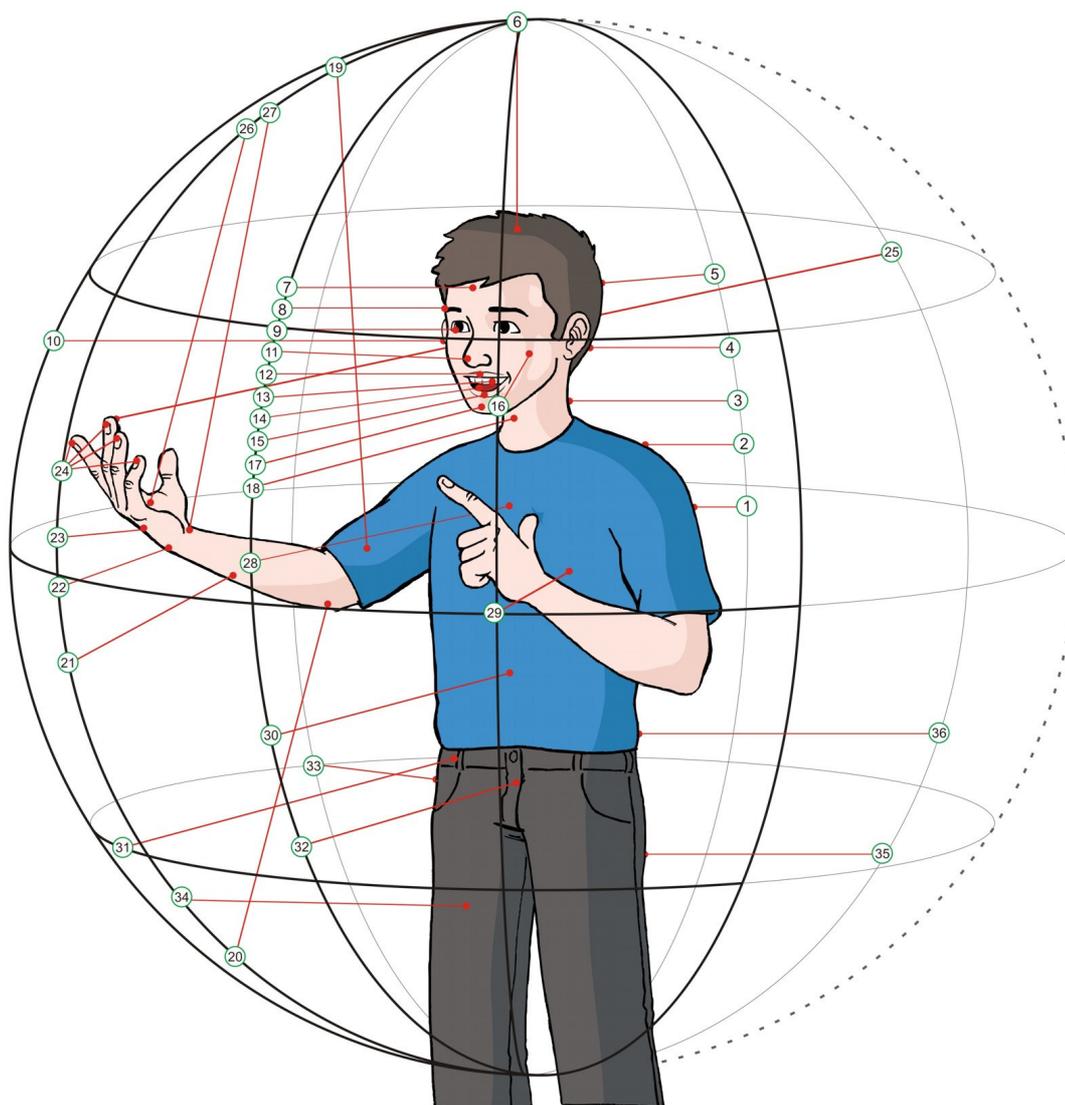


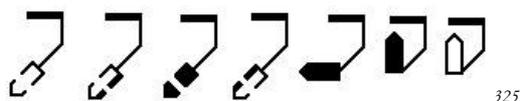
Figura 54 – Ordem para os Pontos de Articulação (proposta desta pesquisa)<sup>323324</sup>

<sup>321</sup> Um exemplo dessa relação encontra-se na UL que denomina “briga corporal” em LSB.

<sup>322</sup> Um exemplo dessa relação encontra-se na UL que denomina “escravo” em LSB

<sup>323</sup> Ilustração de Fábio Sellani. A discussão para a ilustração dos PAs propostos pela pesquisadora deu-se com a participação de Messias Ramos Costa, Amarildo Espíndola, Fábio Sellani e Carlos Nascimento.

2.4.1.3. Proposta para ordenação do parâmetro – Orientação da Palma da Mão (OP)



(i) ORGANIZAÇÃO DAS OPs – Marentette (1995:204 *apud* Karnopp, 1999)

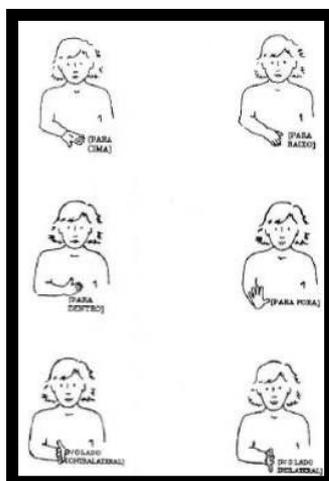


Figura 55 – Orientações da palma da Mão (Marentette, 1995:204 *apud* Karnopp, 1999)

(ii) ORGANIZAÇÃO DAS OPs – HamNoSys

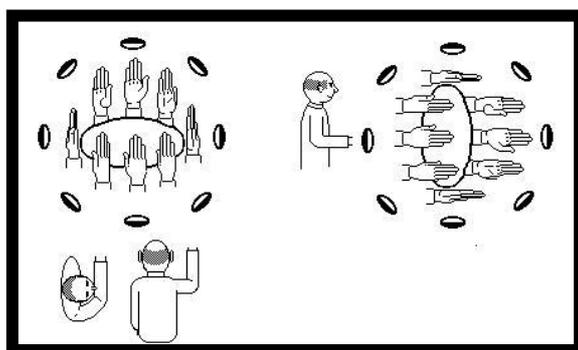


Figura 56 – Orientações da Palma da Mão – Sistema HamNoSys

<sup>324</sup> Para facilitar a visualização, esse quadro foi inserido com legenda no anexo XXIV desta pesquisa.

<sup>325</sup> Escrita em *signwriting*: Orientação da Palma da Mão.

## (iii) ORGANIZAÇÃO DAS OPs – Capovilla et al. (2001; 2002)

*Orientação da palma (OP) direita ou esquerda: Opd ou Ope*

- |                 |                         |
|-----------------|-------------------------|
| 01. para baixo  | 04. para trás ou dentro |
| 02. para cima   | 05. para esquerda       |
| 03. para frente | 06. para direita        |

*Orientação da mão (OM) direita ou esquerda: Omd ou Ome*

- |                             |                                   |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| 01. apontando para direita  | 04. apontando para trás ou dentro |
| 02. apontando para esquerda | 05. apontando para cima           |
| 03. apontando para frente   | 06. apontando para baixo          |

*Relação entre mãos (RM)*

- |  |  |
|--|--|
| 01. mão direita acima da mão esquerda    | 11. tocando o(s) dedo(s)               |
| 02. mão esquerda acima da mão direita    | 13. cruzadas pelos pulsos              |
| 03. mão direita à frente da mão esquerda | 14. tocando-se pelo pulso e dedo       |
| 04. mão esquerda à frente da mão direita | 15. entrelaçadas pelos dedos           |
| 05. lado a lado                          | 16. tocando-se pelas laterais das mãos |
| 06. cruzadas pelos dedos                 | 17. tocando-se pelas pontas dos dedos  |
| 08. tocando a(s) palma(s)                | 18. cotovelo tocando o dorso da mão    |
| 09. tocando o(s) dorso(s)                | 20. tocando entre os dedos             |
| 10. tocando o(s) pulso(s)                | 21. enganchados pelos dedo             |

Essa proposta amplia as OPs propostas no trabalho da Karnopp (1999) – frente-trás; cima-baixo; ipsilateral-contralateral. A OP da mão está distribuída em sete (7) direções básicas, no plano unidimensional. As OPs que estiverem na diagonal devem ser encaixadas na seqüência do *continuum* proposto. Todas as CMs devem ser entendidas com a possibilidade de orientação em qualquer direção do espaço tridimensional.

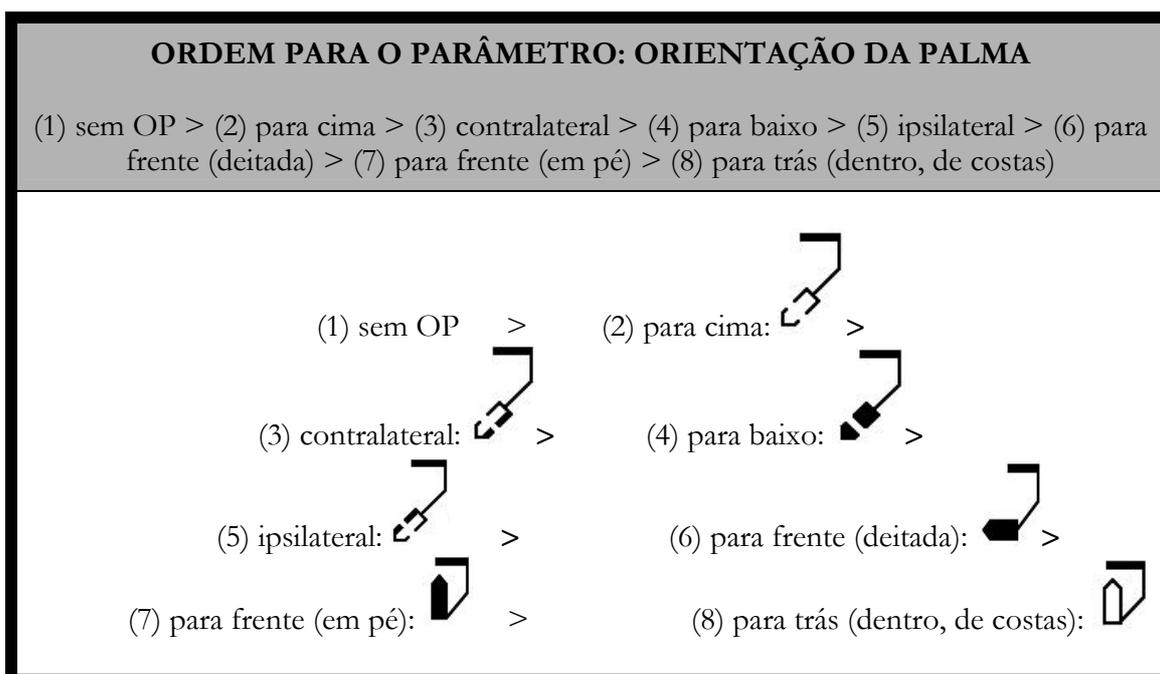
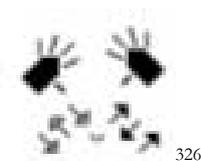


Figura 57 – Representação das Orientações da Palma da Mão

A OP será neutralizada até que a única diferença entre uma UL ou UT e outra seja apenas a OP, ou seja, quando estiver em relação de par mínimo com outra unidade, pois está intimamente ligada à CM, e incluí-la como critério básico para ordenação paramétrica significaria multiplicar o número de CMs pelo número de OPs para encontrar o número de opções possíveis para cada CM.

#### 2.4.1.4. Proposta para ordenação do parâmetro – Movimento (Mov.)



#### (i) ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO: Capovilla *et al.* (2001)

Capovilla *et al.* (2001) distribuíram o Movimento para a organização de seu dicionário por *buscasigno* em: movimentos de mão (direita ou esquerda); tipos de movimento; movimentos de dedo (direito ou esquerdo); frequência ou intensidade e movimento de corpo.

*Tipo de movimento: TM*

- 01. ondulatório
- 03. espiral
- 05. tremular

*Movimento de dedo(s) (MD) direito(s) ou esquerdo(s): Mdd ou Mde*

- 01. oscilar
- 02. balançar
- 03. fechar
- 04. abrir/distender
- 05. curvar
- 07. unir pelas pontas
- 08. aproximar e afastar
- 09. estalar
- 10. fechar um a um
- 11. abrir um a um
- 12. esfregar

<sup>326</sup> Escrita em *signwriting*: Movimento.

*Frequência (F) ou intensidade (I) de Movimento: FM/IM*

01. altemado(s) ou altenadamente
02. com força
03. duas vezes ou várias vezes
04. lenta ou lentamente
05. rápida ou rapidamente
06. repetir o movimento

*Movimento de corpo: MC*

01. baixar
02. inclinar para frente
03. inclinar para trás
04. inclinar para os lados
05. encolher os ombros
06. balançar os ombros
07. cabeça girando
08. cabeça inclinando para trás
09. cabeça inclinando para o lado

*Movimento de mão (MM) direita ou esquerda: Mmd ou Mme*

- |   |   |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>01. balançar para cima e para baixo</li> <li>02. balançar para frente e para trás</li> <li>03. balançar para os lados</li> <li>04. para direita</li> <li>05. para esquerda</li> <li>06. para frente</li> <li>07. para trás ou dentro</li> <li>08. para cima</li> <li>09. para baixo</li> <li>11. para cima e para baixo ou para baixo e para cima</li> <li>15. para direita e para frente</li> <li>16. para direita e para trás ou para dentro</li> <li>19. para esquerda e para frente</li> <li>20. para esquerda e para trás ou para dentro</li> <li>21. para baixo e para direita</li> <li>23. para baixo e para esquerda</li> <li>24. para baixo e para frente</li> <li>25. para baixo e para trás ou para dentro</li> <li>26. para cima e para frente</li> <li>27. para cima e para direita</li> <li>28. para cima e para esquerda</li> <li>29. para cima e para trás ou para dentro</li> <li>30. círculo(s) para frente</li> <li>31. círculo(s) para trás ou dentro</li> <li>32. círculo(s) para os lados</li> <li>33. arco(s) para frente</li> <li>34. arco(s) para trás/dentro</li> <li>35. arco(s) para os lados</li> <li>40. abrir e fechar</li> <li>41. arco(s) para cima</li> <li>42. arco(s) para baixo</li> <li>43. para frente e para trás ou para trás e para frente</li> <li>45. para os lados</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>46. simular um nó ou laço</li> <li>47. descrever forma de quadrado ou retângulo</li> <li>48. descrever forma de círculo</li> <li>49. descrever forma de cruz</li> <li>50. girar pelo(s) pulso(s)</li> <li>51. dobrar pelo pulso</li> </ol> |
|---|---|

(ii) ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO:

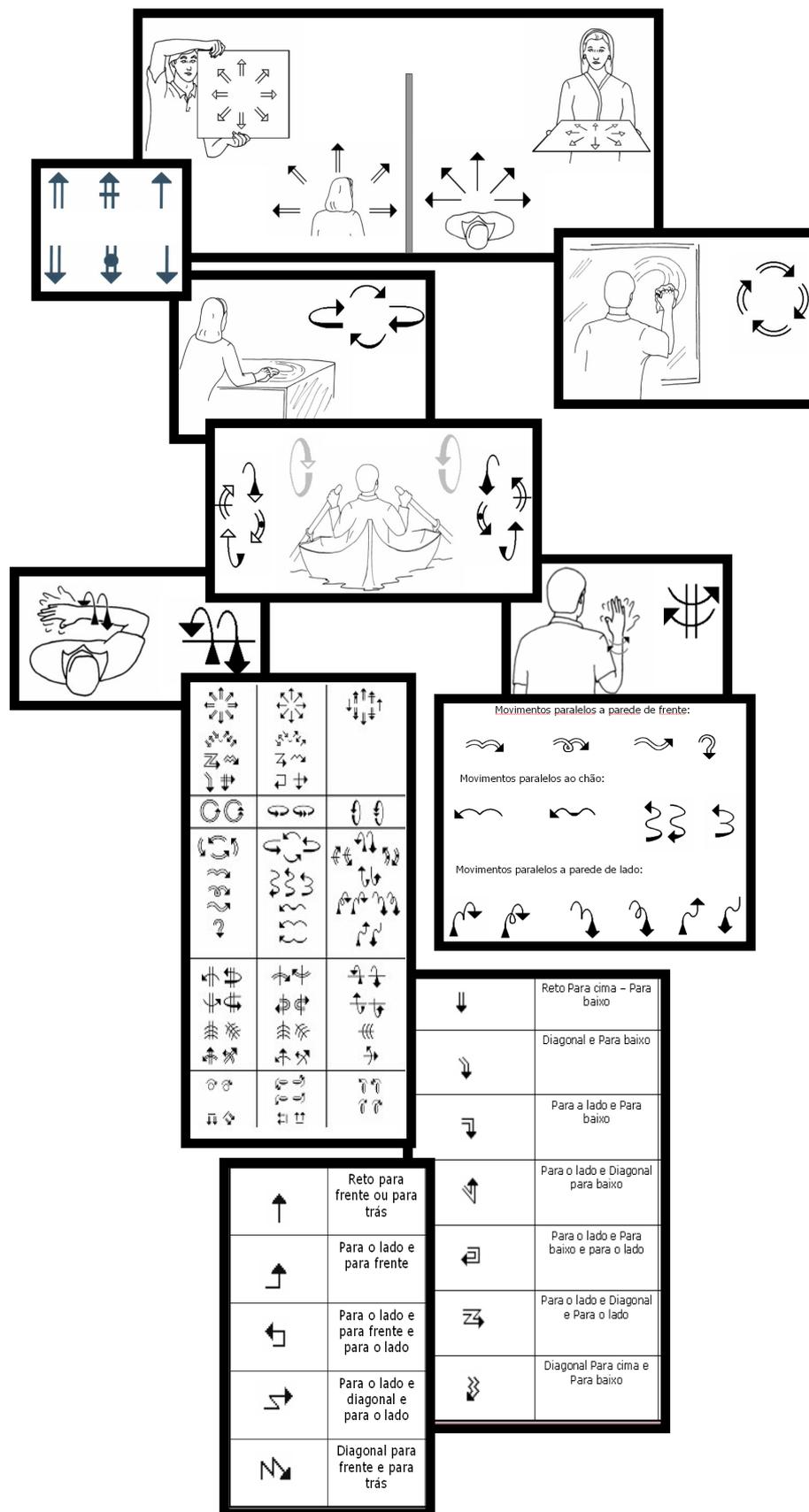


Figura 58 – Slides de *power point* (elaborados por Stumpf: Disciplina Escrita III - 2006 e 2008)

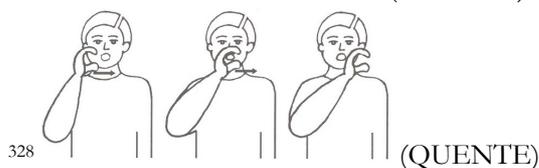
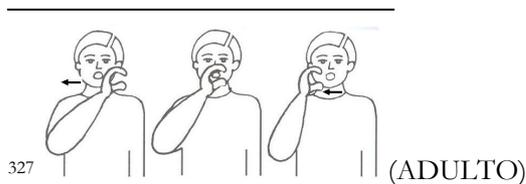
O Movimento (Mov.) apresenta várias características: direção; modo; frequência; tipo; intensidade. Nem todos os aspectos que envolvem o parâmetro do Mov. são muito visíveis para serem considerados como critério de ordenação para um repertório lexicográfico sob a perspectiva da proposta apresentada por esta ordenação. A direção parece ser a parte do movimento mais visível e, portanto, deve ser o primeiro critério do movimento a ser observado numa proposta de ordenação paramétrica do parâmetro Movimento.

Os princípios que regem a ordenação lexicográfica semasiológica para o parâmetro do Movimento seguem a seqüência: Uma UL sem-movimento virá antes de uma UL com-movimento. O movimento inicial será sempre o primeiro a ser considerado e será incluído no repertório lexicográfico, como *default*. Esse movimento segue a seqüência do interlocutor para o espaço sob os princípios defendidos nesta tese (de dentro para fora), da primeira pessoa para a segunda pessoa.

1p → 2p

Para pares mínimos cuja única diferença entre eles seja a direção do movimento no espaço neutro, tomam como ponto de partida a UL registrada com a mão direita como *default*. Nesse caso, a UL articulada com a mão direita com movimento lateral para a direita (de dentro para fora) virá antes da UL articulada com a mão direita com movimento lateral para a esquerda (de fora para dentro). No caso das entradas ADULTO<sup>327</sup> e QUENTE<sup>328</sup>, primeiramente virá o sinal de ADULTO que, articulado com a mão direita, terá o movimento para o lado direito do corpo do interlocutor e QUENTE segue o sentido contrário e, portanto, virá depois.

No caso de ULs cuja direção do movimento no espaço neutro seja para frente (de dentro para fora) ou para trás (de fora para dentro)<sup>329</sup>, entradas como IR e VIR cujo traço distintivo seja apenas a direção frontal também serão submetidas à análise dos critérios



<sup>329</sup> Pares mínimos que se opõem na direção frontal, diagonal e lateral são muito freqüentes em verbos com-concordância cuja única diferença é a direção deles no espaço.

gerais definidos no início dessa seção. IR será uma entrada antes de VIR, porque, primeiramente será representado o que está mais perto do corpo (de perto para longe); em seguida, o que está longe do corpo (de longe para perto).

**ORDEM PARA O PARÂMETRO: MOVIMENTO**

*DIREÇÃO*  
 para frente > para trás  
 para baixo > para cima  
 para direita > para esquerda  
 para diagonal (direita) > para diagonal (esquerda)  
 do centro > para fora

*MODO*  
 - simultâneo > alternado

*FREQÜÊNCIA*  
 - pontual > repetido

*TIPO*  
 - **descritivo:** de nó ou de laço; de figuras geométricas; de símbolos: cruz etc.  
 - **trajetória:** linear > trêmulo > balançado (horizontalmente (negativamente), verticalmente (afirmativamente) > oscilado > ondulado > curvo > arqueado > circular > giratório > espiralado > ziguezagueado

*INTENSIDADE*  
 lento / fraco > rápido / forte

do menos-movimento > mais-movimento;  
 do movimento mais simples > movimento mais complexo;  
 do movimento mais curto > movimento mais longo;  
 Mov. inicial > Mov. final  
 dos dedos, do punho, do braço e antebraço

Figura 59 – Ordem para o parâmetro Movimento (proposta desta pesquisa)

2.4.1.5. *Proposta para ordenação do parâmetro – Expressão Facial (EF)*



(i) ORGANIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES FACIAIS – Capovilla *et al.* (2001)

Expressões faciais organizadas em Capovilla *et al.* (2001).

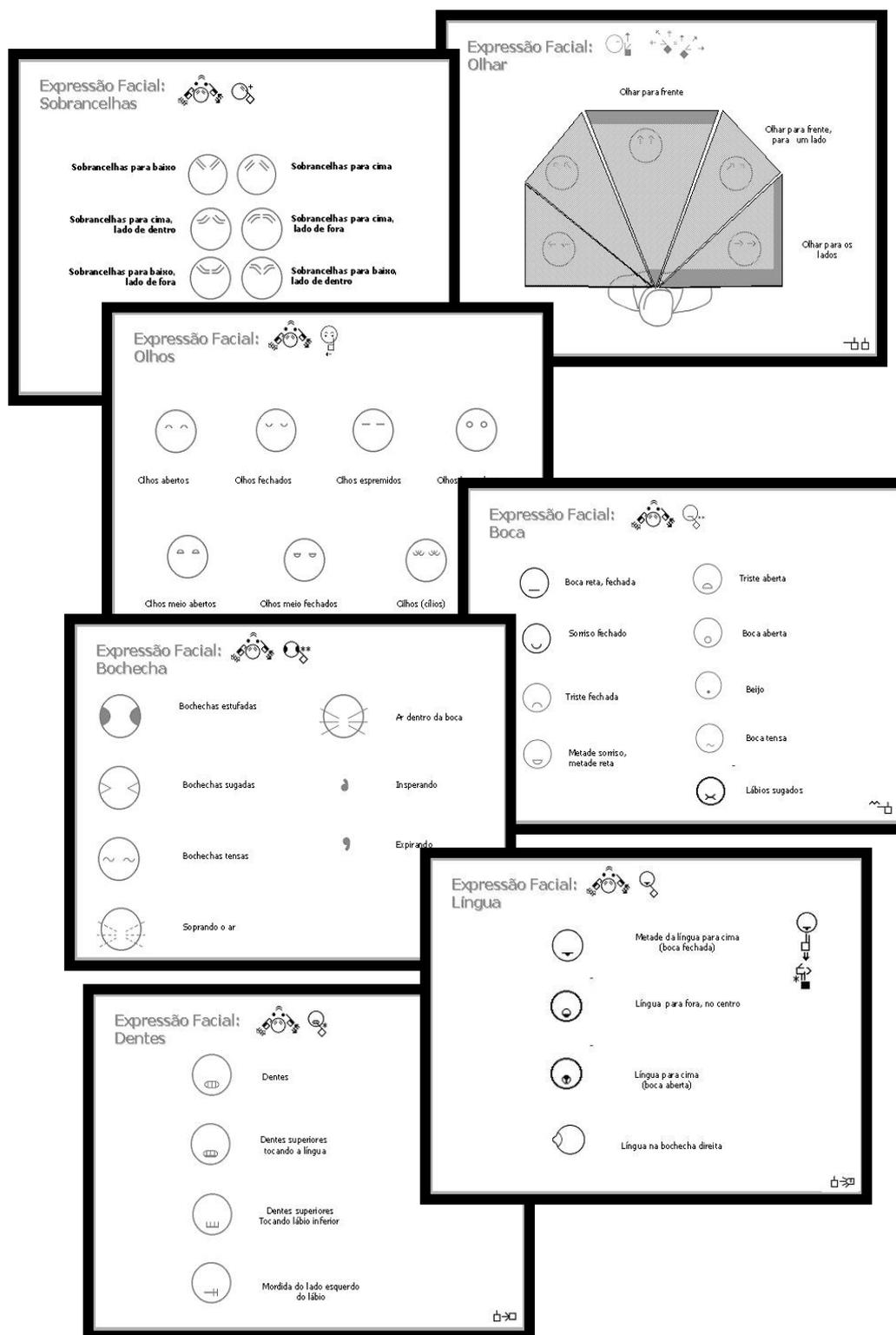
*Tipo de expressão facial (TEF)*

01. alegre ou alegria
02. boca aberta
03. boca semi-aberta
04. bochechas infladas
05. bochechas sugadas
06. brava
07. contraída ou negativa
08. dentes cerrados ou mostrando os dentes
09. lábios cerrados
10. lábios protuberantes
11. cabeça balançando negativamente
12. língua ou ponta da língua para fora
13. passando a língua ou ponta da língua para fora
14. batendo a língua entre os lábios
15. estalando lábios
17. olhos arregalados
18. olhos fechados
19. olhos semi-abertos
20. sobrancelhas arqueadas
21. soltando ar ou assoprar ou expirar
22. sorriso ou sorrindo
23. testa franzida
24. triste ou tristeza
25. bocejando
26. desconforto
27. inspirando ar
28. bochecha distendida pela ponta da língua
29. batendo os dentes
30. mexer boca abrindo e fechando ou mastigar ou simular fala

---

<sup>330</sup> Escrita em *signwriting*: Expressões Faciais.

## (ii) ORGANIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES FACIAIS – Sutton (2000) e Stumpf (2005)

Figura 60 – EF: slides preparados por Stumpf (2008)<sup>331</sup>

<sup>331</sup> Estas imagens fazem parte da seqüência de slides preparada por Stumpf (2008) e que se encontra no anexo XII.I desta tese.

Para tomar como referência para a ordenação paramétrica das EFs desta tese, foram inseridas representações de EFs não motivadas pela necessidade de uma representação de LS, mas que representam expressões incorporadas à articulação de várias ULs da LSB. Foram incluídas nessa seção para contribuir para o estabelecimento de uma ordem para as expressões faciais. Essas expressões faciais estão bem representadas no trabalho de Andrew Loomis que, nos idos de mil e oitocentos, evidenciam alguns aspectos relevantes para a análise a respeito das EF em LSB, independentemente de uma análise gramatical.

Abaixo de cada expressão facial (Figura 61) encontra-se sua respectiva denominação em inglês. Essas expressões faciais, sem muito rigor tradutório, foram traduzidas, respectivamente, da esquerda para a direita por: melancolia, preocupação, medo, irritação, braveza, fúria, surpresa, desconfiança, desgosto, pânico, desdém, remorso, expectativa, prazer, satisfação, deleite, alegria, êxtase:

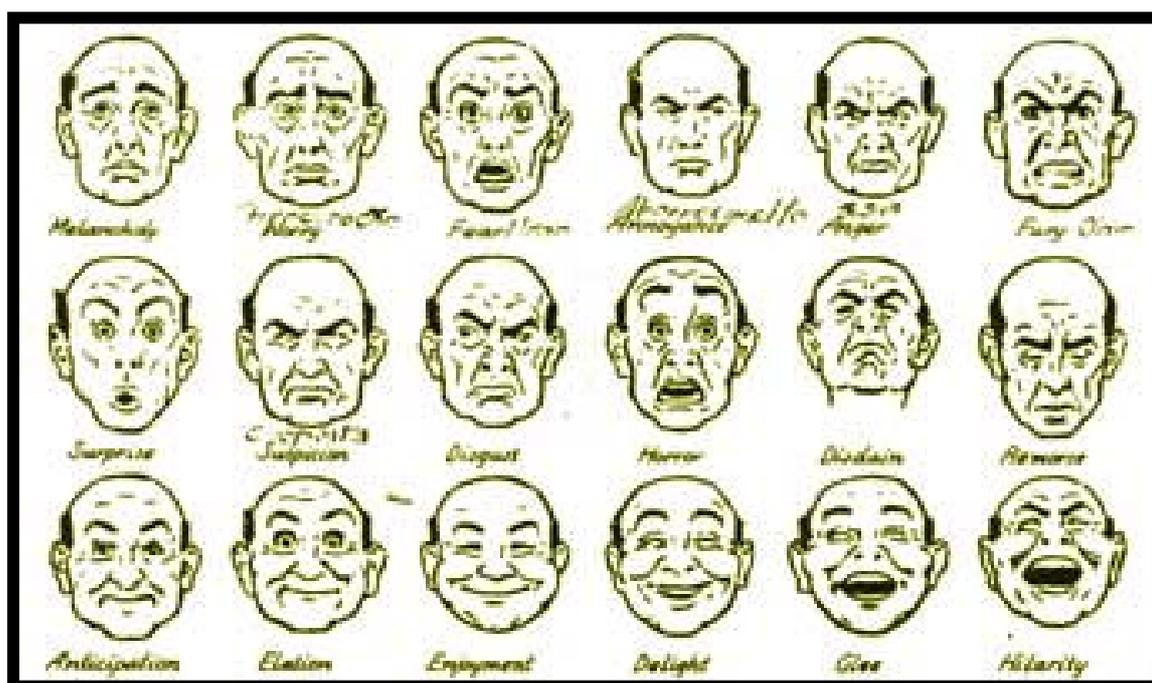


Figura 61 – Expressões Faciais esboçadas por Andrew Loomis  
(In: <http://www.marel.pro.br/fighuma.htm>. Acesso em 12 de abril de 2009)

As sobrancelhas elevam-se e abaixam-se, os lábios assumem posições que variam entre uma posição para boca e lábios mais fechados e uma posição para boca e lábios mais abertos. O movimento dos lábios pode ter dois eixos: o eixo horizontal (extensão dos lábios em linha reta) e o eixo vertical (extensão circular). No eixo horizontal os lábios passam da posição de bico para a posição reta (em linha); no eixo vertical, os lábios passam da posição de bico para a boca totalmente aberta.

Seria possível estabelecer a seguinte seqüência para as expressões faciais: expressões faciais fechadas > expressões faciais ausentes (neutras) > expressões faciais abertas. Entretanto, esta tese advoga a seguinte seqüência: sem-expressão facial > com-expressão facial. Nesse caso, a seqüência ‘com-expressão facial’ estabelece uma subseqüência: com expressões faciais mais fechadas > com expressões faciais mais abertas, como se vê na figura 61.

As *expressões faciais mais fechadas* (expressões associadas a sentimentos mais negativos como braveza, tristeza, desconforto, preocupação) seguem-se pelas *expressões faciais mais abertas* (expressões associadas a sentimentos mais positivos como alegria, tranqüilidade, prazer)

As sobrancelhas, porém, são determinantes na informação sobre as EFs. As sobrancelhas franzidas representam EFs mais fechadas. Essas estão associadas a braveza, tristeza, dor). As sobrancelhas arqueadas representam EFs mais abertas. Essas estão associadas a alegria, curiosidade, prazer).

#### ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO FACIAL

ULs sem expressão facial > ULs com expressão facial (mais fechada > mais aberta)

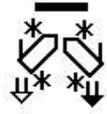
- a) sobrancelhas franzidas > arqueadas;
- b) olhos fechados > olhos semi-abertos > olhos abertos > olhos arregalados;
- c) arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente;
- d) batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora;
- e) lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/ bico) > lábios semi-abertos (soprando / expirando / inspirando / abrindo e fechando) > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo;
- f) bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas.

#### Obs.:

- As EFs mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos.
- As EFs mais abertas estão associadas a sentimentos positivos.

Figura 62 – Ordem para as Expressões Faciais (proposta desta pesquisa)

2.4.1.6. Proposta para ordenação do parâmetro – Expressão Corporal (EC)



332



(i) ORGANIZAÇÃO DAS ECs – Sutton (2000) e Stumpf (2005)

No acervo bibliográfico pesquisado não foram encontradas muitas representações específicas para as EC. Para apresentar os sistemas, seguem slides elaborados por Stumpf (2008) com uma síntese dos símbolos do *signwriting*.

Figura 63 – ECs: slides preparados por Stumpf (2008)<sup>333</sup>

<sup>332</sup> Escrita em *signwriting*: Expressões Corporais.

Entre as expressões corporais, encontram-se a posição e o movimento da cabeça, dos ombros, do tronco, da cintura, como demonstram os slides de Stumpf (2008).

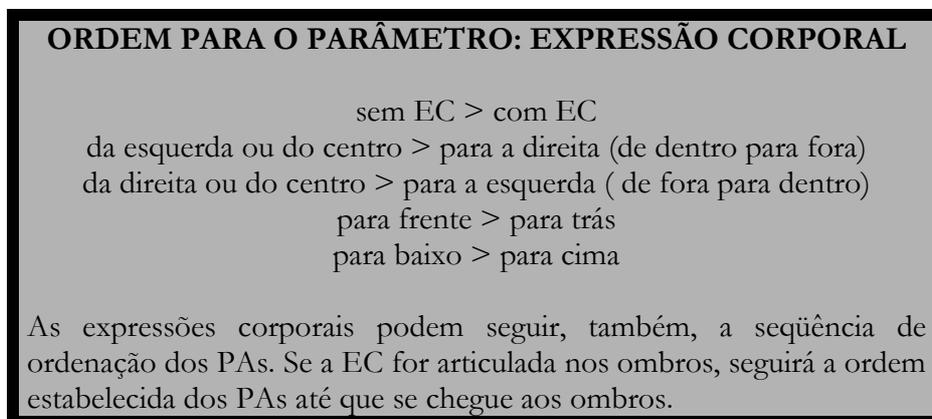


Figura 64 - Ordem para as Expressões Corporais (proposta desta pesquisa)

O capítulo seguinte apresenta a proposta lexicográfica associada ao desmembramento das reflexões aqui apresentadas.

---

<sup>333</sup> Estas imagens fazem parte da seqüência de slides preparada por Stumpf (2008) e que se encontra no anexo XII.I desta tese.

## CAPÍTULO 3 – PROPOSTAS TEÓRICAS

---

*“Lexicography, (the making of dictionaries), is like painting sunsets. By the time the paint dries the subject has changed.”*

*Dr. Bill Vicars<sup>334</sup>*

### 3.1. Introdução

Todas as reflexões suscitadas nesta tese, nos dois âmbitos de reflexão e de estudo da representação do léxico, a lexicologia e a lexicografia, tiveram o fim de sistematizar propostas que levem à elaboração de repertórios lexicográficos e terminográficos completos. Este capítulo converge todos esses estudos abordados na pesquisa para as propostas de organização de repertórios digitais e impressos, com LSB, sob a organização semasiológica e onomasiológica.

Este capítulo apresenta, ainda, um instrumento elaborado para servir de base para a delimitação de repertórios que possam ser elaborados com os modelos propostos, em seguida, tal como estão ou recriados de acordo com a demanda que se tiver.

Há diferentes níveis de proposta. Há propostas para a representação iconográfica da LSB, há propostas para a organização onomasiológica e semasiológica de repertórios com LSB, há uma proposta geral para repertórios impressos e digitais. Há, também, propostas para fins educacionais. Essas propostas apresentadas estão predominantemente no campo teórico. Parte das idéias inseridas nessas propostas foram aplicadas em dois protótipos de glossários com o fim de ilustrar as possibilidades práticas que emergem da aplicação delas. O primeiro protótipo apresenta o modelo de um “GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CLASSIFICADORES EM LSB” (em formato de DVD) que se encontra sob uma organização onomasiológica. O segundo modelo é o GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DE LINGÜÍSTICA EM LSB (em formato impresso), sem definições; apenas com equivalentes e que se encontra sob a organização semasiológica em ordenação paramétrica. Antes delas, porém, será apresentado o instrumento genérico, sugerido como proposta para delimitação de repertórios lexicográficos e fraseográficos.

---

<sup>334</sup> In: Extraído de <<http://www.lifeprint.com/dictionary.htm>>. Acesso em: 6/05/09.

### 3.2. O instrumento genérico<sup>335</sup>

Quando se aspira a elaborar um repertório lexicográfico, terminográfico, ou outro, muitos aspectos devem ser considerados. É preciso tomar uma série de decisões que repercutirão na organização da macro e da microestrutura desse repertório. Essas definições devem estar de acordo com os objetivos que se pretende alcançar.

Para contemplar essa delimitação de estratégias e a tomada de decisões necessárias à elaboração de um repertório lexicográfico ou terminográfico completo, o instrumento elaborado para análise da coletânea de repertórios lexicográficos e terminográficos com LS (anexo VIII), apresentado no capítulo 2 desta tese, serviu de base para a elaboração de outro instrumento para a pré-seleção de elementos candidatos à ficha lexicográfica que fará parte do repertório completo a ser elaborado em fase futura.

Esse instrumento, intitulado “instrumento genérico”, foi elaborado para auxiliar as escolhas necessárias a essa delimitação e a conseqüente elaboração de fichas léxico-terminográficas adequadas ao desenvolvimento dos mais variados tipos de repertórios, inclusive aqueles que tratam, simultaneamente, de duas modalidades diferentes de língua (no caso, uma língua de sinais e outra língua oral), e sobre as quais serão organizados os verbetes do repertório a ser elaborado. Esse instrumento estruturou-se a partir do seguinte questionamento: *o que precede a elaboração de uma ficha léxico-terminográfica?*

Para se elaborar uma ficha léxico-terminográfica, que sirva de base para a organização de um repertório, é preciso: (a) levar em consideração uma série de elementos passíveis de inserção na obra e (b) compatibilizar as opções informacionais com a proposta do repertório que se pretende confeccionar.

Em face da especificidade da modalidade da LSB e da inexistência de modelos de fichas lexicográficas específicos para atender o escopo dessa área em estudo, esse instrumento traz alguns pontos que levam a reflexões a respeito da composição de obras mais universais e acessíveis a consulentes que demandam estratégias diferenciadas para atender a suas necessidades, como é o caso de obras que precisam atender surdos, surdocegos, pessoas com baixa visão, pessoas com mobilidade reduzida etc.

---

<sup>335</sup> O instrumento elaborado para essa pesquisa foi apresentado no RiTerm em 2006 e foi publicado nas atas do referido evento sob o título: Libras-LP / LP-Libras: os primeiros passos para a elaboração de repertórios terminográficos bilíngües que atendam às necessidades educacionais de aprendizes surdos.

Uma adaptação nesse instrumento pode, também, torná-lo útil à análise e avaliação de repertórios, por meio da identificação dos itens presentes em dada obra, com itens possíveis, necessários e compatíveis com as diferentes propostas, o que favorece diretamente a proposição e elaboração de novos modelos de repertórios.

De maneira geral, para a elaboração desse instrumento, tomou-se como base: (a) os princípios e critérios norteadores da avaliação de dicionários brasileiros de Língua Portuguesa para o MEC/PNLD/2007 (2007, *apud* GOMES, 2007: anexo I); (b) as fichas de avaliação de dicionários de tipos 1, 2 e 3 do MEC/PNLD/2007 (2007, *apud* GOMES, 2007:anexo II); (c) a pesquisa iconográfica de Sofiato (2005); (d) reflexões extraídas de Borba (2003); (e) a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários, de Faulstich (2001); (f) reflexões extraídas de Cabré (1993); (g) reflexões extraídas de Carvalho (2001); e (h) o roteiro de avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos de Faulstich (1996).

Esse instrumento foi dividido em duas partes: (a) a **PARTE I** refere-se à *macroestrutura*, o conjunto de componentes que constituem o dicionário em si, desde os aspectos físicos até a configuração de rede de informação que compõem as informações lexicográficas. Segundo Gomes (2007), grosso modo, a macroestrutura apresenta o conjunto dos verbetes. Ela diz respeito a itens tais como: caderno etimológico, capas internas, prefácio, como usar o dicionário/ organização do dicionário, advertências para uso, abreviaturas, índice de pranchas temáticas, créditos fotográficos, apêndices (apêndice ortográfico, apêndice gramatical - regras de concordância, lista de prefixos, lista de sufixos, números, regras de concordância em cores, conjugação verbal, observações morfológicas -, atlas do mundo, atlas francofonia, adjetivos pátrios), provérbios e expressões, verbetes, alfabeto fônico, sumário; (b) a **PARTE II** diz respeito à *microestrutura* e pode ser tomada como sinônimo de verbete. Fazem parte dela todas as informações lexicais, lingüísticas, gramaticais e pragmáticas, a partir da entrada, como: transcrição fonética, pronúncia, divisão silábica, indicação de pronúncia, etimologia ou origem, formação, categoria gramatical, gênero (regular/irregular), grau (regular/irregular) / (absoluto sintético/analítico); número (regular/irregular), transitividade, nota gramatical, conjugação (regular/irregular), modelo de conjugação, definição, acepção, remissão, exemplo, abonação, sinônimo, antônimo, homônimo, marca de uso, variante, palavra cognata, coletivo, voz, indicação de estrangeirismo, palavra derivada, locução, fraseologismo, ilustração, remissão à ilustração.

É importante destacar que esse instrumento não teve a pretensão de esgotar as possibilidades de um repertório léxico-terminográfico, mas de conter um grande número delas. Além disso, nele foram incluídos itens básicos, dos quais, muitos, são obrigatórios, de grande relevância aos repertórios, ao lado de itens opcionais e, por vezes, até, irrelevantes à elaboração de um grande número de repertórios. A seleção de um item, por meio da marcação do parêntese com um x, implica a inclusão desse item na ficha lexicográfica a ser elaborada. A não-seleção implica a exclusão do mesmo na ficha e, conseqüentemente, na obra.

Avaliar a compatibilidade dos itens selecionados com a proposta da obra é fundamental para evitar opções incoerentes. Algumas observações de Faulstich (2001) ilustram a importância da coerência dos itens inseridos no repertório. Por exemplo, se o repertório pretendido tiver orientação socioterminológica, o campo de variantes deve ser obrigatório; se o repertório for sistemático (e não-alfabético), o campo de remissivas deve ser obrigatório; os equivalentes em língua estrangeira serão contemplados de acordo com o interesse e objetivo da obra; os critérios para distinção entre homonímia e polissemia precisam estar bem definidos, tanto para os repertórios monolíngües quanto para os repertórios bilíngües. Por exemplo, se a *polissemia* for definida pela expansão de significados de um mesmo nome, deve ser identificada por meio da inserção de uma única entrada com diferentes acepções, ao passo que se a *homonímia* for definida por palavras idênticas com significados díspares, deve ser identificada por meio da inserção de uma entrada distinta para cada significado (cf. FAULSTICH, 2001).

Esse instrumento não foi elaborado para beneficiar especialistas experientes na área lexicográfica, pois esses já têm conhecimento suficiente para preparar fichas léxico-terminográficas, sem auxílio de instrumentos genéricos para tal. Pelo contrário, o instrumento genérico teve como objetivo amparar pesquisadores iniciantes na área. Por esse motivo e para auxiliar o entendimento de vários termos inseridos no instrumento, foram incluídas, em notas de rodapé, várias definições literalmente extraídas dos trabalhos de Correia (2009), Gomez (2006; 2007).

Esse ‘instrumento genérico’, enfim, sugerido para facilitar a delimitação e planejamento, organização de repertórios léxico-terminográficos, apresenta-se no anexo IX. Elaborar esse instrumento foi um exercício que, além da identificação de recursos e estratégias passíveis de pertencimento a obras lexicográficas, úteis a pesquisadores iniciantes na área lexicográfica, abriu espaço para refletir, ainda que de forma bem incipiente, sobre a

necessidade de os dicionários constituírem-se como recursos não somente de acessibilidade lingüística, mas, também, de acessibilidade instrumental para pessoas com distintas necessidades. Essas reflexões introduzem um novo paradigma no pensar lexicográfico no sentido de ‘humanizar’ ainda mais o conhecimento em benefício de um número ainda maior de consulentes.

### 3.3. Reflexões e sugestões em torno da representação iconográfica da LSB

Entre as tantas decisões que se tem de tomar quando se pretende elaborar repertórios lexicográficos acessíveis à Comunidade Surda estão aquelas que se referem à representação gráfica da LSB. Repertórios lexicográficos para falantes de LSB precisam “abusar”, de certa maneira, dos recursos visuais, sem, portanto, poluir os repertórios com excesso deste tipo de estímulo.

Há duas vias básicas para a representação lingüística da LSB. Uma via, por imagens “congeladas”, presente em repertórios impressos, representadas por meio de imagens – digitalizadas, fotografadas, desenhadas (desenhos naturalistas) – sozinhas ou acompanhadas de legenda descritiva dos parâmetros da LSB, escritas em *signwriting*<sup>336</sup> ou outro sistema de escrita de sinais – articulados por um falante de LSB; e outra, por imagens “em movimento”, representada, basicamente, por vídeos, em repertórios eletrônicos. A proposta aqui apresentada advoga dois tipos de representação iconográfica para repertórios em LSB com fins instrutivos: por imagens e por escrita; em repertórios digitais e impressos.

Para repertórios digitais: por imagens<sup>337</sup>

- (a) *Infantis e Juvenis*: a melhor representação iconográfica encontrada foi a de AVATAR<sup>338</sup> com representação de todos os parâmetros da LS, como se fosse, realmente, uma pessoa (vide o repertório de código INT\_ELE\_06, p. cxvi do anexo VII). A representação digital desse repertório sugere um jogo que poderia

<sup>336</sup> Modelo universal para a escrita dos itens lexicais das línguas de sinais.

<sup>337</sup> Todas as fotografias inseridas nessa pesquisa foram tiradas antes da conclusão dessa proposta. Por isso, não se enquadraram nos moldes das representações defendidas. Pretende-se substituir essas imagens em momento seguinte.

<sup>338</sup> O termo avatar vem do sânscrito e tem como segunda acepção no Aurélio eletrônico (2004), transformação, transfiguração. Trata-se de um ícone que representará o falante de LSB, em animação, em vez de ser um vídeo de um falante da LSB. A grande vantagem desse recurso é que, além de proteger a face das pessoas que “sinalizam” é, também, um recurso dinâmico e didático que desperta a curiosidade e o interesse do consulente, especialmente, quando se trata de crianças.

não ser somente digital, mas realmente divulgado em pequenos aparelhos de jogos eletrônicos.

- (b) *Acadêmicos* (para adultos em níveis mais formais de ensino): não há por que não representar a pessoa por AVATAR, com a imagem em movimento, mas isso não impede uma representação de dicionários com vídeo da pessoa, mesmo. Foram coletados muitos repertórios, dessa categoria, com LS, embora nenhum deles tenha esse tipo de representação, ou seja, por AVATAR. (vide repertórios de códigos: NAC\_ELE\_TERM\_GLO\_DID\_01, p.lxxxvii; INT\_ELE\_TERM\_02, p.xcvi; NAC\_ELE\_01, p.xcviii; NAC\_ELE\_02, p.ci; NAC\_ELE\_04, p.civ; NAC\_ELE\_07, p.cvii; INT\_ELE\_01, cx; INT\_ELE\_03, p.cxi; INT\_ELE\_04, p.cxiii; INT\_ELE\_05, p.cxv; INT\_ELE\_07, p.cxviii; INT\_ELE\_08, p.cxx; INT\_ELE\_09, p.cxxi; INT\_ELE\_10, p.cxxiii; INT\_ELE\_12, p.cxxv; INT\_ELE\_13, p.cxxviii; todos do anexo VII).

*Obs.:* desaconselha-se a organização de repertórios digitais com representação iconográfica da LSB por imagens congeladas uma vez que via digital há muitos recursos disponíveis para que a representação iconográfica da língua esteja em movimento.

Para repertórios impressos: *representação pictórica*

- (a) *Infantis, Juvenis e acadêmicos:* sugerem-se dois tipos de representação:

- (i) *por fotografia:* representação por fotografias coloridas<sup>339</sup> com contraste de fundo, pele e vestimenta.

(i') *para ULs com uma única CM:* por uma fotografia de pessoa representada até o quadril<sup>340</sup>, articulando a LSB com a EF<sub>inicial</sub> e a EC<sub>inicial</sub>, mão ativa representada pela mão direita e mão passiva representada pela mão esquerda, com a(s) CM(s)<sub>inicial(is)</sub> já na OP correta, no PA<sub>inicial</sub>;

<sup>339</sup> Como visto nas análises, fotografias em preto e branco não são contrastivas o suficiente para tornarem a representação iconográfica, da LS, clara.

<sup>340</sup> Diferentemente da proposta de escrita pelo sistema *signwriting* que, como escrita, pode ter, mas não exige a representação da cabeça, do tronco etc., caso esses não sejam traços essenciais para a interpretação da UL escrita e exatamente porque se trata de um sistema de escrita; não é aconselhável representação pictórica sem cabeça. Quando a representação ultrapassar o quadril, deve-se ampliar a representação fotográfica até praticamente os joelhos.

(i'') *para ULs com mais de uma CM*: por mais de uma fotografia<sup>341</sup> de pessoa articulando a LSB. A primeira fotografia segue a mesma orientação de i'; as demais fotografias também, à exceção do PA que não será mais o inicial, mas o PA medial ou o PA final. O movimento dessas fotografias deve ser representado, preferencialmente, por setas que seguem os princípios do sistema *signwriting*, conforme ilustrado na figura 65 e descrito no anexo XII.II.

(ii) *por desenhos naturalistas acadêmicos*<sup>342</sup>: de uma maneira geral, os desenhos devem seguir os mesmos princípios das fotografias. A representação dos desenhos, entretanto, pode ser sem cor, com fundo branco e traços pretos completos<sup>343</sup>.

(ii') *para ULs com uma única CM*: os desenhos devem representar uma pessoa da cabeça ao quadril<sup>344</sup>, articulando a LSB com a  $EF_{inicial}$  e a  $EC_{inicial}$ , mão ativa representada pela mão direita e mão passiva representada pela mão esquerda, com a(s)  $CM(s)_{inicial(is)}$  já na OP correta, no  $PA_{inicial}$ ;

(ii'') *para ULs com mais de uma CM*: haverá mais de uma representação iconográfica<sup>345</sup> de pessoa articulando a LSB. O primeiro desenho segue a mesma orientação de ii'; os demais desenhos também, à exceção do PA que não será mais o inicial, mas o PA medial ou o PA final. O movimento dos desenhos, assim como nas fotografias, deve ser representado por setas do

---

<sup>341</sup> A quantidade de fotografias deve estar diretamente relacionada à representação de cada CM, EF ou EC presentes numa UL; isto é, serão necessárias tantas fotografias quantas forem as CMs e ENMs diferentes dentro da UL representada.

<sup>342</sup> Desenhos naturalistas acadêmicos estão entendidos como desenhos tradicionais que tentam reproduzir a realidade.

<sup>343</sup> Entende-se por 'traços completos', traços que preencham os limites do desenho. Entretanto, deve-se ter cuidado para não poluir a imagem. Os mesmos cuidados com o contraste pele, fundo, vestimenta que os intérpretes devem ter quando atuam profissionalmente, devem ser observados nos desenhos.

<sup>344</sup> Quando a representação ultrapassar o quadril, ampliar a representação fotográfica até praticamente os joelhos.

<sup>345</sup> A quantidade de desenhos deve estar diretamente relacionada à representação de cada CM, EF ou EC presentes numa UL; isto é, serão necessárias tantos desenhos quantas forem as CMs e ENMs diferentes dentro da UL representada.

sistema *signwriting*, conforme representações registradas no slide apresentado na figura 65<sup>346</sup>,

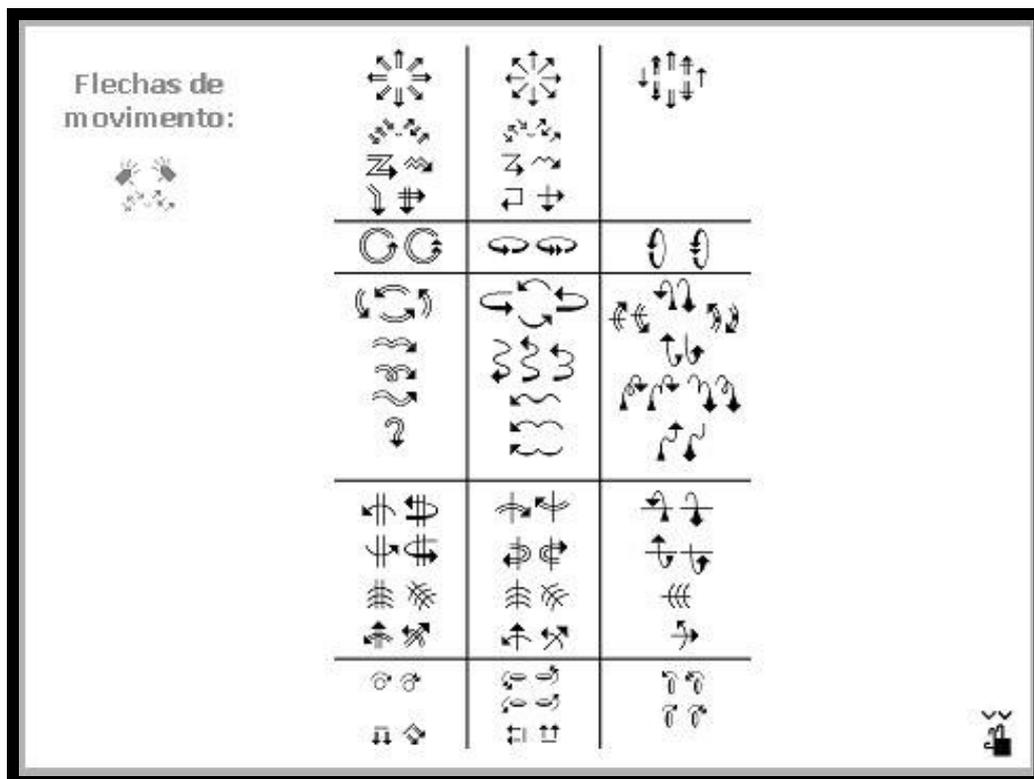


Figura 65 – Representações do Movimento por setas, no Sistema de Escrita *Signwriting*

*Obs.:* sugere-se uma única diferença entre a representação pictórica nos repertórios infantis e juvenis e a representação pictórica nos repertórios acadêmicos. Para repertórios do primeiro grupo, sugere-se imagem de crianças, preferencialmente, com vestes coloridas em contraste fundo, pele e cor da roupa; e para repertórios do segundo grupo, sugere-se imagem de adultos.

Para repertórios impressos: *representação gráfica*

- (a) *Infantis, Juvenis e acadêmicos:* para a representação pela escrita, iconográfica, mas não-pictórica, sugere-se que qualquer tipo de repertório impresso utilize-se do sistema de escrita em *signwriting*<sup>347</sup>, mesmo que em princípio surja com o contraste com

<sup>346</sup> Esse slide é o mesmo slide 15, elaborado por Stumpf e inserido na Figura 58 da seção '2.4.1.4.' do capítulo 2. Detalhes a respeito dessa representação por setas podem ser localizados no arquivo em pdf sob o título "Lições em SignWriting, incluído no anexo XII.II desta tese.

<sup>347</sup> Essa estratégia contribuirá para a divulgação do *signwriting* em todo o território brasileiro. Dado que há muitos simpatizantes da possibilidade de se escrever em *signwriting*, porém, como escrita recente, muito poucos a conhecem e um grupo menor, ainda, a pratica.

outro tipo de representação como fez Capovilla *et al.* (2001), (vide repertório de código NAC\_IMP\_GER\_07, p.liii, anexo VII). A sugestão pelo *signwriting* deve-se ao fato de não somente ser, esse, um sistema amplamente divulgado no mundo, mas também, porque é um sistema que vem atendendo satisfatoriamente como registro gráfico das LS no mundo todo. Diante do fato de ser um sistema ainda pouco conhecido, sugere-se que o repertório que o contemple seja acompanhado de manual de instruções para leitura em *signwriting*, como Capovilla *et al.* (2001). Entretanto, a sugestão é de que esse repertório impresso possa vir acompanhado de um curso digital de *signwriting*, ou seja, todo em LSB, nos moldes do DVD de Escrita de Sinais I, II e III do Curso de Licenciatura em Letras-Libras oferecido na UFSC. O glossário atualizado e inserido no ambiente virtual de ensino do mesmo curso também é um bom modelo, que pode ainda ser aprimorado, mas está bem próximo de uma excelente representação da LS, inclusive em via dupla: escrita e imagens em movimento (vide repertório de código INT\_ELE\_07, p.cxviii do anexo VII).

A transcrição pelo ‘Sistema de Notação por Palavras’ deve ser reservada para fins de registros de dados, a fim de ser aplicado para a função primeira que tem: a de transcrição da LS.

#### 3.4. *Primeiro Plano: proposta geral para repertórios impressos e digitais*

Apesar de o advento e o acelerado avanço da tecnologia facilitarem a construção de repertórios mais eficientes para a representação tridimensional das línguas de sinais, apesar de essa tecnologia possibilitar recursos de busca mais rápidos e de poder ser utilizada como ferramenta para a aquisição do conhecimento, os repertórios impressos não perdem seu lugar tanto pelo fato de a inclusão digital ainda não ser uma realidade para toda a população brasileira, quanto pelo fato de um repertório impresso ainda representar um meio de consulta mais viável e acessível em vários contextos.

### 3.4.1. Repertórios Lexicográficos Impressos

A proposta para um repertório lexicográfico impresso advoga a organização de um repertório tanto onomasiologicamente quanto semasiologicamente. Como explicitado anteriormente, os repertórios lexicográficos costumam ser organizados a partir de critérios **semasiológicos** que partem dos significantes para os significados ou a partir de critérios **onomasiológicos** que partem dos significados capazes de ter expressão lingüística para se chegar aos significantes correspondentes. Seguem propostas de organização de repertórios, com LSB, com base nos critérios onomasiológicos.

Uma proposta de organização lexicográfica onomasiológica inclui, por exemplo, repertórios organizados por temas, campos semânticos etc. A ordenação temática de repertórios lexicográficos costuma ser arbitrária. Sugere-se, portanto, minimizar essa arbitrariedade por meio da aplicação da organização prototípica dos temas e dos verbetes incluídos nos temas.

O estudo apresentado no capítulo 1 confirmou a inexistência de um exemplar idôneo, também para os Surdos, ao nomearem categorias em LSB. Porém, entendeu que apesar de os falantes não elegerem os mesmos protótipos, na mesma ordem, não descartou a existência de graus de prototipicidade. Isso significa que uma ordenação temática prototípica não pode ser rígida, pois os graus de prototipicidade são relativos uma vez que envolvem aspectos culturais que inibem a determinação de uma ordem fixa para os protótipos. Entretanto, considerando-se a relatividade desses graus de prototipicidade (mais centrais e mais periféricos), os repertórios lexicográficos organizados sob critérios onomasiológicos, em vez de terem uma disposição simplesmente arbitrária podem ter uma disposição mais prototípica.

Os critérios para essa organização prototípica envolvem um *continuum* de prototipicidade. Inconscientemente (ou não), muitos repertórios de natureza onomasiológica seguem esse critério, mas normalmente não o tem explicitado. Se for considerado o *continuum* do indivíduo com o mundo, a seqüência para esse tipo de repertório pode apresentar, prioritariamente, verbetes com aquilo que é mais prototípico ao consulente, aquilo que faz mais parte da sua vida. Mais para o final do repertório ou do tema, dispõem-se os agrupamentos com seus respectivos elementos menos prototípicos.

Isso significa que de uma seleção temática para um repertório infantil em que façam parte categorias como: animais, plantas, vestuário, brinquedos, alimentos e higiene,

considerando-se uma ordenação prototípica cujo critério estabelece um *continuum* do indivíduo com o meio, do(s) elemento(s) mais central(is) do *continuum* de prototipicidade para o(s) elemento(s) mais periférico(s) desse *continuum*, a ordem para essas categorias poderia ser semelhante a: higiene, alimentos, vestuário, brinquedos, animais e plantas, considerando-se a seqüência para essas duas últimas categorias estabelecidas pelo que está mais perto da criança e pela possibilidade de os animais interagirem com o indivíduo, o que não acontece com as plantas e, por isso, os animais viriam antes das plantas.

Além das temáticas, os verbetes de cada tema também podem ser organizados prototipicamente, lembrando-se que: (i) os protótipos não são universais; (ii) há uns mais centrais e outros mais periféricos e, por fim, (iii) uma ordenação prototípica nunca será fixa, mas relativa. Entretanto, serve como critério para que a distribuição temática não seja simplesmente arbitrária como dito antes.

#### 3.4.2. *Repertórios Lexicográficos Digitais*

Para a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos digitais, sugere-se um repertório interativo com vídeos ou animação que possam representar a língua de sinais contextualizada e “em ação”. Elaborar um repertório lexicográfico digital com imagens inanimadas significa desperdiçar a ferramenta tridimensional que esse recurso oferece à representação das línguas de sinais. Significa impedir o consulente de ter acesso amplo e irrestrito da representação da LSB.

Para repertórios digitais, esta tese defende como melhor representação iconográfica aquela feita por “avatares”, conforme o dicionário de BSL sob o código INT\_ELE\_07 do anexo VII mencionado anteriormente. Como critérios de seleção semasiológica, a ordem paramétrica sugerida por esta tese.

Um jogo de imagens pode representar cada seleção de forma a tornar o *menu* de seleção paramétrica atraente para o consulente, especialmente surdo, e que absorve o mundo, preponderantemente, pela visão. Esse *menu* para a seleção paramétrica pode ser organizado como é apresentado em jogos de videogame (Figura 66). Se for possível, deve-se permitir ao consulente escolher, inclusive, a imagem do avatar que deseja visualizar.



Figura 66 – Imagens de videogame do Naruto (para seleção de personagens e lugares)

Sugere-se que, desde a primeira informação do verbete, apareça um avatar que, além de reproduzir a UL selecionada, poderá apresentar a definição desta unidade, em LSB. O(s) equivalente(s) em LP poderão estar inseridos no verbete caso a proposta seja de um repertório bilíngüe (e nesse caso deve conter a tradução de todas as informações em LSB para a LP) ou semibilíngüe (que pode ter apenas o equivalente em LP mesmo que a definição continue apenas em LSB). Além dos equivalentes, as definições e as informações gramaticais devem vir, todas, em LSB.

Uma proposta lexicográfica monolíngüe, em LSB, deve conter entradas em LS por meio da ordenação semasiológica paramétrica. Uma proposta para repertório bilíngüe ou semibilíngüe deve conter duas possibilidades de busca: uma busca diretamente em LSB (sob os critérios semasiológicos defendidos nesta tese) e outra busca diretamente em LP (sob a ordenação alfabética dos termos).

A indexação de repertórios digitais pode oferecer distintas possibilidades. Os repertórios digitais oferecem, também, a vantagem de incluir filtros, como no repertório de LGP incluído na p.cxxi do anexo VII, sob o código INT\_ELE\_09. Em repertórios com LS, os filtros, além de palavras gramaticais, terminologia, campo semântico, devem permitir a seleção de ULs a partir de um parâmetro específico, ou a partir da seleção de ULs pela quantidade de mãos, pela  $CM_{inicial}$ , pela  $CM_{final}$  etc.

A proposta defendida para a busca digital de ULs e de UTs, em LSB, sugere uma seleção individual de um componente de cada parâmetro ordenado em um *continuum* com base nos critérios defendidos nesta tese para a ordem semasiológica paramétrica. Assim, para a busca direta em LSB, a proposta sustenta que cada parâmetro esteja organizado em um *continuum* de informações seqüencialmente ordenadas em aros<sup>348</sup>. Cada aro equivale a um parâmetro. Portanto, se há cinco parâmetros haverá, no mínimo, cinco aros com a respectiva quantidade de escolhas a ser feita pelo consulente: uma escolha em cada aro.

Os cinco aros encontram-se concêntricamente dispostos, isto é, em camadas sobrepostas como se fossem anéis encaixados em formato de globo, mas sem uma posição fixa. A seleção obrigatória de um item para cada um dos aros levará cada aro a um encaixe. O nó constituído pela seleção dos cinco parâmetros ativará o verbete cuja entrada for composta pela combinação eleita pelo consulente. Ativado o verbete, ele se apresentará conforme organizado pelos elaboradores da obra.

O ponto inicial de cada aro é exatamente a ausência de um traço para o parâmetro, fenômeno possível em LSB à exceção do parâmetro do PA. Por exemplo, no aro das CMs a primeira opção é sem-CM<sup>349</sup>; no aro da OP a primeira opção é sem-OP e assim por diante, em cada aro. Além da necessidade de um ponto inicial para o elemento ‘zero’ para determinar ausência do parâmetro, deve haver a opção de parâmetro desconhecido para o caso de o consulente conhecer alguns parâmetros e ter dúvida com relação a outros. Nesse caso, as escolhas do consulente levarão a possibilidades de ULs e UTs e não a uma UL específica.

---

<sup>348</sup> As informações organizadas nos *continua* são as mesmas propostas para cada parâmetro no capítulo 2.

<sup>349</sup> A UL que denomina roubar em LSB é articulada na bochecha, com a língua, portanto, essa UL não tem CM e nem OP. Como exemplo de UL sem-Mov. tem-se a UL que denomina SILÊNCIO; sem-EF e sem-EC é o caso de parte da terminologia das diferentes áreas do conhecimento científico, especialmente, quando articuladas isoladamente. Na área da Lingüística, por exemplo, nenhuma das UTs a seguir tem, *a priori*, uma EF ou EC, apesar de poderem ter expressão no contexto de uso: LINGÜÍSTICA, MORFOLOGIA, DERIVAÇÃO, FLEXÃO, COMPOSIÇÃO.

Nesses repertórios com entrada em LSB, cada parâmetro a ser selecionado deve estar registrado em vídeo, em LSB. A busca paramétrica de cada componente no aro precisa ser pela LSB para que o acesso principal seja possível a consulentes não-proficientes em LP.

Após a seleção dos cinco parâmetros, havendo a combinação eleita pelo consulente, como entrada, no banco de dados do software usado, será aberto um verbete com a animação do avatar, a articulação, em LSB, da unidade eleita ao lado dos demais elementos de composição do verbete, entre os quais seu(s) equivalente(s) em LP, caso seja um repertório semibilingüe ou bilingüe. No caso de o verbete ser confeccionado com definição, a definição estará, também, disponível para visualização, em vídeo, em LSB e/ou signwriting (como é o caso da mais recente versão do glossário disponível no ambiente virtual de ensino do curso de licenciatura em Letras-Libras, cujo código, no anexo VII é: INT\_ELE\_07.

No caso de não haver, no banco de dados, nenhuma combinação idêntica à escolhida pelo consulente, o programa apresentará opções por aproximação de parâmetros ou por alofonia<sup>350</sup> pontos que levarão a verbete(s) com opção(ões) próxima(s) à que o consulente selecionou a fim de que ele identifique se é a ela que se refere. Aparecerá uma janela *pop-up* com a mensagem que pergunta, em LSB, se a UL encontrada representa a unidade pesquisada. Caso o consulente informe que não, ele será levado a uma página de *menus* com imagens de outras entradas em LSB.

Cada uma das opções desse *menu* constitui-se de elementos próximos à posição do *continuum* selecionado pelo consulente. Ao clicar uma vez em uma das opções do *menu*, a UL será reproduzida pelo avatar que estiver na tela. Caso o consulente deseje acessar o verbete com essa unidade, ele deverá clicar duas vezes sobre a imagem do avatar. Essa ação remeterá o consulente ao verbete equivalente à unidade selecionada. Essa organização visa não frustrar o consulente. Também, dentro de qualquer verbete, é possível apresentar um *menu* no rodapé da tela no qual apareçam, uma ao lado da outra, várias imagens de avatar com a configuração inicial da UL. O procedimento para acessá-los será o mesmo da página de *menu* anunciada anteriormente.

É de extrema importância que o consulente tenha, em qualquer uma das telas do repertório, a possibilidade de sair do repertório, voltar à tela anterior, ir ao *menu* de seleção dos parâmetros e, ainda, consultar os últimos verbetes visitados.

---

<sup>350</sup> A alofonia deve estar registrada no *software* como um registro remissivo.

O consulente deve ter, também, a opção de copiar o verbete, copiar o sinal e/ou imprimir o verbete numa versão estática. A opção de imprimir deve permitir a impressão: em *signwriting*, por imagens, em LP ou nas três versões: em sw, em imagens e em LP.

O repertório deve ser disponibilizado na internet para acesso livre. O projeto que o sustenta deve contemplar um serviço de SAC, via email, para o qual o consulente poderá enviar, em vídeo, o sinal que pretende que seja incluído no repertório, além de informações, sugestões e críticas relacionadas à organização do repertório e das ULs nele inseridas.

Para a operacionalização desta proposta de repertório, sugere-se a proposição de um projeto a uma instituição de fomento de pesquisa. Esse projeto pode ser construído sob uma base bilíngüe que atenda a elaboração de repertórios bilíngües com línguas de sinais de diferentes países como se tem feito com as bases de dados do *signwriting*. A unificação da escrita do português do Brasil e do português de Portugal permitirá a interface com a LO em repertório que auxilie o ensino da LP como segunda língua. Por isso, a primeira língua de sinais em interface com a LSB deve ser a LGP<sup>351</sup>.

O projeto elaborado precisa contemplar uma equipe da qual façam partes bolsistas surdos estudantes de graduação que irão compilar as sugestões enviadas ao SAC, por email, e alimentar o banco de dados após validá-las. Devem participar da equipe, também, técnicos em informática, preferencialmente surdos, capazes de montar a base de dados que atenda a proposta, além de especialistas surdos e ouvintes com fluência em língua de sinais e formação para o ensino de LP como segunda língua para Surdos, entre os quais devem estar lingüistas, lexicógrafos e pedagogos para assumirem a coordenação pedagógica e científica do projeto, bem como para prestar consultoria.

### 3.4.3. *Representação paramétrica da LSB: reflexões e sugestões*

Estabelecida a seqüência para as CMs, emerge a necessidade de serem definidos os demais critérios de ordenação do repertório. Num repertório de língua oral, em ordem alfabética,

---

<sup>351</sup> A via de interação LSB e LGP está aberta e tem-se reforçado a partir do estágio de doutoramento desenvolvido pela pesquisadora, no início de 2009, no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa sob a orientação da Professora Ana Mineiro da mesma instituição, o apoio da Professora Margarita Correia, da Universidade de Lisboa e o apoio da Professora Enilde Faulstich da Universidade de Brasília.

toda uma seqüência de letras idênticas é submetida a uma ordenação alfabética até que se chegue à letra que diferencia uma UL de outra, ou seja, com língua oral, aplica-se a cada nova letra o mesmo critério de ordenação alfabética. Com a LSB, essa seqüência de critérios não ocorre, porque a UL segmenta-se em unidades de natureza bem distinta uma da outra.

Então, quando duas ou mais ULs a serem inseridas em repertórios de línguas de sinais possuem o mesmo traço eleito como primeiro critério de ordenação, não há como reaplicar o mesmo critério para se continuar a ordenação. Assim, como os agrupamentos são diferentes, os critérios para a ordenação também serão diferentes para cada segmento da UL a ser ordenada.

A proposta paramétrica contribui para a busca em repertórios digitalizados, também. Entretanto, mais ainda, contribui para a organização de repertórios lexicográficos impressos. Para uma organização semasiológica de repertórios, optou-se por selecionar a “mão” como primeira unidade de ordenação paramétrica, exatamente por ser a parte mais visível de uma UL em LSB (à exceção, daquelas que são articuladas sem as mãos). A mão, na LSB, não é responsável apenas pela CM na constituição de uma UL em LSB. Além da CM, uma UL, em LSB, pode ser articulada com uma ou duas mãos, e as CMs que articulam essas ULs podem ser as mesmas do início ao fim da articulação do sinal, ou podem ser diferentes. Essa distribuição ocorre assim e a ordenação para elas é exatamente essa:

(a) 1Mão ( $CM_{inicial} = CM_{final}$ )

⇔ ULs articuladas com uma mão. A CM inicial é idêntica à CM final.

(b) 1M ( $CM_{inicial} \neq CM_{final}$ )

⇔ ULs articuladas com uma mão. A CM inicial é diferente da CM final.

(c) 2M ( $CM_{inicial} = CM_{final}$ )

⇔ ULs articuladas com duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos). A CM inicial pode ser igual à CM final.

(d) 2M ( $CM_{inicial} \neq CM_{final}$ )

⇔ ULs articuladas com as duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos). Entretanto, a CM inicial pode ser diferente da CM final.

(e) 2M (CMs  $\neq$ )

⇔ ULs articuladas com as duas mãos com CMs diferentes. Esse é, normalmente, o caso de construções com morfemas-base.

A figura que se segue ilustra essa sistematização:

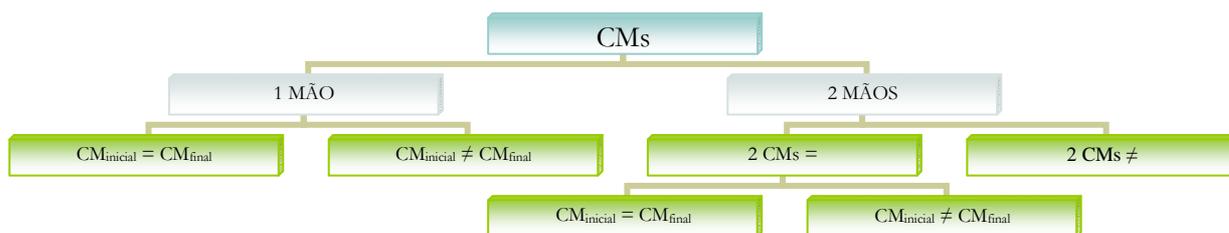


Figura 67 – Quantidade de mãos associada à semelhança e diferença de CMs.

Tennant & Brown (1998), no *Handshape Dictionary*, repertório analisado neste estudo sob o código INT\_IMP\_GER\_HAND\_01 (anexo VII), elegeram a seguinte ordem para a distribuição das ULs, em ASL, articuladas com duas mãos: 1. duas mãos com mesma CM e mesmo movimento simultâneo; 2. duas mãos com mesma CM e movimento alternado; 3. duas mãos com mesma CM, mas somente a mão ativa movimentada; 4. duas mãos com diferentes CM; As mãos são ordenadas, primeiro, pela CM e movimento da mão ativa e, segundo, pela CM da mão passiva. Visualiza-se bem as CMs desse repertório. Os demais critérios de ordenação não ficam muito claros, pois tem-se a impressão de que a seqüência dos termos é aleatória. Para a ordenação semasiológica das ULs, em LSB, proposta neste estudo, sugere-se a ordenação de um parâmetro por vez.

Primeiramente, é preciso selecionar o *corpus* que vai compor o repertório a ser confeccionado e submeter cada Unidade lexical à segmentação para estabelecer em que ponto do *continuum* cada parâmetro da UL se encontra a fim de contrastar essa segmentação com a das demais ULs a serem distribuídas no repertório. Para essa pesquisa, cada unidade foi segmentada dentro de um formulário idêntico ao que se segue:

**FORMULÁRIO PARA ANÁLISE INDIVIDUAL DAS ULS E UTS**

UL ou UT:				
Tipo de ordenação: ( ) semasiológica ( ) onomasiológica				
Morfema-Base: ( ) sim ( ) não - significado:				
Quantidade de Mãos e Tipo de CM	CM – direita (CMD)		CM – esquerda (CME)	
	( ) mão ativa ( ) mão passiva		( ) mão ativa ( ) mão passiva	
	CM <sub>inicial</sub>	CM <sub>final</sub>	CM <sub>inicial</sub>	CM <sub>final</sub>
( ) 1M (CM <sub>inicial</sub> = CM <sub>final</sub> )	Grupo: ____ Nº: ____	Grupo: ____ Nº: ____	Grupo: ____ Nº: ____	Grupo: ____ Nº: ____
( ) 1M (CM <sub>inicial</sub> ≠ CM <sub>final</sub> )				
( ) 2M (CM <sub>inicial</sub> = CM <sub>final</sub> )				
( ) 2M (CM <sub>inicial</sub> ≠ CM <sub>final</sub> )				
( ) 2M (CMs ≠)				
PA:				
OP:				
Mov:				
EF:				
EC:				

Figura 68 – formulário para segmentação paramétrica de ULs e UTs

Sob esse critério de ordenação das mãos, o primeiro passo é classificar todas as ULs em grupos organizados, primeiramente, sob a “quantidade de mãos” (figura 67). Isso significa que a macroestrutura do repertório pode ser dividida em cinco (5) partes destacadas por “dedeiras”. Assim, cada parte corresponde a um grupo de acordo com a ‘quantidade de mãos’ (figura 67).

Essa distribuição não é suficiente para a ordenação, apenas para um primeiro agrupamento. Segue-se a ela, a ordenação paramétrica das CMs. As CMs foram distribuídas em dez (10) grupos, mas para efeito de ordenação paramétrica será considerada a ordem numérica da CM (de 1 a 75) para organizá-la no repertório.

A ordem das CMs não é, entretanto, suficiente para a ordenação das entradas. Outros parâmetros serão necessários, principalmente, quando as CMs das ULs a serem ordenadas forem idênticas. O segundo parâmetro a ser analisado no caso de CMs idênticas será o da OP. Segue-se a esse critério, o parâmetro de locação, o PA, o Mov, as EFs e, por último, as ECs. Entretanto, na maioria das ULs ordenadas, conseguem organizar-se antes de chegar ao parâmetro das EFs e das ECs. Essas são necessárias quando em contexto de pares mínimos cujo único traço distintivo entre uma UL e outra é a EF ou a EC.

Inserir a UL ‘cirurgia’ (TESOURA<sub>LOC</sub>) em repertório organizado apenas sob critérios semasiológicos pode trazer dificuldade ao consulente, pois cada tipo de intervenção cirúrgica é articulado em local diferente, fato que desagrupa todas as unidades de mesmo campo semântico. O mesmo acontece com ‘escovar’: o carro, o chão, o cachorro, os dentes, a roupa etc.

Nesse sentido, outra proposta é defendida neste estudo. Ela aponta um caminho para a organização onomasiológica. Essa proposta pode ser considerada para organizar repertórios terminológicos nos quais se queira privilegiar a organização temática das UTs construídas sobre morfema-base, pertencentes a mesmo campo semântico. Nesse caso, os dois critérios, o onomasiológico e o semasiológico podem atuar simultaneamente. Nesse caso, as UTs com morfema-base podem ser organizadas a partir da CM da mão-passiva e não a partir da CM da mão-ativa que seria a forma de ordenação prototípica para repertórios com LSB.

A primeira grande diferença de distribuição de um repertório onomasiológico ou ‘semi-onomasiológico’ para um repertório puramente semasiológico é que o repertório

onomasiológico não pode separar as ULs por quantidade de mãos, senão os agrupamentos semânticos de desmancham.

Essa organização acarreta um agrupamento semântico de UTs constituídas de mesmo morfema-base. Essas entidades morfológicas também seguem a ordem paramétrica. Muda-se apenas a mão de referência que, em vez de a CM por *default* ser representada pela mão-ativa, em decorrência de ser a mais prototípica, será representada por *default* pela mão-passiva, que é a CM que determina, grande parte das vezes, o campo semântico.

Se o critério de ordenação for onomasiológico para campos semânticos metafóricos, por exemplo, com metáforas orientacionais, a organização deve ser dada, por exemplo, pela locação. Há distintas possibilidades de ordenação dos repertórios como pode ser visto nas subseções seguintes.

#### 3.4.3.1. *Para organização de repertório sob critério puramente semasiológico*

Para essa proposta, o repertório deve ser dividido em cinco (5) partes que se referem às 5 distribuições para a quantidade de mãos. A partir de termos articulados com uma mão – inevitavelmente, aquela de formação morfológica mais primitiva, com uma mão (esgotar todas as variáveis). Em segundo lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos com mesma CM (esgotar todas as variáveis). Em terceiro lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos simétricas iniciadas por uma CM e finalizadas por outra CM. E, por fim, termos articulados com as duas mãos com CMs distintas (esgotar todas as variáveis). Leva-se em consideração, para a ordenação das CMs, a CM inicial da mão direita (estabelecida, por *default*, como sendo a da mão-ativa) para a determinação da seqüência das entradas estabelecida, nessa etapa de análise paramétrica, pela ordem numérica do *continuum* das CMs.

#### 3.4.3.2. *Organização de repertório sob critério onomasiológico e semasiológico*

Os verbetes são organizados por agrupamento. O primeiro critério é, então, o de agrupamento. Assim, exemplifica-se com praticamente a mesma seqüência sugerida no capítulo 1:

1ª parte: sinais com uma mão e mesma CM inicial e final (LÍNGUA)



2ª parte: sinais com uma mão e que mudam de CM (C-L)



3ª parte: sinais com duas mãos e mesma CM inicial e final (LINGUAGEM)



4ª parte: sinais com duas mãos e mesma CM inicial, mas que muda a CM final (LINGÜÍSTICA)



5ª parte: sinais com duas mãos e CM diferentes (nesse caso, a mão base será a responsável pela CM de referência para a ordenação (SINAL DE CM)

Segue a apresentação do *default* para a organização de repertórios lexicográficos com LSB, sob a proposta apresentada:

- (b) Apesar de a LSB poder ser articulada ativamente por ambas as mãos de um mesmo interlocutor, independentemente da lateralidade dele, e, considerando-se ser mais prototípica a lateralidade direita, a proposta sugere que todos os sinais inventariados nos repertórios sejam articulados com a mão-ativa como sendo a mão direita.

Todos os itens devem ser articulados com a mão-ativa, tomando-se como prototípica a mão direita.

- (c) Todos os verbos com-concordância, os CLs (cujas representações equivalem a ULs da LSB) e todas as marcações direcionais, impressas, devem ser representadas nos repertórios lexicográficos, neutralizadas, com articulação para frente na direção enunciador-interlocutor, da primeira para a segunda pessoa:

1p → 2p

- (d) Verbos e nomes com representação mórfica e semântica idênticas serão apresentados no mesmo verbete. O verbo virá na entrada e o nome virá como subentrada polissêmica, no mesmo verbete. Esse critério leva em consideração o fato de que os nomes têm movimento repetido e curto e os verbos têm movimento mais longo e único. Entende-se a forma verbal como forma mais básica que a formação nominal e, por isso, foi eleita como a forma de entrada do verbete;
- (e) Em termos de número, a entrada do verbete estará sempre no singular. A formação no plural será representada dentro do verbete.
- (f) Sinais que são simetricamente articulados com as duas mãos, mas que, pragmaticamente podem ser articulados com uma única mão, aparecerão no verbete na sua forma completa (com as duas mãos).
- (g) Palavras inteiras com datilologia devem ser inseridas nos repertórios lexicográficos, em seção à parte, no final. A ordenação delas obedecerá aos critérios semasiológicos de ordenação paramétrica das CMs. Como o repertório estará organizado em LSB, a ordem alfabética da língua oral não será critério de ordenação. Deve-se aplicar os critérios semasiológicos para ordenação de entradas com LSB.
- (h) As ULs, em LSB, articuladas sem a CM serão ordenadas de acordo com a ordem estabelecida para o parâmetro que tiver na composição delas. Na seqüência de um repertório lexicográfico, elas virão após a última CM ordenada, mas antes da datilologia, porque são menos prototípicas.

### 3.4.3.3. *Organização de repertório sob critério onomasiológico: ordem prototípica*

A seleção lexical também pode ser prototipicamente orientada. Como um repertório apresentaria a designação para lapiseira e não a designação para lápis? A designação para compasso e não a designação para borracha? Esse critério já é informalmente seguido, mas se for explicitado, pode contribuir para a organização, inclusive de repertórios para níveis mais avançados. Por exemplo, um repertório temático visual para crianças pede uma relação de brinquedos, entre os quais uma bola, um carrinho, uma boneca, enquanto um repertório temático visual para adultos pede uma relação de esportes.

### 3.5. *Segundo Plano: propostas para fins educacionais*

Como já anunciado, esta pesquisa sustenta que, para repertórios com língua de sinais, qualquer que seja a proposta a ser elaborada, o critério básico de ordenação deve, sempre, seguir um *continuum* estabelecido pelos graus de prototipicidade. Tudo o que for mais prototípico deve ser inserido antes do que for menos prototípico. É a partir desse critério que os outros *continua* se estabelecem.

E para atender uma demanda educacional diversificada e voltada a contextos com estudantes surdos, as propostas apresentadas levam em consideração diferentes modelos de repertórios passíveis de aplicação em contextos educacionais mediados unicamente pela LSB ou pela interface da LSB com a LP.

Uma estratégia de organização de propostas lexicográficas com fins educacionais pode envolver repertórios com imagens. A respeito deste tipo de repertório, é preciso mencionar o rigor necessário para a seleção das imagens e da representação que ele pode apresentar. Que cuidados são necessários quando se quer transmitir informações e conceitos por imagens? O que significa um repertório visual? Qualquer imagem é elucidativa o suficiente para transmitir “significados”?

Principalmente pelo fato de os Surdos experimentarem o mundo preponderantemente pela visão, as estratégias de representação visual são extremamente importantes no processo educacional e na recepção da informação. Por isso, fala-se muito em pedagogia visual. Há uma saudável e forte tendência para se explorar estratégias visuais para transmitir conceitos, mais, até, que por definições. A questão da representação do significado por imagens,

entretanto, não é simples e, por isso, ainda que a inserção de imagens em repertórios lexicográficos seja importante, inspira cuidados.

Deve-se ter muita cautela com a seleção das imagens. Uma imagem que contém muitas informações pode deturpar o conceito que se pretende demonstrar. Muitas imagens são importantes e elucidativas, mas nem sempre transmitem conceitos plenos.

McLeary<sup>352</sup> explica que há um grande risco de generalização do modelo. Para Taylor (2002:42) *‘um problema com imagens (...) é que elas são ao mesmo tempo específicas demais e gerais demais’*. A famosa imagem da árvore, no trabalho de Saussure, “é muito específica para ilustrar o conceito [árvore], porque representa só *uma* espécie de árvore, de *uma* perspectiva e distância; não mostra os ramos e as folhas; não mostra as raízes; não mostra a dureza da madeira e a capacidade da árvore de mexer ao vento; não mostra o tamanho, ou a idade da árvore; não mostra a textura do tronco; não mostra a árvore no inverno, sem folhas; não dá idéia de que árvore pode ser uma árvore de natal, ou uma araucária, ou uma palmeira, ou uma árvore sintática, ou uma árvore genealógica. Para compreender o conceito [árvore], é preciso identificar todos os elementos que compõem o conceito de árvore”. McLeary ressaltou, ainda, que “uma pessoa extremamente ‘visual’ pode perceber mais *detalhes* numa imagem, mas isso pode até atrapalhar focalizar *naqueles aspectos da imagem* que são pertinentes ao conceito sendo supostamente ilustrado”. Assim, McLeary destaca que cognição está relacionada ao ‘cérebro’, mas esse é apenas um dos aspectos do conceito de [cognição], que abrange a percepção, a abstração, a esquematização, a categorização, o reconhecimento de padrões (*gestalt*), o cálculo de probabilidades e muito mais. Isso significa que ilustrar ‘cognição’ com a figura de um ‘cérebro’ é reducionista.

A título de aplicação das propostas teóricas apresentadas, optou-se por confeccionar dois modelos diferentes para repertórios, a saber: (a) um glossário didático visual de classificadores em LSB, com ordem onomasiológica e (b) um glossário terminológico (terminologia lingüística) didático, com equivalentes, com ordem semasiológica.

---

<sup>352</sup> Contribuiu para essa reflexão, um debate no fórum de discussão dos tutores, no AVEA do curso Letras-Libras, promovido, em 2007, pelo Professor Leland McLeary, coordenador do pólo da USP.

### 3.5.1. O protótipo de “Glossário Didático Visual de CLs em LSB

Um repertório lexicográfico didático<sup>353</sup>, além de propiciar o acesso à informação de forma didática, traz estratégias e sugestões de atividades. Foi o que se tentou fazer ao propor o GLOSSÁRIO DIDÁTICO VISUAL DE CLASSIFICADORES EM LSB.

Após decidir qual protótipo seria elaborado, foram definidos vários pontos entre os quais: Quem seria responsável pela produção do DVD? Que software seria usado? Quem daria o apoio técnico? Em que estúdio as imagens seriam gravadas? Que equipamentos seriam necessários? Qual o *design* da capa do DVD? Que botões e comandos seriam incluídos na barra de ferramentas para facilitar a navegação no DVD? Que fonte, que tamanho e em que disposição seriam incluídas as legendas? Onde entraria o gerador de caracteres etc. Com base nas definições, foi elaborado um roteiro para a organização do DVD<sup>354</sup> e, em seguida, montou-se um banco de imagens para, a partir dele, serem selecionadas as imagens que foram incluídas no protótipo. Construiu-se, também, o esquema apresentado na figura 69 para visualizar a organização interna do DVD.

#### QUADROS PARA ORGANIZAÇÃO DO DVD

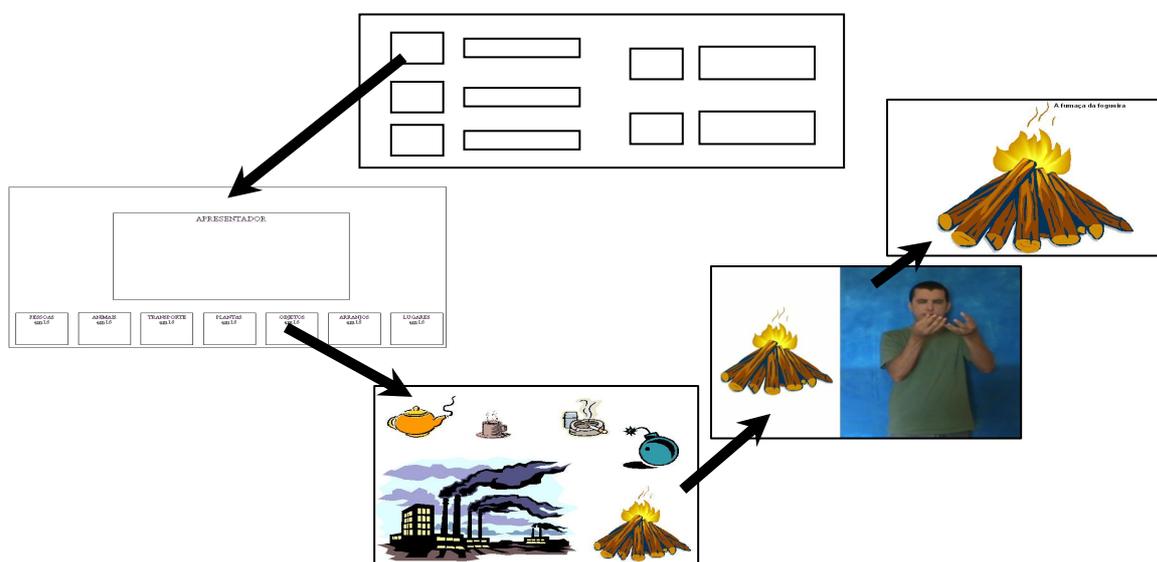


Figura 69 – Esquema para elaboração do glossário de CL<sup>355</sup>

<sup>353</sup> Alguns pesquisadores consideram sinônimos um repertório didático e um repertório pedagógico.

<sup>354</sup> O roteiro elaborado para esse protótipo tomou como base os roteiros preparados para os DVDs do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, com sede na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>355</sup> As imagens ilustrativas dos objetos foram extraídas de clip-arts baixados na web e os vídeos foram gravados por Messias Ramos Costa, colaborador.

As definições do protótipo apresentado encontram-se registradas ao final do roteiro para a confecção do DVD. O roteiro elaborado foi com todos os passos a serem seguidos para a elaboração do protótipo do glossário, inclusive, a seqüência das cenas a serem incluídas e das gravações que seriam (e foram) feitas. Todos os detalhes a respeito desse glossário encontram-se no anexo XXVI, o roteiro; no anexo XXVII, o banco de imagens; no apêndice II que apresenta a estrutura do Glossário e no apêndice III que apresenta o próprio DVD. De forma bem sintética, seguem os passos para a elaboração do Glossário didático visual de CL em LSB:

1º: *delimitação da natureza do repertório:*

A delimitação da natureza do repertório é essencial para se definir o que será feito. Pretendeu-se confeccionar um repertório com as seguintes características:

- a. Tipo de repertório: visual
- b. Tema do repertório: Classificadores
- c. Meio de divulgação: versão em DVD
- d. Representação da LSB: por vídeo.
- e. Verbetes com “equivalente” em português.

O que caracteriza o modelo de repertório lexicográfico apresentado como específico para o ensino de português como segunda língua?

- a forma de organização do verbete tenta reproduzir estruturas, simples, da língua portuguesa relacionadas à ilustração. Apresentam-se frases que tentam representar o que se vê na ilustração. Não é um repertório para um aprendiz que nunca viu LP. É um repertório para um aprendiz que está entre o nível básico e o nível intermediário de estudo da LP.

- a apresentação de todos os substantivos acompanhados de artigo definido e / ou indefinido.

- Embora o DVD não apresente informação de uso da língua, ele apresenta as opções que podem ser trabalhadas, por exemplo, pelo professor em sala de aula.

- a inserção de artigos definidos e indefinidos para apresentar o gênero ao consulente aprendiz de português como L2.

## 2º seleção de imagens:

- Essa proposta contraria o paradigma de que as imagens são escolhidas para ilustrarem dados lingüísticos. O *corpus* selecionado para o glossário foi um *corpus* visual. A estratégia utilizada foi inversa. Em vez de selecionar as imagens para um dado *corpus* lingüístico, fez-se o seguinte. Decidiu-se que seria apresentado um repertório com CLs. para serem explicadas lingüisticamente.

### 3.5.2. O protótipo do Glossário Terminológico na área da Lingüística

Foi elaborado um protótipo de glossário terminológico a partir da ordenação paramétrica proposta por esta pesquisa. Esse protótipo está organizado em ordem onomasiológica, apenas com equivalentes. A figura 70 apresenta a seqüência das trinta e cinco (35) UTs organizadas no glossário de termos da Lingüística, inserido no apêndice I. Essa versão tem como objetivo uma apresentação de um glossário em versão impressa.

ADJETIVO	LÍNGUA 1 ver: língua 2	PREPOSIÇÃO
ARGUMENTAÇÃO	LÍNGUA 2 ver: língua 1	PRONOME
CLASSIFICADOR	LINGUAGEM	REDAÇÃO
COMPOSIÇÃO	LINGÜÍSTICA	SIGNIFICADO 1 ver: significado 2
CONFIGURAÇÃO DE MÃOS	MORFOLOGIA	SIGNIFICADO 2 ver: significado 1
PARÂMETROS	MOVIMENTO	SINÓNIMO (Recife)
CONSOANTE	METÁFORA	SINTAXE
DERIVAÇÃO	NUMERAL	SOCIOLINGÜÍSTICA
DICIONÁRIO	ORIENTAÇÃO DA PALMA	SUBSTANTIVO
EXPRESSION CORPORAL	PALAVRA	UNIDADE LEXICAL COMPLEXA
EXPRESSION FACIAL	PONTOS DE ARTICULAÇÃO	VERBO
FONÉTICA		VOGAL
FONOLOGIA		

Figura 70 – Termos selecionados para o Glossário

### 3.6. Outras considerações

A delimitação e a tomada de decisão são cruciais ao sucesso da obra a ser elaborada e, por isso, partem do entendimento de algumas questões como as que se seguem: (a) o que se quer fazer? (b) para quem se quer fazer? (c) para atender a que necessidade? E, por fim, (d) como deve ser feito?

Esta pesquisa apresenta propostas, não engessadas, para servirem de referência, à elaboração de repertórios lexicográficos e terminográficos, como recursos didáticos que propiciem o acesso dos Surdos ao conhecimento científico. Por isso, os modelos propostos não são apresentados como única opção, mas são apresentados como pontos de referência para a organização dos repertórios com LSB.

A representação de repertórios lexicográficos e de repertórios terminográficos é muito semelhante; ambos podem ser organizados tanto semasiologicamente quanto onomasiologicamente. A organização onomasiológica temática de dado repertório pode, por exemplo, ser suborganizada por critérios prototípicos ou por critérios semasiológicos.

Apresentaram-se, enfim, três propostas: i) uma proposta lexicográfica teórica por ordenação paramétrica (semasiológica); ii) uma proposta terminográfica teórica por ordenação paramétrica (semasiológica e onomasiológica e iii) uma proposta lexicográfica teórica por ordenação prototípica (onomasiológica).

No próximo capítulo, as considerações finais para a conclusão desta etapa da pesquisa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS e PERSPECTIVAS FUTURAS**

---

### *O que fica?*

Em síntese, com base nos estudos sobre a denominação de categorias, de terminologias e dos classificadores foram apresentadas três propostas: i) uma proposta lexicográfica teórica por ordenação paramétrica (semasiológica); ii) uma proposta terminográfica teórica por ordenação paramétrica (semasiológica e onomasiológica e iii) uma proposta lexicográfica teórica por ordenação prototípica (onomasiológica)

Os modelos propostos estão configurados para distintas realidades, distintas necessidades e distintas possibilidades. Esses modelos não estão fechados; apenas apontam direções possíveis entre tantas outras direções que uma proposta lexicográfica e terminográfica pode tomar a fim de se chegar a distintos produtos lexicográficos, para distintos consulentes falantes de LSB; e que possa ser usado em distintos contextos, especialmente os educacionais e aqueles que envolvem o contato com a LP e o ensino dela como segunda língua.

O próximo passo é a efetiva construção dos produtos lexicográficos que possam ser eficientes e eficazes à utilização daqueles para quem são dirigidos, ou seja, para alguns daqueles a quem esta tese foi dedicada: para todos os falantes de LS! Aqueles que nasceram Surdos, aqueles que ficaram Surdos, aqueles que têm parentes Surdos, aqueles que são a voz dos Surdos, aqueles simpatizantes dos Surdos e da LSB.

Acredita-se que, enfim, apesar de se tratar de um estudo ainda embrionário, leva a perspectivas futuras. Muitos caminhos foram abertos. Entre eles, o de aprofundar a pesquisa a respeito da categorização que os surdos fazem do mundo por meio de estudos cognitivos e comportamentais, com a possibilidade de estender ao entendimento do processamento cerebral dos surdos, não na perspectiva de adaptações ouvintistas aos Surdos, mas da perspectiva do Surdo. Para isso, é preciso compor grupos de pesquisa dos quais participem pesquisadores Surdos. A parceria com o Instituto de Ciências e Saúde da Universidade Católica Portuguesa é um começo para a ampliação desse estudo na vertente não mais de uma única língua de sinais, mas na vertente de duas línguas de sinais, o que pode, mais tarde, levar à ampliação com o acréscimo de outras línguas de sinais.

Essa tese deixa contribuições: (a) para a compreensão da cultura escrita; (b) para a apropriação do sistema da escrita da LSB; (c) para a prática de leitura e escrita em qualquer uma das línguas em foco: LSB ou LP; (d) para a prática de análise e reflexão sobre a língua e a linguagem e, por fim, (e) para a construção da cidadania.

### *O que falta?*

Seria excelente se essa tese tivesse sido concluída com um dicionário, mas talvez não tivesse sido suficientemente entendida e estudada a macro e a microestrutura necessária para concretizá-lo. Muito havia e ainda há que se estudar a respeito da Lexicologia da Língua de Sinais Brasileira para que sejam determinados outros aspectos relevantes que levem a sua aplicação num produto lexicográfico. Para o momento era mais que necessário estudar o léxico e delimitar alguns modelos.

### *O paradigma teórico do ponto de vista ético e êmico*

Atualmente as línguas de sinais vêm sendo mais e mais estudadas. Alimenta-se a expectativa de que, num futuro próximo, as gramáticas das línguas de sinais estejam mais sistematizadas de maneira que os repertórios léxico-terminográficos com línguas de sinais possam ser recheados com essas contribuições e sejam favorecidos com a possibilidade de inserção de verbetes com informações gramaticais tão completas como as que podem ser inseridas em repertórios elaborados com línguas orais.

As análises existentes, mesmo em ASL, até hoje, baseiam-se fundamentalmente nas teorias construídas para atender o paradigma das LOs. Essa característica não é negativa em se tratando da possibilidade de se atestar a existência de universais lingüísticos, uma vez que, de certa maneira, as teorias existentes respondem, satisfatoriamente, as análises propostas.

O contraste da LS com os estudos das LOs tem atendido essa demanda. Além disso, é aconselhável que, pelo menos em princípio, não seja criada uma teoria lingüística totalmente nova e independente dos parâmetros definidos para as LOs. Saussure quando defendeu o estatuto de ciências para a linguagem, teve de voltar suas lentes de pesquisador

para a parte mais rígida e mais objetiva da linguagem. Com sutis adaptações, Stokoe fez o mesmo com a ASL ao defender o *status* de língua para as LS.

O caminho percorrido para a pesquisa apresentada nesta tese foi praticamente o mesmo: os processos de expansão terminológica da LSB foram analisados com base nos estudos das LOs e nos estudos que já foram feitos sobre as LS. Foram levantadas hipóteses que ora convergiram, ora divergiram nessa comparação, sem contradizê-la.

Espera-se que o *feeling* dos falantes nativos de LS possa enriquecer o paradigma lingüístico estudado. A consciência desse processo pelos surdos, falantes de línguas de sinais, então, não se limita à expansão terminológica, mas também à reflexão lingüística que surge em espaços de abertura e discussão de ambas as comunidades: aquela que tem a língua de sinais internalizada e cuja atitude científica assume uma postura que caminha do êmico para o ético e aquela que está em processo de internalização da LS e cuja atitude científica assume uma postura que caminha no sentido oposto, do ético para o êmico, que é o caso dos pesquisadores ouvintes cuja língua primeira é uma LO.

Avante o estudo contrastivo entre as línguas! Esse nunca será desprezado. Independentemente do paradigma que se siga para análise, esse é o ponto de partida, pois pode tratar a LS especificando-lhe aquilo que é semelhante com as línguas orais e aquilo que é particular às línguas de sinais.

#### *Um observatório de Neologia em LSB*

Para o momento, urge institucionalizar um observatório de neologia em LSB, conforme sugerido nas primícias do trabalho de campo apresentado no anexo X, esta pode ser uma proposta eficiente para a sistematização, divulgação e, de certa forma, para a padronização da terminologia em LSB, em franca expansão, em todo o território brasileiro. Quem sabe, em breve, será possível acessar o banco de dados terminológico do observatório da LSB que poderá ser chamado de Neo\_LSB; NeLSB, quem sabe, NEOLIBRAS ou outro nome mais apropriadamente eleito pela Comunidade Surda brasileira?

*Palavras de gente visionária*

Não tenho conhecimentos de processamento de dados, nem de programação computadorizada suficientes para a concretização de um sonho que tive durante a realização dessa tese, mas não pude deixar de dar asas a ele, pois acredito que o mundo progride e avança porque existem nele pessoas visionárias. E ser visionário com a educação é, na minha opinião, bastante saudável. Trata-se de uma proposta viável, possível e até fácil de ser concretizada, apesar de os cientistas das áreas tecnológicas terem de dar sua contribuição para executá-la. Fazer uma boneca repetir uma gravação de voz é tarefa relativamente fácil para os engenheiros das indústrias de brinquedo do mundo de hoje. A Lingüística pouco entraria nessa área, pois se trata apenas de reprodução de uma gravação. Cada dia, porém, os pesquisadores sobre a inteligência artificial aproximam-se mais e mais da linguagem humana de forma a poderem criar tecnologias que se aproximam mais e mais da tradução, por exemplo. Por isso, criar um brinquedo educativo bilíngüe, um avatar não virtual, não é, hoje, mais uma tarefa impossível. Imagine um(a) boneco(a) robô dicionário bilíngüe que receberá a informação em LP e que dará um feedback em Língua de Sinais! Não seria fantástico? Em um controle remoto teremos uma unidade composta de teclas com letras do alfabeto e um visor. Ao ser digitada uma palavra, o(a) boneco(a) robô dirá o seu equivalente em língua de sinais, com todos os parâmetros acionados, inclusive as ENMs! Hoje, só um sonho, mas não quero sonhá-lo sozinha. Por isso, fica meu convite para que você sonhe comigo. Daí as chances serão maiores de, hoje, termos apenas um sonho e amanhã, termos uma realidade.

## BIBLIOGRAFIA<sup>356</sup>

---

### *Livros, Artigos, Dissertações e Teses*

ALLAN, Keith. **Classifiers**. *Language*, 53, n°2, Washington-DC: Linguistic Society of America, june - 1977, p.285-311.

ÁLVAREZ-LUGRÍS, Alberto. **Os falsos amigos da tradução: criterios de estudio e clasificación**. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 1997, 160 p.

AMARAL, Maria Augusta; COUTINHO, Amândio; MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**, Coleção universitária. Série Lingüística, Lisboa: Caminho, 1994.

ASSUMPCÃO Jr., Antônio Pio de. **Dinâmica léxica portuguesa**. RJ: Presença, 1986.

BARBOSA, Maria Aparecida **Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo**, 3ª ed., v.1, SP: Editora Plêiade, 1996, 320 p.

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. SP: Editora da USP, 2004. Acadêmica: 54.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. SP: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoria lexical**. SP: Editora Ática, 1987.

BATTISON, Robbin M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, 1978.

BELLUGI, Ursula; NEWKIRK, Don. Formal devices for creating new signs in American Sign Language. In: **Sign Language Research**, vol 30, W.D.C.: Gallaudet University, spring, 1981.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. ver. e ampl. 15ª reimpr., RJ: Lucerna, 2005, 672p., ISBN: 85-86930-05-9.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. SP: UNESP, 2003.

BRASIL. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de dicionários de língua portuguesa para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/ Ministério da Educação / Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação / Secretaria de Educação Básica**, 2006.

---

<sup>356</sup> Conforme mencionado na introdução da tese, a bibliografia da pesquisa está apresentada em quatro seções, respectivamente, a seção com referência a livros, artigos, dissertações e teses consultados; a seção com as referências do acervo lexicográfico em língua portuguesa, espanhol e francês; a seção com as referências do acervo lexicográfico em língua de sinais e a última seção com referências de outros repertórios disponíveis na web.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei n.5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436 de 22/04/02 e o art. 18 da Lei 10.098 de 19/12/00. \_\_\_\_\_. Lei n. 10436 de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS.

\_\_\_\_\_. **Decreto-lei n. 5.296** de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis n. 10.048, de 08/11/2000 e n. 10.098, de 19/12/2000.

\_\_\_\_\_. **Programa Nacional do Livro Didático 2004. Guia de livros didáticos 1ª a 4ª séries**, vol.4: Dicionários, Brasília: MEC, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 10436**, de 22 de abril de 2002. Oficializa a LIBRAS.

\_\_\_\_\_. **Programa Nacional do Livro Didático 2004. Guia de livros didáticos 1ª a 4ª séries**, vol.4: Dicionários, Brasília: MEC, 2003.

BRENNAN, Mary. **Word formation in British Sign Language**. Stockholm: University of Stockholm, 1990.

CABRÉ-CASTELLVI, Maria Teresa; FELIU, Judit. (eds.) **La terminología científico técnica**. Barcelona: IULA, 2001.

\_\_\_\_\_. **La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártida / Empúries, 1993, ISBN: 84-7596-405-2.

CAMARA-Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARNEADO-MORE, Z.V. *Tipologia das obras fraseográficas*. In: **Anuario del Instituto de Lingüística e Literatura**. n.20, La Habana: Editorail Ciencias Sociales, 1989.

CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; MARINHO, Margot Latt. Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngüe de surdos. In: SALLES, Heloisa M. M. Lima (org.) **Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais**, cap.5, GO: Cãnone, 2007, p.119-142, ISBN: 85-87635-53-0.

\_\_\_\_\_. **Lexicografia Bilíngüe Português/Alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições**. Brasília: Thesaurus, 2001, 288p.

CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. London: University of Chicago Press, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente**. Brasília: UnB, 1998.

COLLINOT, A.; MAZIÈRE, F. **Un prêt à parler: le dictionnaire**, coll. (Linguistique nouvelle), 1ª ed., Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 226 p.

CORBIN, D. Entre les mots possibles et les mots existants: les unités lexicales à faible probabilité d'actualisation. In: **Si lexicales**. n° 1, Publication de L'U.R.A. 382 du C.N.R.S. (SILEX) – Université de Lille III, 1997.

CORREA, Rosemeri Bernieri de Souza. A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos, Florianópolis/SC, 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em

Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

CORREIA, Margarita. **Os Dicionários Portugueses**. (coordenação Maria Helena Mira Mateus; Alina Villalva). Coleção: O Essencial sobre Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 2009, ISBN 978-972-21-2028-9.

\_\_\_\_\_; LEMOS, Lúcia San Payo. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri, 2005.

\_\_\_\_\_. **Denominação e construção de palavras: o caso dos nomes de qualidade em português**. **Estudos Linguísticos** n°7, Lisboa: Colibri, 2004.

\_\_\_\_\_. A denominação das qualidades: contributos para a compreensão da estrutura do léxico português. Lisboa, 2000. f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras e Linguística Portuguesa da Faculdade, Universidade de Lisboa.

\_\_\_\_\_. La construction du sens des noms de qualité en portugais – quelques aspects. In: Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva, Porto, Faculdade de Letras do Porto, 1999, pp. 87-99.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. 1ª ed., Barcelona: Editorial Ariel/S.A., 1999.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel *et al.* Emergência de uma terminologia linguística em Língua Gestual Portuguesa. Em: Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, vol. II, Lisboa, 1977. (p. 57-62)

DIK, Simon Cornelis. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1 and 2. Ed. By Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DOUGHTY, Catherine. La negociación del entorno lingüístico de la L2. In: MUÑOZ, Carmen. **Segundas Lenguas: Adquisición en el aula**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2000.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo, 2ª ed., SP: Martins Fontes, 1997.

EMMOREY, Karen. *Perspectives on classifier: constructions in sign languages*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.

ERICKSON, Frederick. **Qualitative Methods – Research in Teaching and Learning**, vol 2, tradução provisória de Stella Maris Bortoni-Ricardo, NY: Collier Macmillan Publishers, 1990.

ESTELITA-BARROS, Mariângela. ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática. Florianópolis/SC, 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

\_\_\_\_\_. Proposta de escrita das Línguas de Sinais. Goiânia, 1997. f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Libras-LP / LP-Libras: os primeiros passos para a elaboração de repertórios terminográficos bilíngües que atendam às necessidades educacionais de aprendizes surdos. In: “Actas del X Simpósio Iberoamericano de

Terminologia – Terminologia, conocimiento, sociedad y poder”, celebrado em Montevideu entre 7 e 10 de novembro de 2006. ISBN: 978-9974-600-33-1.

\_\_\_\_\_. A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos. Brasília, 2003. 335 f. Dissertação (Mestrado em lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. Interface da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (variante falada pela comunidade surda de Brasília) com a Língua Portuguesa e suas implicações no ensino de Português, como segunda língua, para Surdos. In: **Revista Pesquisa Lingüística** – Programa de Pós-Graduação da UnB. Brasília: UnB, 2002.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, Heloisa M.M. Lima (org.) **Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais**. cap. 6. GO: Câne, 2007, p.119-142, ISBN: 85-87635-53-0.

\_\_\_\_\_. Roteiro para a avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos. UnB: LIV/Centro Lexterm, 9 (s.d.).

\_\_\_\_\_. Proposta Metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários: modelos de fichas de terminologia, 2001. UnB: LIV/Centro Lexterm. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 20/05/04.

\_\_\_\_\_. Roteiro para a avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos. Análise de alguns dicionários e glossários produzidos no Brasil. In: Mateus, M. H. e Correia, M **Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos**. Lisboa, Publicações Europa-América, 1996.

\_\_\_\_\_. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília, DF: SIL, 1995.

\_\_\_\_\_. A produção lexicográfica no Brasil e suas finalidades em função do público alvo. In: Actas do Colloque **Le portugais, langue internationale**, La Confédération des organismes portugais du Québec e Le Centre des langues patrimoniales de l'Université de Montréal. Canadá, Université de Montreal, 1994, 13p.

\_\_\_\_\_. La structuration d'un concept néologique *Apreensão de conceitos neológicos / semânticos*. In: **Reflexão**. Campus/Brasília : UnB, 1991.

\_\_\_\_\_. **Lexicologia: a linguagem no noticiário policial: para uma análise estrutural de campos semânticos**. Brasília: Horizonte, 1980.

\_\_\_\_\_. Natureza Epistemológica do lexema e do termo. In: **Estudos Lingüísticos XXIII** / Anais de Seminários do GEL, vol 1, SP: GEL, 1994.

\_\_\_\_\_; ABREU, Sabrina Pereira. (orgs.) **Lingüística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia**. Cooperação internacional: Brasil e Canadá – Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003, 222p.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. Os processos de formação de palavra na Libras. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n.2, p.199-216. jun. 2006, ISSN: 1676-25292.

Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewissue.php?id=8>>. Acesso em: 22/08/07.

\_\_\_\_\_. Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In: **Anais do Congresso Nacional do INES**. RJ: INES, 2002, p.37-58.

\_\_\_\_\_. A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Rio de Janeiro, 1998. 298 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Introdução à Gramática da LIBRAS. In: **Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais**, Série Deficiência Auditiva, vol 3, fascículo 7, Brasília: MEC/SEESP, 1997.

\_\_\_\_\_. O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros. Recife, 1988. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco.

FELTRINI, Gisele Morisson. *Aplicação de modelos qualitativos a educação científica de surdos*. Brasília, 2009. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Dicionário eletrônico. Versão 5.0.40. (3ª. ed., 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI), 2004.

FERREIRA-BRITO, Lucinda et al. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, Depto. Linguística e Filologia, 1995.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**, SP: Artmed, 2002.

FREITAS, Moisés da Silva. Desenvolvimento de interface para dicionário multimídia de Libras destinado a deficientes auditivos. Bsb: Faculdade Brasília. (Monografia de Graduação) Curso de Bacharel em Design de Interfaces Gráficas, 2006.

FRISHBERG, Nancy. 1975. Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sig Language. *Language* 51:696-719.

FROMKIN, Victória; RODMAN, Robert. **Introdução à Linguagem**. Tradução de Isabel Casanova. Coimbra: Almedina, 1993.

FUENTES MORÁN, Maria Teresa. **Gramática en la lexicografía bilingüe**. Tübingen, Niemayer, 1997.

GARCÍA-PALACIOS, Joaquim. La terminología en los diccionarios académicos del nuevo siglo. In: **Siglo XXI y el mundo de habla hispana**. Kioto, Universidad de Estudios Extranjeros de Kioto, 2000, p. 15-40.

\_\_\_\_\_. Entre innovación léxica y diccionario de especialidad: el papel del traductor. In: Adamo, G. y V. Della Valle (eds.) **Innovazione lessicale e terminologie specialistiche nella società del plurilinguismo**, Roma, Accademia dei Lincei (en prensa), 2002.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CRAIG, C. (ed.). **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986, p.77-102.

GOMES, Patrícia Vieira Nunes. O Processo de Aquisição Lexical na Infância e a Metalexigrafia do Dicionário Escolar. Brasília, 2007. f. Tese. (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. Curso: O uso do dicionário em sala de aula no ensino fundamental. Apostila distribuída. CESPE/UnB, 2006.

\_\_\_\_\_. Principio icônico e tratamento lexicográfico: aplicação aos nomes da língua Mundurukú. Brasília, 2000. f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

HALLIDAY, Michael A. K. **An introduction to functional grammar**. New York, Edward Arnold, 1985.

HATIM, B. **Communication across Cultures: Translation Theory and Contrastive Text Linguistics**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997, 240 p.

HARTMANN, R. R. K. **Lexicography: principles and practice**. London, Academic Press, 1983. 228p.

HERNÁNDEZ, Humberto. **Aspectos de lexicografía contemporánea**. Barcelona: Bibliograf. s.d.

HOCKETT, Charles Francis. The origin of speech. **Scientific American**, 203, 88-97, 1960.

HYMES, Dell. On Communicative Competence. In: Pugh *et al.* (org). **Language and Language use**, 89-104. Londre: The Open University Press, 1980.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**, 2ª ed. SP: Contexto, 2003.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, vol. II, Campo Grande, MS: UFMS, 2004.

KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: um estudo longitudinal de uma criança surda. Porto Alegre, 1999. f. Tese. (Doutorado em Lingüística e Letras) – Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica - RS.

KLEIBER, Georges. **La Semántica de los prototipos: categoria y sentido léxico**. Traducción: Antonio Rodríguez Rodríguez. Visor Libros, capítulo cuarto, 1995 (141-174).

\_\_\_\_\_. **La sémantique du prototype: catégories et sens lexical**, 2ª edição – 1999, tiragem – 2004. Paris: PUF (Presses Universitaires de France), 1990, ISBN: 2 13 042837 1.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KOCH, Ingedore Villça. **O texto e a construção dos sentidos**. Coleção: Caminhos da Lingüística. SP: Contexto, 2000.

KRESS, Gunther; VAN-LEEUEWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**, 7ª ed., London & New York: Routledge, 1996/2004.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_; Johnson, Mark. 1980. **Metaphors we live by**. Chicago/ London: The University of Chicago Press.

LARA, Luis Fernando. Término y Cultura: hacia una teoría del término. In: CABRÉ, Maria Teresa. (Org.) **Terminología y modelos culturales**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999, p. 39-60.

LEFFA, Vilson J. (org.) **As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem**. Investigações em Lingüística Aplicada, ALAB. Pelotas: EDUCAT, 2000.

LEHMANN, Alise; MARTIN-BERTHET, Françoise. **Introduction à la lexicologie. Sémantique et morphologie**, coll. «Lettres Sup», Paris, Dunod, XV, 1998, 201 p.

LEIRIA, Isabel. Léxico: aquisição e ensino do português europeu língua não-materna. Lisboa, 2001. f. Tese. (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. London, NY: Cambridge University press, 1983.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. Washington DC: Gallaudet University, 2003.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, Robert. American Sign Language: the phonological base. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. (org.) **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Washington, D.C.: Clerc Books / Gallaudet University Press, 2000.

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. Empréstimo semântico, decalque, retroversão: breve estudo tipológico do empréstimo lingüístico. In: **Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filosofia**, v. 2. RJ: Digraf-UERJ, 1998. Em versão digital - texto: 37. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/anais/anais\\_iicnlf37.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf37.html)>. Acesso em: 12/12/08.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**, p. 20-35. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**- 2ª ed – São Paulo, Cortez, 2001.

MEL'CUK, I. A.; CLAS, A.; POLGUÈRE, A. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Duculot: Universités Francophones, 1995.

MEY, Jacob L. **As vozes da sociedade** – Seminários de Pragmática. Tradução de Ana Cristina de Aguiar. Revisão: Viviane Veras. Coleção Idéias sobre Linguagem. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pragmatics: an introduction**, 2ª ed., USA: Blackwell Publishers Inc., 1993/2001.

MILLER, George Armitage. **The Science of Words**. New York/USA: Scientific American Library. n.º35, 1991. (pp. 121-143).

MINEIRO, Ana; DUARTE, Liliana; CARVALHO, Paulo; TEBÉ, Carlos; CORREIA, Margarita. Aspectos da Polissemia Nominal em Língua Gestual Portuguesa”. In: **Revista Polissema**, vol. 8 Porto/Portugal, 2008.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Terminologia em Língua Gestual Portuguesa: uma necessidade para a tradução? Alguns processos de formação de gestos em Ciências Naturais. Comemorações dos 75 anos do CLUL – Sessão de Estudantes, 2007.

\_\_\_\_\_. **As metáforas que constroem a terminologia náutica portuguesa**. Lisboa: Academia de Marinha, 2007. ISBN: 978-972-781-101-4

\_\_\_\_\_. As palavras importadas do léxico da decoração. Lisboa, 1995. f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). (pp. 88-91).

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Abordagens Funcionalistas. REVISTA LETRA MAGNA. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 03- n.04 - 1º Semestre de 2006. ISSN 1807-5193. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/Abordagens.pdf>>. Acesso em: 26/4/2009.

MOUNIN, Georges. **La dénomination des animux domestiques**: clefs pour la sémantique. Paris, Seghers, 1979, p.130-64.

MUÑOZ, Carmen. **Segundas Lenguas**: adquisición en el aula. Barcelona: Ariel Lingüística, 2000.

NEVES, Maria Helena Moura. **A Gramática funcional**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (orgs.) **As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, 2ª ed, Campo Grande: COMPED/INEP/UFMS, 2001, p. 13-9.

ORTIZ, Maria Luisa Alvarez. *O Mundo da Fraseografia*. In: Acta **Semiotica et Linguistica**, vol. 9, Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística – SBPL, Editora Plêiade, 2002.

OVIEDO, A. **Classifiers in Venezuelan Sign Language**. Hamburgo: Signum, 2004.

\_\_\_\_\_. **A study on classifiers in Venezuelan Sign Language**. Hamburgo, 2002. f. Tese. (doctoral inédita) - Facultad de Lingüística, Universidad de Hamburgo.

PAIVA-BOLÉO, Manuel de. O problema da importação das palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial os francesismos) em português. In: **O Instituto**, vol.CXXVII, tomo II, Coimbra: s/Edit, 1965.

PASTOR, Glória Corpas. Criterios generales de clasificación del universo fraseológico de las lenguas, con ejemplos en español y en inglés. In: EZQUERRA, Manuel Alvar; PASTOR, Gloria Corpas (orgs.) **Diccionarios, frases, palabras**. Universidad de Málaga, 1998, p.157-87.

PEDELTY, L. L. (1987) *Gesture in aphasia*. Ph. D. Diss., Department of Behavioral Sciences, University of Chicago.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Proposta de Curso: signwriting – registro gráfico de línguas de sinais**, Porto Alegre/Brasília, 2006.

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen. **Design de interação: além da interação homem-computador**. Tradução de Viviane Possamai. Porto Alegre/RS: Bookman, 2005.

POLGUÈRE, ALAIN. **Lexicologie et sémantique lexicale**. Canada, Les Presses de l'Université de Montreal, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; CAMPELLO, Ana Regina e Souza; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira Rezende. **Língua Brasileira de Sinais III**. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008, ISBN 978-85-60522-12-5.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RECTOR, Mônica (org.); YUNES, Eliana; LIMEIRA, Eudénise; MELO, Nancy. **Questionário básico de trabalho de campo lingüístico: revisão crítica do Atlas Lingüístico de Antenor Nascentes**. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

RÉE, Jonathan. **I see a voice: deafness, language and the senses: a philosophical history**. New York: Henry Holt and Company, 2000.

REILY, Lucia e REILY, Duncan Alexander. **A igreja monástica e a constituição da língua de sinais e do alfabeto manual**. Vol. 1, Poços de Caldas/MG/Brasil.

REY-DEBOVE, J. **Etude Linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. La Haye / Paris: Mouton, 1971.

ROBERTS, R.P. **Organization of information in a bilingual dictionary entry**. In: Euralex'90 Proceedings. Actas del IV Congreso Internacional, Barcelona: Universidad de Murcia, 1992, p.219-31.

RODDA, Michael; GROVE, Carl. **Language, cognition and deafness**. Lawrence. Erlbaum, Hillsdale, NJ, 1987. 456p. ISBN 89859-877-X.

ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (eds.). **Cognition and categorization**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

SAGER, Juan. **Curso Prático sobre el procesamiento de la terminología**. Madrid, 1993.

SALLES, Heloisa M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. RAMOS, A. A. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol 1 e 2. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC/SEESP, 2003.

\_\_\_\_\_. Projeto: Português como Segunda Língua na Educação Científica de Surdos, Brasília: CAPES, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 22ª ed. SP: Editora Cultrix, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1978.

SIDNEY, I. Landau. *The Art and Craft of Lexicography*. Cambridge University Press, Second Edition. Lexicography: Dictionaries. ISBN: 9780521785129

SILVA, E.J.; FELIPE, Tanya Amara de Souza. Proposta de uma micro-estrutura lexical para elaboração de um dicionário bilíngüe contextualizado Yaathê – Português – 1a. Etapa. In: **Anais do IX Congresso de Iniciação Científica da UPE**, Recife, 1999.

\_\_\_\_\_. Proposta de uma micro-estrutura lexical para elaboração de um dicionário bilíngüe contextualizado Yaathê - Português – 2a. Etapa. In: **Anais do IV Seminário Cientistas para o Terceiro Milênio do UPE**. Recife, 2000.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo, 2005. 114 f. Dissertação. (Mestrado do Curso de Artes Visuais) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.

SUPALLA, Ted. *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in ASL*. San Diego, 1982. f. Doctoral dissertation. University of California, 1982.

SUTTON, Valerie. Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para a língua de sinais. Traduzido e adaptado do inglês/ASL para o Português/Libras por Marianne Stumpf. (Título original: *Lessons in Signwriting: Textbook; Workbook*, second edition, copyright, La Jolla CA – USA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. by The deaf Action Committe for SignWriting, (DAC), 1995, 1997, 1998, 1999). Apoio: Projeto SignNet / CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, 2000.

\_\_\_\_\_. SignWriting. Disponível em: <<http://www.signwriting.org>>. Acesso em: 30/05/2006.

STUMPF, Marianne. Escrita de Sinais I e III. Slides em power point apresentados nas disciplinas Escrita de Sinais I e III, do Curso de Licenciatura em Letras-Libras, 2008.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador. Porto Alegre, 2005. f. Tese. (Doutorado em Informática na Educação) – Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias da Educação (CINTED). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TAYLOR, John R. **Linguistic Categorization**: Oxford textbooks in Linguistic. Third edition. New York: Oxford University Press, 2003. ISBN 0-19-92666-6

\_\_\_\_\_; **Cognitive Grammar**, New York: Oxford University Press, 2002. ISBN: 0-19-870033-4

TEBÉ-SORIANO, Carles. **Els conceptes en la teoria terminògica**: anàlisi i revisió crítica. Barcelona, 1996. 189f. Tese. (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Institut universitari de lingüística aplicada, Universitat Pompeu Fabra.

USÓN, Ricardo Mairal. El componente lexicon em la gramática funcional. In: BUTLER, Christopher; MAIRAL, Ricardo; ARTISTA, Javier Martín; MENDOZA, Francisco J. Ruiz de. **Nuevas perspectivas em Gramática Funcional**. Barcelona: Editorial Ariel/S.A., 1999. cap. 2.

VELASCO, Daniel Garcia. **Funcionalismo y Lingüística**: la gramática funcional de Sc Dik. Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, 2003. ISBN10: 8483173743

VIEIRA, Josenia Antunes et al. **Reflexões sobre a língua portuguesa**: uma abordagem multimodal. RJ: Vozes, 2007, 148p.

VILELA, Virgílio Vasconcelos. Uma ferramenta de organização, aprendizado e produtividade Versão 2.1 - Novembro/2002. Disponível em: <[www.mapasmentais.com.br](http://www.mapasmentais.com.br)>. Acesso em: 14/04/2009.

WELKER, Herbert Andréas. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004, 287 p.

WILSON, John. **Pensar com conceitos**. Tradução de Waldéa Barcellos, (Ferramentas), SP: Martins Fontes, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. vol 10, 5ª edição, Coleção: Os Pensadores, SP: Nova Cultural, 1991.

WILCOX, Phillips P. **Metaphor in American Sign Language**. Program at the University of New Mexico, in Albuquerque, NM, 2000.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. In: **Cognitive Linguistics**. Walter de Gruyter. 15-2, 2004, p.119-147.

\_\_\_\_\_. The Multimedia Dictionary of American Sign Language: Learning Lessons about Language, Technology, and Business, vol. 3, nº4. In: **Sign Language Studies**, Summer 2003.

XAVIER, André Nogueira. Descrição Fonético-Fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras). São Paulo, 2006. 145f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

YAN, Luo. Dos ideogramas (China) às palavras (Brasil): elaboração do primeiro dicionário básico bilíngüe português-chinês. Brasília, 2007. f. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

ZESHAN, Ulrike. Towards a Notion of ‘Word’ in Sign Languages. In: Dixon, Robert M.W.; Alexandra Y. Aikhenwald (eds.): **Word: A cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 153-179.

*Acervo Lexicográfico- em Língua Portuguesa, Espanhol ou Francês*

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. (tradução: Alfredo Bosi) SP: Martins Fontes, 2003.

ALONSO, Marcos Antonio. **Glosario de la terminologia gramatical: unificada por el ministério de educacion y ciência**, 2ª ed., Madrid: Editorial Magisterio Español, 1986, ISBN: 84-265-0342-x..

ASSOCIAÇÃO DE INFORMAÇÃO TERMINOLÓGICA – AIT – (Portugal). Direcção da Associação Portuguesa de Linguística (org.). **Dicionário de Termos Linguísticos**. Projecto de elaboração de um Glossário de Termos Linguísticos. Disponível em: <<http://www.ait.pt/index2.htm>> . Acesso em: 08/05/2006.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. vol. III. 5º edição Brasileira. RJ: Editora Delta, 1964.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. SP: FTD, 1996. Edição atualizada.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. RJ: FENAME, 1998.

CASTRO, Gilberto; CHAMON, Valéria. **Dicionário de Informática**. Tradução da 3ª ed americana. Campus / Rio de Janeiro: Microsoft PRESS, 1998.

CORBEIL, Jean-Claude. **Dicionário Visual – Português Inglês Espanhol**. SP: Special Book Services –SBS – / QA INTERNACIONAL, 2007, p. 624, ISBN: 9788575830994.

\_\_\_\_\_; ARCHAMBAULT, Ariane. **Dictionnaire le Visuel Junior français-anglais**. Canadá: Les Éditions Québec Amérique inc. Édition Originale, 1993, ISBN: 2-89037-763-6.

DELAZERI, Jaci José et al. **Meu primeiro dicionário**. RS: Edelbra, s/d.

DUBOIS, Jean e outros. **Dicionário de Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. *Dicionário eletrônico*. Versão 5.0.40, 3ª. ed., 1ª. impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mini Aurélio século XXI**. Escolar. 4 ed. *rev. e ampl.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Novo Aurélio Século XXI**. 3.ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Houaiss e Mauro de Salles Villar. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, RJ: Objetiva Ltda, versão 1.0, dez 2001.

\_\_\_\_\_. American Sign Language compound formation processes, lexicalization and phonological remnants. **Natural Language and Linguistic Theory** 4, 1986. 445-513.

PAVEL, Sílvia; NOLET, Diane. **Manual de Terminologia**. Adaptação para a língua portuguesa por Enilde Faulstich. Bureau de la traduction. Direção de Terminologia e Normalização. Departamento de tradução do governo Canadense, 2002, ISBN 0-660-61616-5.

PORTUGAL. Portaria 1488/2004. In: **Diário da República I**, série-B, nº 300. Ministério da Educação. (24/12/2004). Disponível em: <[http://www.spzn.pt/index.php?op=generico&id\\_sel=982](http://www.spzn.pt/index.php?op=generico&id_sel=982)>. Acesso em: 3/11/2007.

\_\_\_\_\_. Portaria 476/2007. In: **Diário da República**, 1.a série, nº. Ministério da Educação. (18/04/2007). Disponível em: <<http://www.dre.pt/pdf1sdip/2007/04/07600/24672468.PDF>>. Acesso em: 03/11/2007.

SOUSA, Maurício de. **Dicionário de inglês**: Turma da Mônica. SP: FTD, 2001.

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Tradução de Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva, SP: Contexto, 2004.

Lingüística. Disponível em: <<http://www.Lingüística.pt/Repertorio/zavaglio99.rtf>>. Acesso em: 22/12/2007

Disponível em: <<http://pt.wiktionary.org/wiki/thesaurus>>

Acesso em: 22/12/2007

Disponível em: <<http://www.thesaurus.eti.br/saber-origem.html>>

Acesso em: 22/12/2007

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lexicografia>>

Acesso em: 22/12/2007

Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/rgenero/teg/tesauro.html>>

Acesso em: 22/12/2007

*Acervo Lexicográfico em Língua de Sinais*

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ampliação do léxico da libras na área educacional:** classes gramaticais e escolas literárias. Disponível em: <<http://www.institutasantateresinha.org.br/Gram%E1tica%20libras.htm>>. Acesso em: 20/02/2006.

ALISEDO, Graciela *et al.* **Dicionário Bilingüe de Lengua de Señas Uruguaya/Español.** Montevideo: Mastergraf SRL, 2007.

ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi de. **Atividades Ilustradas em Sinais da Libras.** RJ: Revinter, 2004. ISBN 85-7309806-6.

AUSTIN, Gilbert. **Cheronomia.** Inglaterra, 1806. plate 9.

BACON, Albert M. **Manual of gestures,** 1875.

BRASIL. Fundação Catarinense de Educação Especial. Vocabulário em Língua de Sinais: Kit orientação ao professor / Fundação Catarinense de Educação Especial, Centro de Estudos ao Atendimento da Deficiência Sensorial – Florianópolis: FCEE, 2001, 36p.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado do Governo e Gestão Estratégica. **Dicionário de LIBRAS Ilustrado.** São Paulo: GESP /Acessa São Paulo, 2002. Disponível em: [www.saopaulo.sp.gov.br/hotsite/libras](http://www.saopaulo.sp.gov.br/hotsite/libras) e em CD-Rom.

BUTTERWORTH, Rod R.; FLODIN, Mickey. **The Pocket Dictionary of Signing** (s./d.)

\_\_\_\_\_. **The Perigee Visual Dictionary of Signing: an A to Z guide.** N.Y.: Putnam, 1983 ISBN: 0399508635

CARVALHO, Ilza Silva de; CASTRO, Alberto Rainha de. **Comunicação por Língua Brasileira de Sinais.** 2ª ed. DF: Editora SENAC, 2007, 272 p., ISBN: 85-98694-11-8.

CAPOVILLA, Fernando C.; DUDUCHI, Marcelo; RAPHAEL, Walkiria D.; LUZ, Renato D., ROZADOS, Daniela. Enciclopédia digital da Língua de Sinais Brasileira e sistemas de indexação e busca de sinais baseadas em menus quirêmicos. In: **Revista Espaço.** RJ: INES, jul 2002 Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/espaco17/Atualidade.pdf>>. Acesso em: 7/04/2009.

\_\_\_\_\_; RAPHAEL, Walkiria Duarte (2001a e b). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira - Libras.** Volume I: Sinais de A a L (pp. 1-834) / Volume II: Sinais de M a Z (pp. 835-1620). SP: Edusp, 2001.

CLAUDE, O; PROCTOR, Tony L.; Mc Gregor, Ntc's **Multilingual Dictionary of American Sign Language.** McGraw-Hill, 1995. 767p. ISBN: 0844207322.

COELHO, Rosangela Alves *et al.* *Glossário* In: **Branca de Neve em língua de sinais.** Copyright Brinquelibras LTDA, Gráfica Elshaddai, 2001-2005.

COSTELLO, Elaine *et al.* **Random House American Sign Language Dictionary.** New York, NY: Random House, 1994.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo (org.) **Língua de Sinais Brasileira no contexto do ensino superior**: termos técnico-científicos. Uberlândia/MG: Hebron, 2005, ISBN: 85-99765-02-7.

Dicionário eletrônico **INTELEX**: Proyecto LAO (Logopedia assistida por ordenador). Fundación ONCE/ APANDA/ MEC (s.d.)

ENSMINGER, Judy. **Comunicando com as mãos**. Piracicaba / SP: Shekinah, 1987.

FENEIS-RS. **Mini-Dicionário**. (Kit Libras é Legal!) Projeto Patrocinado pela PETROBRAS, 2005.

FELIPE, Tanya Amara SOUZA; LIRA, Guilherme de Azambuja. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Versão 2.0. Rio de Janeiro: CORDE/SEDH/Acessibilidade Brasil, 2005 (Também disponível *online* no site: <http://www.acessobrasil.org.br> e no site: <http://www.ines.org.br>).

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais**. Versão 1.0, Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Especial – SEESP/INES, 2003.

\_\_\_\_\_; MONTEIRO, Myrna Salerno. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Há edições revistas e atualizadas. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.

FLODIN, M. **Signing Is fun**: a child's Introduction to the basis of Sign Language, 1995.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. RJ: Typographia Universal de E.; H. Laemmert, 1875.

GÓMEZ, Eva Maria Rondoni (org.). **Vocabulari específic de llengua de signes catalana (LSC)**: àrees del coneixement del medi: natural I ciències de la naturalesa. Barcelona: Domad, 2002, ISBN: 84-932511-4-3.

HUMPHRIES, Tom; PADDEN, Carol; O'Rourke, Terrence J. **A Basic Course in American Sign Language**. second edition copyright. Illustrated by Frank A. Paul. T.J. Publishers, 1994, ISBN 0-932666-42-6.

\_\_\_\_\_. **Learning American Sign Language**. LC Collection (Library of Congress), Prentice Hall, 1992. ISBN 0135285712. 350p.

KOJIMA, Catarina K.; SEGALA, Sueli R. **Revista Língua de Sinais**: a imagem do Pensamento, ano 1, nº 1-10, SP: Editora Escala, 2000.

OATES, Eugênio. **Linguagem das Mãos**. Aparecida, SP: Santuário, 1983/1992, 326p.

PORTUGAL. Secretaria Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência. **Gestuário**: Língua Gestual Portuguesa, colecção: Livros SNR, 5ª ed., Lisboa: Graforim Artes Gráficas, Ltda., 2001, ISBN: 972-9301-28-X.

PORTUGAL. **Dicionário em Língua Gestual Portuguesa**. Programa Nónio, Século XXI. Disponível em: <[http://lgp.fl.ul.pt/software/ENCICLOPEDIA\\_MULTIMEDIA](http://lgp.fl.ul.pt/software/ENCICLOPEDIA_MULTIMEDIA)>. Acesso em: 06/12/04. E versão eletrônica.

Quadros didáticos de sinais SignWriting. Disponíveis em:  
<[http://www.dicionariolibras.com.br/website/download.asp?id\\_categoria=11&cod=124](http://www.dicionariolibras.com.br/website/download.asp?id_categoria=11&cod=124)>  
Acesso em: 29/05/2006.

RABELO, Annete Scotti. **Minha Cartilha Sinalizada**. Pré-Escola Rio de Janeiro: Enelivros Ed. e Livraria Ltda, 1991, 115 p., ISBN:910578.

RICHARDS, Ivor Armstrong. **The Philosophy of Rhetoric**. New York: Oxford University Press, 1936.

RIEKEHOF, Lottie L. **The Joy of Signing**: The Illustrated Guide for Mastering Sign Language and the Manual Alphabet (2nd edition), Gospel Pub House, 1987, ISBN-10: 0882435205. ISBN-13: 9780882435206.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Adão e Eva**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

ROSA, Fabiano & KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho Surdo**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

\_\_\_\_\_. **Patinho Surdo**. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano & KARNOPP, Lodenir Becker. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003, ISBN: 85-7528-091-0.

\_\_\_\_\_. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003, ISBN: 85-7528-072-4.

STERNBERG, Martin L. **American Sign Language Dictionary**. NY: Harper and Row, 1998.

STEWART, Elizabeth *et al.* **American Sign Language**: the easy way. Barron's Educational Series, 2006. ISBN 0764134280. 474p.

STOKOE, William C.; CASTERLINE, Dorothy C.; CRONEBERG, Carl G. **A dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles**. First published in 1965. 2 ed. WDC.: Silver Spring, MD Linstok Press, 1976.

STROBEL, Karin Lílian. **Uma Menina Chamada Kauana**. Belo Horizonte/MG: Ápice, 1995.

STOCK, Irene M.; STROBEL, Karin Lílian. **Brincando e aprendendo com LIBRAS**: Língua Brasileira de Sinais. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 1999, 84p.

SUTTON, Valerie (org.). **Sutton's American Picture Sign Language Dictionary**. Disponível em: <<http://signbank.org/dictionaries/>> e <<http://www.signbank.org/dictionaries/pictdict/pictdict00.html>>. Acesso em: 20/04/2006.

TENNANT, Richard A.; BROWN, Marianne Gluszak. **The American Sign Language Handshape Dictionary**. Illustrated by Valerie Nelson-Metlay, fourth printing, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1998/2004, ISBN: 1-56368-043-2.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ (org.). **Linguagem de Sinais**. SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1992.

VASCONCELOS, Silvana Patrícia; SOUSA, Gláucia Rosa de; SANTOS, Fabrícia da Silva. **LIBRAS: Língua de Sinais**. Fotografia: Carlos Terrana. Nível 1. Brasília: AJA/Artgraf editora e Artes Gráficas Ltda., 2000. [Também disponível em: [www.aja.org.br/](http://www.aja.org.br/). Acesso em 02/11/2007].

### Outros repertórios disponíveis na internet:

#### LSB:

Dicionário de Libras. Disponível em: <<http://www.dicionariolibras.com.br>>. Acesso em: 2007 e 04/04/2009.

SignDic – Programa para dicionário bilíngüe entre línguas orais e língua de sinais. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/forums/software/soft002.htm>>. Acesso em: 12/02/2007.

SignPuddle dicionário online: <http://www.SignBank.org/signpuddle/sgn-NI>. Disponível em: <<http://gmc.ucpel.tche.br/signwriting/dicionario-basico/dicionario-basico.htm>>. Acesso em: 12/02/2007.

DVDs e Gravações das Videoconferências do Curso de Graduação em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina.

#### ASL:

American Sign Language. Disponível em: <<http://www.handspeak.com/tour/index.php?dict=heart>> Acesso em: 20/04/2006.

American Sign Language. Disponível em: <<http://www.needsoutreach.org/Pages/sl.html>>. Acesso em: 31/11/2007.

ASL Browser. Disponível em: <<http://commtechlab.msu.edu/sites/aslweb/browser.htm>> ou <<http://cf.linguistlist.org/cfdocs/new-website/LL-WorkingDirs/sp/Dict.html>>. Acesso em: 02/11/2007.

American Sign Language. Disponível em: <<http://www.lifeprint.com/dictionary.htm>>. Acesso em: 20/04/2006.

#### BSL:

BSL. Disponível em: <[http://www.signstation.org/signstation\\_dictionary/getPCImageMap.do;jsessionid=7BD292EE7C95B9C308168770E564FCD4?preferredClientId=1&preferredClipId=2&dispClipMasterId=7294&defClipMasterId=7290&mapInclude=country](http://www.signstation.org/signstation_dictionary/getPCImageMap.do;jsessionid=7BD292EE7C95B9C308168770E564FCD4?preferredClientId=1&preferredClipId=2&dispClipMasterId=7294&defClipMasterId=7290&mapInclude=country)>. Acesso em: 09/05/2006.

Sutton's American Picture Sign Language Dictionary Online. Disponível em:  
 <<http://signbank.org/dictionaries/>>  
 <<http://www.signbank.org/dictionaries/pictdict/pictdict00.html>>.  
 Acesso em: 20/04/2006.

**LIS:**

LIS. Disponível em: <[http://elis.eurac.edu/index\\_it](http://elis.eurac.edu/index_it)>  
 <[http://elis.eurac.edu/WebSites/ELIS/Dictionary/demo/web\\_demo.asp](http://elis.eurac.edu/WebSites/ELIS/Dictionary/demo/web_demo.asp)>.  
 Acesso em: 20/04/2006.

LIS. Disponível em:  
 <<http://www.dizlis.it/modules.php?name=News&file=article&sid=312>>  
 ou <<http://www.dizlis.it/modules.php?name=dizionario>>. Acesso: em 20/04/2006.

**KSL:**

KSL. Disponível em: <<http://www.dd2000.4mg.com/words.htm>>. Acesso em:  
 01/11/2007.

KSL. Disponível em: <<http://wings.avkids.com/Book/Signing/rst.html>>. Acesso em:  
 01/11/2007.

**LSC:**

LSC. Disponível em:  
 <<http://www.c5.cl/ieinvestiga/actas/tise99/html/software/lenguassenas/index.html>>.  
 Acesso em: 01/11/2007.

**LGP:**

LGP. Disponível em: <[http://lgp.fl.ul.pt/software/ENCICLOPEDIA\\_MULTIMEDIA](http://lgp.fl.ul.pt/software/ENCICLOPEDIA_MULTIMEDIA)>.  
 Acesso em: 6/12/2004.

LGP. Disponível em:  
 <[http://www.asurdosoeste.rcts.pt/Lingua\\_Gestual/lingua\\_gestual.html](http://www.asurdosoeste.rcts.pt/Lingua_Gestual/lingua_gestual.html)>. Acesso em:  
 20/04/2006.

**LSA:**

LSA. Disponível em: <<http://www.manosquehablan.com.ar/diccionario/>>. Acesso em:  
 02/11/2007.

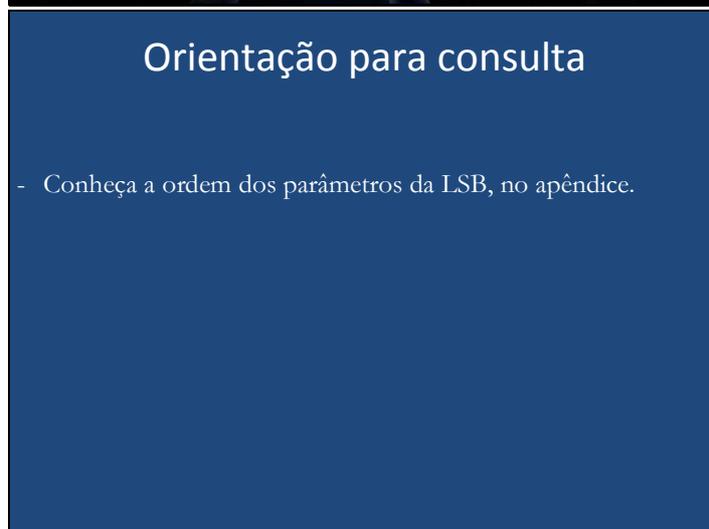
## APÊNDICE I

### O protótipo do “Glossário Terminológico na área da Lingüística”

Slide 1



Slide 2



Slide 3



Slide 4



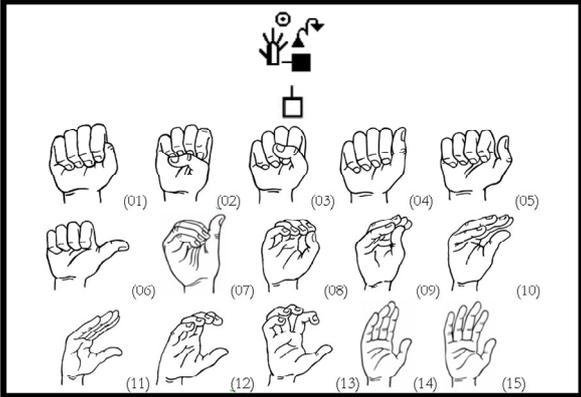
Slide 5



Slide 6

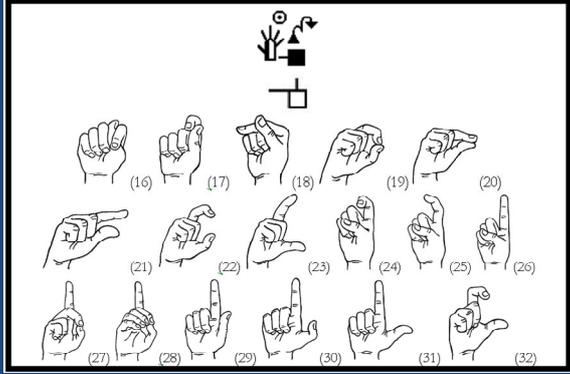


Slide 7



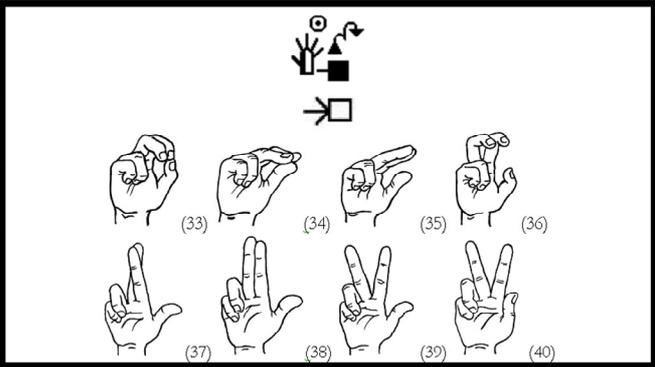
Ordenação Paramétrica: Grupo 1

Slide 8



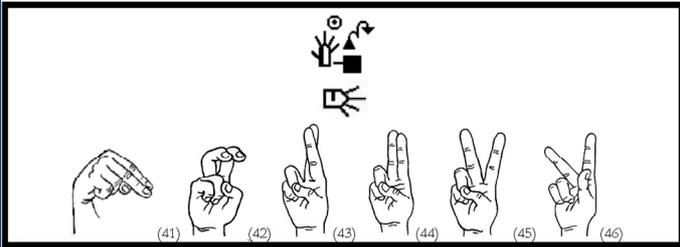
Ordenação Paramétrica: Grupo 2

Slide 9



Ordenação Paramétrica: Grupo 3

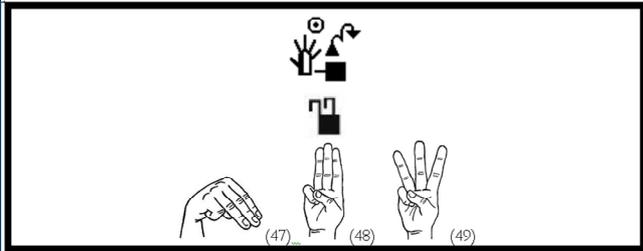
Slide 10



Slide 10 content: A diagram showing six hand gestures labeled (41) through (46) and a central icon with a tree and a square.

Ordенаção Paramétrica: Grupo 4

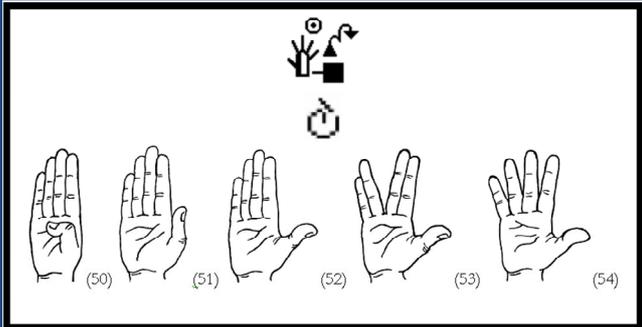
Slide 11



Slide 11 content: A diagram showing three hand gestures labeled (47) through (49) and a central icon with a tree and a square.

Ordенаção Paramétrica: Grupo 5

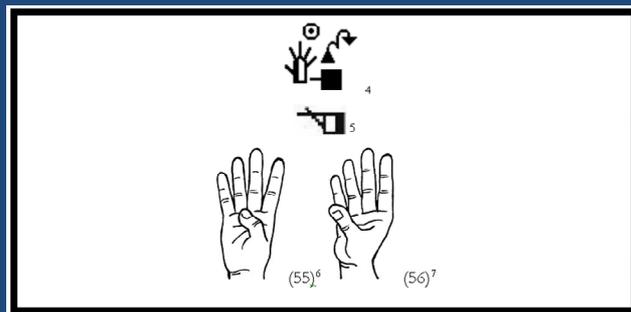
Slide 12



Slide 12 content: A diagram showing five hand gestures labeled (50) through (54) and a central icon with a tree and a square.

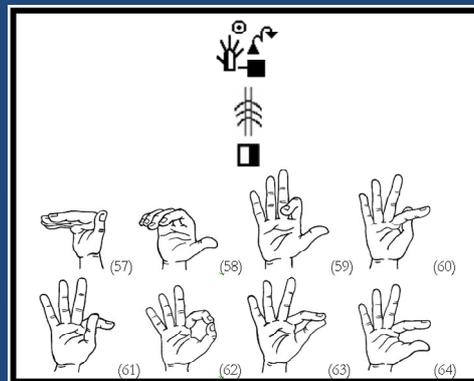
Ordенаção Paramétrica: Grupo 6

Slide 13



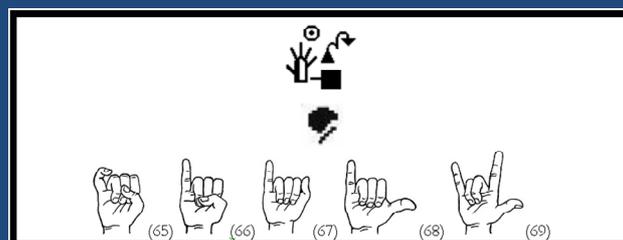
Ordenação Paramétrica: Grupo 7

Slide 14



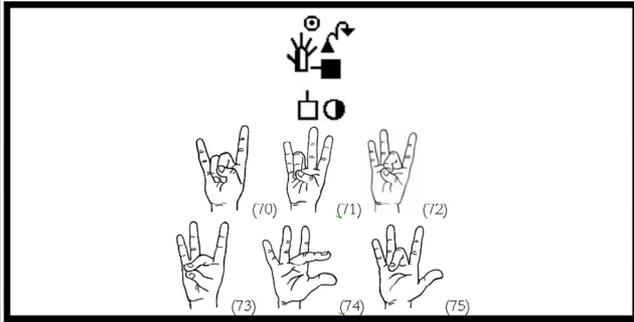
Ordenação Paramétrica: Grupo 8

Slide 15



Ordenação Paramétrica: Grupo 9

Slide 16



The diagram shows six hand gestures labeled (70) through (75). At the top, there are two small icons: one with a tree-like structure and a square, and another with a square and a circle. The gestures (70) through (75) are line drawings of hands in various configurations, representing different signs in a parametric ordering system.

Ordenação Paramétrica: Grupo 10

Slide 17



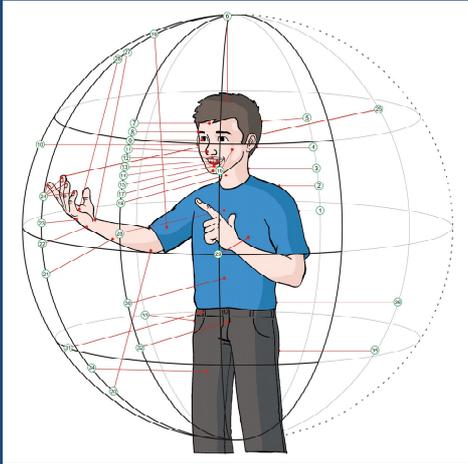
The diagram shows four stylized human heads with black squares placed at various points on the face and head, representing articulation points for sign language.



A photograph of a man in a yellow shirt demonstrating four different hand gestures, corresponding to the articulation points shown in the diagram above.

Pontos de Articulação

Slide 18



The diagram shows a man in a blue shirt standing in front of a globe. Red lines connect various points on the globe to his hand and face, illustrating the spatial and articulation points for sign language.

Ordenação Paramétrica: Pontos de Articulação

## Slide 19

## ORDEM para os Pontos de Articulação (PAs)

(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

## Slide 20

## ORDEM PARA A RELAÇÃO ENTRE OS DEDOS, PULSO E MÃOS

(1) dedos das mãos *enganchados* > (2) *sobreposição* (mão ativa sobre a mão passiva) > (3) “subposição” (mão ativa sob a mão passiva) > (4) dedos, mãos ou pulsos *cruzados* > (5) dedos ou mãos *tocando-se* > (6) “lateralização” (uma mão ao lado da outra) > (7) mão ativa em frente à mão passiva > (8) mão ativa atrás da mão passiva) Figura 55 – Ordem para a relação entre os dedos, pulso e mãos

## Slide 21



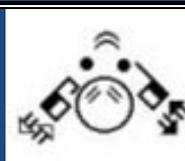
## Orientações da Palma

Slide 22

## ORDEM para a Orientação da Palma (OP)

(1) sem OP > (2) para cima > (3) contralateral > (4) para baixo > (5) ipsilateral > (6) para frente (deitada) > (7) para frente (em pé) > (8) para trás (dentro, de costas)

Slide 23



## Expressão Facial

Slide 24

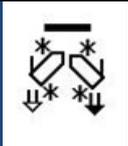
## ORDEM para as Expressões Faciais (EFs)

**ULs sem EF > ULs com EF (EF + fechada > EF + aberta)**

As EFs + fechadas estão associadas a sentimentos negativos.  
As EFs + abertas estão associadas a sentimentos positivos.

- sobrelhas franzidas > arqueadas
- olhos fechados > olhos semi-abertos > olhos abertos > olhos arregalados
- arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente
- batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora
- lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/ bico) > lábios semi-abertos (soprando / expirando / inspirando / abrindo e fechando) > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo
- bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas.

Slide 25




Expressão Corporal

Slide 26

ORDEM para as Expressões Corporais (ECs)

sem EC > com EC  
da esquerda ou do centro > para a direita  
(de dentro para fora)  
da direita ou do centro > para a esquerda  
( de fora para dentro)  
para frente > para trás  
para baixo > para cima

As expressões corporais podem seguir, também, a seqüência de ordenação dos PAs. Se a EC for articulada nos ombros, seguirá a ordem estabelecida dos PAs até que se chegue aos ombros.

Slide 27




Movimentos

Slide 28

## ORDEM para o Movimento (Mov.)

*DIREÇÃO*  
para frente > para trás para baixo > para cima para direita > para esquerda para diagonal (direita) > para diagonal (esquerda) do centro > para fora

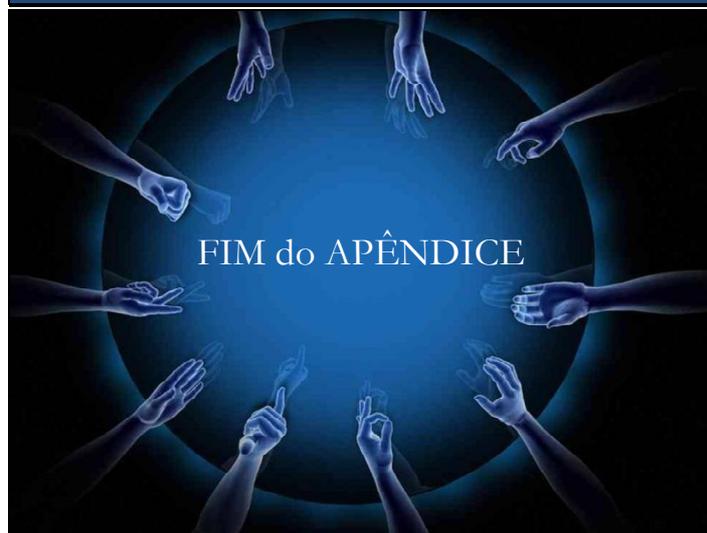
*MODO*  
simultâneo > alternado

*FREQÜÊNCIA*  
pontual > repetido

*TIPO*  
- **descritivo**: de nó ou de laço; de figuras geométricas; de símbolos: cruz etc.  
- **trajetória**: linear > trêmulo > balançado (horizontalmente (negativamente), verticalmente (afirmativamente)) > oscilado > ondulado > curvo > arqueado > circular > giratório > espiralado > zigzagado

*INTENSIDADE*  
lento / fraco > rápido / forte menos-movimento > mais-movimento; do movimento mais simples > movimento mais complexo; do movimento mais curto > movimento mais longo; Mov. inicial > Mov. final dos dedos, do punho, do braço e antebraço

Slide 29



Slide 30

## Orientação para consulta

Esse glossário está dividido em 5 partes:

Parte 1: Nesse grupo aparecem os termos que são articulados com 1 Mão e a CM inicial é idêntica à CM final.

Parte 2: Nesse grupo aparecem os termos que são articulados com uma mão e a CM inicial é diferente da CM final.

Parte 3: Nesse grupo aparecem os termos que são articulados com duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos) e a CM inicial pode ser igual à CM final.

Parte 4: Nesse grupo aparecem os termos que são articulados com duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos). Entretanto, a CM inicial pode ser diferente da CM final.

Parte 5: Nesse grupo aparecem os termos que são articulados com duas mãos com CMs diferentes. Esse é, normalmente, o caso de construções com morfemas-base.

Slide 31

## Orientação para consulta

- Para encontrar um termo nesse glossário, siga a seqüência tomando como base a mão direita de cada termo.
- Depois, siga a ordem:
  1. CM > 2. OP > 3. PA > 4. Mov. > 5. EF > 6. EC
- As palavras que não têm equivalente em LSB, mas que usam a datilologia COMPLETA do termo, encontram-se no final do glossário, numa seção denominada: DATILOLOGIA

Slide 32

## Glossário Terminológico

Área do conhecimento: Linguística

Slide 33

## PARTE I

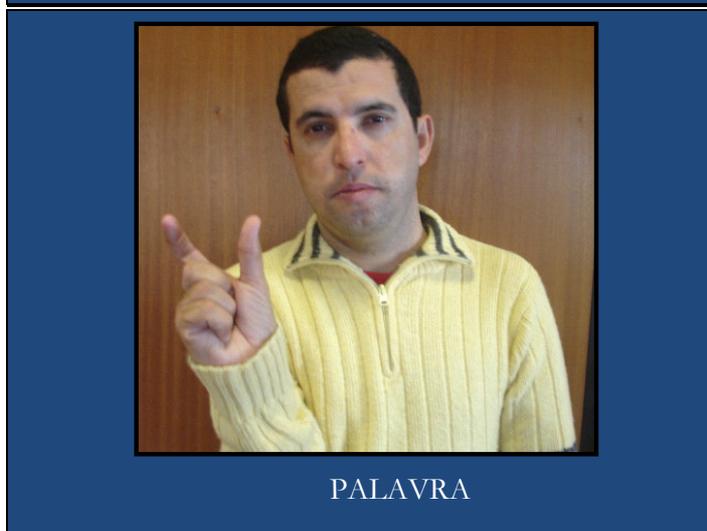
uma mão:  
CM inicial igual a CM final

Slide 34



NUMERAL

Slide 35



PALAVRA

Slide 36



LÍNGUA 1

ver: língua 2

Slide 37



Slide 38



Slide 39



Slide 40



Slide 41



Slide 42



Slide 43



PONTOS DE ARTICULAÇÃO

Slide 44



UNIDADE LEXICAL COMPLEXA  
(ULC)  
= dois termos para um conceito =

Slide 45

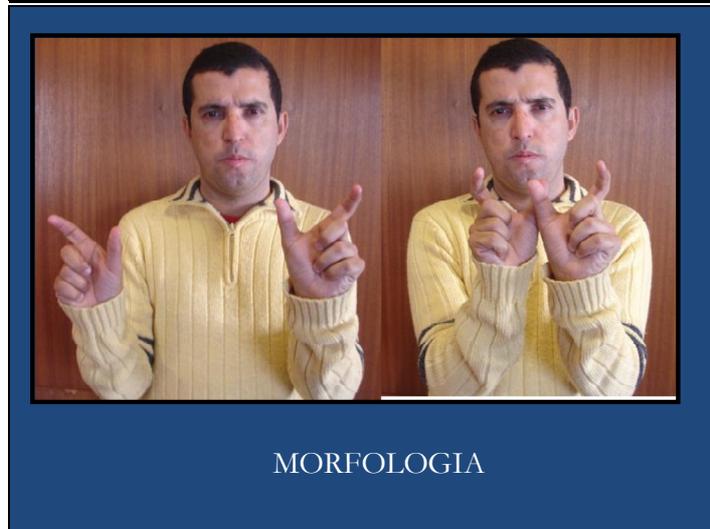


DERIVAÇÃO

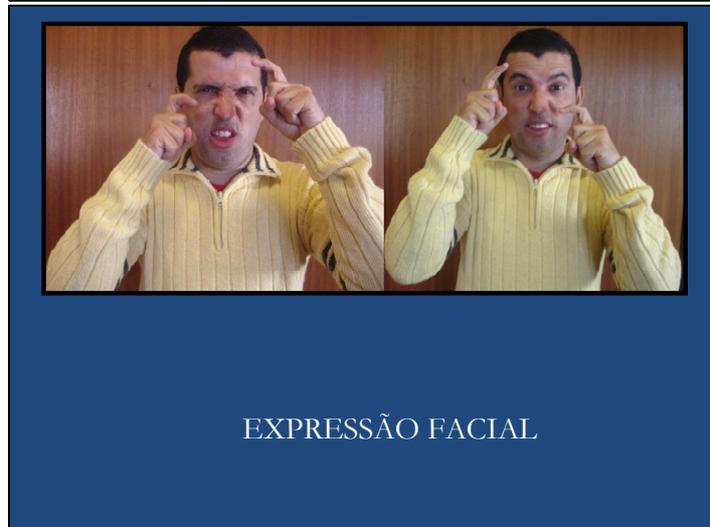
Slide 46



Slide 47



Slide 48



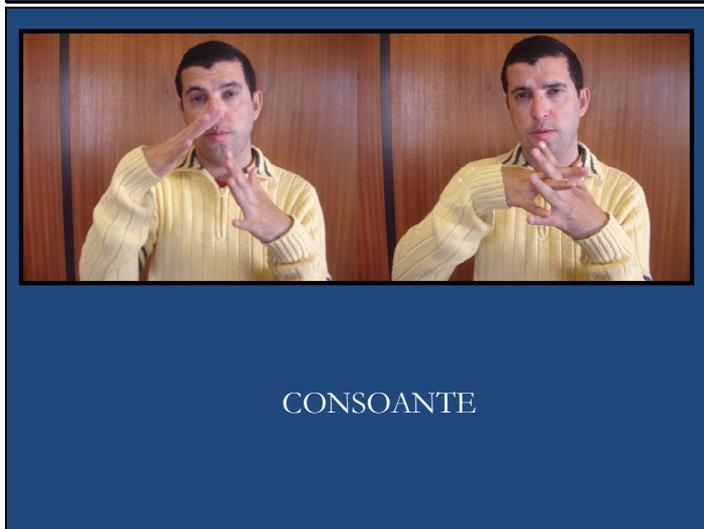
Slide 49



Slide 50



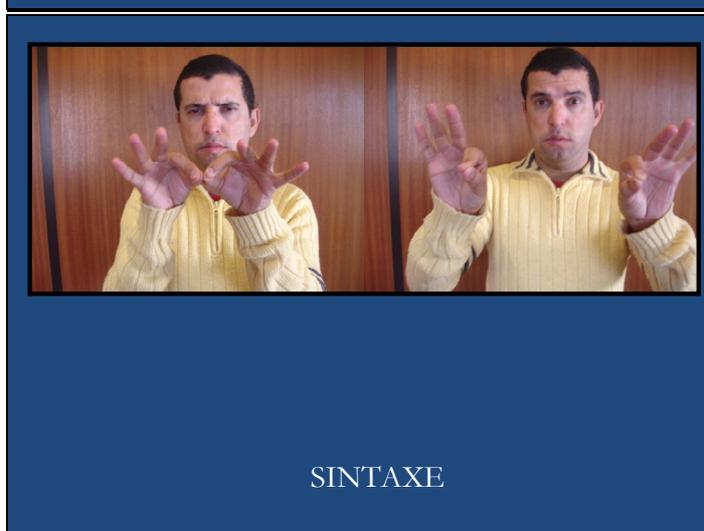
Slide 51



Slide 52



Slide 53



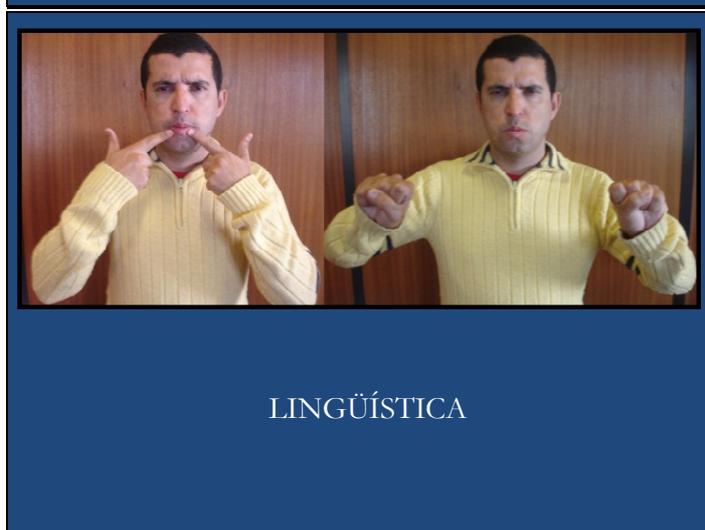
Slide 54



Slide 55



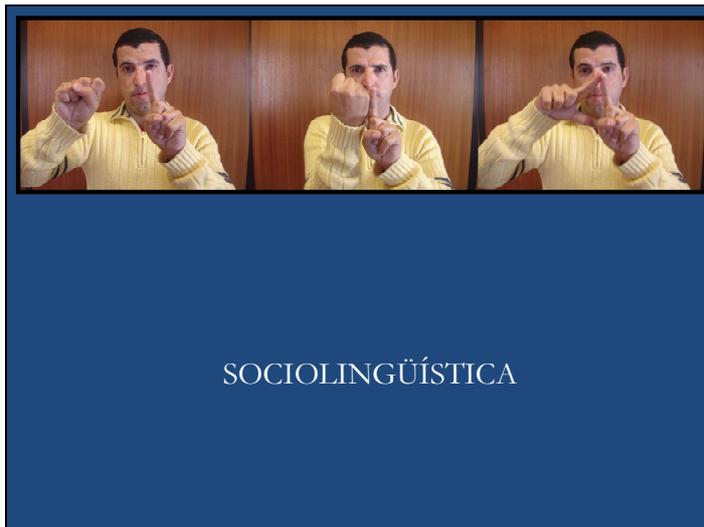
Slide 56



Slide 57



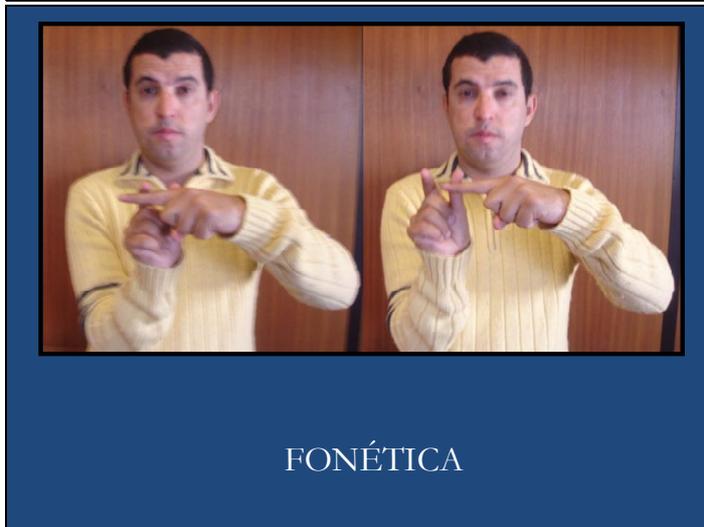
Slide 58



Slide 59



Slide 60



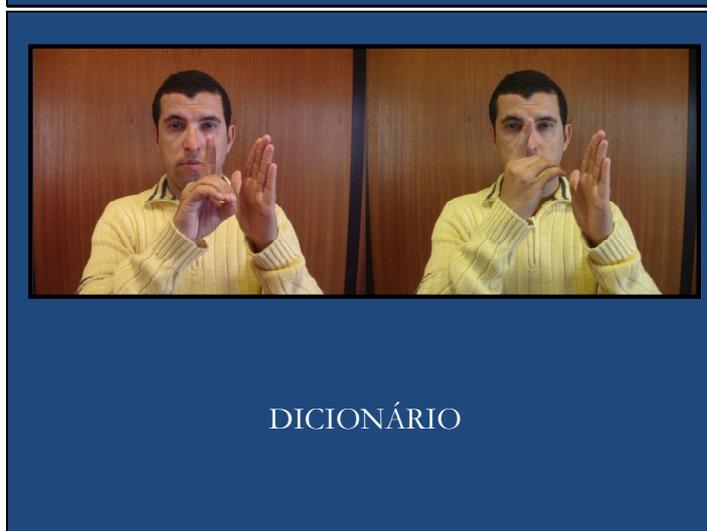
Slide 61



Slide 62



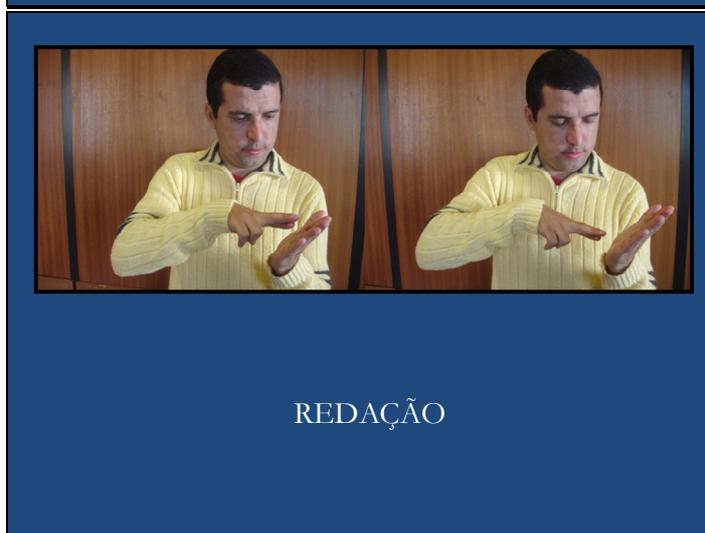
Slide 63



Slide 64



Slide 65



Slide 66



Slide 67



SIGNIFICADO 1

ver: significado 2

Slide 68



SINÔNIMO (Recife)

Slide 69

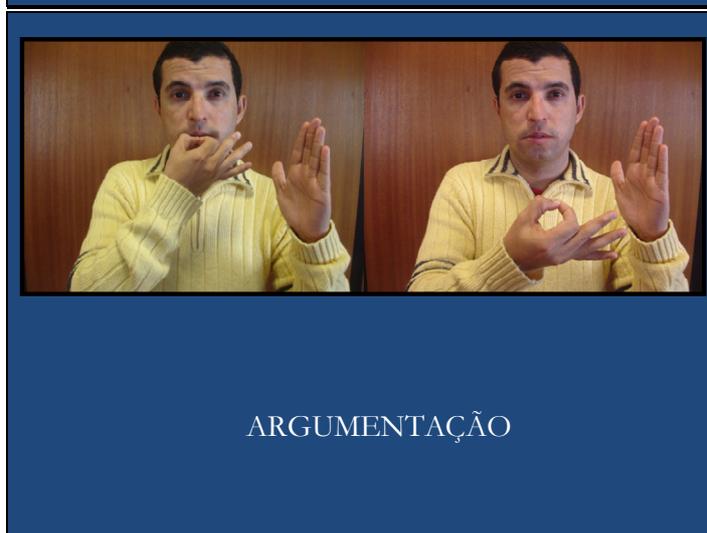


FONOLOGIA

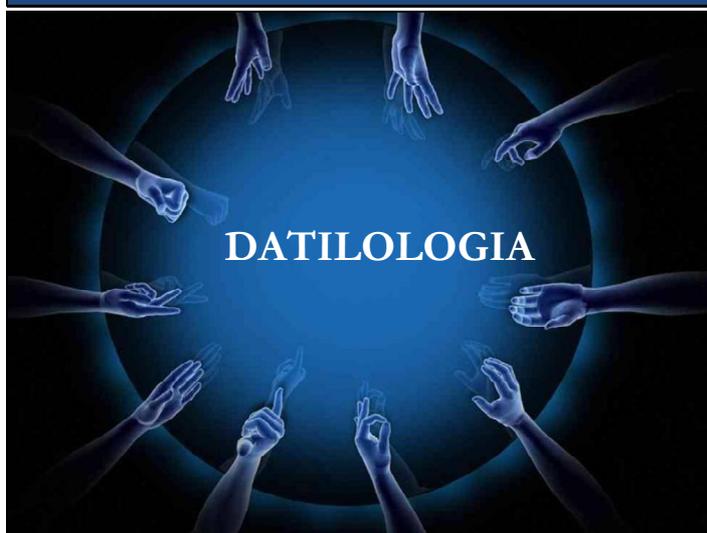
Slide 70



Slide 71



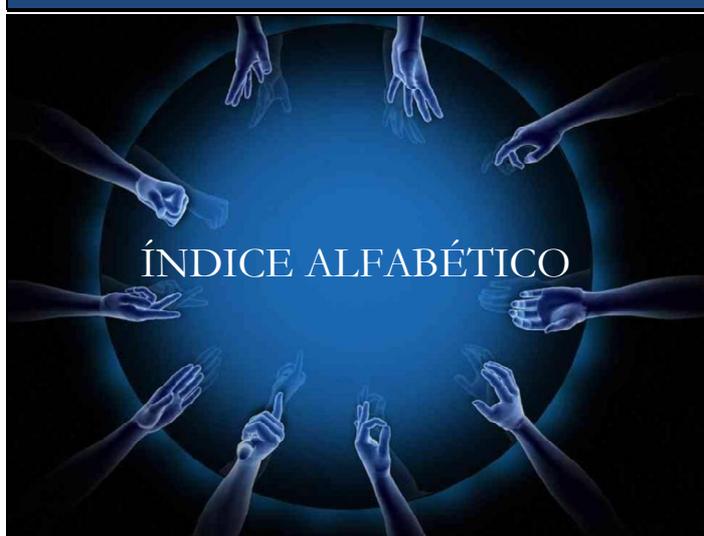
Slide 72



Slide 73



Slide 74



Slide 75

ADJETIVO	LÍNGUA 1 ver: língua 2	PREPOSIÇÃO
ARGUMENTAÇÃO	LÍNGUA 2 ver: língua 1	PRONOME
CLASSIFICADOR	LINGUAGEM	REDAÇÃO
COMPOSIÇÃO	LINGÜÍSTICA	SIGNIFICADO 1 ver: significado 2
CONFIGURAÇÃO DE MÃOS	MORFOLOGIA	SIGNIFICADO 2 ver: significado 1
PARÂMETROS	MOVIMENTO	SINÔNIMO (Recife)
CONSOANTE	METÁFORA	SINTAXE
DERIVAÇÃO	NUMERAL	SOCIOLINGÜÍSTICA
DICIONÁRIO	ORIENTAÇÃO DA PALMA	SUBSTANTIVO
EXPRESSÃO CORPORAL	PALAVRA	UNIDADE LEXICAL COMPLEXA
EXPRESSÃO FACIAL	PONTOS DE ARTICULAÇÃO	VERBO
FONÉTICA		VOGAL
FONOLOGIA		

Slide 76



## APÊNDICE II

### Estrutura do Glossário Didático Visual de CL em LSB

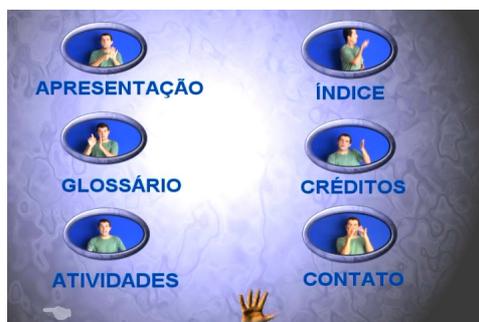
*Orientações básicas para consulta e acesso ao glossário:*

- a. Ao abrir a tela principal do DVD, aguarde. Depois que a imagem parar, clique na seta em formato de mão e será conduzido(a) para nova página, agora com o título em LP e, assim por diante.
- b. Para navegar no DVD é preciso clicar nas setas em formato de mão.
- c. Algumas telas têm seta para regresso à tela anterior.
- d. Tenha paciência na navegação. A navegação do DVD é lenta para facilitar a visualização das imagens. Por isso, ao clicar, aguarde, pois o *feedback* do comando costuma ser lento. Enquanto se aguarda, é normal uma página toda preta ficar na tela.
- e. Na tela de acesso ao verbete, a seta da esquerda, leva ao menu dos verbetes. Ao clicar na seta da direita, a informação do verbete será repetida.

#### 1. Abertura - título:



#### 2. Menu do DVD:



### 3. Apresentação:



Um clique em cada imagem acessa uma informação a respeito do DVD e de como consultá-lo

### 4. Índice:



O índice foi inserido para auxiliar o consulente que não domina LSB. Ao clicar em cada vídeo aparece unicamente a UL, em LSB, equivalente ao nome na legenda.

### 5. Glossário:



O glossário é acessado a partir dessa página. O vídeo maior contém explicações a respeito do acesso ao verbete. Os vídeos menores levam aos sete agrupamentos temáticos do glossário, a saber, os que se encontram no índice:

**peessoas, objetos, animais, natureza, transportes, lugares e arranjos**<sup>357</sup>

**Obs.:** o glossário está composto por 36 verbetes.

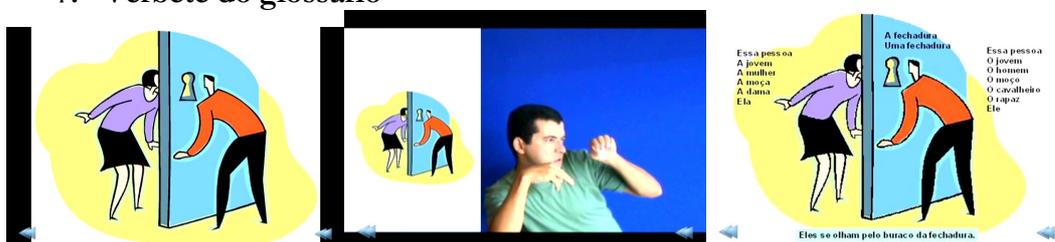
<sup>357</sup> Os arranjos referem-se à distribuição de objetos no espaço.

## 6. Entradas do glossário:



Por se tratar de um glossário visual, a entrada se dá a partir da escolha da ilustração.

## 7. Verbetes do glossário



Essas três cenas são acessadas uma após a outra, automaticamente. A primeira traz somente a imagem selecionada na tela anterior. A segunda, apresenta a imagem, em tamanho menor, ao lado do apresentador que descreve a ilustração por meio de Classificadores. A terceira imagem apresenta textos informativos, em LP. Os textos não são tradução do que foi dito pelo apresentador no cenário anterior.

obs.: A independência dos classificadores representados em LSB e do texto escrito é para mostrar que as duas línguas se manifestam de maneira diferente.

## 8. Atividades



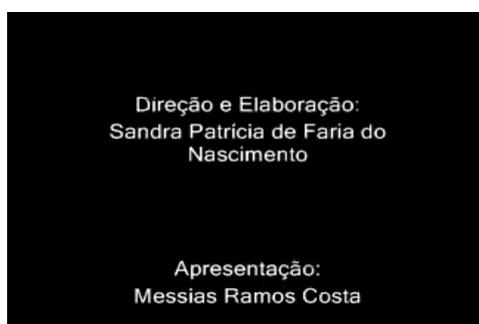
Há algumas sugestões de atividades, com o DVD, para surdos e ouvintes.

## 9. Contato:



Nessa página, acessa-se o email da elaboradora e do produtor e apresentador do Glossário.

## 10. créditos



## APÊNDICE III

---

O protótipo de “Glossário Didático Visual de CLs em LSB”

**ANEXOS**

---